UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CARLOS ALEXANDRE DA SILVA NASCIMENTO

**REPRESENTANDO O “NOVO” NEGRO NORTE-AMERICANO:
W. E. B. DU BOIS E A REVISTA *THE CRISIS*, 1910-1920**

São Paulo

2015

CARLOS ALEXANDRE DA SILVA NASCIMENTO

**REPRESENTANDO O “NOVO” NEGRO NORTE-AMERICANO:
W. E. B. DU BOIS E A REVISTA *THE CRISIS*, 1910-1920**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Mestre em
História.

Orientador: Prof. Dr. Robert Sean Purdy

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N244r Nascimento, Carlos Alexandre da Silva Nascimento
Representando o "novo" negro norte-americano: W.
E. B. Du Bois e a revista *The Crisis*, 1910-1920 /
Carlos Alexandre da Silva Nascimento Nascimento ;
orientador Robert Sean Purdy Purdy. - São Paulo,
2015.
233 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. História dos Estados Unidos . 2. Direitos
Civis. 3. Afro-americano. 4. Representação. 5. W. E.
B. Du Bois. I. Purdy, Robert Sean Purdy, orient. II.
Título.

NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva.

Representando o “novo” negro norte-americano

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Mestre em
História.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que tornaram esta pesquisa possível, seja atuando diretamente em sua confecção ou através do apoio direcionado. De maneira especial, agradeço à minha família: Maria Lúcia, minha mãe; Raimundo, meu pai; meus irmãos Danilo e Érika; minha tia e primo, Ana Lúcia e Daniel. Peço-lhes, na mesma medida, desculpas pelas vezes em que estive ausente.

Agradeço imensamente ao professor Robert Sean Purdy, pela orientação e apontamentos estabelecidos. Por meio de seu trabalho, aspectos novos de como se abordar uma historiografia estrangeira me foram apresentados. A tranquilidade na condução do projeto e sua crença no mesmo tornaram seu desenvolvimento possível.

A todos os ex-professores da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, com destaque para Jânio Marques Dias, Jonice Reis Procópio, Mary Durães, Marta Sayago (*in memoriam*). E, em especial, agradeço ao professor César Porto, pela força e confiança.

Aos professores Wanderson Chaves e Leila Hernandez pelas valiosas sugestões e contribuições na banca de qualificação.

Ao colega de orientação e discussões, Michel Rocha, que conhece como poucos os rumos tomados por este trabalho.

À FAPESP e ao CNPq pelo apoio à pesquisa, que possibilitou dedicação integral à escrita da dissertação. Agradeço também, a todos aqueles que empreendem o trabalho de digitalização de fontes e contribuem, assim, para o desenvolvimento das ciências, destacadamente, as humanas.

Um agradecimento mais que especial a minha namorada Juliana Jamilles, pelo companheirismo e dedicação que apresentou, durante os anos em que este trabalho se desenvolveu. Seu incentivo e contribuição, quanto às inúmeras vezes que precisou revisar a escrita, foram primordiais para sua realização. Muito obrigado.

O problema do século XX é o problema da barreira racial...

W. E. B. Du Bois

Ernest Hemingway escreveu certa vez:

“O mundo é um lugar bom e vale a pena lutar por ele”.

Concordo com a 2ª parte.

Detetive Somerset – Seven: Os sete crimes capitais

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito analisar como a representação visual de afro-americanos foi empregada pela revista *The Crisis – A Record of the Darker Races*, durante sua primeira década de existência (1910-1920), com o objetivo de promover uma nova maneira de apresentar a imagem do negro para a sociedade estadunidense. Este periódico, mecanismo de protesto e propaganda da maior organização para a promoção de direitos civis dos Estados Unidos, a *National Association for the Advancement of Colored People*, (NAACP), esteve por vinte e quatro anos sob a editoração do intelectual e militante afro-americano William Edward Burghardt Du Bois e foi intrinsecamente influenciada pela forma como seu editor entendia as relações raciais, criando, muitas vezes, impasses e atritos entre ele os demais membros da NAACP. Em uma sociedade em que predominava uma imagem distorcida do afro-americano de forma a denegri-lo, pode-se dizer que a produção visual em *The Crisis* procurou alterar aquela antiga representação erigindo ideologicamente um senso de autoafirmação.

Palavras-chave: *The Crisis*, W.E.B. Du Bois, NAACP, afro-americano, propaganda, representação.

ABSTRACT

This study aims to analyze the visual representation of African Americans in the journal *The Crisis – The Record of Darker Races* from 1910-1920, as part of its objective to promote a new way of displaying images of blacks to American society. This journal was the principal organ of the largest organization for the promotion of civil rights in the United States, the National Association for the Advancement of Colored People (NAACP). For twenty-four years it was edited by the prominent black intellectual and militant William Edward Burghardt Du Bois and was intrinsically influenced by how he understood race relations, often creating friction between him and other members of the NAACP. In a society in which a distorted picture of African Americans prevailed, the visual production in *The Crisis* sought to alter such representations by ideologically affirming a sense of self-affirmation.

Keywords: *The Crisis*, W. E. B. Du Bois, NAACP, African American, propaganda, representation

Lista de Siglas

AFL – American Federation of Labor

CPI – Committee on Public Information

FBI – Federal Bureau of Investigation

IWW – Industrial Workers of the World

NAACP – National Association for the Advancement of Colored People

USS – United States Ship

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1	
A questão racial na Era Progressista: a supremacia branca e a contestação negra	28
1.1 - A redenção branca	28
1.2 - A Era Progressista: perspectivas para um novo século	40
1.2.1 - A Era Progressista para o Afro-Americano: algumas contradições	49
1.3 – A redenção branca sob contestação: a imprensa negra e a NAACP	55
1.3.1 – A imprensa negra norte-americana como agente de contestação	57
1.3.2 – <i>National Association for the Advancement of Colored People</i> – NAACP	62
Capítulo 2	
<i>The Crisis Magazine</i>: um novo instrumento de protesto	67
2.1 - W. E. B. Du Bois: um “jornalista” militante	67
2.2 - Uma configuração de <i>The Crisis: A Record of the Darker Races</i>.....	77
2.3 - W. E. B. Du Bois e a revista <i>The Crisis</i>: um empreendimento “quase” pessoal.....	81
2.4 - W. E. B. Du Bois e a revista <i>The Crisis</i>: últimos anos	96
2.4.1 – W. E. B. Du Bois e a revista <i>The Crisis</i>: a autosegregação nas páginas da revista.....	103
Capítulo 3	
Imagens em <i>The Crisis</i>: representações gráficas no combate ao linchamento.....	109
3.1 – O estereótipo do Negro norte-americano	109
3.2 – As estratégias de combate ao linchamento nos Estados Unidos: a NAACP em luta –<i>The Crisis</i> em ação	117
3.3 – O “<i>Red Summer</i>”: representação de uma “guerra racial”	130
3.4 – As estratégias de combate ao linchamento nos Estados Unidos: suas representações em <i>The Crisis</i> através de cartuns	140
Capítulo 4	
Imagens em <i>The Crisis</i>: por uma nova representação do negro norte- americano	159
4.1 – Os Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial: “salvaguardando” a Democracia.....	159

4.2 – O afro-americano na Primeira Guerra Mundial: representando uma nação “norte-americana e negra”	162
4.3 – O afro-americano na Primeira Guerra Mundial: sua representação em <i>The Crisis</i> – “exaltação e controvérsia”	174
4.3.1 – O afro-americano na Primeira Guerra Mundial: sua representação através de cartuns	179
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	212
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	216

Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar como a revista *The Crisis – A Record of the Darker Races*, durante os anos de 1910-1920, discutiu dois dos mais significativos temas envolvendo as relações raciais nos Estados Unidos: a prática do linchamento e a figura do soldado afro-americano na Primeira Guerra Mundial. Para isto, seus colaboradores se utilizaram, dentre diversificados meios, de cartuns de caráter político e social procurando apresentar mais vivamente tais questões, articulando um programa que visava em um primeiro momento, expor as cruéis realidades vivenciadas pelo grupo negro e, posteriormente, procurar reconfigurar a representação destinada aos afro-americanos que vigoravam em outros órgãos impressos e permeavam o imaginário social do período.

Essa revista foi, e continua sendo, parte integrante e órgão de publicidade da maior e mais antiga organização de luta pela promoção dos direitos civis do afro-americano: a *National Association for the Advancement of Colored People*.¹ Mais conhecida por suas iniciais, a *NAACP* desde sua criação, em 1909, esteve relacionada às mais decisivas problemáticas envolvendo os membros da parcela negra do país e pôde contar entre os seus fundadores com o intelectual e ativista afro-americano William Edward Burghardt Du Bois, primeiro negro a receber o título de Doutor em História pela Universidade Harvard, em 1895, e autor prodigioso de publicações sobre relações raciais ao longo da primeira metade do século XX.

Inserida em um contexto em que setores da sociedade estadunidense se viam como racial e contraditoriamente diferentes, o surgimento de *The Crisis*, por intermédio da *NAACP* e do incentivo de seu primeiro editor, W. E. B. Du Bois, que permaneceria na função até 1934, sublinhou um momento em que o diálogo entre estes setores parecia propício para se chegar a um comum acordo, quanto à estruturação de um programa de convivência mais igualitário, entre brancos e negros, no país.

O período de fundação da *NAACP*, num contexto mais amplo, está circunscrito no que ficou denominado Era Progressista, entendido, para os objetivos desta pesquisa, como os anos que vão da última década do século XIX até as duas primeiras décadas do

¹ Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor. No andamento do trabalho, utilizaremos a sigla em inglês da instituição por achá-la mais conveniente e devido à inexistência de um termo em português para nos referirmos a ela.

século XX. Neste espaço de tempo de intensa industrialização, urbanização e desenvolvimento capitalista, a sociedade estadunidense como um todo começava a sofrer com a exploração sem limites desencadeada por este sistema econômico. Seus reflexos foram dramáticos e sentidos em todos os níveis sociais: corrupção na esfera pública; acumulação de capitais; descaso no que se refere à promoção de uma garantia mínima de bem estar social e recrudescimento das relações raciais que atingiram níveis preocupantes. A fim de se promover uma reconfiguração deste cenário, membros da sociedade civil, muitos deles relacionados à assistência social, empreenderam formas para tentar sanar esses males que eram sintomas dos novos tempos. Foi assim que instituições como a NAACP surgiram.

A primazia de seu estabelecimento está no fato deste órgão contar em sua estrutura com indivíduos pertencentes tanto à parcela branca quanto à negra da população, divergindo do que era mais comum na época, ou seja, organizações formadas por um determinado segmento populacional, como foi o caso do *Niagara Movement*, fundado em 1905, composto apenas por cidadãos afro-americanos.² Contando com membros que desempenhavam as mais diversas funções sociais e, alguns, de reconhecida tradição no debate e na promoção de melhorias das condições de vida para o cidadão afro-americano, a NAACP pôde, como nenhuma outra associação voltada para um segmento específico, barganhar mais firmemente por tais conquistas.

Em uma época em que os meios de comunicação em massa estavam quase que inteiramente restritos às formas impressas, o mecanismo mais eficaz para que a NAACP pudesse difundir sua política social e alertar para as atrocidades que infligiam os negros ao redor do país foi por meio de seu órgão de imprensa, a revista *The Crisis*. Inserida no que é entendido como “*Black press*”, a imprensa voltada a ser mais um instrumento de protesto do que um meio difusor de notícias dos e para os afro-americanos com o objetivo focado no entretenimento, *The Crisis* conseguiu ser, no final de sua primeira década de existência, a revista direcionada a um público específico com maior

² O Movimento Niágara (1905-1910), pode ser entendido como uma das primeiras organizações estruturadas com o objetivo de discutir a situação do afro-americano nas primeiras décadas do século XX. Embora seja, muitas vezes, negligenciada e sendo mencionada como a precursora da NAACP, sua existência foi extremamente importante, pois revelou a necessidade de extinguir as práticas segregacionistas que regiam a sociedade estadunidense bem antes do é entendido como Movimento pelos Direitos Civis Moderno das décadas de 1950 e 1960. Para saber mais sobre o movimento, ver: JONES, Angela. *African American civil rights: early activism and the Niagara movement*. Santa Barbara: Praeger, 2011; _____. The Niagara Movement, 1905-1910. A Revisionist Approach to the Social History of the Civil Rights Movement. In: *Journal of Historical Sociology*, v. 23, n.3, Sept. 2010, pp. 453-500. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-6443.2010.01380.x/epdf>.

vendagem do país. Este fato se deve ao momento histórico, mas também à política editorial desempenhada pelo seu editor, de maneira que, nestes primeiros anos, é praticamente impossível dissociar a produção da revista dos empreendimentos pessoais realizados por ele.

O papel editorial desempenhado por Du Bois em *The Crisis* pode ser compreendido como uma realização que este perseguiu desde seus primeiros empreendimentos ligados ao jornalismo impresso, seja como contribuinte, por exemplo, quando escrevia para o *New York Globe*, em sua adolescência ou, como editor, no comando de periódicos como *The Moon Illustrated Weekly* (1905-1906) e *The Horizon: a Journal of the Color Line* (1907-1910). Foi em *The Crisis* que Du Bois, além de discutir os fatos e eventos que diziam respeito ao modo de vida dos afro-americanos, procurou abordar de maneira mais franca os aspectos que tornavam o relacionamento entre brancos e negros uma questão tão complicada e passível de análise quase que científica.

A escolha da revista *The Crisis* como objeto de análise se justifica pelo fato da amplitude que esta alcançou sob a editoração de Du Bois. Como publicação oficial da NAACP, a revista, embora destinada à população afro-americana, tornou-se de conhecimento mais amplo e, por meio da organização, um elo entre a sociedade estadunidense e a minoria afro-americana. A abordagem das temáticas na revista se utilizando, por vezes, de ilustrações, também é outro elemento que justifica nossa escolha. Isto se dá pelo fato de que compreendemos a necessidade da apresentação destas imagens como um meio útil para se transmitir, efetivamente, o projeto, desenvolvido por Du Bois, de redefinir a então representação destinada aos afro-americanos que, desde o século anterior, os retratavam como seres sub-humanos ou com desvios comportamentais nítidos. Neste processo, a revista *The Crisis* se configurou como um eficaz mecanismo para mostrar para os afro-americanos a necessidade de uma consciência e orgulho raciais.

As balizas temporais da pesquisa estão assinaladas pelos anos de 1910, ano em que o primeiro número da revista veio a público e, 1920, compreendido por muitos como o ano de encerramento da Era Progressista. Tal datação, também se explica pelo fato de que a partir dos anos vinte daquele século, observa-se mais nitidamente uma predisposição em externar uma consciência racial por parte dos afro-americanos, que acreditamos já se encontrava expressa, em *The Crisis*, durante estes dez anos. Em

observação a esta temporariedade, optamos por segui-la atentando as suas reverberações na sociedade norte-americana. Aquele período histórico, como foi brevemente pontuado, esteve envolto em um processo que procurava, por meio de associações entre diferentes grupos sociais, uma maneira de amenizar as disparidades existentes de forma a se constituir um cenário menos problemático de convívio. Por mais que interesses difusos estivessem em voga, relacionamentos baseados no discurso do bem comum possibilitaram a estruturação de instituições promotoras de um ativismo social e medidas governamentais, com o intuito de dar uma aparência de reforma política que seriam quase que impraticáveis anos antes. Com o fim do período, o que se observa é o quão superficiais eram as medidas adotadas, e temos no contexto das relações raciais um bom exemplo disso.

A tensão existente entre as formas de convívio entre brancos e negros nos Estados Unidos, ainda que presente nos anos tidos progressistas, manifestou-se em um recrudescimento tal, que contribuiu para caracterizá-lo como mais um parâmetro do fim daquela Era. Somam-se a isto as consequências do fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em que a sociedade, que havia sido mobilizada com a participação efetiva norte-americana no conflito, passa a empreender, entre si, um embate por oportunidades de trabalho criando um clima favorável ao surgimento de distúrbios raciais que caracterizam o imediato pós-guerra no país.

Para o afro-americano, as perspectivas na aquisição de algum tipo de barganha a ser conquistada com seu apoio no conflito, revelaram-se numa experiência traumática e, ao mesmo tempo, engrandecedora. O tratamento dispensado aos soldados negros durante a guerra, por meio da segregação imposta pelas Forças Armadas, e após o conflito, através da vigilância praticada pelo governo federal e por setores da sociedade civil, não dispostos a conceder melhorias para aquela camada da população, pareceu a muitos como uma luta que não valeu a pena.³ Esses sintomas foram sentidos nas esferas que procuravam lidar com as queixas dos afro-americanos, dentre elas, a atuante imprensa negra que, em sua maioria, esteve ao lado do país, uma vez que este entrou na guerra.

O processo interpretativo que procuramos desenvolver tende a demonstrar como, antes dessa virada de expectativas, os afro-americanos foram representados nas páginas

³ LENTZ-SMITH, Adriane. *Freedom struggles: African Americans and World War I*. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press, 2009, p. 5.

da revista *The Crisis*. Para isso, iremos proceder a duas formas de apresentação de temáticas negras discutidas por ela durante aquele espaço de tempo: a primeira está conectada com a campanha empreendida pela NAACP e por Du Bois de procurar criminalizar a prática de linchamento que assolava o país, mas que encontrava sua face mais cruel nas regiões mais isoladas do sul, historicamente vinculada aos preceitos segregacionistas em relação à população negra, e a segunda, refere-se à representação visual do soldado afro-americano como emblemático e símbolo para a reconstrução da imagem do homem negro estadunidense.

Pode-se observar, até mesmo pelo caráter das problemáticas discutidas, que no emprego de cartuns políticos que procuram tratar do fenômeno do linchamento, a representação do indivíduo negro, não apenas parece apresentar elementos que abordam sua vitimização como dá a entender que empregavam, em seus primeiros empreendimentos, os mesmos rótulos estereotipados difundidos e corriqueiros nos Estados Unidos. Em contrapartida, quando da participação do país no conflito mundial e da necessidade do contingente negro de se fazer presente, o que se verifica é que nos dispositivos visuais utilizados para representá-lo, a perspectiva que tende a retratá-lo como vítima não se encontra presente, nem mesmo quando este é apresentado ferido ou em algum momento de desilusão.

A mudança empregada na abordagem desses discursos nos parece, da mesma forma, ser uma prévia do que ficou conhecido, nos anos 1920, como o movimento cultural vinculado ao caráter da vida negra, *Harlem Renaissance*. Este período de efervescente debate e produção artística, que tem raízes no processo migratório do sul rural para as áreas industrializadas do norte, que se estende desde fins do século XIX e intensificado com o esforço de guerra, apresentou bem mais do que uma profusão de questionamentos acerca do que seria e qual o papel da arte negra dentro do contexto racial vivenciado pelos afro-americanos. Ainda que a descrição de Nathan Irvin Huggins sobre os intelectuais negros do bairro nova-iorquino do Harlem, que enxergavam a cultura como “a verdadeira medida da civilização”, seja válida, o que mais deve ser notado é a configuração de uma nova postura do negro frente à sociedade estadunidense.⁴ Como assinalado por Huggins, embora o movimento possa ser entendido como atitudes de uma ingênua burguesia, ele se revelou mais frequentemente

⁴ HUGGINS, Nathan Irvin. *Harlem Renaissance*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007, p. 9.

pelo seu alto nível de consciência racial e agressividade.⁵ Para isso, destaca como um de seus pilares os efeitos da Primeira Guerra Mundial, que colocou em xeque a primazia da cultura ocidental dando aos povos não europeus, e neste caso os afro-americanos estavam incluídos, a possibilidade de reconsiderarem seus laços ancestrais.⁶

Conectado a este despertar de consciência, refletida por meios artísticos diversos, estava o discurso do “novo negro”: o homem afro-americano que não mais seria visto como o sujeito “passivo” no desenrolar da história norte-americana. Como expoente na elaboração desse conceito, encontra-se o filósofo Alain Locke que, na década de 1920, revela à sociedade de seu país quais eram as formas de pensamento que deveriam guiar o afro-americano. Segundo Locke,

[...] o Negro hoje deseja ser conhecido pelo que ele é, até mesmo em seus erros e deficiências, e despreza uma sobrevivência covarde e precária ao custo de parecer ser o que não é. Ele recusa ser chamado de uma ala social ou minoria, até mesmo por si próprio, e por ser considerado um paciente crônico para a clínica sociológica, o homem doente da Democracia Americana. (Tradução nossa)⁷

A atuação desempenhada por este negro, renovado psicologicamente, no decorrer dos anos 1920, adquiriu várias facetas, umas mais radicais que outras. Pode-se afirmar que neste novo estágio, ele começava a adquirir uma postura mais proativa nos aspectos que circundavam sua vida, de forma a se fazer presente na estrutura da sociedade, buscando se afirmar como norte-americano e negro. Como proclamado por Locke, em uma clara referência aos estereótipos que perseguiram os negros, “o dia das ‘tias’, ‘tios’ e ‘mammies’ estava terminando”.⁸ Os anos que se seguiram ao término da guerra mundial foram prolíficos em fomentar esta autoconsciência dos afro-americanos se expressando sejam em termo artísticos ou, como será apresentado, por intermédio da resistência física frente às manifestações de violência e segregação as quais estavam expostos. Esta reação, embora notória, não deve ser vista como regra. De acordo com Locke, o afro-americano do período “é

⁵ Idem, p. 6.

⁶ Ibidem, p. 7.

⁷ “[...] the Negro to-day wishes to be known for what he is, even in his faults and shortcomings, and scorns a craven and precarious survival at the price of seeming to be what he is not. He resents being spoken of as a social ward or minor, even by his own, and to being regarded a chronic patient for the sociological clinic, the sick man of American Democracy. [...]” In: LOCKE, Alain. *The New Negro*. New York: Touchstone, [1925] 1997, p. 11.

⁸ Idem, p. 5.

radical em questões de raça e conservador em outras; em outras palavras, um ‘radical forçado’, um protestante social em vez de um genuíno radical”.⁹

Ainda que ressalvas quanto a este caráter radical devam ser tomadas, é expressivo o destaque que estes dois tipos de manifestações desempenhadas pelos negros nos Estados Unidos – o protesto e a aclamação das expressões artísticas como um projeto no intuito de se erigir uma nova visibilidade – encontraram nas páginas de *The Crisis* em sua primeira década de existência.

Sendo Du Bois um conhecedor e apreciador de artes, mais vinculado à Antiguidade Clássica, via nesta expressão humana mais que um meio de contemplação. Para ele, mais valioso do que o entretenimento, os artistas descendentes de africanos deveriam voltar todas as suas habilidades e dons para a promoção de conquistas sociais para a parcela negra da população. Tal preocupação pode ser vista momentos antes do que é comumente entendido como Harlem Renaissance, quando no ano de 1920, em uma pequena nota da revista *The Crisis*, chamou atenção para o fato de ela ser, desde sua fundação, ávida por descobrir a habilidade dos negros, especialmente em literatura e arte.¹⁰ Após apresentar a contribuição de alguns artistas que tiveram o prazer de expor seus trabalhos na revista, dentre eles, alguns que serão comentados nesta pesquisa, fala sobre o reduzido mercado encontrado por escritores negros que tendiam a voltar suas energias para os ganhos materiais a fim de se manterem. No entanto, enfatizou a necessidade dessa habilidade ser direcionada para a comunidade afirmando que “um renascimento da literatura negra era devido”.¹¹

Com este estudo sobre a representação do afro-americano na revista *The Crisis*, procuramos contribuir para a expansão das pesquisas que tratam das formas de pensamento e as práticas editoriais desempenhadas por Du Bois enquanto esteve vinculado ao órgão de publicidade da NAACP. Determinados trabalhos que se aventuraram por esta temática procuraram tratar dos mais diversos aspectos discutidos e apresentados pelo editor durante os vinte e quatro anos em que esteve conduzindo a

⁹ Ibidem, p. 11.

¹⁰ DU BOIS, W. E. B. Negro Writers. In: *The Crisis*, v. 19, n. 6, April 1920, p. 298. Suas proposições acerca da função da arte para os negros seriam mais bem delineados anos depois, quando em artigo de 1926, Du Bois prega a necessidade de ela ser entendida como propaganda para a promoção dos direitos afro-americanos. Ver: DU BOIS, W. E. B. Criteria of Negro Art. *The Crisis* 32 (October 1926): 290-297. In: APTHEKER, Herbert (Comp. & Ed.). *Writing in Periodicals Edited by W. E. B. Du Bois: Selections from The Crisis*. Vol. 2 (1926-1934). Millwood, New York: Kraus-Thomson Organization Limited, 1983, pp. 444-450.

¹¹ Idem, p. 299.

revista. Estes trabalhos têm como similaridade, além de abordarem o período completo de sua editoração, 1910-1934, relacionar as matérias presentes na revista com as atitudes, opiniões e personalidade de seu caráter. Murray Dennis Arndt em *The Crisis Years of W. E. B. Du Bois, 1910-1934*, escrevendo na década de 1970, dividiu em três períodos os anos de Du Bois à frente da revista. De acordo com Arndt, os anos de 1910-1918 podem ser considerados como um período de exploração e investigação, no qual procurou reinstituir no negro, perspectivas direcionadas ao orgulho racial. O segundo período, que se estende de 1919-1929, é caracterizado como um momento de busca e desilusão, estando relacionado com a aparente ineficácia de sua militância no período anterior e, os anos de 1930-1934 podem ser vistos como um intervalo de uma radical reação que, embora não fosse desejada por ele, conduziu-o a pregar de maneira franca a possibilidade de um separatismo racial.¹²

Marvin Gordon Kimbrough, também escrevendo na década de 1970, procurou mais abertamente se ater ao papel editorial desempenhado em *The Crisis*, analisando seis áreas – Du Bois, a NAACP, *The Crisis*, Linchamento, Educação, Pan-africanismo e a Segregação – que relacionam Du Bois e a revista. Suas conclusões apontaram para a quase impossibilidade de se dissociar o editor de “sua revista”. Segundo suas proposições, *The Crisis* refletiu a personalidade de seu editor; foi usada como um palanque para suas mutáveis ideias e os desvios em relação às políticas pregadas pela NAACP acarretaram conflitos entre as duas partes.¹³ Outros trabalhos mais recentes, como o de Méliissa Brabri, procuraram analisar as maneiras como os escritos de Du Bois foram se alterando com o passar dos anos e como significativos eventos históricos como a Grande Guerra e a Grande Depressão, iniciada em 1929, mudaram sua filosofia no que se refere à segregação.¹⁴

No entanto, pode-se verificar certa carência quanto às interpretações que procuram dar ênfase as estrutura visuais utilizadas por Du Bois, enquanto editor, na revista *The Crisis*. No levantamento bibliográfico utilizado para dar escopo a esta pesquisa foram localizados apenas duas produções. O livro de Anne Elizabeth Carroll, *Word, Image, and the New Negro*, procura levantar questões acerca dos diferentes tipos

¹² ARNDT, Murray Dennis. *The Crisis Years of W. E. B. Du Bois, 1910-1934*. Dissertation (Language and Literature, modern), Duke University, Ph. D., 1971, p. 52.

¹³ KIMBROUGH, Marvin Gordon. *W. E. B. DUBOIS as Editor of The Crisis*. Dissertation (Doctor of Philosophy), The University of Texas at Austin, Ph. D., 1974.

¹⁴ BRABI, Méliissa. *W. E. B. Du Bois's writings for The Crisis, 1910-1934, from integration to voluntary segregation?* UFR de Langues Université Stndhal – Grenoble 3, 2013.

de mídias utilizadas por artistas e editores para melhor retratar o que viam como a emergência de um afro-americano diferente do que havia sido mostrado até então, cuja representação ainda estava presente na mentalidade popular.¹⁵ A autora, abordando cinco produções ilustradas - as revistas *The Crisis* e *Opportunity*; o livro antológico editado pelo intelectual Alain Locke, em 1925, *The New Negro*; a edição de março do mesmo ano da revista *Survey Graphic* e a edição única da revista *Fire!!*, lançada em novembro de 1926 – reserva dois capítulos para a discussão sobre a interconectividade entre diferentes tipos de textos e imagens, com destaque para o uso de fotografias, em *The Crisis*, no intuito de comunicar a ideia de identidade afro-americana em evidência no período do Harlem Renaissance.

O outro trabalho, da historiadora da arte e estudos afro-americanos, Amy Helene Kirschke, *Art in Crisis*, tem como proposta explorar como Du Bois se utilizou de artes visuais para definir uma nova identidade coletiva e histórica para os afro-americanos.¹⁶ Esta obra, focada em questões de memória e identidade, apresenta produções visuais diversas, dentre ilustrações, fotografias e pinturas que expressaram uma ampla gama de temáticas discutidas na revista durante todo o período de permanência de Du Bois como editor. A utilização das imagens em *The Crisis*, mais do que um elemento meramente ilustrativo, tinha a função de articular o que a autora define como um “vocabulário visual” a ser apresentado para o afro-americano. Para Kirschke, tal estratégia deve ser compreendida como uma necessidade do povo negro norte-americano de lembrar os aspectos de seu passado se quiser mudar o seu futuro.¹⁷ Embora muito útil nesta pesquisa, pois nos forneceu parâmetros de como proceder às questões presentes na sociedade que encontraram coro nas páginas da revista, o livro peca em não aprofundar no contexto das mesmas, o que acarretou algumas críticas no momento de seu lançamento. Entendemos que o objetivo maior dessa obra seja começar a sanar uma defasagem histórica que consiste na abordagem e utilização de mecanismos visuais para melhor se discutir um tema apresentando, de forma breve, mas concisa, a eficácia de seu emprego. A discussão de determinados pormenores abrangendo o contexto da produção dessas imagens é o que pretendemos nesta pesquisa.

¹⁵ CARROLL, Anne Elizabeth. *Word, image, and the New Negro: representation and identity in the Harlem Renaissance*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007.

¹⁶ KIRSCHKE, Amy Helene. *Art in Crisis: W. E. B. Du Bois and the struggle for African American identity and memory*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007.

¹⁷ Idem, p. 17.

Para o desenvolvimento do trabalho, optamos por atentar para os cartuns presentes na revista *The Crisis* que trataram de apresentar para o público as discussões acerca das práticas de linchamentos e, em um segundo momento, a estrutura elaborada pelos seus ilustradores para apresentar à sociedade a imagem do soldado afro-americano. Procuramos utilizar este tipo de arte gráfica em observância aos horizontes ilimitados que ela oferece ao tratar de temas de caráter político e principalmente social presentes na periodização escolhida. Em virtude da ampla gama de possibilidades abertas por essas produções, seus criadores puderam expressar não apenas circunstâncias do momento, mas perspectivas diferentes para si e o lugar do afro-americano na sociedade estadunidense. Nesta perspectiva, torna-se necessário especificar o que é entendido por cartum em relação a outras expressões gráficas, como a caricatura¹⁸ e a charge.¹⁹

O termo cartum, de acordo com os autores do *Dicionário de Comunicação*, é uma anedota gráfica com o objetivo de provocar o riso no espectador por meio “da crítica mordaz, satírica, irônica e principalmente humorística, do comportamento do ser humano, das suas fraquezas, dos hábitos e costumes”.²⁰ Dentre as principais diferenças existentes entre cartum e a charge, está o caráter atemporal de sua criação. Por não se ater exclusivamente as temáticas atuais, como as relacionadas às questões políticas ou a indivíduos conhecidos do público, possui a capacidade de englobar em seu discurso elementos que remetem ao passado e que são capazes de estruturar uma narrativa histórica. Desta forma, “o cartum sugere sempre uma saturação temporal e o movimento entre sujeitos, situações e histórias, simples ou complexas” de maneira a constituir “uma dimensão temporal que funde horizontes e aproxima a memória da narrativa histórica, possibilitando a construção de uma hermenêutica do cotidiano”.²¹ Outra característica

¹⁸ Segundo Joaquim da Fonseca: “A caricatura é a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou idéia [sic] interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo ou grotesco. É um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou um fato. Na maioria dos casos, uma característica saliente é apanhada ou exagerada. Geralmente a caricatura é produzida tendo em vista a publicação e com destino a um público para quem o modelo original, pessoa ou acontecimento, é conhecido”. In: FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 17.

¹⁹ Para Rabaça e Barbosa, a charge seria um cartum que procura expor de maneira imediata um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política. RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978, p. 89.

²⁰ Idem, p. 75.

²¹ PETRY, Michele Bete. *Caricaturas, charges e cartuns: um estudo sobre as expressões gráficas de humor como fontes para a pesquisa em História*. Monografia (Graduação em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008, p. 32.

que pode ser salientada para se distinguir o cartum da charge está no sujeito a ser representado, que não precisa ser um indivíduo real em um contexto específico. Neste caso, tanto o representado quanto o momento podem ser advindos de uma situação comum e mesmo corriqueira. Em sua discussão sobre o entendimento do termo, Ramos emprega, dentre outros autores, as concepções do historiador Luiz Guilherme Sodré Teixeira, que assim compreende a forma como o sujeito é retratado no cartum, sendo entendido em sua coletividade: “Seu personagem não se refere ao outro, como na charge, nem ao mesmo, como na caricatura, mas a temas imaginários que não se referem, necessariamente, a sujeitos ou realidades individuais e particulares”.²²

Ainda que estes elementos possam ser destacados como diferencial entre as expressões humorísticas da charge e do cartum, o fato de não existir um termo que proporcione uma clara separação para eles, nos Estados Unidos, causa certa confusão e deve ser empregado com cautela. Naquele país o termo cartum adquiriu subcategorias. O que para nós se enquadra nas características de uma charge é empregado pelos norte-americanos como “*political cartoon*”. Esta expressão é tão presente no estilo de vida de seus cidadãos que a historiadora Isabel Simeral Johnson chegou a expor que os cartuns políticos nos Estados Unidos tinham adquirido uma conotação tão intensa como em nenhum outro país.²³ Segundo ela, o fato de abordar questões com o máximo de fervor possível proporcionou a estruturação de um caráter extremista dos norte-americanos de forma que a linguagem dos cartuns se tornou para eles uma língua nativa.²⁴

Outra subdivisão existente nos Estados Unidos se refere aos cartuns sociais ou “*social cartoons*”. De acordo com o historiador Thomas Milton Kemnitz, os cartuns, de uma maneira geral, podem ser divididos em duas categorias: cartuns de opinião e cartuns voltados para a promoção do humor, que ele define como “*joke cartoons*”.²⁵ Os cartuns sociais, que se enquadram na categoria de fomentar opiniões, contam, mesmo que não exclusivamente, com estereótipos onde referências a um grupo específico de

²² TEIXEIRA apud RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007, p. 266.

²³ JOHNSON, Isabel Simeral. Cartoons. In: *The Public Opinion Quarterly*, v. 1, n. 3, Jul., 1937, p. 32. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2744665>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2014.

²⁴ Idem.

²⁵ KEMNITZ, Thomas Milton. The Cartoon as a Historical Source. In: *The Journal of Interdisciplinary History*, v. 4, n. 1, The Historian and the Arts, summer, 1973, p. 82. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/202359>. Acesso em: 16 de março de 2013.

pessoas são apresentadas de maneira grotesca.²⁶ De forma semelhante, os cartuns sociais e políticos possuem uma capacidade de contribuir para a reforma de costumes, maneiras e leis, porém utilizando um escopo mais restrito e um tom mais suave.²⁷

O interesse pelo visual se torna cada vez mais presente e se transforma em foco de produções que tem o intuito de fomentar a eficácia, há muito negada, dos artefatos visuais para a pesquisa. É através de uma atenção mais cuidadosa voltada para o visual, que pode ser possível investigar mudanças de comportamentos sociais tidos como impensáveis de se aplicar em períodos não muito distantes de nós. Apesar da enorme gama existente de fontes escritas, hoje é indubitavelmente consciente dizer que trabalhos históricos que se baseiam, de forma única, neste tipo de fonte, deixariam muito a desejar ao se tratar de temas em que o visual é elemento imprescindível para a execução dos mesmos. Assim, como Jean-Claude Schmitt assinalou,

[...] Todas as imagens, em todo o caso, têm sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos, litúrgicos e mesmo mágicos. Isso quer dizer que participam plenamente do funcionamento e da reprodução das sociedades presentes e passadas. Em todos os aspectos, elas pertencem ao território de “caça” do historiador. [...]²⁸

A fim de se proceder a um trabalho coerente com o emprego de fontes visuais, recorreremos aos métodos propostos pelo historiador cultural Peter Burke, em *Testemunha Ocular*, livro em que advoga o emprego de qualquer imagem com o intuito de “servir como evidência histórica”.²⁹ Ao encorajar essa prática, Burke, ao longo do trabalho, descreve certos procedimentos consideravelmente úteis para a construção de pesquisas que se utilizam do visual e das armadilhas que podem se revelar no percurso deste caminho. Para tanto, o historiador aconselha que “alguém que planeje utilizar o testemunho de imagens para que inicie estudando os diferentes propósitos dos realizadores dessas imagens”.³⁰ Diante destas prerrogativas, torna-se evidente a validade e a necessidade de um procedimento crítico. Nesse sentido, ao se trabalhar com imagens

²⁶ Idem, p. 83.

²⁷ Ibidem, 91.

²⁸ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 11.

²⁹ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: EDUSC, 2004.

³⁰ Idem, p. 24.

que, à primeira vista, possam se dizer “autênticas” no sentido de expressar o real, como no caso de fotografias, faz-se essencial que a análise dê ensejo a uma crítica.

Com o cuidado de esclarecer que seu trabalho em *Testemunha Ocular* não é um guia pronto e acabado de como proceder ao material iconográfico, Peter Burke reafirma que “os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementando, bem como apoiando, as evidências dos documentos escritos”.³¹ No entanto, reafirma certos parâmetros que devem ser observados pelos historiadores que trabalham com imagens, tais como a necessidade de se colocar a imagem no contexto, atentando-se às convenções do período de sua elaboração para retratar diferentes seguimentos da sociedade; bem como a ideia de que uma série de imagens traz uma confiabilidade maior do que a análise de imagens individuais e a atenção aos pequenos detalhes que podem estar contidos, ou não, nas imagens a serem passadas pelo crivo interpretativo do pesquisador.

Em instigante artigo escrito pelo Prof. Dr. Ulpiano T. Bezerra de Meneses, dentre vários tópicos que podem ser observados, destaque é dado para o que o autor chama de “potencial cognitivo da imagem”. Segundo Meneses, o estudo da imagem deve dar ênfase aos seus usos e funções, não se atentando exclusivamente à subjetividade da mesma, embasada em seu valor afetivo e ideológico, que a atribuíra uma autoridade intrínseca por si só. Esse aspecto, que parece se estender do Renascimento onde “já houvera um esforço sistemático de coletar e organizar imagens artísticas e decodificar simbolicamente seus significados” vai até começos do século XX, quando uma nova atenção é dada à fonte iconográfica, “sobretudo mais tarde, nos domínios da História Cultural”.³²

Em uma nítida invocação e defesa sobre a importância das fontes visuais para o estudo da sociedade, Ulpiano Meneses procura apontar o risco de não se tomar essas fontes como o primado do trabalho do historiador, que deve ser sempre o objetivo de que “se consiga um entendimento maior da sociedade, na sua transformação”. De acordo com Meneses,

³¹ Ibidem, p. 233.

³² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, pp. 12-13. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>. Acesso em: 16 de março de 2013.

[...] Dito com outras palavras, estudar exclusiva ou preponderantemente fontes visuais corre sempre o risco de alimentar uma “História Iconográfica”, de fôlego curto e de interesse antes de mais nada documental. Não são pois documentos os objetos da pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade. [...] ³³

Valendo-se das possibilidades que se abriam à interpretação de diversificados aspectos da sociedade, os historiadores, ao se agarrarem aos testemunhos dos impressos jornalísticos, podem adentrar as estruturas de pensamentos que regem os interesses dos mais diversos grupos sociais e suas relações com os demais setores da sociedade, em um específico período de tempo. Por trabalhar com um órgão de imprensa, determinadas precauções devem ser tomadas e, uma delas, encontra-se na não ingenuidade de considerar as fontes provenientes da imprensa escrita como um espelho a refletir fielmente o que se passa na sociedade. Estando de posse de um determinado grupo de pessoas, é natural que o que será contemplado como notícia compartilhe das mesmas visões que agregam tais pessoas em uma organização com uma ideologia mais ou menos coerente. Sendo os seres humanos movidos por interesses das mais diversas categorias, eles se utilizarão de todos os recursos disponíveis para propagar seus pontos de vista. Em face desse aspecto, adotaremos a postura empregada por Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado no trabalho *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”*, no qual demonstraram perspicácia ao definirem muito bem seu posicionamento quanto à opção por trabalhar com uma fonte jornalística. Segundo as autoras,

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. ³⁴

Sendo a revista *The Crisis* um veículo impresso para divulgação da política racial pretendida pela NAACP e fortemente influenciada pelo seu editor, reconhecemos a mesma como isenta de caráter imparcial. Sua razão de ser era, e continua sendo, relacionada à apresentação de propostas para os avanços nas condições de existência da

³³ Idem, p. 28.

³⁴ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, MARIA Lígia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980, p. XIX.

população afro-americana tendo, portanto, uma ideologia bem definida, embora existissem atritos ocasionais entre seus integrantes. Direcionaremos nossas atenções também para outros trabalhos que procuram empregar periódicos como fonte de análise. Dentre estes, encontram-se as obras do historiador Flávio Thales Ribeiro Francisco, *Fronteiras em definição*, no qual procurou abordar a circulação de ideias entre lideranças negras brasileiras e norte-americanas no jornal voltado para a população negra da cidade de São Paulo, *O Clarim da Alvorada*, entre os anos de 1924-1932.³⁵ A obra de Maria Celeste Mira, *O leitor e a banca de revistas*, procurou reconstituir a história das revistas no Brasil e sua relação com o mercado e com os leitores, dando-nos apontamentos que poderão ser atribuídos quando de nossa exposição dos discursos empreendidos em *The Crisis*, como o fato da revista ser um veículo segmentado sendo mais seletivo quanto a sua audiência.³⁶

Por se tratar da questão da representação, uma abordagem teórica acerca desse conceito se faz necessária. Dentre uma quantidade incomensurável de teóricos que se prontificam a analisar o tema, demos ênfase à forma aplicada pelo historiador cultural Roger Chartier, destacadamente no livro *A história cultural: entre práticas e representações*.³⁷ Essa escolha poderá ser entendida, por uns, como a maneira mais corriqueira e simplória de se trabalhar com tal noção, devido ao fato desse historiador ser talvez o mais conhecido e utilizado pelos pesquisadores que produzem trabalhos em que esta noção esteja relacionada. No entanto, durante a leitura das obras desse profissional, constatamos a viabilidade em se utilizar sua discussão sobre o assunto no desenvolvimento de nossa pesquisa. Grande parte de nossa escolha está alicerçada na visão de que é possível se apreender as formas de representação como instrumentos úteis e necessários aos jogos de poder que se desenrolam entre as sociedades humanas e dentro dos grupos humanos.

A noção de representação desenvolvida por Roger Chartier está inserida na trama de uma história cultural que, segundo suas concepções, possui como seu principal objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada

³⁵ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo: Alameda, 2013.

³⁶ MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: A segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

³⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

realidade social é construída, pensada, dada a ler”.³⁸ A identificação desse princípio abarcaria diversificadas direções, cuja primeira perspectiva era de que a apreensão do mundo social contaria com elementos que proporcionariam a percepção e a apreciação do real. Tais elementos seriam identificados nas classificações, divisões e delimitações que os grupos sociais produzem e compartilham, entre si, através de disposições estáveis que lhes permitem elaborar meios para dar sentido ao momento em que vivem, compreender o outro e interpretar o espaço.³⁹ Neste sentido, vemos nas práticas e discursos apresentados em *The Crisis* uma forma de representar o afro-americano não apenas como tinha sido representado até aquele momento, mas da maneira como gostaria que fosse. Desta maneira,

[...] a representação nos permite ver o “objeto ausente” (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma “imagem” capaz de representá-lo adequadamente. Representar, portanto, é fazer conhecer as coisas mediatemente pela “pintura de um objeto”, “pelas palavras e gestos”, “por algumas figuras, por algumas marcas” – tais como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. [...]”⁴⁰

Embora seja possível ter uma boa noção do relacionamento dos leitores com a revista, devido às cartas que eram enviadas para a publicação, custo de cada número, assinatura anual e tiragem mensal, não foi possível levantar dados sobre a forma de pensamento dos ilustradores que trabalharam em *The Crisis* no espaço de tempo abordado neste trabalho. Ainda que pesquisas tenham sido realizadas com a finalidade de atestar algum tipo de relacionamento entre os artistas e o editor, as correspondências trocadas entre eles extrapolaram a periodização proposta aqui. Este foi o caso das trocas de informações entre Du Bois e o artista Lorenzo Harris.⁴¹ Em face disso, procuramos adotar a perspectiva de que havia conexão e concordância de interesses, entre as partes, no propósito de expor as questões contidas nas imagens.

Apresentadas as bases teóricas que seguiremos, definimos a estrutura de capítulos a ser empregada. No primeiro capítulo, procederemos a uma contextualização

³⁸ Idem, p. 16-17.

³⁹ Ibidem, p. 17.

⁴⁰ CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da Noção de Representação. Tradução André Dione Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. In: *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 13, n. 23, Jan/Jun, 2011, p. 17. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2014.

⁴¹ A pesquisa foi realizada no repositório online, *Credo*, mantido pela *UMass Amherst Libraries' Department of Special Collections and University Archives (SCUA)* da *University of Massachusetts Amherst*, que disponibiliza o acervo digitalizado de documentos não apenas de Du Bois, mas de diversas outras personalidades e da história da Nova Inglaterra. Para ter acesso a coleção no que diz respeito a Du Bois: <http://credo.library.umass.edu/view/collection/mums312>.

do período de surgimento da revista *The Crisis*. Recuamos, nesse procedimento, ao momento em que os conceitos da supremacia branca parecem literalmente enterrar os ganhos adquiridos pelo afro-americano após a emancipação e, por mais que a Era Progressista seja vista como um período propício para o diálogo mais aberto, ela se revelou também em um momento significativamente trágico para o negro nos Estados Unidos.

O segundo capítulo apresenta um pouco da vida e obra de W. E. B. Du Bois. Procuramos expor a maneira como o editor de *The Crisis* compreendia as relações raciais e os mecanismos utilizados por ele para apresentar suas ideias para a sociedade. Com a finalidade de expandir suas interpretações, enxergou no jornalismo impresso o mais eficaz meio para se atingir tal objetivo. Neste capítulo abordamos também o relacionamento de Du Bois com a revista *The Crisis* no que trata da configuração e temáticas apresentadas. Ainda que nosso trabalho se restrinja aos dez primeiros anos da revista, uma explanação sobre o contexto que acarretou o desligamento do editor do órgão de protesto e publicidade da NAACP, catorze anos depois, expressa a mudança de discurso adotado por ele.

No terceiro capítulo, discutimos as políticas de combate à prática do linchamento promovida pela Associação e sua revista, expressas em textos, boletins e através de cartuns. Empreendemos também, nesta parte do trabalho, uma rápida abordagem no que se refere às formas de representação dirigidas ao afro-americano, que contribuíram para denegrir sua imagem, criando no imaginário popular a figura de um elemento distinto da sociedade norte-americana. Destacamos aqui que, embora existam mais cartuns que tratam da exposição das violências físicas contra o negro nos Estados Unidos, preferimos não abordá-los em sua extensão por acreditar que algumas temáticas apresentadas, como vinculadas às questões religiosas, extrapolariam os objetivos propostos no trabalho. Esperamos, em outro momento, desempenhar a uma análise de tais cartuns.

No capítulo final, assinalamos o papel e os efeitos da participação estadunidense na Primeira Guerra Mundial. Salientamos, nesta perspectiva, a contribuição do soldado afro-americano no conflito e a forma como foi representado nas páginas de *The Crisis*, seguindo uma diretiva de fornecer um elemento valioso para o país e para a comunidade afro-americana.

Capítulo 1

A questão racial na Era Progressista: a supremacia branca e a contestação negra

As formas e práticas utilizadas pelo corpo editorial da revista *The Crisis*, em seu primeiro decênio de existência, estão diretamente vinculadas ao recrudescimento das questões raciais que envolveram brancos e negros nos vinte anos anteriores a sua fundação.

Sendo assim, torna-se coerente esboçarmos as principais mudanças de pensamento no meio social que contribuíram para que os negros norte-americanos tivessem o que parecia se configurar como o tão aguardado momento de aceitação, na sociedade estadunidense, se transformar no que pode ser visto como um período tão ou mais negativo do que o enfrentado nos tempos da escravidão. Nesse momento histórico, mais conhecido pelo termo *Nadir*⁴², presencia-se a privação dos direitos adquiridos pelos antigos escravos e seus descendentes, notadamente aos que estão expressos na Décima Quarta⁴³ e Décima Quinta⁴⁴ emendas à Constituição dos Estados Unidos. Não obstante, as práticas verificadas em relação à degradação do estatuto civil do negro não se limitavam a colocá-lo à parte de todas as possíveis comodidades que a cidadania poderia trazer. O período também é caracterizado pela expansão da prática do linchamento e distúrbios urbanos e, algumas vezes rurais, que contribuíram para salientar as profundas diferenças entre parcelas da sociedade que, num primeiro momento, parecem ser tão díspares, mas que apresentam elementos comuns entre si.

1.1- A redenção branca

Durante o período caracterizado como Reconstrução, período este mais comumente conhecido como tendo seu término com o Compromisso de 1877,

⁴² O *Nadir* pode ser entendido como o período que se estende de 1890 até meados de 1930. O termo foi cunhado pelo historiador Rayford Logan para descrever o processo de rebaixamento de status social enfrentado pelos negros em significativas partes do território norte-americano tanto no que se refere a procedimentos legais quanto em práticas cotidianas. Para saber mais sobre o período, ver: LOGAN, Rayford. *The Negro in American Life and Thought: The Nadir*. New York: Dial Press, 1954.

⁴³ A Décima Quarta Emenda à Constituição dos Estados Unidos, ratificada em 28 de julho de 1868, garantia o direito à cidadania de todas as pessoas nascidas ou naturalizadas no país e, a legítima proteção das mesmas de acordo com a lei.

⁴⁴ Emenda ratificada em 30 de março de 1870 que garantia o direito ao sufrágio de todos os cidadãos norte-americanos, proibindo o governo federal e os estados de lhe negar em razão de raça, cor ou situação anterior de servidão.

presenciou-se avanços como a ratificação de emendas constitucionais que diziam respeito, primordialmente, à condição de cidadania aos negros, quanto notáveis retrocessos referentes à convivência entre estes e a parcela constituída pelos elementos brancos da população. As tentativas do governo federal de concretizar as determinações tomadas quanto ao novo estado de coisas, encontrou forte oposição dos estados até então confederados. Dentre tais oposições, os *Black Codes* (Códigos Negros) foram as primeiras medidas adotadas pelos sulistas brancos, tendo como principal objetivo restringir e controlar as atividades dos negros, particularmente, em relação a questões de trabalho. Tendo os estados do sul se estabelecido através de uma economia voltada para a produção rural alicerçada na mão de obra escrava, a Emancipação e o desfecho da guerra, que já esboçava seus contornos no horizonte, obrigou a antiga classe escravagista a tomar medidas a fim de manter a força de trabalho presa à terra de uma maneira ainda subserviente. Restrições no que diz respeito à aquisição de propriedades rurais e contratos trabalhistas foram impostas por estados como Mississippi e Carolina do Sul, ainda em 1865. Na visão dos políticos do norte do país, com essas medidas, os estados do sul pretendiam restabelecer as mesmas diretrizes dos tempos de escravidão. A implementação das emendas constitucionais e a promulgação do *Civil Rights Act* (Ato dos Direitos Cívicos), em 1866, contribuíram para mitigar a existência dos Black Codes. Porém, essa primeira experiência de preservar a ordem social vigente deixaria traços consideráveis na mentalidade sulista.⁴⁵

Observa-se a partir de então, por parte da antiga aristocracia sulista, um processo gradativo de construção e efetivação de medidas segregacionistas que objetivavam a completa supressão da condição social adquirida pelo negro. O impacto consequente da perda de interesse dos políticos da parte norte do país, representados pelo Partido Republicano, em manter a permanência das tropas federais na região e a expandir as formas de atuação de órgãos federais, significativamente as do *Bureau of Refugees, Freedmen, and Abandoned Lands* (Serviço de Refugiados, Libertos e Terras Abandonadas), caracterizou, segundo o historiador Eric Foner, uma espécie de revolução não finalizada.⁴⁶

⁴⁵ CUTHBERT-KERR, Simon T. Black Codes. In: BROWN, Nikki L. M.; STENTIFORD, Barry M. (Ed.). *The Jim Crow Encyclopedia*. v. 1: A-J. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2008, p. 78-85.

⁴⁶ FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper & Row, 1988.

O que pode se especular quanto aos desdobramentos que se configuraram nas relações entre brancos e negros no pós-guerra civil, foi que os ressentimentos, durante considerável espaço de tempo, se mantiveram presentes, contudo, reprimidos. Dentre as medidas governamentais que mais salientaram as atenções e descontentamentos do derrotado sul, encontra-se a que alçou os integrantes do grupo negro à condição de eleitores. Em decorrência desse fato, apresentou-se como eternamente viva a sombra de que a velha aristocracia sulista, não mais tomaria o poder político na região ou, levando-se em conta pretensões mais amplas, sua ascensão em escala nacional se encontrava, em suma, distante. Tal crença se evidencia devido ao fato da grande proporção de indivíduos oriundos da comunidade negra, alçada à categoria de eleitores. Segundo estimativas, a partir de 1867, por volta de 735 mil negros foram registrados como votantes em dez dos onze estados que antes constituíam a Confederação,⁴⁷ o que leva a crer que durante o processo eleitoral, esse contingente destinaria seus votos ao partido do “grande libertador,” no caso, o Partido Republicano.⁴⁸ Procurando barrar a continuação deste desdobramento nas eleições presidenciais de 1876, foi preciso que a classe política sulista adotasse medidas, por assim dizer, condizentes com a situação.

A respeito do que foi visto, pode-se ter uma ideia do que seria a possível extensão da estratégia a ser posta em prática por este grupo de políticos sulistas. A retomada de poder político, a sujeição do afro-americano novamente como uma mera, se não mais uma propriedade, ferramenta de trabalho e a reconstrução ou soerguimento das velhas estruturas que caracterizavam a “moral e os bons costumes” da sociedade branca da região sul do país.

Nesse processo, relativamente curto de recaptura e reconquista de poder, verificam-se as falhas dos políticos federais em levar a cabo as principais prerrogativas que delinearam algumas das medidas do grupo conhecido como republicanos radicais. Prerrogativas estas, presentes no que ficou conhecido como *Congressional Reconstruction* (Reconstrução Congressista), iniciado em 1866. Por outro lado, os republicanos radicais, nunca se apresentaram como um grupo coerente em seus pontos

⁴⁷ Os Estados Confederados da América ou A Confederação foi uma união política entre onze estados que se separaram dos Estados Unidos da América entre os anos de 1860-1861 por decorrência da primeira eleição de Abraham Lincoln que segundo eles apresentava uma posição hostil ao escravismo. Os estados eram: Carolina do Sul, Mississippi, Flórida, Alabama, Geórgia, Louisiana, Texas, Virgínia, Arkansas, Carolina do Norte e Tennessee.

⁴⁸ WANG, Xi. Black Suffrage. In: ZUCZEK, Richard (Ed.). *Encyclopedia of the Reconstruction Era*: v.1: A-L and Primary Documents. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2006, p. 77-85.

de vista, demonstrando inconstâncias inclusive quanto à aplicação do sufrágio.⁴⁹ A falha em não conseguirem uma estável convergência para as situações que o momento apresentava, também pode ser entendida como mais um fator para a efetividade das propostas do grupo sulista engajado em redimir a região sul do país, dando-a um escopo, o mais próximo possível, do que era vivenciado nos tempos da escravidão. Tal grupo ficou conhecido como redentores. Como expressado por Justin A. Nystrom, a cruzada dos redentores começou em resposta a decretação dos *Reconstruction Acts* (Atos de Reconstrução), de 1867, que dentre suas prerrogativas dividiu o sul em distritos militares e fomentou a ascensão do Partido Republicano, dissolvendo os governos estaduais conservadores que tinham emergido imediatamente após a Secessão, iniciando assim, um processo de formulação de uma estratégia de restauração política, ou redenção.⁵⁰

O ano de 1877 é comumente conhecido como o encerramento do período de reconstrução. Esse fato está relacionado à campanha presidencial do ano anterior. No impasse que se verificou em torno da decisão de qual candidato assumiria o cargo mais importante do país, o democrata Samuel Tilden abriu mão de seus anseios presidenciais ao republicano Rutherford B. Hayes. Em um nítido episódio de barganha política, o candidato republicano se prontificava em desmilitarizar o sul, ocupado por tropas federais desde o fim da guerra civil, e não intervir em seus assuntos internos. O evento conhecido como o já citado Compromisso de 1877 definiu, tragicamente, o destino dos antigos escravos na região.

A retomada do poder pelos políticos sulistas, vistos como redentores, em um primeiro momento, procurou ocultar as verdadeiras intenções deste grupo de reacionários. No entanto, a elaboração e execução de medidas e ações definiram o que seria, por muito tempo, a posição do negro no país. Durante o restante do século, os estados do sul, como um todo, procuraram fazer valer a prerrogativa de que cada estado deveria decidir sobre suas próprias leis – o tradicional “*home rule*” ou o autogoverno – e a forma de aplicá-las, tornando várias das leis federais, interpretadas de acordo com suas necessidades ou mesmo inócuas. Da mesma forma, intencionou-se fazer a opinião pública nortista mais receptiva sobre a ideia de que o negro deveria ser considerado,

⁴⁹ TREFOUSSE, Hans L. Republicans, Radicals. In: ZUCZEK, Richard (Ed.). *Encyclopedia of the Reconstruction Era*: v. 2: M-Z and Primary Documents. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2006, p. 534-539.

⁵⁰ NYSTROM, Justin. Redemption. In: ZUCZEK, op. cit., v. 2, 2006, p. 520-522.

como ficou rotulado subsequentemente, um “cidadão de segunda classe” na escala social norte-americana.⁵¹

Segundo o que deveria se supor, imediatamente após a reestruturação da aristocracia sulista, o afro-americano presenciaria sua situação como grupo social, alçada à categoria de cidadãos com o mínimo de representatividade. Contudo, para alguns autores, o ímpeto, quase que doentio, de remeter ao negro as frustrações de uma, até então, sociedade rica e estável, estabelecida através da “instituição peculiar”⁵² reinante na estrutura social do universo agrário do sul, não se fez presente neste primeiro momento. Como forma de evidenciar a existência desse debate, expomos aqui duas visões que exemplificam a questão.

Em primeiro plano, denotamos a interpretação descrita por Rayford Logan ao salientar que as consequências desencadeadas pelo evento de 1877 foram significativas desde seu início, assinalando como principal responsável por este desdobramento, o próprio presidente Hayes. Para esse historiador, Rutherford B. Hayes pode ser considerado como o arquiteto da consolidação da supremacia branca no sul, durante o período pós-reconstrução. A explicação encontrada por Logan se assenta na indecisão daquele presidente quanto a seu posicionamento entre a devoção à Constituição e a democracia por um lado e a fortuna política do Partido Republicano, a pacificação do país e a boa vontade em relação ao sul, por outro. Todos esses elementos sendo respaldados por uma forte prerrogativa econômica exemplificada por uma coalisão entre homens de negócios, de ambas as regiões, interessados nos subsídios federais para a reconstrução da região.⁵³

Como uma forma de contraponto à definição desencadeada por Rayford Logan, o historiador C. Vann Woodward desenvolveu, em suas análises sobre a era pós-reconstrução, uma interpretação que procurou apresentar o processo de privação dos direitos dos afro-americanos como advindo de um período não imediatamente após o

⁵¹ LOGAN, Rayford W. *The Betrayal of the Negro: From Rutherford B. Hayes to Woodrow Wilson*. New York: Da Capo Press, [1965] 1997, p. 11 e FONER, op. cit., [1988] 2008.

⁵² Termo utilizado para se referir à forma com a qual a sociedade sulista estava embasada. No debate que se verificou sobre a permanência ou não da instituição escravista, o termo foi comumente utilizado como mais um argumento para a defesa desta como um típico fenômeno regional que faria com que a economia do Sul ruísse caso fosse suprimida. Para saber mais sobre o tema, ver: STAMPP, Kenneth M. *The Peculiar Institution: Slavery in the Ante-Bellum South*. New York: Vintage Books Edition, [1956] 1989.

⁵³ LOGAN, op. cit., p. 12-13.

término da Reconstrução.⁵⁴ Suas conclusões definiram a perda de cidadania e direitos sociais do grupo negro, nos Estados Unidos, como uma série de desdobramentos que tiveram lugar a partir dos anos 1890.

Vale a pena apontar que Woodward não descarta e muito menos negligência o processo que se desenrola a partir do ano de 1877. No entanto, como é descrito por ele, o novo *status* do negro não era uma vez aparente, nem estava a população sulista tão unida sobre o que deveria ser primeiramente assumido. A determinação do “lugar” do negro foi se moldando gradualmente sob a influência de conflitos econômicos e políticos entre uma população branca dividida. Conflitos esses que foram resolvidos à custa dos negros. Torna-se notório para o autor que, nos primeiros anos do século XX, o negro norte-americano seria privado por todo o sul, sendo relegado a ele o mais baixo degrau na escala econômica e que nem a igualdade nem as aspirações por ela estariam acessíveis a ele.⁵⁵

Observando esses aspectos descritos por Woodward, procuraremos seguir a linha de que, durante a última década do século XIX, apresentaram-se circunstâncias que provocaram fortes alterações no relacionamento entre brancos e negros, não apenas nos estados do sul, onde esta relação era mais sensível, como também nos estados nortistas em que se presenciava uma forma de discriminação diferente dos seus congêneres sulistas.

A reconquista do poder político pela aristocracia agrária branca no sul representaria mais do que a consolidação nas mãos dessa classe, dos benefícios econômicos e sociais que, teoricamente, estavam destinados a todos os cidadãos regidos sob as leis do país. Os anos que se seguiram a esse significativo evento, davam a crer que a convivência entre ambas as parcelas dessa sociedade tão diversa se daria, se não de uma forma amigável, ao menos de uma maneira aceitável. No entanto, relatos parecem apontar até mesmo para uma direção um tanto quanto ambígua da situação. Dentre tais relatos, pode-se observar a impressão adquirida pelo antigo combatente abolicionista e unionista Thomas Wentworth Higginson, em 1878, na qual, a situação do afro-americano parecia mesmo ser melhor na região sul do país do que nos estados

⁵⁴ As ideias de Logan expressadas em *The Betrayal of the Negro: From Rutherford B. Hayes to Woodrow Wilson*, podem ser consideradas uma extensão do livro *The Negro in American Life and Thought: The Nadir*, publicado originalmente em 1954, portanto, antes de Woodward apresentar suas conclusões no livro *The Strange Career of Jim Crow*, em 1955.

⁵⁵ WOODWARD, C. Vann. *The Strange Career of Jim Crow*. Oxford; New York: Oxford University Press, [1955] 2002, p. 6-7.

do norte.⁵⁶ Pode-se afirmar que durante os anos que compreendem a maior parte da década seguinte, o contraste que se observaria a partir dos anos 1890, ainda não se tinha feito notar e periódicos como o *Richmond Dispatch* podiam noticiar, em 1886, que não havia qualquer intenção de se opor ao debate sobre questões políticas ou judiciais com a parcela negra da população.⁵⁷ Esse tipo de diálogo sofreria notável revés no alvorecer da última década do século XIX.

Uma gama de fatores pode ser considerada responsável pela degradação do estatuto social do negro, salientando que essa degradação se estenderia por todas as esferas de sua existência. Como primeiro elemento a ser descrito, temos a contínua e incansável intenção de privar o afro-americano do processo eleitoral sendo como elemento votante ou elegível. De maneira geral, podem ser definidos dois momentos que descrevem a privação dos direitos dos afro-americanos. O primeiro período desse processo pode ser demarcado como os anos que se estendem da metade da década de 1870 até fins de 1880. Nesse espaço de tempo, os métodos utilizados pelos Democratas, nos estados do sul do país, variavam desde práticas de influência do eleitorado, seja através de pequenos favores ou do uso da violência, à manipulação do sistema de votação e fraudes. O segundo momento desse processo, bem mais marcante e notório, começa a tomar forma em fins dos anos 1880. O elemento que denota esta fase, não se refere mais a uma estrutura de coação do eleitorado afro-americano frente ao processo eleitoral. Marcado pela construção de mecanismos legais tinha como objetivo a total e completa supressão do poder de voto dos negros, criando barreiras para que a imensa maioria dos votantes fosse impedida antes mesmo de estarem frente à urna eleitoral.⁵⁸

Durante o processo de aplicação de tais artifícios legislativos, era notória a preocupação de estabelecer sua efetividade, apenas ao que cabia ao voto dos afro-americanos, de tal forma que não violasse as prerrogativas da Décima Quinta Emenda. A maneira encontrada era atuar nas brechas imposta por esta determinação federal. Para tanto, a partir de 1889, vários estados sulistas começaram a promover convenções constitucionais a fim de revisar partes de suas atuais constituições que se referiam à prática e ao direito ao voto. Mais do que meios destinados a barrar a então chamada “*negro domination*” (dominação negra) – um termo utilizado pelos partidários do

⁵⁶ Idem, p. 36.

⁵⁷ WEYL, Nathaniel. *The Negro in American Civilization*. Washington, D. C.: Public Affairs Press, 1960, p. 108.

⁵⁸ WANG, Xi. Disfranchisement. In: ZUCZEK, Richard (ed.), op. cit., v. 1, 2006, p. 200-206.

rebaixamento do estatuto social dos negros, que dizia respeito à viabilidade política conferida a esta parcela da população de decidir não apenas processos eleitorais, mas quaisquer outras competições entre diferentes grupos de brancos – o combate ao poder de voto dos negros norte-americanos, pode ser entendido, também, como uma forma de restabelecer a hierarquia racial alicerçada através de medidas políticas. O fator racial pode ser visto como a força motriz atuando atrás do processo de privação do direito de voto do negro.⁵⁹

As estratégias desenvolvidas para limitar a presença do voto negro, nos pleitos eleitorais, variavam em sua forma e extensão. Dentre as várias medidas utilizadas pelas legislaturas estaduais, aquela que determinava o pagamento de uma taxa como pré-requisito para participar de pleitos pode ser considerada a primeira a ser implementada. Ocorrendo inicialmente nos estados da Flórida e Tennessee, o valor referente a esta taxa variava de um a dois dólares, um valor que para fins do século XIX, ainda se mostrava expressivo.⁶⁰ Não obstante este fato, outros estados da região seguiram o mesmo caminho e adotaram o pagamento do requisito, além de elaborar outros mecanismos de privação, pois, temerosos pelo fato de que este procedimento pudesse reduzir o eleitorado constituído por brancos pobres, como de fato ocorreria, pouco depois, procuraram desenvolver certas prerrogativas que se destinaram a qualificar esta parcela da população como apta a participar do processo político e, assim, evitar qualquer possível discordância dentro do grupo. Dentre tais prerrogativas estão a “*understanding clause*” (a cláusula de entendimento ou compreensão), adotada pelo Mississippi, em 1890,⁶¹ e a “*grandfather clause*” (a cláusula do avô) adotada na Constituição do Estado de Louisiana, em 1898.⁶²

Além da perda das garantias políticas, abertamente perceptíveis quando nos referimos à situação do negro na parte sul do país, vigoraram também nas demais

⁵⁹ PERMAN, Michael. *Struggle for Mastery: Disfranchisement in the South, 1888-1908*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001, p. 27.

⁶⁰ Em relação ao ano de 1895, o valor de \$1,00 se comparado aos padrões atuais equivaleria a \$29,10. Cf. <http://www.measuringworth.com>.

⁶¹ Este foi um elemento complementar que dizia respeito aos testes de alfabetização. Por essa medida, os votantes em potencial deveriam ler e interpretar certas passagens da Constituição estadual sob a presença de um supervisor. Apesar de indivíduos de ambas as classes serem submetidos ao mesmo teste, o poder dado aos oficiais estaduais de julgar os resultados, na maioria dos casos descambava para mais uma forma injusta e desleal de privação política.

⁶² A referida cláusula delegou direito de voto a todos aqueles que antes de 1867, ano de concessão ao direito de sufrágio aos negros, tivessem totais condições de serem elegíveis ou que fossem filhos ou netos de pessoas em tais condições. Ver: Constitution of the State of Louisiana, 1898, Article 197. Disponível em: <http://archive.org/details/constitutionsta02louigoog>. Acesso em 04 de maio de 2013.

regiões formas de discriminação que, em larga medida, se assemelhavam em conteúdo e extensão. Nesse sentido, não é nada surpreendente encontrar nos grandes centros urbanos do norte, práticas cotidianas que, mesmo não declaradas e expressas de acordo com os ditames da lei, configuraram um estilo de vida que tinha por finalidade a separação entre brancos e negros. Essa forma particular de leis Jim Crow, podia ser encontrada nos mais diversificados lugares tais como restaurantes, banheiros públicos e hotéis. O fato das pessoas negras poderem compartilhar de certas comodidades que seriam impensáveis, em estados como Carolina do Sul ou Mississippi, não exclui o fato de que estariam incondicionalmente livres de qualquer infortúnio ou contratempo motivado pela prerrogativa de coloração da pele. Como descrito por Thomas Sugrue, “as cidades do Norte estavam invisivelmente divididas pela raça.” Existiam em tais localidades, hotéis para pessoas brancas e hotéis para pessoas negras, bem como restaurantes estabelecidos para servir uma ou outra parcela da população. Por vezes, algum aventureiro branco procurava cruzar a fronteira que separava esses dois extratos e mantinha relações com afro-americanos, mas sempre fazia isso com um prévio conhecimento e em companhia de alguma pessoa negra. Em lugares em que contatos mais próximos entre brancos e negros eram realizados, tais como praias e piscinas, fica mais nítida a força da segregação. Em outros ambientes de recreação como parques de diversões, pistas de boliche e pistas de patinação, as portas, na maioria das vezes, estavam fechadas para os negros ou permitiam sua entrada para usufruir de suas instalações em certos dias especiais.⁶³

Formas específicas de discriminação em relação à presença dos afro-americanos em determinadas áreas de convivência com os brancos, não ficaram restritas a espaços de lazer ou a transportes públicos. Sua configuração se tornou mais complexa e estenderia seus tentáculos para outros níveis de associação. Influenciados pelo desenvolvimento econômico e industrial das regiões urbanizadas de cidades como Nova Iorque, Chicago e Filadélfia, mas também pelo processo de degradação das relações raciais no sul, os afro-americanos empreenderam, nas primeiras décadas do século XX, um fenômeno que marcaria uma nova etapa na história das relações raciais nos Estados Unidos. O movimento conhecido como *Great Migration* (A Grande Migração), que tomou forma na última década do século XIX, foi fortalecido com o eclodir da Primeira

⁶³ SUGRUE, Thomas. *Sweet Land of Liberty: The Forgotten Struggle for Civil Rights in the North*. New York: Random House Trade Paperbacks, 2008, p. 131.

Guerra Mundial, 1914-1918, em que aproximadamente 330.000 afro-americanos teriam deixado o sul do país para ocuparem postos de trabalhos abertos nas regiões industrializadas que produziam para suprir a economia de guerra.⁶⁴ O resultado deste processo foi o deslocamento de milhões de negros norte-americanos para tais centros urbanos, atraídos não apenas tendo como veículo de propaganda os melhores salários que seriam destinados a eles.⁶⁵ Provavelmente, mais significativo do que a melhoria das condições econômicas estava a perspectiva de alcançar o completo reconhecimento da cidadania norte-americana, pois como descrito por Purdy, “a maioria dos migrantes negros eram jovens da geração pós-Guerra Civil: insatisfeitos e impacientes, não queriam se acomodar a papéis subservientes”.⁶⁶

A absorção da mão de obra desse contingente populacional seguiu os mesmos parâmetros existentes em uma sociedade segregada. Os migrantes que chegavam a essas regiões ocupavam os postos de trabalhos em que habilidades técnicas não eram tão exigidas e aceitos com tal facilidade pelos brancos. Além desse aspecto, os salários eram comumente inferiores aos recebidos por eles. Segundo o historiador John Hope Franklin, aos negros norte-americanos, até a possibilidade de melhorar suas habilidades técnicas, através da aprendizagem e associação em uniões trabalhistas, era-lhes geralmente negada. Em algumas situações, organizações tais como a *United Mine Workers* abriam suas portas, mas à custa de muita oposição daqueles que procuravam evitar trazer os negros para o mercado de trabalho em geral. Importante fator para agravar a situação trabalhista dos membros do extrato negro da população, foi o fato de serem muitas vezes contratados como “fura-greve,” o que criava um estigma de que os

⁶⁴ FAIRCLOUGH, Adam. *Better day coming: Blacks and equality, 1890-2000*. New York: Penguin Books, [2001] 2002, p. 89.

⁶⁵ É comumente aceito nos dias atuais, dois períodos conhecidos como de grandes migrações internas nos Estados Unidos. A primeira, que é a que nos interessa para o desenvolvimento deste trabalho, se estende da década final do século XIX até 1940. O segundo período tido como a Segunda Grande Migração toma proporções com o desenvolvimento da segunda grande guerra e vai até 1970. Segundo estimativas, nos anos de 1910-1940 cerca de 1.500.000 afro-americanos deixaram a região sul rumo a estados mais ao norte. Ver: SCOTT, Donald. Great Migration. In: BROWN; STENTIFORD (Eds.), op. cit., v. 1, 2008, pp. 338-344; GROSSMAN, James R. *Land of hope: Chicago, Black southerners, and the Great Migration*. Chicago and London: The University of Chicago Press, [1989] 1991 e GREGORY, James N. *The southern diaspora: how the great migrations of Black and White Southerners transformed America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2005.

⁶⁶ PURDY, Sean. Racismo e a grande migração de afro-americanos. In: KARNAL, Leandro. et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p.183.

trabalhadores negros não tinham nenhuma apreciação em relação ao trabalho organizado.⁶⁷

A situação econômica presenciada pelos negros norte-americanos em geral, revelou-se como um dos elementos mais dramáticos enfrentados por este grupo. A grande maioria dos afro-americanos que viviam da terra não eram seus proprietários e retiravam seus ganhos como “*sharecroppers*” (meeiros) ou como trabalhadores remunerados. No que se refere à região sul do país, o número de negros proprietários de terra, por volta de 1910, era de aproximadamente 220.000. Após 1920 esse número foi decaindo gradativamente e alcançou a estimativa de 174.000, por volta de 1940.⁶⁸ De acordo com a visão de Myrdal, o atraso econômico apresentado pelo sul é característico da rígida estrutura da região historicamente derivada da escravidão e psicologicamente enraizada nas mentes de seu povo.⁶⁹

Nos estados do norte, pode ser verificado que, entre os anos de 1890 e 1910, houve um aumento no número de trabalhadores negros do sexo masculino em uma taxa de aproximadamente 160.000 exercendo serviços tais como: domésticos, cozinheiros, garçons, encarregados de limpeza e barbeiros. No entanto, durante os anos de 1910 e 1930, o número de trabalhadores atingiu o índice de aproximadamente 480.000 ocupando, todavia, basicamente os mesmos cargos.⁷⁰ Quanto ao que se pode dizer em outros ramos de serviços, em que os negros estavam presentes de forma considerável, destaque é dado para o setor de construção que mesmo sendo em algumas situações, hostis à presença do afro-americano no setor, conseguia empregar, por volta de 1930, quase metade do contingente negro nesta área. No entanto, em certas atividades, a contratação de trabalhadores negros parecia ser praticamente uma barreira intransponível. Empreendimentos tais como: indústrias têxteis, serrarias, calçados e panificadoras eram em sua maior parcela avessos à contratação de pessoal afro-americano. Fator que contribuiu para reverter momentaneamente esse aspecto foi o esforço de guerra empreendido pelos Estados Unidos, a partir de 1917, e que se

⁶⁷ FRANKLIN, John Hope. The Negro since Freedom. In: WOODWARD, C. Vann (Ed). *A Comparative Approach to American History*. New York: Basic Books, 1968, p. 175-189. Para alguns exemplos de unidade entre trabalhadores brancos e negros, ver: FORNER, Philip S. *Organized labor and the black worker*, 1619-1981. New York: International Publishers, 1981 e ARNESEN, Eric. *Waterfront workers of New Orleans: race, class and politics, 1863-1923*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.

⁶⁸ Sixteenth Census of the United States: 1940, Agriculture, United States Summary, First Series, Table VI. In: MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1944, p. 237.

⁶⁹ Idem, p. 221.

⁷⁰ Ibidem, pp. 293-294.

estendeu até o fim da década de 1920, quando a crise de 1929 ocasionou uma recessão econômica que permeou os anos 1930 ocasionando conflitos entre a mão-de-obra branca e afro-americana que não parou de migrar para os estados do norte, mesmo durante este período de dificuldades econômicas.

A educação pública oferecida a estudantes negros demonstrava uma situação, na mesma medida, crítica. No caso sulista, até 1900 as escolas destinadas a atender estudantes brancos eram tão pobres quanto às escolas para negros. No entanto, o aumento das verbas direcionadas ao ensino público veio acompanhado das práticas de discriminação. Em estados como a Carolina do Norte, em que a população negra em idade escolar era de 34 por cento, em 1900, o dinheiro disponibilizado para esta população chegava aos 28 por cento. Porém, por volta de 1915, os fundos disponíveis para eles tinham caído para não mais do que 13 por cento. Em outro estado, a Carolina do Sul, para cada dólar gasto na educação de uma criança negra, no mesmo período, uma criança branca recebia 5.75 dólares, enquanto que, em 1915, a diferença entre uma e outra era de vinte vezes.⁷¹ No norte do país, estados permitiam a existência de escolas destinadas a servir um determinado seguimento da população. Dentre os anos de 1920 e 1950, foram diversos os casos de protestos contra as condições oferecidas por escolas conhecidas como destinadas somente para negros. Durante esse meio tempo, boicotes ocorreram em estados como Pensilvânia, Ohio, Nova Jersey, Nova Iorque e Michigan. Em Nova Iorque, por exemplo, estado que havia abolido a justificação legal para escolas separadas em 1938, batalhas como a da pequena cidade de Hillburn, em 1943, em que, por seis semanas pais de alunos contando com o apoio de ativistas de organizações que lutavam por uma forma mais justa de relacionamento racial, fizeram seus filhos boicotarem as aulas até que aquela forma particular de segregação fosse abolida, não era um fato isolado.⁷²

Com esses relatos, pode-se compreender o contexto das relações raciais nos Estados Unidos muito além de um problema regional. Suas implicações extrapolavam os limites que separavam territórios ou estilos de vidas diferentes e, tinham a capacidade de situar em um mesmo patamar, perspectivas de posicionamento de cada norte-americano branco frente ao seu pária negro. No entanto, o novo século, mesmo carregando o amargo estigma teórico e prático do anterior, não impossibilitou que

⁷¹ FAIRCLOUGH, op. cit., p. 52.

⁷² SUGRUE, op. cit., p. 169.

medidas fossem tomadas no sentido de tentar reverter essa situação. Em seus anos iniciais, presencia-se o surgimento de várias organizações que buscavam cada uma a seu modo, fazer frente ao racismo da sociedade norte-americana.

1.2 - A Era Progressista: perspectivas para um novo século

O período de aproximadamente trinta anos que abrange a última década do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, desdobra-se como um dos períodos mais marcantes, controversos e abordados da história dos Estados Unidos. Naquele contexto, comumente definido de Era Progressista ou Movimento Progressista, o cenário político, intelectual e social norte-americano presenciou o destaque de figuras que procuraram, de uma forma mais contundente, debater e atuar em diversos níveis da sociedade na virada de século. Grande medida para essa maior propensão ao debate público, está diretamente condicionada ao crescente industrialismo e a acumulação capitalista que, segundo os progressistas ou reformistas, estavam denegrindo a imagem de terra das oportunidades que faziam dos Estados Unidos um país singular.⁷³

Além da crescente mecanização que elevava a taxa de desemprego ou ocasionava a diminuição dos salários dos trabalhadores que já ganhavam um rendimento muito abaixo do necessário para se levar uma vida com o mínimo de decência, outras tantas foram as questões que os progressistas procuraram reverter em prol do cidadão norte-americano comum. A urbanização sem planejamento e a entrada maciça de imigrantes proporcionaram a degradação nas condições de vida em cidades como Nova Iorque e Chicago, sendo necessários verdadeiros projetos sanitaristas para aliviar as condições subumanas com as quais os trabalhadores conviviam. Segundo estimativas, os Estados Unidos entraram no século XX com uma população de, aproximadamente, 76 milhões de habitantes, o que contribuiu para degradar as condições de vida e trabalho da maioria dessas pessoas. Como era o discurso vigente na época, “a exploração extrema da classe trabalhadora – carga horária excessiva com salários muito baixos e péssimas condições de trabalho – era apresentada como um estado natural da sociedade” sendo o reflexo do sucesso de indivíduos considerados os mais aptos, no caso, aqueles pertencentes à elite econômica do país.⁷⁴

⁷³ Ver: CROLY, Herbert. *The Promise of American Life*. New York: Cosimo Classics, [1909] 2005.

⁷⁴ PURDY, Sean. A Era Progressista: 1900-1920. In: KARNAL, op. cit., p. 175.

O combate à corrupção em todas as esferas do governo nacional, a luta pelos direitos de sufrágio feminino e o reconhecimento e aplicação dos direitos inerentes ao afro-americano, junto às medidas antitrustes que pareciam inviabilizar a ideia, por mais paradoxal que possa parecer de um processo competitivo mais justo, estavam em voga nessa tentativa de redemocratizar o Estado e desviar suas atenções à proteção do mais fraco face ao mais forte.⁷⁵ Como apresentado por Nevins e Commager (1986),

O fato é que as promessas da vida norte-americana não estavam sendo cumpridas. Lá, naquela parte do Novo Mundo, deveria ter sido criada uma sociedade na qual a liberdade e a igualdade fossem asseguradas a todos, um Estado no qual a liberdade estivesse protegida em qualquer de suas regiões. A bem da verdade, isso era um sonho, mas não um conto de fadas, nem eram os criadores da república norte-americana visionários que buscavam refúgio no ópio das falsas esperanças. Nunca antes a natureza concedera tão rica oportunidade aos homens, nunca houve razão mais justa para se supor que os homens poderiam criar para si mesmos um paraíso terrestre. No início, era, efetivamente, nas palavras de Turgot, “a esperança da raça humana”.⁷⁶

Apesar de os reformadores estarem atentos a todas as medidas para se fazer jus ao preceito de uma moralidade norte-americana que estava sendo corrompida pelos padrões impostos pela modernidade, empregando a maior parte de seus ânimos à justiça social, foi no campo político, primordialmente, voltado para uma maior restrição aos interesses corporativos em escala nacional, que o progressismo pôde, em certa medida, lograr algum êxito. Segundo a definição de Richard M. Abrams,

[...] O progressismo, principal movimento de reforma do novo século, tinha muitos aspectos, mas a sua forma política consistia, em grande parte, na tentativa de reconciliar o compromisso ressurgente do país com os princípios de dignidade individual e liberdade individuais e governo democrático, por um lado, e por outro, o compromisso ainda vigoroso dos americanos com os objetivos econômicos, cuja realização era prometida pelas grandes companhias.⁷⁷

⁷⁵ Dentre estas medidas podem ser citadas a *Federal Reserve Act* (Lei da Reserva Federal) de 1913, a *Federal Trade Commission Act* (Lei da Comissão Federal de Comércio) e a *Clayton Antitrust Act* (Lei Antitruste de Clayton) ambas de 1914. Estas ações fizeram parte do programa “Nova Liberdade” na presidência de Woodrow Wilson e tinham como meta restringir a concentração econômica empreendida pelas grandes corporações norte-americanas.

⁷⁶ NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve História dos Estados Unidos*. Tradução de Luiz Roberto de Godoi Vidal. São Paulo: Editora Alfa-Omega LTDA., [1981] 1986, p. 372.

⁷⁷ ABRAMS, Richard M. Reforma e Incerteza: A América Ingressa no Século XX, 1900-1918. In: LEUCHTENBURG, William E. *O Século Inacabado: A América desde 1900*. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1973] 1976, p. 61.

O palco do movimento progressista ganhava a sua configuração e atores políticos como Robert M. La Follette, William Jennings Bryan e os futuros presidentes Theodore Roosevelt e Woodrow Wilson tomaram a cena em um período em que práticas e interesses difusos se convergiram em prol do que seria visto, na época, como o bem comum. Dentre essas práticas, uma das mais características e fervorosas formas de contestação, foram as *Farmer's Alliances* (Alianças de Fazendeiros), cuja forma política deu origem ao incômodo Partido Populista.⁷⁸ O surgimento de tal partido e sua união com o Partido Democrata nas eleições de 1896 com Bryan encabeçando a chapa, demonstrou como se veria, que o contorno que delineou o progressismo apresentava uma predisposição em discutir, de forma mais democrática, as realidades dramáticas trazidas por uma contextualização econômica dominada pelo *laissez-faire*. Como demonstrou Arthur S. Link em sua análise sobre o período,

[...] Os grandes impulsos de muitos movimentos por justiça social e econômica estavam agora pulsando mais vigorosamente do que antes; diversos grupos estavam em campo, fazendo campanha por uma estrita regulamentação industrial, sufrágio feminino, uma legislação federal para o trabalho infantil, e uma avançada assistência governamental para o trabalho, os fazendeiros, os arrendatários, e o desempregado. Era inevitável que estes progressistas deveriam mais cedo ou mais tarde se unir para colocar seu programa adiante. [...] (Tradução nossa)⁷⁹

Os ventos das profundas mudanças, trazidas pelos avanços tecnológicos e científicos, abalaram as estruturas do corpo social norte-americano e essas alterações demonstraram ser drásticas demais para que esse corpo pudesse absorvê-las de maneira satisfatoriamente pacífica. Segundo Commager, tais mudanças promoveram uma

⁷⁸ Para uma leitura sobre a forma de protesto levada a cabo pelos produtores rurais, especificamente, no sul dos Estados Unidos, ver: SCHWARTZ, Michael. *Radical protest and social structure: the Southern Farmers' Alliance and cotton tenancy, 1880-1890*. Chicago & London: The University of Chicago Press, [1976] 1988 e BREXEL, Bernadette. *The Populist Party: a voice for the farmers in an industrial society*. New York: Rosen Publishing Group, 2004.

⁷⁹ “[...] The great impulses of the several movements for social and economic justice were now pulsating more strongly than before; diverse groups were in the field, campaigning for stringent regulation of industry, woman suffrage, federal child labor legislation, and advanced governmental aid to labor, farmers, tenant farmers, and the unemployed. It was inevitable that these progressives should sooner or later coalesce to put their program across. [...]”. In: LINK, Arthur S. *Woodrow Wilson and the Progressive Era, 1910-1917*. New York: Harper & Row Publishers, [1954] 1963, p.54.

alteração nos preceitos filosóficos que caracterizavam os Estados Unidos e que os norte-americanos não estavam preparados para enfrentar.⁸⁰

No que se refere ao debate historiográfico que se configurou em torno de uma maior abordagem para se esboçar de maneira mais completa quais as principais tendências acerca do movimento, os temas variaram de percepções que dão destaque às medidas realizadas em âmbito nacional quanto ao estatal e regional. De análises enfatizando o caráter econômico do movimento à participação dos reformadores sociais.

Procurando exemplificar a ampla gama de interpretações, William G. Anderson, em significativo artigo de 1973, aborda os principais discursos e correntes de pensamento com os quais os historiadores procuraram, a sua maneira, abrir frentes de pesquisas para suas visões do contexto.⁸¹ Segundo Anderson, os primeiros historiadores que analisaram o período o viram com positividade. O que ficou conhecido como “a antiga interpretação liberal” salientou o esforço do homem comum contra o grande negócio e a corrupção na política. Essa primeira corrente de interpretação foi representada por Charles A. Beard e Mary R. Beard em *The Rise of American Civilization*,⁸² John D. Hicks em *The Populist Revolt: A History of the Farmer's Alliance and the People's Party*⁸³ e Harold U. Falkner em *The Quest for Social Justice, 1898-1914*,⁸⁴ esses dois últimos, de 1931. Todas essas interpretações destacam a tendência populista como baluarte para o período progressista.

Tal estrutura de análise permaneceu dominante na historiografia da Era Progressista até o fim da Segunda Guerra Mundial, período em que uma tendência conservadora dirigiu de forma avassaladora as políticas do país. A chamada “escola de consenso” procurou lidar de forma mais crítica com as atuações de importantes figuras, sempre reconhecidas como progressistas. O primeiro a trilhar o caminho foi Richard Hofstadter com o livro *The American Political Tradition and the Men Who Made It* e,

⁸⁰ COMMAGER, Henry Steele. *The American Mind: An Interpretation of American Thought and Character Since 1880's*. New Heaven: Yale University Press, [1950] 1953, p. 407.

⁸¹ ANDERSON, William G. Progressivism: An Historiographical Essay. In: *The History Teacher*, v. 6, n. 3, May 1973, pp. 427-452. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/492218>. Acesso em: 06 de dezembro de 2012.

⁸² BEARD, Charles A.; BEARD, Mary R. *The Rise of American Civilization*. New York: Macmillan, [1927] 1972.

⁸³ HICKS, John D. *The Populist Revolt: A History of the Farmer's Alliance and the People's Party*. Westport, Conn.: Greenwood Press, [1931] 1981.

⁸⁴ FAULKNER, Harold U. *The Quest for Social Justice, 1898-1914*. Chicago: Quadrangle Books, [1931] 1971.

posteriormente, *The Age of Reform: From Bryan to F. D. R.*⁸⁵ Segundo o autor, personagens como Bryan e Theodore Roosevelt eram conservadores e suas realizações, tidas progressistas, foram fracas e não surtiram significativos efeitos. Nessa linha de raciocínio que tratou os chamados progressistas mais como um grupo conservador, George E. Mowry, primeiro em *The California Progressives* e depois em *The Era of Theodore Roosevelt and the Birth of Modern America, 1900-1912*, nos quais, descreveu os integrantes do movimento progressista como indivíduos de classe média que se sentindo ameaçados, por um lado, pelas grandes corporações e, por outro, pelo movimento trabalhista organizado, procuraram restaurar o individualismo do século XIX no século XX.⁸⁶ O já citado Arthur S. Link, também compartilha os preceitos dessa escola ao demonstrar em seu *Woodrow Wilson and the Progressive Era, 1910-1917*, a superficialidade das medidas adotadas por este presidente.

Análises sobre o período encontraram força também em historiadores que procuraram salientar o valor que determinadas regiões do país deram ao desenvolvimento da tendência progressista. Talvez, o mais lembrado trabalho com esse viés seja *Origins of the New South, 1877-1913* de C. Vann Woodward, publicado em 1951, que abordou o descontentamento da população sulista em relação ao domínio econômico exercido pelo leste.⁸⁷

Durante o correr da década de 1950, os historiadores se defrontaram com a influência trazida pelo contexto da Guerra Fria e pela contestação ideológica que tomou conta do panorama mundial, o que refletiu também em suas formas de tratar, dentre outras questões, interpretações sobre o movimento progressista. O historiador Louis Hartz, através da análise das ideologias de caráter revolucionárias europeias, chegou à conclusão de que os Estados Unidos não contavam com uma mentalidade de caráter reacionário. Essas ideias foram descritas no livro *The Liberal Tradition in America: An*

⁸⁵ HOFSTADTER, Richard. *The American Political Tradition and the Men Who Made It*. New York: Vintage Books, [1948] 1989; _____. *The Age of Reform: From Bryan to F. D. R.* New York: Alfred A. Knop, [1955] 1965.

⁸⁶ MOWRY, George E. *The California Progressives*. Chicago: Quadrangle Books, [1951] 1963; _____. *The Era of Theodore Roosevelt and the Birth of Modern America, 1900-1912*. New York: Harper & Row, [1958] 1962.

⁸⁷ WOODWARD, C. Vann. *Origins of the New South, 1877-1913*. Baton Rouge: Louisiana State University Press; The Littlefield Fund for Southern History of the University of Texas, [1951] 1974.

Interpretation of American Political Thought Since the Revolution, publicado em 1955.⁸⁸

No final da década de 1950 e início da de 1960, um novo viés de interpretação procurou lidar não com atores, mas com instituições. *The Response to Industrialism, 1885-1914*, escrito por Samuel P. Hays e lançado em 1957, denota o primordial impacto que o industrialismo trouxe para as vidas dos norte-americanos.⁸⁹ Nesta sociedade conturbada de diferentes grupos de interesses, os primeiros a se estabilizarem em face à sociedade industrial, foram justamente os homens de negócios. Também destacando o peso do industrialismo sobre a sociedade, Robert H. Wiebe em *The Search for Order, 1877-1920*, referiu-se à nova classe média como a verdadeira inovadora social por apresentar valores compatíveis com uma sociedade industrial.⁹⁰

Como descrito acima, a tendência historiográfica conhecida como a de consenso, imbuída do espírito que o embate entre os capitalistas e socialistas trouxe para aqueles dias, voltou-se para uma maneira de interpretação que procurou amenizar no passado estadunidense, a ideia de vários grupos em conflito. Contudo, críticas a essa forma de análise começaram a fazer parte do campo científico. O grupo de historiadores conhecidos como “nova esquerda”, dispendeu significativa atenção à crítica à escola de consenso. Tal linha de raciocínio encontrou em Gabriel Kolko seu principal representante. Em dois trabalhos que exemplificam seu pensamento, *The Triumph of Conservatism: A Reinterpretation of American History, 1900-1916* e *Railroads and Regulation, 1877-1916*, Kolko chega à conclusão que o período tido como progressista significou mais um controle governamental empreendido pelos grandes negócios do que o contrário.⁹¹

Em contrapartida à análise esquerdista de interpretação que definiu a Era Progressista como um período dominado e voltado para os interesses das grandes companhias, o historiador Albo Martin apresenta um discurso visto como direitista sobre a situação. Em *Enterprise Denied: Origins of the Decline of American Railroads*,

⁸⁸ HARTZ, Louis. *The Liberal Tradition in America: An Interpretation of American Political Thought Since the Revolution*. San Diego, New York, London: Harcourt Brace & Company, [1955] 1991.

⁸⁹ HAYS, Samuel P. *The Response to Industrialism, 1885-1914*. 2. ed. Chicago; London: University of Chicago Press, [1957] 1995.

⁹⁰ WIEBE, Robert H. *The Search for Order, 1877-1920*. New York: Hill and Wang, [1967] 2001.

⁹¹ KOLKO, Gabriel. *The Triumph of Conservatism: A Reinterpretation of American History, 1900-1916*. New York: Free Press, [1963] 1977; _____. *Railroads and Regulation, 1877-1916*. Westport, Conn.: Greenwood Press, [1965] 1976.

1897-1917, Martin expõe que a forte intervenção do governo federal na regulamentação das ferrovias foi a principal responsável para o declínio das mesmas.⁹²

No que se refere aos aspectos sociais do movimento, consideravelmente negligenciado nessas interpretações, o final dos anos sessenta presenciou o ressurgimento de uma tendência liberal esboçando, positivamente, as ações dos reformadores sociais. Allen Davis argumentou que os reformadores estavam verdadeiramente interessados em tentar resolver os problemas de urbanização dos Estados Unidos.⁹³ Gilbert Osofsky procurou da mesma forma, demonstrar a atuação de progressistas como Mary White Ovington na ajuda a comunidade negra no bairro do Harlem, em Nova Iorque.⁹⁴

Se o período progressista é lembrado como uma época em que determinada parcela da sociedade se uniu para combater as mazelas trazidas pela excessiva acumulação de riqueza promovida pelo capitalismo monopolista, o que por ventura acarretou perturbações no sistema político e social como um todo, David Thelen, primeiro, em *Social Tensions and the Origins of Progressivism* e depois, em *The New Citizenship: Origins of Progressivism in Wisconsin, 1885-1900*, salientou que de fato, pouca diferença existiu entre os diversos grupos sociais daquele momento histórico. Excetuando as elites, os demais grupos compartilhavam visões similares sobre o estado da nação.⁹⁵

Provavelmente, Peter G. Filene tenha desenvolvido a interpretação mais controversa sobre o intervalo de tempo descrito como Era Progressista. No artigo sugestivo, *An Obituary for "The Progressive Movement"*, Filene procurou demonstrar que nenhuma uniformidade existiu para que o período fosse caracterizado como um movimento. Após apresentar uma definição sobre quais seriam as principais características de um movimento social de acordo com a maioria dos sociólogos, tais como “uma representação coletiva com alguma continuidade para se promover ou resistir a uma mudança na sociedade”, o historiador chega à conclusão que os diversos

⁹² MARTIN, Albo. *Enterprise Denied: Origins of the Decline of American Railroads, 1897-1917*. New York: Columbia University Press, [1971] 1978.

⁹³ DAVIS, Allen F. *Spearheads for Reform: The Social Settlements and the Progressive Movement, 1890-1914*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, [1967] 1984.

⁹⁴ OSOFSKY, Gilbert. *Harlem: The Making of a Ghetto: Negro New York, 1890-1930*. New York: Harper & Row, [1966] 1968.

⁹⁵ THELEN, David. Social Tensions and the Origins of Progressivism. In: *Journal of American History*, v. 56, n. 2, Sept. 1969, pp. 323-341. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1908127>.
The New Citizenship: Origins of Progressivism in Wisconsin. Columbia: University of Missouri Press, 1972.

pontos de vista existentes entre os membros ditos progressistas, impossibilitam uma definição coerente. Segundo Filene,

[...] Uma difusa “era” progressista pode ter ocorrido, mas um “movimento” progressista não. “Progressistas” existiram, mas de muitos tipos – intelectuais, homens de negócios, fazendeiros, trabalhadores sindicalistas, profissionais de colarinho branco, políticos; classe baixa, média e alta; pessoas do Sul, do Leste, do Oeste; urbanos e rurais. Para explicar as respostas americanas para a urbanização e a industrialização, estas diferenças socioeconômicas são mais importantes do que qualquer identidade coletiva tida como “progressistas.” [...] (Tradução nossa)⁹⁶

As subseqüentes produções historiográficas tenderam a diminuir a ânsia de se estabelecer uma explicação geral acerca do período progressista. Em contrapartida, desviaram seus olhares para novas abordagens. De acordo com Daniel T. Rodgers,

[...] Muito dos melhores escritos dos anos 1970 indagaram menos sobre os progressistas em si do que sobre seus arredores; menos sobre a coerência interna do “movimento” progressista do que sobre as estruturas das políticas, poder e ideias dentro da qual a agitação das línguas, esforços e “reformas” ocorreram. As respostas foram importantes e abrangentes: algumas apontaram para as mudanças críticas das regras do jogo político; algumas enfatizaram as revoluções no poder e organização; outras fizeram alusão a novas formas de compreender o pensamento retórico e social da era. [...] (Tradução nossa)⁹⁷

A produção historiográfica referente àquela fase da história norte-americana, de início do século XX, se mostrou vasta e diversificada. Mais do que procurar uma

⁹⁶ “[...] A diffuse progressive “era” may have occurred, but a progressive “movement” did not. “Progressives” there were, but of many types – intellectuals, businessmen, farmers, labors unionists, white-collar professionals, politicians; lower, middle and upper class; southerners, easterners, westerners; urban and rural. In explaining American responses to urbanization and industrialization, these socio-economic differences are more important than any collective identity as “progressives”. [...]”. FILENE, Peter G. An Obituary for “The Progressive Movement”. In: *American Quarterly*, v. 22, n. 1, spring 1970), p. 33. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2711670>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

⁹⁷ “[...] Much of the best writing of the 1970s inquired less about the progressives themselves than about their surroundings; less about the internal coherence of the progressive “movement” than about the structures of politics, power, and ideas within which the era’s welter of tongues and efforts and “reforms” took place. The answers were important and wide-ranging: some pointed to critical changes in the rules of the political game; some emphasized revolutions in power and organization; others hinted at new ways of comprehending the era’s rhetoric and social thought. [...]”. RODGERS, Daniel T. In Search of Progressivism. In: *Reviews of American History*, v. 10, n. 4, The Promise of American History: Progress and Prospects, Dec. 1982, p. 114. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2701822>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

explicação para se definir uma época, o que se deve levar em conta é a forma como uma sociedade em ampla transformação procurou tratar de questões que pareciam sem solução aparente. Como pessoas comuns, vivendo suas vidas comuns procuraram em meio a um redemoinho de interesses, encontrar uma rota menos problemática para a resolução de suas próprias questões. Dependendo do ponto de vista, menos complicadas que magnatas como J. P. Morgan ou John D. Rockefeller enfrentaram.

A Era Progressiva conservou o seu nome mesmo sendo objeto de constante análise. Nesse leque de controvérsias, visões progressistas coexistiram com tendências conservadoras; a defesa aos teóricos do livre-mercado caminhou *pari passu* com medidas protecionistas impostas pelo Estado; a concepção quase religiosa de darwinismo social procurou ser suplantada por uma forma mais amena de se tratar o semelhante. Avanços e retrocessos são gerados em cada sucessivo período de crise e de progresso.

Contudo, no que se refere ao que pretendemos para o nosso trabalho, a assertiva do historiador Steven J. Diner é coerentemente válida:

[...] Entretanto, eu não pretendo sugerir que reforma dominou todos os aspectos da vida naqueles anos ou que tudo que aconteceu no período, ou para aquela questão, tudo feito sob a bandeira da reforma, constituiu uma mudança positiva. Nos anos entre 1890 e a Primeira Guerra Mundial, dirigentes corporativos reprimiram violentamente os grevistas; milhões de americanos rurais e urbanos viviam na pobreza; o linchamento de afro-americanos disparou enquanto os sulistas brancos completaram a segregação e a privação dos direitos dos cidadãos negros. Estes e muitos outros aspectos do período não são “progressistas” por qualquer definição moderna. (Tradução nossa)⁹⁸

De todas as questões que fizeram parte da abordagem levada a cabo pelos progressistas, a que diz respeito ao grupo afro-americano se mostrou daquelas que mais permaneceram em evidência. Suas formas de contribuição na resolução de determinadas questões e, por ventura, sua quase inércia no diálogo, exigiram um posicionamento mais

⁹⁸ “[...] However, I do not mean to imply that reform dominated all aspects of life in these years or that everything that happened in the period, or for that matter every done under the banner of reform, constituted positive change. In the years between 1890 and World War I, corporate managers violently suppressed strikes; millions of rural and urban Americans lived in poverty; lynching of African Americans soared while white Southerners completed the segregation and disfranchisement of black citizens.” In: DINER, Steven J. *A Very Different Age: Americans of the Progressive Era*. New York: Hill and Wang, 1998, p. 13.

ativo dos negros norte-americanos para a conquista de alguma espécie de barganha, o que descarta de imediato qualquer pretensão de passividade do grupo.

A análise da forma de atuação desse grupo, em um período extremamente conturbado da história norte-americana, tem como uma de suas principais premissas salientar o longo processo desencadeado para que os direitos inalienáveis, pregados pelos fundadores da nação, pudessem se tornar uma realidade em momentos tão ou mais complicados que viriam. Foi, no entanto, no período denominado progressista que a contestação mais aberta aos direitos de cidadania, pregados pelos negros, esteve enraizada. Por isso, esse espaço de tempo relativamente curto da história estadunidense, se faz tão significativo. Como descreveu Abrams,

O período progressista foi daqueles que parecem ocorrer a cada meio século nos tempos modernos, quando os valores pessoais, os estilos de vida e o sentimento coletivo de propósito social sofrem importantes desafios, e as premissas aceitas do pensamento e da ação convencionais são alvo de insistente contestação. [...]⁹⁹

Em face aos diversos interesses em jogo, as portas estavam abertas para o diálogo e algumas cartas puderam ser tiradas da manga. Até que ponto a efetividade de suas ações fizeram com que suas vozes ecoassem pelo panorama diversificado da sociedade norte-americana é o que pretendemos avaliar.

1.2.1 - A Era Progressista para o Afro-Americano: algumas contradições

Os diversos grupos sociais, que coexistiram durante os anos compreendidos como progressismo, estiveram sujeitos às constantes e perturbadoras transformações que procuravam definir os novos parâmetros, pelos quais o país se apresentaria no alvorecer do século XX.

Grande parte dessas mudanças estava intimamente relacionada à determinação de superar os trágicos efeitos desencadeados pela guerra civil e as insuficientes medidas adotadas no período de reconstrução do país que, por um lado, evitaram sua fragmentação geográfica, mas proporcionaram uma configuração interna em que cada grupo se definia como estritamente diferente em relação aos outros. Neste espaço de

⁹⁹ ABRAMS. In: LEUCHTENBURG, op. cit., p.73.

tempo, os estadunidenses se defrontaram com um período de reestruturação que abrangeu todas as escalas da sociedade seja a nível econômico, político ou social. Tal processo apresentou níveis de êxito diferentes e no que se refere às conquistas do afro-americano, a maioria das análises as interpretam como ganhos escassos, porém, significativos.

Analizando o processo de reestruturação dos Estados Unidos da América no período compreendido entre o fim da Reconstrução e o início da década de 1920, o historiador Jackson Lears a descreve como um processo de “renascimento da nação” que, dentre suas diversificadas formas, abrangia um esquema de regeneração em escala espiritual, moral e física.¹⁰⁰ Segundo Lears, tal estrutura contava com perspectivas norte-americanas que evidenciavam uma renovada visão em relação a preceitos de raça e império. Este novo posicionamento contribui para explicar muito da estratégia norte-americana em relação à política externa pós-guerra civil, bem como novas diretrizes quanto à configuração e fortalecimento da supremacia branca em sua política nacional. O sucesso que proporcionou este tipo de estrutura estava diretamente ligado a uma predisposição dos estadunidenses em desenvolverem esta regeneração tendo por base o reforço ao culto da força. Neste processo, o afro-americano estava na posição mais crítica. Como descrito por Lears,

[...] A era da regeneração coincidiu com o apogeu do racismo científico, na qual legitimou a supremacia branca em casa e o império no exterior. Por décadas seguindo o fim da Reconstrução, o terror racial e a legislação Jim Crow se combinaram para garantir que o renascimento de uma nação seria designado somente para os brancos. [...] (Tradução nossa)¹⁰¹

Em face de tal rígida estrutura, as aspirações proporcionadas pelo advento do que era entendido como progressismo se mostraram ambíguas e, nos anos iniciais deste período, parecia que o grupo afro-americano não se beneficiaria das possíveis mudanças pregadas pelos chamados reformadores. Diante dessas circunstâncias, certas medidas levadas a efeito por grande parte da sociedade pareciam inacessíveis àquele grupo

¹⁰⁰ LEARS, Jackson. *Rebirth of a Nation: The making of modern America, 1877-1920*. HarperCollins e-books, 2009, p. 1.

¹⁰¹ “[...] The age of regeneration coincided with the apogee of scientific racism, which legitimated white supremacy at home and empire abroad. For decades following the end of Reconstruction, racial terrorism and Jim Crow legislation combined to ensure that the rebirth of a nation would be designed for whites only. [...]” Idem, pp. 10-11.

social. Segundo a análise do historiador, já previamente citado, Steven J. Diner, os americanos, que se viram neste país em amplo processo de transformação, buscavam a realização de três amplas metas as quais se configuravam: no alcance da segurança econômica, expressa em “um razoável nível de conforto material”; uma autonomia pessoal, com a habilidade de fazer escolhas “sem indevida interferência de outrem” e, posição social, representado no “respeito e reconhecimento de seus colegas ou da sociedade como um todo.”¹⁰² Em uma abordagem mais voltada para os aspectos sociais da Era Progressista, Diner procura focar seu estudo nas respostas que o norte-americano comum deu a essas mudanças. Em sua interpretação sobre os desafios enfrentados pelos negros no país, o historiador é categórico sobre esta contextualização para os membros do grupo. De acordo com Diner,

Para os afro-americanos, as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, pareceram em muitos sentidos as piores dos tempos. O avanço do capitalismo industrial na Era Progressista trouxe uma mistura de dor e oportunidade para a maioria dos americanos da classe trabalhadora, porém o povo negro experimentou principalmente a dor. [...] (Tradução nossa)¹⁰³

Dentre os grupos sociais que buscavam alcançar algum tipo de conquista nesses anos que compreendiam a virada de século, o afro-americano foi o que se defrontou com os obstáculos mais difíceis de transpor. Seja através da submissão “pessoal” em relação ao homem branco que, em alguns casos, assemelhava-se a estrutura hierárquica estabelecida no período de escravidão, seja em relação às conquistas econômicas e a constituição de um programa de ação coletiva muitas vezes representado em sua associação a sindicatos trabalhistas em que eram, na maioria dos casos, excluídos ou vítimas de empregadores que, de alguma forma, se beneficiavam do ódio racial.

A análise empreendida pelo historiador Michael McGerr nos apresenta um contexto sócio-político do período progressista ainda mais dramático do que o exposto até aqui. Para McGerr, os Estados Unidos do início de século podem ser entendidos como um país estritamente segregado. O período progressista, mais do que significar a

¹⁰² DINER, op. cit., p. 9.

¹⁰³ “For African-Americans, the last decades of the nineteenth century and the first decades of the twentieth seemed in many respects the worst of times. The advance of industrial capitalism in the Progressive Era brought a mixture of pain and opportunity to most working-class Americans, but black people experienced mostly the pain. [...]” Idem, p.125.

“grande era da segregação”, não procurou fazer distinção em estabelecer uma política separatista unicamente entre brancos e negros. Este processo incluiu também nativo-americanos, imigrantes e trabalhadores.¹⁰⁴ De acordo com o historiador, os progressistas de fato estavam envolvidos em um programa de segregação social para toda a nação. Apesar de ser a primeira vista uma surpresa, o fato é que, segundo McGerr, os progressistas acreditavam na associação entre os grupos e em seu poder de manipular o ambiente social e material, porém, se recusavam a acreditar na diferença como um fator fundamental para a política do país, preferindo focar na mudança entre as pessoas, o que as tornariam mais parecidas. Contudo,

[...] existiam limites para a crença otimista dos progressistas em transformar as outras pessoas. Segregação revelou um senso de realismo e sublinhou um pessimismo na classe média. Até mesmo trabalhando urgentemente para pôr fim às diferenças de classes, os progressistas sentiram que algumas diferenças não seriam apagadas durante muitos anos. E algumas diferenças, acreditavam, nunca poderiam ser apagadas. (Tradução nossa)¹⁰⁵

Este tipo de estratégia empreendida pelos progressistas representa uma situação complicada de se entender. Uma primeira interpretação apenas evidenciaria a falta de interesse deste grupo para com os elementos que não faziam parte do estrato social que constituía a base dos reformadores. No entanto, na interpretação descrita por McGerr, a predisposição em não contestar a crescente onda de divisão do país pode ser entendida como uma forma de preservação dos grupos mais fracos e vulneráveis em face da brutalidade e aniquilação.¹⁰⁶ Mesmo que tal intenção tenha sido das “melhores”, esteve ela indescritivelmente permeada de indiferença, pois nesse processo, sempre uma das partes sai perdendo e neste caso, essa parte era constituída pelos mesmos grupos que eram considerados os mais fracos e vulneráveis.

Da mesma forma, outras interpretações descrevem o espaço de tempo definido como Era Progressista como um dos mais delicados para o afro-americano e a questão racial como o principal obstáculo a ser enfrentado. Nestas análises, figuram-se os

¹⁰⁴ MCGERR, Michael. *A Fierce Discontent: the rise and fall of the Progressive movement in America, 1870-1920*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 183.

¹⁰⁵ “[...] there were limits to the progressives’ optimistic faith in transforming other people. Segregation revealed both a sense of realism and underlying pessimism in the middle class. Even as they labored urgently to the end the differences between classes, the progressives felt some social differences would not be erased for many ears. And some differences, they believed, could not be erased at all.” Idem.

¹⁰⁶ Ibidem.

trabalhos elaborados por David W. Southern sobre as relações entre brancos e negros nos Estados Unidos, não só no período progressista, mas também em contextos e momentos diferentes.

Preferindo utilizar como baliza o ano de 1900, pois antes disso, segundo o autor, não há razão para crer que havia qualquer significativa coesão para se definir o período como um movimento, Southern, dentre outros pontos, enfatiza a influência exercida pelos efeitos não tão positivos desencadeados pela Reconstrução, principalmente em sua fase mais radical, que segundo ele foi tão radical para o povo norte-americano, porém não radical o suficiente para garantir os direitos e a segurança para os afro-americanos, representando assim a real tragédia da Reconstrução.¹⁰⁷ De igual maneira, atento ao universo intelectual do período que procurava justificar as diferenças entre os grupos humanos tendo por base o “racismo científico”, Southern aponta que políticos e pensadores daquele tempo se tornaram, até mesmo, influenciados por esta forma de pensamento. De acordo com Southern, a ciência daquele tempo dizia aos progressistas que os negros eram inatamente inferiores e deveriam permanecer na escala mais baixa da sociedade e até aqueles brancos que acreditavam nos direitos dos negros, frequentemente se frustravam devido ao fato da impressionante oposição em relação à igualdade racial.¹⁰⁸

Pode ser observado também durante o período, o crescente processo de segregação racial na burocracia federal incluindo nas presidências de duas das personalidades mais representativas do movimento: Theodore Roosevelt e Woodrow Wilson. No caso de Theodore Roosevelt, este pode ser descrito como o presidente norte-americano que mais se interessou e escreveu acerca das “diferentes raças” que compunham as sociedades humanas. Como descrito pelo historiador Gary Gerstle, “se para Karl Marx, a história era a história do conflito de classes, para Roosevelt, história era a história do conflito racial.”¹⁰⁹ A forma de pensamento de Roosevelt não demonstrava a menor dúvida sobre a superioridade dos brancos sobre os demais grupos humanos. Dentre os muitos escritos elaborados por ele, verifica-se uma profusão de discursos que muitas vezes apontam para uma ambiguidade em relação à rigidez com

¹⁰⁷ SOUTHERN, David W. *The progressive era and race: reaction and reform, 1900-1917*. Wheeling, Ill.: Harlan Davidson, Inc., 2005, p. 9.

¹⁰⁸ Idem, p. 2.

¹⁰⁹ GERSTLE, Gary. *American Crucible: Race and Nation in Twentieth Century*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2001, p. 17.

que procurou tratar da questão. Grande parte desta ambiguidade está conectada a participação de homens negros na Guerra Hispano-americana, de 1898, que, segundo Gerstle, não permitiu que o êxito fosse um processo unicamente realizado por brancos e deu a oportunidade para que o afro-americano demonstrasse sua lealdade e exigisse o fim do tratamento discriminatório.¹¹⁰

Durante sua presidência, podem ser observados significativos eventos que pareciam exemplificar a postura progressista com a qual este seria lembrado. Um caso emblemático foi o jantar realizado na Casa Branca, em outubro de 1901, com o líder negro Booker T. Washington, despertando ira e admiração em todo o país. Também podem ser descritas as nomeações de membros afro-americanos para ocupar certos cargos do governo em estados declaradamente racistas. Apesar destas designações, algumas suportadas por Roosevelt e outras em que precisou voltar atrás, os historiadores August Meier e Elliot Rudwick apresentaram a existência de uma tendência crescente à discriminação de afro-americanos que exerciam trabalho burocrático durante sua presidência em departamentos como o do Tesouro, da Guerra e do Interior.¹¹¹ Em análise sobre a relação de Theodore Roosevelt e o grupo negro, o historiador Seth M. Scheiner aponta alguns elementos do pensamento de Roosevelt para com o negro. De acordo com Scheiner, o ex-presidente não acreditava na igualdade entre os homens; certos negros eram bem-educados, mas o grupo como um todo não poderia atingir esta posição, da mesma forma que, somente a um por cento do grupo deveria ser dado o direito de votar e que Roosevelt teria abandonado sua luta em prol dos direitos dos negros já em 1903, quando aceitou satisfazer certas medidas de membros de seu partido que não queriam uma maior aproximação com os afro-americanos.¹¹²

A presidência de Woodrow Wilson é tida como o auge da segregação nas instâncias do governo federal. Eleito, em 1912, contando com o auxílio dos votos de parte dos afro-americanos, este Democrata, nascido no estado da Virgínia, tornou-se governador do estado de Nova Jersey antes de se consagrar presidente do país. Apesar de ser governador desse estado, situado fora dos limites da região sul, “Wilson

¹¹⁰ Idem, p. 37.

¹¹¹ MEIER, August; RUDWICK, Elliot. The Rise of Segregation in the Federal Bureaucracy, 1900-1930. In: *Phylon* (1960-), v. 28, n. 2, 2nd Qtr. 1967, p. 180. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/273560>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

¹¹² SCHEINER, Seth M. President Theodore Roosevelt and the Negro, 1901-1908. In: *The Journal of Negro History*, v. 47, n. 3, Jul. 1962, p. 182. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2716500>. Acesso em: 05 de dezembro de 2012.

permaneceu ao longo de sua vida um sulista em relação à questão racial”.¹¹³ Como descrito por Southern, em um tom quase que dramático, o advento de Wilson à presidência, era como se de repente os generais confederados tomassem o comando do Exército da União.¹¹⁴ De fato, como demonstrado por Nancy J. Weiss, aproximadamente duas dúzias de medidas que procuravam privar os negros norte-americanos de mais direitos, foram apresentadas durante o primeiro mandato presidencial de Wilson, geralmente patrocinadas por sulistas.¹¹⁵ Nas instâncias do governo, a atmosfera segregacionista podia ser presenciada no Departamento do Tesouro e nas instalações dos Departamentos de Estado, Guerra e, da até então, Marinha, onde salas e lavatórios foram construídos para servir aos seus dependentes de forma separadas.¹¹⁶ Na verdade, foram nas Forças Armadas que o peso da segregação na presidência de Woodrow Wilson conseguiu se mostrar mais significativo. Diferente da guerra de 1898, por volta da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, em 1917, poucos afro-americanos puderam representar o país nos campos de batalha do continente europeu. Este processo pode ser visto como um resultado da guerra contra a Espanha em que os esforços para recriar os Estados Unidos como uma nação branca tinham produzido frutos.¹¹⁷

1.3 – A redenção branca sob contestação: a imprensa negra e a NAACP

Os longos anos de convívio e experiências, trocas e assimilações culturais no continente americano, fizeram com que os descendentes dos africanos que desembarcaram nas colônias britânicas no século XVII, utilizassem grande parte desse discurso como um dos meios mais efetivos para a conquista de seus direitos. Desde a chegada do primeiro contingente de escravos em Jamestown, na Virgínia em 1619, esse grupo procurou, de acordo com o processo de colonização que se efetivava, resguardar vários dos elementos que os mantinham unidos a sua terra natal. No entanto, muitas

¹¹³ LINK, Arthur S. The Negro as a Factor in the Campaign of 1912. In: *The Journal of Negro History*, v. 32, n. 1, Jan. 1947, p. 87. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2715292>. Acesso em: 21 de novembro de 2012.

¹¹⁴ SOUTHERN, op. cit., p. 126.

¹¹⁵ WEISS, Nancy J. The Negro and the New Freedom: Fighting Wilsonian Segregation. In: *Political Science Quarterly*, v. 84, n. 1, Mar. 1969, p. 66. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2147047>. Acesso em: 05 de dezembro de 2012.

¹¹⁶ MEIER; RUDWICK, op. cit., p. 181.

¹¹⁷ GERSTLE, op. cit., p. 38.

dessas características contribuíram para a configuração do cenário multicultural norte-americano. É, em grande parte, por meio desse hibridismo, que a comunidade negra estadunidense pôde argumentar pela sua inclusão e aceitação como membro integrante do país.

As maneiras utilizadas para essa contestação se mostraram diversificadas. Porém, uma merece um destaque especial devido à amplitude de seu alcance e a forma íntima de se tratar dos problemas enfrentados pelos negros. O papel desempenhado pela imprensa, destinada ao público negro norte-americano, apresentou durante seus longos anos de estruturação, significativas e contraditórias mudanças. Mesmo que essas mudanças fossem, por vezes, interpretadas como não correspondentes aos interesses defendidos pelo grupo, o entendimento a que se pode chegar é que a imprensa negra tem uma função de aglutinador de interesses e é uma espécie de porta-voz para a expansão das problemáticas enfrentadas pelos negros naquele meio social.

Por outro lado, em sua caminhada no intuito de se fazer presente e usufruir de todos os direitos que lhes eram inerentes, o afro-americano sofreu com reiterados dilemas e entraves que impediam seu reconhecimento como cidadão. Durante as primeiras décadas do século XX, as relações vivenciadas entre brancos e negros nos Estados Unidos, apresentaram um notável agravamento e o convívio entre eles, por vezes, pode ser característico de uma verdadeira guerra que tinha no fator racial grande parte de sua origem. Em tal espaço de tempo, a manifestação social do linchamento e o descaso governamental, seja a nível estadual ou federal, fizeram com que os membros negros do país fossem reconhecidos como “cidadãos de segunda-classe” na escala social existente.

Contudo, mesmo neste cenário turvo, formas de diálogo pareceram abertas e propícias à discussão da questão racial e segregacionismo vigente no país, sendo esta uma das características mais ambíguas do período progressista. Em suas medidas para reformar a sociedade nos âmbitos político, econômico, moral e social, membros do grupo conhecido como progressistas desviaram suas atenções para a situação vivenciada pelo afro-americano e procuraram de diversas formas, modificar as condições de sua existência. Este tipo de posicionamento deu ensejo à criação de organizações que buscaram protestar contra tal situação. Uma dessas instituições foi a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), que durante longos

anos vem empreendendo incansável luta para a promoção do reconhecimento e execução dos direitos civis do afro-americano.

1.3.1 – A imprensa negra norte-americana como agente de contestação

A contribuição do meio impresso para a disseminação de ideias de contestação, não constitui uma forma inicialmente empregada pelos afro-americanos. Esta espécie de tradição estadunidense em relação aos impressos tem seus primórdios nos tempos em que seu território ainda era de domínio britânico. Com uma relativa liberdade, até então não presenciada em nenhuma outra colônia do continente americano, o que viria a ser o primeiro país a nascer no chamado “Novo Mundo”, pôde se utilizar de impressos para divulgar o espírito de independência em inflamados documentos de caráter popular que circulavam pelas treze colônias inglesas.¹¹⁸ Consideravelmente influenciados pelas ideias do Iluminismo e dos discursos derivados da filosofia política de Locke e Montesquieu, dentre outros, tornam-se nítidos nas publicações, discursos que contribuíram para moldar o sentimento revolucionário nos colonos.¹¹⁹

Dentre os grupos sociais que mais se utilizaram dessa ferramenta, encontra-se o afro-americano que desenvolveu uma imprensa própria no intuito de discutir as estratégias para uma maior aceitação no diversificado panorama em que era formada a nação norte-americana. Através dela, puderam falar para os membros do grupo e, posteriormente, para outros setores da sociedade, quais ações deveriam ser seguidas para um melhor relacionamento entre eles.

O questionamento quanto ao seu lugar na sociedade estadunidense, foi praticada pelos negros desde o período em que essa camada da população se encontrava presa às correntes do sistema escravista. Dentre suas ações para escaparem à situação, se utilizaram de rotas clandestinas, mais conhecidas como *Underground Railroad*, para poderem alcançar territórios livres da escravidão dentro do país, assim como no

¹¹⁸ Ver: BAILYN, Bernard. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Tradução Cleide Rapucci. Bauru, SP: EDUSC, 2003. (Coleção História).

¹¹⁹ Sobre as origens do processo que culminou na independência das treze colônias britânicas na América e na configuração de seu sistema político, ver: MAIER, Pauline. *From Resistance to Revolution: Colonial Radicals and the Development of American Opposition to Britain, 1765-1776*. New York: Knopf, 1972 e WOOD, Gordon S. *The Creation of the American Republic, 1776-1787*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1969.

Canadá.¹²⁰ Porém, encontraram na imprensa uma aliada que tinha a capacidade de fomentar o pensamento de amplas parcelas de elementos negros e brancos para a efetivação de seus desígnios.

O aparecimento do *Freedom's Journal*, em 1827, trinta e seis anos antes da declaração que colocou fim à escravidão no país representou uma maneira de se discutir às problemáticas referentes à comunidade constituída pelos negros, que se estenderiam por longos anos. Sendo os meios de comunicação limitados aos impressos, estes se tornaram os porta-vozes dos mais variados grupos sociais para fazer exteriorizar queixas e pontos de vista em face às difíceis realidades em que estavam inseridos. No caso dos afro-americanos, mais do que estratégias a serem esboçadas, foi possível expandir um senso de unidade que seria vital na difícil caminhada até a concretização de seus direitos civis.

A constante expansão dessas publicações proporcionou à sociedade em geral, uma maior familiarização com as diversas exigências buscadas pelos negros. Com esse tipo de procedimento, a imprensa voltada para esse público, demonstra que tal parcela da população se faz presente e deve gozar de todos os benefícios que a cidadania pode lhes fornecer. Pode-se entender a imprensa negra como sendo, em primeiro lugar, um órgão de protesto e militância e depois um fornecedor de notícias sobre os negros.¹²¹ Da mesma forma como descrito por Pride e Wilson II, atuando como um advogado dos direitos dos negros, um dos maiores papéis interpretados por ela foi o de funcionar como um órgão de protesto. Este papel teria recebido sua mais ampla extensão durante os anos 1940 quando muitos periódicos tinham ligações com a NAACP e tiveram papel crucial para a promoção do movimento pelos direitos civis nos anos 1950 e 1960.¹²²

Em artigo escrito em 1928, o jornalista Eugene Gordon destacou três principais estágios de desenvolvimento sobre a imprensa negra. O primeiro, como não poderia deixar de ser, situa-se no período anterior à guerra civil e está condicionada à contestação do sistema escravista. O segundo se posiciona como consequência direta dos efeitos da guerra civil e seus esforços são direcionados para a garantia dos direitos

¹²⁰ Ver: BLIGHT, David W. *Passages to Freedom: The Underground Railroad in History and Memory*. Washington D.C.: Smithsonian Books, 2006.

¹²¹ BURMA, John H. An Analysis of the Present Negro Press. In: *Social Forces*, v. 26, n. 2, dec. 1947, pp. 172-180. Ver também: RHODES, Jane. *Mary Ann Shadd Cary: The Black press and protest in the nineteenth century*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

¹²² PRIDE, Armistead S.; WILSON II, Clint C. *A History of the Black Press*. Washington, D. C.: Howard University Press, 1997.

de cidadania dos, até então, recém-emancipados. O terceiro grande momento de evolução da imprensa negra se relaciona com a participação dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, a partir de 1917, e teve como plataforma o questionamento da participação do país que lutava contra a ameaça ao sistema democrático mundial, mas que internamente deixava uma importante parcela da população excluída desse sistema.¹²³ Essa mesma argumentação, todavia, estaria presente como elemento significativo anos mais tarde quando da participação do país na Segunda Guerra Mundial.

Substancialmente importante foi o fenômeno conhecido como a Grande Migração, já mencionada, que deslocou milhões de afro-americanos da estrutura agrária sulista e os apresentou a um sistema dominado por grandes centros urbanos industrializados no norte do país. Este fator teve a capacidade de modificar a consciência do proletariado negro ao desenvolver o instinto de solidariedade. Este foi o caminho pelo qual o imigrante negro mal capacitado e hostilizado pelos sindicatos mais antigos utilizou para levar adiante a solidariedade racial. Soma-se a esse aspecto, a contribuição que o processo migratório tem para o surgimento de uma classe média negra que possibilitou uma modificação de mercado e resultou em uma maior independência da imprensa em questão.¹²⁴ Desta maneira, torna-se coerente a prerrogativa descrita por Todd Vogel de que devemos utilizar a cultura popular do período e as definições sociais de mudança racial para montar o mosaico da imprensa e seus efeitos, de forma que o contexto histórico e o cultural se tornam chaves para o entendimento da mesma.¹²⁵

Se inicialmente, a imprensa negra não se destinava a fazer dinheiro ao tratar dos problemas raciais e sociais que afligiam os integrantes dessa população, essa tendência começa a ser influenciada pelo significativo avanço econômico nunca antes presenciado pelos integrantes desse grupo. O fato dos principais veículos de circulação que chegavam às mãos das massas negras se situarem em cidades do norte e estarem sob a posse dessa crescente classe média, contribuiu significativamente para isso. As pessoas

¹²³ Cf. GORDON, Eugene. The Negro Press. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 140, The American Negro, Nov. 1928, pp. 248-256. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1016853>. Acesso em: 25 de março de 2012.

¹²⁴ WOLSELEY, Roland E. *The Black Press: USA*. Ames, Iowa: Iowa State University Press, [1977] 1990.

¹²⁵ VOGEL, Todd. *The black press: new literary and historical essays*. New Brunswick, New Jersey; London: Rutgers University Press, 2001, p. 8.

envolvidas em mídias impressas, destinadas a suprir o público negro, eram na maioria das vezes, líderes em suas comunidades e não as viam como um empreendimento para esse fim, sendo, em sua maior parte, supridas pelo financiamento de instituições da comunidade em questão. No entanto, como descrito por P. L. Prattis, apesar da função dos periódicos negros ser a mesma daquela do século XIX, eles se tornaram cada vez mais produtos de publicidade. Sua forma para permanecerem vivos não se encontra mais no subsídio da igreja ou outras organizações, mas no apoio das pessoas que esta imprensa procura servir.¹²⁶

Este tipo de atuação despertou algumas posições de repúdio mesmo dentro da comunidade. Dentre os intelectuais que expressaram seu descontentamento com o tipo de caminho que começava a ser trilhado pela imprensa negra norte-americana, E. Franklin Frazier direcionou especial atenção ao fato em seu livro *Black Bourgeoisie*. Segundo Frazier:

Embora a imprensa negra, incluindo revistas assim como jornais, alega ser publicada no interesse da “raça” (a negra), ela representa principalmente os interesses da burguesia negra e, promulga os valores do mundo de faz de conta da burguesia negra. (Tradução nossa)¹²⁷

O que se pode atestar com essas análises e pontos de vista é a preocupação com o caráter militante da imprensa negra norte-americana. A discussão em voga seria se essa imprensa distinta, ao estar nas mãos de uma camada que possui a mesma ideologia dos editores da classe média branca, alteraria sua forma de apresentar os objetivos que ajudaram a estruturar os jornais e revistas dessa camada. Em uma comparação com os periódicos pertencentes ao estrato dos elementos brancos da população, a principal fonte de controle na imprensa desse tipo é o grande anunciante. Por outro lado, a carência desse tipo de elemento na imprensa negra permite que ela seja menos controlada pelos anunciantes e mais controlada pelos assinantes.¹²⁸ Tal fator demonstra ser de notável significação já que, mais que evidenciar tendências meramente econômicas, sobre uma ferramenta de protesto social, abarca uma reflexão sobre os limites de sua ação.

¹²⁶ PRATTIS, P. L. Race Relations and the Negro Press. In: *Phylon* (1940-1956), v. 14, n. 14, 4th Qtr. 1953, pp. 373-383. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/272074>. Acesso em: 25 de março de 2012.

¹²⁷ “Although the Negro press, including magazines as well as newspapers, claims to be published in the interest of the “race” (the Negro), it represents primarily the interests of the black bourgeoisie and promulgates the bourgeois values of the make-believe world of the black bourgeoisie”. In: FRAZIER, E. Franklin. *Black Bourgeoisie*. New York: Free Press Paperbacks, [1957] 1997, p. 179.

¹²⁸ BURMA, op. cit., p. 180.

De maneira geral, o desenvolvimento dessa imprensa tendeu a seguir duas vertentes. O crescimento do protesto e a elevação dos níveis de alfabetização promovem uma procura mais efetiva em estar a par dos acontecimentos e das direções que as figuras chaves conduzem às aspirações gerais do grupo. A negligência apresentada pela “*mainstream press*”, ou imprensa convencional, em reportar notícias sobre o andamento e avanço das relações raciais promove desconfiança entre os negros. Como foi expresso por Doxey A. Wilkerson:

Eles são altamente céticos do que leem na imprensa americana em geral, mas predispostos a dar uma favorável recepção ao que leem na imprensa negra. Além disso, eles realmente leem a imprensa negra; ela reflete as aspirações e necessidades de *seu* mundo. (Tradução nossa)¹²⁹

De acordo com as principais características referentes à imprensa negra, demonstradas até o momento, consideramos que a mesma exerceu e exerce considerável papel para o estabelecimento de maiores oportunidades para o diálogo, tantas vezes conturbado, entre a parcela dominante da sociedade norte-americana, constituída majoritariamente de brancos de origem anglo-saxônica e os remanescentes dos indivíduos que estavam submetidos às determinações do sistema escravista. Mais do que se utilizarem de um veículo para a disseminação de ideias dentro do espaço reduzido da comunidade afro-americana, procuraram, no entanto, a assimilação no sistema democrático norte-americano e, para tal finalidade fizeram da imprensa uma extensão de suas reflexões.

Como explanado acima, a utilização da imprensa, pelos negros, configurou-se como um importante fator na formação de uma ideologia que tem como objetivo fomentar o embate pela mudança social. Com sua extensão pelo tempo, as formas de discussão englobaram novos aspectos para salientar o mesmo problema. Sua permanência se constituiu em um meio de diálogo que manteve acesa a chama de que a

¹²⁹ “They are highly skeptical of what they read in the American press generally, but predisposed to give a favorable reception to what they read in the Negro press. Moreover, they do read the Negro press; or it reflects the aspirations and needs of *their* world”. In: WILKERSON, Doxey A. The Negro Press. In: *The Journal of Negro Education*, v. 16, n. 4, autumn 1947, p. 513. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2966410>. Acesso em: 25 de março de 2012.

sociedade possuía uma moléstia que deveria ser curada. Através de seus líderes, o grupo negro pôde chamar a atenção de todo o país para o problema das relações raciais.¹³⁰

No alvorecer do século XX, pôde se verificar uma forma mais consciente e organizada, no que se refere à atuação do grupo negro norte-americano, de se posicionar quanto à contestação de seu estado na configuração social do país. Dentro desse novo posicionamento, o surgimento de instituições que visavam à contribuição nesse debate se mostra como uma das mais efetivas empregadas pelo grupo. Dentre essas organizações, a NAACP ocupa um local de destaque não apenas pelos debates do momento, mas por sua significativa extensão no tempo, merecendo, por sua vez, uma explanação mais detalhada.

1.3.2 – *National Association for the Advancement of Colored People - NAACP*

Com o passar do tempo, as leis *Jim Crow* começaram a ser desafiadas. O período conhecido como Era Progressista, aproximadamente os anos que vão de 1890 até 1920, deu origem a diversas organizações e campanhas que procuravam, além de outras questões, alguma forma de minar o sistema de segregação racial tanto no sul, onde esta era mais nítida, quanto no norte do país, onde era tolerada.¹³¹ Com relação a este último apontamento, pode-se compreender que as maciças interpretações que descrevem as atrocidades raciais na parte sul do país deram aos nortistas uma imagem emblemática de que não faziam parte daquela conturbada história racial dos Estados Unidos, ainda que a discriminação estivesse fortemente presente naquela área.¹³²

Dentre as organizações estabelecidas nesse período, destaca-se a *National Association for the Advancement of Colored People* (Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor). Mais conhecida por suas iniciais, a NAACP representou e, ainda representa, uma das maiores ferramentas do negro norte-americano em prol de maiores igualdades de direitos.¹³³ Fundada, em 1909, com a participação de líderes da

¹³⁰ Ver: WASHBURN, Patrick S. *The African American newspaper: voice of freedom*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2006.

¹³¹ Para uma análise do período referido, ver: GOLD, Lewis L. *America in the Progressive Era, 1890-1914*. Harlow: Longman, 2001.

¹³² SUGRUE, op. cit., p. XIV.

¹³³ Para uma análise sobre os maiores desafios enfrentados pela instituição, ver: JONAS, Gilbert. *Freedom's Sword: the NAACP and the struggle against racism in America, 1909-1969*. New York: Routledge, 2005 e VERNEY, Kevern; SARTAIN, Lee (Eds.). *Long is the way and hard: one hundred years of the NAACP*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2009.

comunidade negra e por brancos de tendência progressista, tem ligações com o reformismo do século XIX por contar em sua estrutura, com descendentes de abolicionistas brancos e de veteranos de antigas organizações de ajuda para os negros tais como a *Afro-American League*.¹³⁴

Apesar de o período ser taxado de progressista, quando nos referimos ao contexto destinado às relações raciais, pode ser notado um nítido cenário ainda turvo pelas fortes percepções racistas reinantes. Porém, diferente de várias associações que ignoravam o problema racial, a NAACP procurou através dos próprios preceitos defendidos pelos progressistas, tais como a crença no papel do Estado para a garantia da ordem social, levar adiante sua proposta de aversão às práticas segregacionistas.

Tendo se originado como uma proposta para se questionar os mais diversos tipos de violências que acometiam os afro-americanos, destacadamente os efeitos proporcionados pelo distúrbio racial ocorrido em Springfield, Illinois, no ano de 1908, a NAACP procurou, em seu processo de configuração, reunir tendências e personalidades das mais destacadas áreas, independente do grupo étnico do qual fazia parte.¹³⁵ Dentre eles se ressaltam as presenças de Oswald Garrison Villard, neto do antigo abolicionista William Lloyd Garrison; William English Walling, escritor que dedicou grande parte de sua vida ao movimento trabalhista; Mary White Ovington, assistente social dedicada às causas dos afro-americanos e William Edward Burghardt Du Bois.

A Associação, por apresentar um caráter mais combativo e radical do que o existente se deparou com uma forte oposição. Grande parte dessa veio do líder negro Booker T. Washington que não via com bons olhos o surgimento de uma organização que novamente colocasse em pauta o debate sobre questões raciais. A filosofia empregada por Washington, personificada por meio de seu discurso na *Cotton States and International Exposition*, eternizado no que ficou conhecido como o Compromisso

¹³⁴ MEIER, August; BRACEY Jr., John H. The NAACP as a Reform Movement, 1909-1965: "To Reach the Conscience of America". In: *The Journal of Southern History*, v. 59, n. 1, Feb. 1993, pp. 3-30. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2210346>. Acesso em: 04 de março de 2012.

¹³⁵ Distúrbio racial iniciado em 14 de agosto de 1908 quando, uma multidão de cidadãos brancos de Springfield, instigados por notícias sensacionalistas de jornais locais acerca de um possível estupro de uma mulher branca por um homem negro procurou fazer justiça com as próprias mãos. Os resultados dessa típica manifestação popular de inícios do século passado foram dois homens negros linchados, seis homens mortos a tiros e milhares que deixaram a cidade. Para conhecer mais sobre o evento, ver: SENECHAL de la ROCHE, Roberta. *In Lincoln's shadow: the 1908 race riot in Springfield, Illinois*. Carbondale, Southern Illinois University, [1990] 2008 e CROUTHAMEL, James L. The Springfield Race Riot of 1908. In: *Journal of Negro History*, v. 45, n. 3, Jul. 1960, pp. 164-181. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2716259>. Acesso em: 19 de setembro de 2013.

de Atlanta, em 1895, teve como intuito propor a abdicação, mesmo que momentânea, por parte dos negros, de procurarem expandir seus direitos cívicos e empregarem suas atenções e esforços na qualificação de mão de obra e estabilidade econômica.¹³⁶ Contando com o apoio da filantropia branca que via essa estratégia como coerente a fim de se evitar qualquer confronto com a estrutura social vigente, pôde transformar o *Tuskegee Institute*, fundado em 1881, direcionado a uma educação industrial, em um verdadeiro centro de difusão das estratégias a serem empregadas para e pelo povo negro.

A não colaboração de Booker T. Washington engendrou por parte dos membros reunidos em torno da configuração de uma associação como a NAACP, certo receio e desconfiança de que o empreendimento tivesse qualquer probabilidade de se efetivar. O poder exercido pelo diretor da instituição abarcava quase todos os seguimentos destinados aos negros.¹³⁷ O jornal *New York Age* foi um, dentre vários periódicos, que contava com a influência de Washington e procurou por diversas vezes descaracterizar e minimizar os feitos realizados pela organização.¹³⁸

As ideias que deveriam servir de balizas para as ações a serem efetuadas pelo grupo, foram expressas em um texto escrito por Oswald Garrison Villard. Nele se atesta o repúdio a todas as mazelas que afligiam os afro-americanos e a afirmação de que o *status* do negro no norte do país não era melhor do que aquela do sul. Da mesma forma, pode ser compreendido como uma tentativa de recapturar o fervor, o propósito e o interesse dos abolicionistas da era pré-guerra civil.¹³⁹

Em seus momentos iniciais, a estratégia da NAACP estava direcionada ao combate aos linchamentos, que durante longos anos pareciam uma constante nas

¹³⁶ Cf. <http://historymatters.gmu.edu/d/39/>.

¹³⁷ Em uma biografia relativamente recente, o historiador Raymond W. Smock procura dar uma fisionomia diferente a forma de ação desenvolvida por Booker T. Washington, apresentando-o tanto como um conciliador quanto como um contestador das injustiças raciais que eram vivenciadas pelos afro-americanos, tendo atuado de forma oculta devido à tensa atmosfera de sua época que limitava em muito o que ele poderia dizer e fazer publicamente. Ver: SMOCK, Raymond W. *Booker T. Washington: black leadership in the age of Jim Crow*. Chicago: Ivan R. Dee, 2009. (The Library of African-American Biography).

¹³⁸ KELLOGG, Charles Flint. *NAACP: A History of the National Association for the Advancement of Colored People*. v. 1 (1909-1920). Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, [1967] 1973, p. 79.

¹³⁹ CLARK, Kenneth B. The Civil Rights Movement: Momentum and Organization. In: *Daedalus*, v. 95, n. 1, The Negro American – 2, winter 1966, pp. 239-267. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20026973>. Acesso em: 28 de julho de 2013.

relações entre brancos e negros, destacadamente, nos estados do sul do país.¹⁴⁰ Esta prática, mais comum em estados de fronteira do oeste tinha como principais vítimas pessoas de pele branca em vez de negra. No entanto, em fins dos anos 1880, tal fato toma uma nova característica e se instala de forma preponderante em estados até recentemente em rebelião. Segundo descrito pelo historiador W. Fitzhugh Brundage, a proporção de linchamentos ocorridos nos estados pertencentes à região sul do país teve um aumento de 82 para 95 por cento de todos os casos envolvendo esta prática de violência em escala nacional, durante os anos 1880 e 1920. Apresentando dados por motivo de comparação em relação a outras regiões, como o meio-oeste, onde em torno de 181 pessoas brancas e 79 pessoas negras foram linchadas, Brundage nos apresenta a extraordinária diferença em relação ao sul, em que durante o mesmo período, 723 brancos e 3220 negros padeceram em face deste amargo destino. Para o autor, é evidente a relação entre o fenômeno do linchamento e o problema da questão racial.¹⁴¹ Da mesma forma, de acordo com Judith L. Stephens, essas práticas racistas violentas estavam inseridas em um contexto de institucionalização da supremacia branca que, a partir da abolição, não via mais os negros como uma propriedade valiosa.¹⁴²

Em sua trajetória, a NAACP se destaca pela campanha promovida para a promulgação de leis contra linchamentos das décadas de 1920 e 1930 e a disputa judicial levada a efeito na década de 1950, mais precisamente em 1954, em *Brown v. Board of Education* que tornou inconstitucional a segregação em escolas públicas norte-

¹⁴⁰ Ocorrendo por praticamente toda a história norte-americana, a manifestação do linchamento se evidenciou de forma mais acentuada após a Guerra Civil. Tal prática, embora seja mais compreendida como uma forma de empreender “justiça” rápida e eficaz a indivíduos que, por algum motivo desrespeitaram padrões sociais estabelecidos por determinada comunidade, engloba uma série de características que variam desde a tentativa de preservação ou dominação social, de gênero ou racial. Além disso, podem ser verificadas tipologias capazes de distinguir uma ocorrência da outra. A reunião de até 50 indivíduos está relacionada com grupos “privados” ou “terroristas”. Os “privados” possuem em sua composição amigos e familiares da vítima de algum crime que dá ensejo ao linchamento, enquanto que os “terroristas”, como a *Ku Klux Klan*, agem na clandestinidade e em casos extraordinários conseguem o apoio da comunidade. Acima deste número estabelecido, temos a reunião de indivíduos que agem como uma “força policial temporária” e aqueles reunidos pelos cidadãos comuns podendo chegar a concentra, milhares de participantes e expectadores. Ambas, na maior parte das vezes, obtém o consentimento do público para perpetrar suas ações. Para saber mais, ver: HILL, Karlos K. Lynching. In: BROWN; STENTIFORD, op. cit., v.2, pp. 485-491.

¹⁴¹ BRUNDAGE, W. Fitzhugh. *Lynching in the New South: Georgia and Virginia, 1880-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1993, p. 8.

¹⁴² STEPHENS, Judith L. Racial Violence and Representations: Performance Strategies in Lynching Dramas of the 1920s. In: *African American Review*, v. 33, n. 4, winter 1999, pp.655-671. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2901345>. Acesso em: 19 de maio de 2012.

americanas.¹⁴³ Através de um permanente ataque legal contra as práticas e leis *Jim Crow*, o corpo de advogados da instituição, procurou demonstrar o quão custoso era manter instalações que eram destinadas a servir brancos e negros de forma separada, tornando evidente para a opinião pública que a “*separate but equal*” doctrine (doutrina dos “separados mas iguais”), estabelecida na decisão *Plessy v. Fergusson* (1896) contribuía para promover a desigualdade social.¹⁴⁴

Criticada por radicais e nacionalistas negros, nos anos 1960, por ser excessivamente conservadora e tímida, a NAACP, no entanto, mostrou-se central às lutas antirracistas na primeira metade do século XX.¹⁴⁵ Neste período, seu órgão oficial de publicidade, a revista *The Crisis*, inicialmente, editada pelo grande historiador, sociólogo e militante cofundador da Associação, W. E. B. Du Bois, promove através do emprego de elementos artísticos, da crítica rebuscada e da ironia, a consciente oposição na qual desafiou, de forma direta, a ideologia da supremacia branca.

¹⁴³ Decisão proferida pela Suprema Corte dos Estados Unidos, em 17 de maio de 1954, que tornou inconstitucional a segregação de alunos de escolas públicas em virtude de raça. Esta batalha judicial contou significativamente com a participação da NAACP com destaque para a atuação do advogado Thurgood Marshall que debateu a questão. Dentre os diversos mecanismos utilizados pelos advogados da associação, a participação de psicólogos foi considerada de extrema serventia ao apresentarem como argumentos, os danos psicológicos causados pelos efeitos da segregação sobre a autoestima de crianças negras o que, contribuiu para fortalecer a ideia de que a igual proteção em relação às leis, não estava sendo almejada. Em vários outros casos de combate à segregação, contaram com a participação de psicólogos. Ver: KLARMAN, Michael J. *Brown v. Board of Education and the civil rights movement: abridged edition of “From Jim Crow to civil rights: the Supreme Court and the struggle for racial equality”*. New York, NY: Oxford University Press, 2007.

¹⁴⁴ Decisão da Suprema Corte que sustentou como exercício válido do poder de polícia estadual uma lei da Louisiana que solicitava vagões destinados a servir e segregar negros. Afirmou o tribunal que a determinação da razoabilidade da regulamentação de um estatuto dessa natureza poderia fazer-se “com referência aos usos, costumes e tradições estabelecidos do povo, e visando a promover-lhe o conforto e a incentivar a paz e a boa ordem públicas”. Essa decisão estabeleceu o critério “separados mas iguais”, que prevaleceu até ser revogado em 1954 pela decisão proferida no caso de *Brown v. Conselho de Educação de Topeka*. In: SYRETT, Harold C. (org.). Documentos Históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 246.

¹⁴⁵ GERSTLE, op. cit., p. 270.

Capítulo 2

The Crisis Magazine: um novo instrumento de protesto

2.1 - W. E. B. Du Bois: um “jornalista” militante

Nascido três anos após o fim da Guerra de Secessão, W. E. B. Du Bois não sentiu na carne as atrocidades que um sistema como o escravismo pode engendrar. Contudo, mesmo nascido livre, sentiu na alma o fardo que tal instituição deixara aos seus infelizes herdeiros, e percebeu muito cedo que o verdadeiro chamado à ação ainda estaria por vir. Erudito refinado e muitas vezes ousado e provocativo, Du Bois desde cedo afirmou que a barreira racial, denominada por ele de “véu,” uma sombra que separa os povos, deveria ser combatida e eliminada para que se pudesse erigir um novo mundo. É relacionado a esta representação do “véu”, que Du Bois enxergaria não apenas a sua existência, mas a do grupo afro-americano e estaria vinculado ao conceito de “dupla consciência” do negro.¹⁴⁶

O emprego da ideia de “dupla consciência”, atribuída aos afro-americanos nos escritos de Du Bois, teria sido primeiramente vivenciado no texto “*Strivings of the Negro People*”, publicado na revista *Atlantic Monthly*, em 1897.¹⁴⁷ No entanto, este texto foi reformulado e ampliado para se tornar um dos ensaios contidos no livro *The Souls of Black Folk*, publicado em 1903, com o novo título “*Of Our Spiritual Strivings*”, sendo o texto de abertura do livro. Nesse ensaio, Du Bois apresenta ao leitor o inconveniente sentimento de ser visto como um “problema” em relação à maioria da população norte-americana constituída por brancos. Em meio a esta reflexão prévia, apresenta-nos o evento que viria a ser o elemento chave para que pudesse empreender uma complexa e dolorosa compreensão das relações sociais que o circundava. Este teria se dado em sua infância quando, durante uma brincadeira em que eram trocados cartões de visita entre colegas de escola,

¹⁴⁶ A configuração desse preceito, levando-se em conta a forma estrutural utilizada por Du Bois, vem rodeada de elementos que transitam entre concepções filosóficas e psicológicas mescladas por experiências reais que acometeram no autor uma perspectiva que o obriga a indagar sobre a sua própria existência de uma maneira que chega a propor uma negação de si próprio. Para saber mais, ver: BRUCE Jr., Dickson D. W. E. B. Du Bois and the Idea of Double Consciousness. In: *American Literature*, v. 64, n. 2, Jun. 1992, pp. 299-309. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2927837>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2014.

¹⁴⁷ Texto completo disponível em: <http://www.unz.org/Pub/AtlanticMonthly-1897aug-00194>.

[...] uma menina alta, recém-chegada, recusou meu cartão. Recusou-o peremptoriamente, com um olhar. Então me ocorreu, com uma certa urgência, que eu era diferente dos outros; ou talvez semelhante no coração, na vida e nos anseios, mas isolado do mundo deles por um imenso véu. Dali em diante, não senti qualquer desejo de rasgar esse véu, de perpassá-lo. [...]¹⁴⁸

Esse acontecimento pode ser considerado, literalmente, um divisor de águas na vida de Du Bois, de forma que, segundo o que pode ser verificado no decorrer do texto, e do livro em si, permitiu-o observar o mundo de uma maneira, até então, não percebida. Por mais traumático que tenha sido este encontro, ele revelou uma espécie de habilidade que o possibilitou se situar nos dois mundos separados pelo que ficou metaforicamente conhecido como “véu”. Através desse “presente”, mais conhecido como “*second sight*”, uma visão de segundo grau, conferido ao afro-americano, poderia se visualizar certos panoramas da sociedade estadunidense que a maioria de seus habitantes era incapaz de fazer. Sendo aquela sociedade estruturada e carregada de preceitos que procuravam evidenciar a importância das concepções raciais entre os seres humanos, os contatos e relacionamentos entre esses eram regulados e definidos tendo por fundamento tal perspectiva, fato que, por indiferença ou negligência, a maior parte dos norte-americanos não estava disposta a levar em conta.

No entanto, essa dupla consciência e a habilidade que a acompanha, a visão de segundo grau que lhe permite ver a sociedade de uma maneira não percebida em sua essência, acarretaria um fator não muito positivo para o afro-americano. De acordo com a expressão utilizada por Lewis, esse dom se mostrou uma faca-de-dois-gumes, pelo fato dele unicamente realizar uma percepção de si através do ponto de vista do estrato dominante da sociedade, no caso, a parcela constituída pelos brancos norte-americanos.¹⁴⁹ Tal constatação revela um significativo elemento que dificulta, para o negro, o alcance de uma auto definição, pois aquela estrutura social do país “não lhe concede uma verdadeira consciência de si, mas que apenas lhe permite ver-se por meio da revelação do outro mundo”.¹⁵⁰ Esta maneira de se ver, a partir de uma perspectiva que não é a sua, como não pode deixar de ser, proporciona uma dura reflexão no que se trata ao seu lugar efetivo naquela sociedade. Segundo Du Bois,

¹⁴⁸ DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Tradução Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999, p. 53.

¹⁴⁹ LEWIS, David Levering. W. E. B. Du Bois: biography of a race, 1868-1919. New York, Owl Books, 1993, p. 281.

¹⁵⁰ DU BOIS, op. cit., 1999, p. 54.

[...] É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos dos outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir sua duplicidade – americano, e Negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destroe.¹⁵¹

Esse aparato mental, que permite que o indivíduo negro esteja situado nos dois mundos, separados por toda uma estrutura que não dita apenas como ele deve se portar, mas também como refletir sobre si, mesmo que de forma dúbia, atesta a ligação que existe entre um universo e outro. Os membros afro-americanos dotados dessa propriedade seriam os elos entre esses mundos. Estar situado entre dois mundos, perpassar o véu que os separa, acarreta problemáticas que podem ser sentidas de ambos os lados. De acordo com Allen Jr.

[...] Uma dolorosa consequência disso era que os afro-americanos foram socializados não somente de dentro do mundo mais escuro no qual eles habitavam espacial e culturalmente sob a segregação, mas também de fora, pelo branco no qual os oprimiam. Visto de fora – isto é, do lado da América branca – o véu retinha uma opacidade onde uma existência “invisível” e “inaudível” aos olhos dos brancos era o melhor que os negros norte-americanos poderiam esperar – ao menos a curto prazo. Dentro da própria comunidade negra o véu impôs sobre o afro-americano uma autoconsciência negada: sem visão direta, mas a medida de um outro tão bem quanto de si mesmo unicamente pela faixa do mundo branco na qual oprimia-os. [...] (Tradução nossa)¹⁵²

Em face desta desoladora situação, podem ser apontados certos estratagemas para que o afro-americano possa alterar tal estado de coisas, evidenciando, assim, uma mudança de pensamento que impulsiona Du Bois a estudar perspectivas para “atravessar o véu”. Vagando pelo campo da sociologia, via no esforço sem precedentes de seu povo, o único meio para “fundir sua dupla individualidade em um eu melhor e

¹⁵¹ Idem, p. 54.

¹⁵² “[...] One painful consequence of this was that Afro-Americans were socialized not only from within the darker world which they spatially and culturally inhabited under segregation, but also from without by the white one which oppressed them. Viewed from without – that is to say from the white American side – the Veil retained an opaqueness where an “invisible” and “inaudible” existence in the eyes of whites were the best that black Americans could hope for – at least in the short run. Within the black community itself the Veil imposed upon the Afro-American a negated self-consciousness: no direct vision, but the measuring of one another as well as oneself *solely* by the tape of the white world which oppressed him or her. [...]”. ALLEN, Jr., Ernest. Ever Feeling One’s Twoness: “Double Ideals” and “Double Consciousness” in the Souls of Black Folk. In: *Contributions in Black Studies*: Vol. 9, Article 5, 1992, pp. 3-4. Disponível em: <http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1108&context=cibs>. Acesso em: 14 de janeiro de 2012.

mais verdadeiro”, sem que “uma ou outra de suas antigas individualidades se percam”.¹⁵³ De acordo com Lewis, se Du Bois tivesse deixado a sua contribuição sobre o debate em torno do termo da “dupla consciência” apenas para o campo relacionado a fatores psicológicos, o legado do livro – *The Souls of Black Folk* – teria se descambiado em uma perpétua passividade psíquica.¹⁵⁴ Contudo, em sua reflexão, Du Bois tinha em vista que aquele ser dividido era evoluído espiritual e socialmente e que alcançaria a completa consciência de si através da luta.¹⁵⁵

Como foi dito, desde seus tempos de juventude, Du Bois quase que profeticamente se via como diferente das outras crianças. Em um primeiro momento, esta percepção ficava restrita às simples conclusões de atividades escolares, que este desenvolvia muito bem. Mas com o tempo notou que havia algo além. Gradativamente, a questão do relacionamento entre pessoas que possuíam cor de peles diferentes, e que devido a esse fato ocupavam posições diferentes na estrutura social, foi moldando sua mente e suas ações começaram a ser traçadas tendo em vista o desaparecimento daquele mal.¹⁵⁶

Para Lewis, Du Bois “se definiu como o avatar de uma raça cujo incômodo destino ele estava predestinado a interpretar e dirigir”.¹⁵⁷ Nesse intuito, configurou uma maneira própria de interpretar as questões sociais que o cercava. Para a obtenção dessa finalidade, procurou pesquisar em profundidade o que seria utilizado por ele como o “problema negro,” que pode ser entendido como uma situação em que no ciclo da comunidade negra reina a pobreza e o crime. Este delineamento dos males que assolavam o grupo impulsionou a elaboração de trabalhos que seriam de certa forma, revolucionários, como é o caso de *The Study of the Negro Problems*, em 1898, e *The Philadelphia Negro: A Social Study*, de 1899.

Sua visão em relação à situação do negro nos Estados Unidos se ampliou, assim como se ampliaram seus estudos e sua militância como pesquisador e posteriormente editor. Imbuído desses preceitos, entendeu que os esforços para dar a esse povo um

¹⁵³ DU BOIS, op. cit., 1999, p. 54.

¹⁵⁴ LEWIS, op. cit., 1993, p. 282.

¹⁵⁵ Idem, p. 282.

¹⁵⁶ Para uma análise desse pensamento, ver: W. E. B. Du Bois. *Darkwater: voices from within the Veil*. New York. Harcourt, Brace and Company, 1921.

¹⁵⁷ LEWIS, David Levering. *W. E. B. Du Bois: The Fight for Equality and the American Century, 1919-1963*. New York: Owl Books, 2001, p. 2.

maior usufruto em relação aos seus direitos, deveriam ser prioridade em sua vida. Para Du Bois:

O problema negro demandou sistemática investigação e inteligência. O mundo estava pensando errado sobre raças porque ele não o conhecia. O mal definitivo era a ignorância e sua criança, a estupidez. A cura para isso era conhecimento baseado em estudo. (Tradução nossa)¹⁵⁸

A prática desenvolvida nesses estudos demonstrou a tendência de Du Bois em estar próximo das difíceis realidades dos negros norte-americanos. Segundo Lewis R. Gordon, os trabalhos intelectuais de Du Bois foram bastante aguardados, especialmente, o que se refere à população negra da Filadélfia, através do qual queria se demonstrar que os males dessa cidade eram uma característica da própria população negra, o que não foi apresentado por Du Bois, cujo resultado final identificou as falhas daquela sociedade como oriundas do seu próprio seio, não apresentando como causador dessa patologia, um grupo humano específico.¹⁵⁹

Os métodos de análise histórica e sociológica desenvolvidos por Du Bois se mostraram impactantes e foram considerados como um novo parâmetro para se abordar os estudos referentes aos seres humanos. No que se refere ao grupo constituído pelos negros, as maneiras com as quais se estudavam seus problemas foram, de acordo com Gordon, lançados da esfera dos problemas humanos para a esfera da necessidade introdutória sobre suas patologias.¹⁶⁰

A prática estabelecida por Du Bois em seus trabalhos sobre as disparidades que reinavam entre pessoas brancas e negras representou um assunto que carecia de sistemática investigação. Segundo o próprio Du Bois,

Cientistas sociais estavam naquele tempo pensando em termos de teoria e de leis amplas e tênues; enquanto eu tinha para estudo um grupo concreto de seres vivos instigados por eles mesmos e capazes de quase um experimento laboratorial. Eu estabeleci um programa de

¹⁵⁸ “The Negro problem called for systematic investigation and intelligence. The world was thinking wrong about races because it did not know. The ultimate evil was ignorance and its child, stupidity. The cure for it was knowledge based on study.” DU BOIS, W. E. B. A pageant in seven decades, 1878-1938. In: FORNER, Philip S. (Ed.). *W. E. B. Du Bois Speaks: Speeches and Addresses, 1890-1919*. New York; London; Montréal; Sydney: Pathfinder, 1991, p. 37.

¹⁵⁹ GORDON, Lewis R. Du Bois’s Humanistic Philosophy of Human Sciences. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 568, The Study of African American Problems: W. E. B. Du Bois’s Agenda, Then and Now. Mar., 2000, pp. 265-280. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1049485>. Acesso em: 13 de novembro de 2011.

¹⁶⁰ Idem, p. 270.

cem anos, no qual, anualmente toma aspecto após aspecto da vida do grupo negro por década, nós poderíamos repetir, ampliar e concentrar nossa atenção, afiar nossas ferramentas de investigação e melhorar nossos métodos, de modo que acumularíamos um crescente corpo de fatos constatados cientificamente para fazer, dos então chamados problemas negros, e através deles, o problema de todo modo de vida social, mais claro, mais seguro e mais definitivo. (Tradução nossa)¹⁶¹

Com a experiência adquirida em suas pesquisas, procurou meios que possibilitassem a difusão dos resultados de seus trabalhos, assim como estabelecer o seu próprio tipo de protesto em prol das liberdades democráticas e raciais. A participação ativa em periódicos se configurou como a forma mais eficaz para a expansão de seus pensamentos e pontos de vistas.

Pode-se compreender o interesse de Du Bois pela área jornalística como tendo suas bases no período de adolescência em Great Barrington, Massachusetts, quando se torna por esta época, por volta de 1882, correspondente local do jornal destinado à população afro-americana, editado por T. Thomas Fortune, o *New York Globe*. Em suas atividades, além das vendas que procurava desenvolver, escrevia pequenas notas acerca das relações cotidianas que envolviam os habitantes da comunidade. Posteriormente, ao passo que começava a se tornar reconhecido por seus trabalhos intelectuais, começa a ampliar suas atividades e sua presença em periódicos, tanto caracterizados como pertencentes à imprensa negra quanto à convencional, torna-se mais frequente e significativa.

Como contribuinte de periódicos como o *Atlantic Monthly* e *New York Globe*, pôde através de ensaios, abordar diversos panoramas relativos às condições de vida com as quais o negro se deparava em uma sociedade segregada. Contudo, mais do que escrever ensaios e artigos esporádicos, o interesse de Du Bois era estabelecer um veículo que se basearia em opiniões e fatos e que o ajudaria a levar a cabo seu trabalho

¹⁶¹ “Social scientists were at that time thinking in terms of theory and of vast and tenuous laws; while I had for study a concrete group of living beings set off by themselves and capable of almost laboratory experiment. I laid down a program of a hundred years, in which taking annually aspect after aspect of the group life of Negroes for a decade, we could repeat and broaden and concentrate our attention, sharpen our tools of investigation and improve our methods, so that we would accumulate an increasing living body of scientifically ascertained fact to make the so-called Negro problems, and through them the problem of all social living, clearer and surer and more definite.” DU BOIS, W. E. B. In: FORNER, op. cit., 1991, p. 38.

científico, ao mesmo tempo em que seria um fórum menos radical do que o *Guardian* e mais racional do que os periódicos ligados ao Instituto Tuskegee.¹⁶²

Sua ida para a Universidade de Atlanta, onde lecionaria Sociologia e Economia entre os anos de 1897-1910, se revelou em uma imensa oportunidade para o desenvolvimento de seus estudos sobre as condições sociais dos afro-americanos, tendo suas publicações se estendido mesmo após o desligamento da universidade. Segundo Broderick, os objetivos de Du Bois com esses estudos estariam condensados em um levantamento acurado de dados sociológicos como base para uma política social em direção ao negro; a apresentação dos problemas que afligem os afro-americanos, de uma maneira favorável, para uma ampla audiência que não estaria necessariamente ligada ao mundo acadêmico, o que se daria através de palestras, livros e artigos em revistas e, finalmente, trazer cultura para os negros do país.¹⁶³ Nota-se, mais uma vez, a importância que os veículos impressos apresentam para as práticas em torno da militância pregada por Du Bois e sua satisfação em saber que diversos periódicos, pelo país e no exterior, estavam comentando com grande entusiasmo os trabalhos efetuados em Atlanta.¹⁶⁴

Compreendendo a necessidade de divulgar cada vez mais seus pontos de vista no que se refere à situação atual do grupo afro-americano no país, o erudito se lança no intuito de constituir e organizar seu próprio instrumento de questionamentos acerca dos efeitos nocivos do preconceito sobre esses seres humanos. As primeiras aspirações sérias em editar uma revista nacional foram expressas durante os anos de 1901 e 1903, quando interagiu com muitos liberais brancos do norte do país.¹⁶⁵ Essas precoces tentativas no controle de mídias impressas, *The Moon Illustrated Weekly*, fundado em

¹⁶² Nessa passagem W. E. B. Du Bois faz referência ao jornal de caráter radical *The Boston Guardian* fundado em 1901 que pareceu a Du Bois mais um instrumento a criar um clima desfavorável para o avanço das relações raciais do que em prol desse objetivo. A referência seguinte faz menção ao empreendimento realizado pelo industrial negro Booker T. Washington de fundar uma instituição para suprir a educação dos negros no sul dos Estados Unidos. O *Tuskegee Institute*, fundado em 1881, no estado do Alabama, por apresentar um caráter mais direcionado à educação industrial e agrícola, foi muito criticado por Du Bois que entendia que uma das mais proeminentes vias para que o negro alcançasse um *status* mais favorável na sociedade norte-americana seria o investimento maciço na educação superior. Para uma compreensão sobre a vida de Booker T. Washington, ver: WASHINGTON, Booker T. *Up From Slavery: An Autobiography*. New York: New American Library, 2000.

¹⁶³ BRODERICK, Francis L. *W. E. B. Du Bois: Negro leader in a time of crisis*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1959, p. 35.

¹⁶⁴ DU BOIS, W. E. B. *The Autobiography of W. E. B. Du Bois: A Soliloquy on Viewing My Life from the Last Decade of Its First Century*. New York: International Publishers, [1968] 1988, p. 218.

¹⁶⁵ PARTINGTON, Paul G. *The Moon Illustrated Weekly – The Precursor of the Crisis*. In: *The Journal of Negro History*, v. 48, n. 3, Jul. 1963, p. 206. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2716341>. Acesso em: 24 de março de 2012.

1905 e, *The Horizon: a Journal of the Color Line*, de 1907, tiveram curto período de duração, devido, em grande parte, à questões financeiras.

O trabalho desenvolvido por Du Bois, na revista *The Moon*, pode ser entendido como uma atividade que serviu de modelo para o estabelecimento da revista que seria o órgão oficial de propaganda da NAACP.¹⁶⁶ Sendo este um empreendimento pessoal que contou com o auxílio de dois outros amigos, Edward L. Simon e Harry H. Pace. Após buscar, sem êxito, alguma forma de auxílio para a fundação da iniciativa, Du Bois e seus dois sócios aplicaram seus próprios recursos financeiros para a publicação do semanal.

O curto tempo de circulação do *The Moon*, de 1905 a 1906, pode ser caracterizado por alguns nítidos parâmetros, dentre eles, destacam-se: os escassos recursos financeiros disponíveis para o seu andamento que se mostraram visíveis desde seu início; as obrigações que Du Bois desempenhava quando de seu trabalho na Universidade de Atlanta, que não o deixava desprender de maior tempo nos afazeres da revista e a incapacidade do negro norte-americano de apoiar, financeiramente, um projeto como o pretendido para a época. No entanto, como demonstrou Partington, a significância desse primeiro empreendimento desenvolvido por Du Bois teve um duplo efeito: primeiro, por ser a primeira revista semanal destinada à população afro-americana e segundo, por servir de espécie de precursor da revista *The Crisis*, com a qual se pode notar semelhanças no que tange a formato e conteúdo.¹⁶⁷

Embora o estabelecimento de *The Moon* não tenha logrado sucesso, este fato não tirou de Du Bois a ideia e a necessidade de estruturar um periódico que deveria tratar de forma mais séria as situações presenciadas nas relações raciais. Para a realização desse feito, teve primordial impacto o encontro realizado, em 1905, por proeminentes afro-americanos que deu origem ao que ficou conhecido como Movimento Niágara. Através dessa reunião, foram postas as balizas que procuraram direcionar em um novo sentido,

¹⁶⁶ Em discussão sobre os editores e suas publicações impressas que teriam através de uma forma de pensamento, não atrelado ao discurso apaziguador pregado por Booker T. Washington, influenciado Du Bois e seus empreendimentos jornalísticos, os historiadores Johnson e Johnson (1977), apresentam ressalvas quanto a esse tipo de argumento. Citando um artigo presente na edição de novembro de 1912 de *The Crisis*, em que se encontra uma referência quanto ao papel do periódico *The Voice of the Negro*, os historiadores ressaltam o papel deste impresso jornalístico e do *Colored American Magazine*, cujos principais colaboradores eram J. Marx Barber e Pauline Hopkins, respectivamente. Cf. JOHNSON, Arthur; JOHNSON, Ronald M. *Away From Accommodation: Radical Editors and Protest Journalism, 1900-1910*. In: *The Journal of Negro History*, v. 62, n. 4, Oct. 1977, pp. 325-338. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2717109>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2015.

¹⁶⁷ PARTINGTON, op. cit., p. 213.

as assertivas que guiavam as formas de contestação, ou a ausência delas, empreendidas até então pelos negros norte-americanos.

Nesse intuito, pode-se apreender a estruturação do movimento, como um organismo que tem por função combater a política de apaziguamento pregada por Booker T. Washington. Contrariando a estratégia de ação defendida por este, o movimento “desde seu início, estava dedicado a assegurar os direitos políticos e civis para os afro-americanos, pois, somente através da aquisição do poder político os afro-americanos poderiam experimentar o progresso real”.¹⁶⁸

Uma das principais prerrogativas defendidas pelos membros do grupo, constituído por intelectuais dos mais variados matizes, era a expansão e consolidação de estruturas culturais voltadas para os afro-americanos como forma de erigir perspectivas em relação ao orgulho racial.

Sendo a imprensa negra a maneira mais acessível para que essa camada pudesse expressar suas opiniões, fazendo com que elas permeassem pelas diferentes estruturas do corpo social, tornou-se vital, para o movimento, elaborar seu próprio órgão de imprensa. Foi com esse propósito que, em 1907, *The Horizon: a Journal of the Color Line*, editado por Du Bois, Freeman H. M. Murray e L. N. Hernshaw surgiu.

De uma maneira geral, *The Horizon* pode ser entendido como o órgão oficial de propaganda do Movimento Niágara.¹⁶⁹ Como uma de suas facetas, estava a de elaborar comentários sobre os mais diversificados temas acerca das relações raciais presentes em outros órgãos de imprensa. Porém, a revista “não tinha a pretensão de regularmente fazer a cobertura ou a listagem do conteúdo de todos os importantes periódicos, mesmo os destinados ao público afro-americano. Em vez disso, os editores analisariam os mais provocativos artigos de que tinham notícia em cada mês.”¹⁷⁰ Dentre os temas debatidos, que se tornaram verdadeiros ataques contra aqueles que eram vistos como perturbadores

¹⁶⁸ JONES, op. cit., 2010, p. 456.

¹⁶⁹ O termo propaganda produziu várias interpretações e conotações ao longo do tempo. Para os objetivos pretendidos em nossa discussão, consideramos que a definição de Richard Alan Nelson (1996) corresponde à maneira como ela era empregada no início do século XX e como era pronunciada por Du Bois em seus empreendimentos. Para Nelson, “de forma neutra, propaganda é definida como forma propositada e sistemática de persuasão que visa influenciar com fins ideológicos, políticos ou comerciais, as emoções, atitudes, opiniões e ações de públicos-alvo através da transmissão controlada de informação parcial (que pode ou não ser factual) através de canais diretos e de mídia.” NELSON, Richard Alan. *A Chronology and Glossary of Propaganda in the United States*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1996, p. 232.

¹⁷⁰ ASHTON, Susanna. Du Bois's “Horizon”: Documenting Movements of the Color Line. In: *MELUS*, v. 26, n. 4, African American Literature, winter, 2001, pp. 5-6. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3185539>. Acesso em: 24 de março de 2012.

do avanço social do negro, uma atenção mais acentuada foi dada às políticas literárias, elemento que não tinha recebido enfoque em *The Moon*. O programa de educação industrial defendido por Washington foi questionado por Du Bois como um grande empecilho para o desenvolvimento da literatura afro-americana.¹⁷¹

Uma das principais preocupações de Du Bois, no que se refere ao estabelecimento de uma revista como *The Horizon* e, em seus empreendimentos e discursos, era o intuito de fazer com que os demais órgãos de imprensa, apresentassem os fatos como realmente tinham acontecido. A busca incessante e quase obsessiva pela verdade, provavelmente resquícios de seus estudos em Harvard sob os olhares de William James, e sua teoria filosófica pragmática, exerceria considerável influência sobre os escritos de Du Bois.¹⁷² Como este declarou, William James o guiou para “fora das esterilidades da filosofia escolástica em direção ao pragmatismo realista”.¹⁷³ Nesse sentido, torna-se nítido seu descontentamento em relação a certos impressos que muitas vezes destinavam suas páginas a fomentar situações conflitantes em torno do ódio racial. Além desses aspectos, estava também presente a militância, no que tange aos periódicos ligados a Booker T. Washington, que para levar a cabo sua política de não contestação, deixava de reportar notícias, consideravelmente pertinentes ao universo negro estadunidense.¹⁷⁴

Como integrante ativo na maioria dos eventos que se relacionavam à situação dos afro-americanos, muitas vezes se posicionando como agente organizador, o que pode ser evidenciado no caso do Movimento Niágara, embora ele mesmo reconhecesse que não era um bom organizador, muito provavelmente devido ao seu temperamento¹⁷⁵, Du Bois se tornou cofundador da NAACP, em 1909. A partir de então, procurou estabelecer de imediato um órgão que procurasse discutir as premissas para o combate ao preconceito racial que forneceram embasamento para a estruturação da Associação. Sua maneira de discutir essa problemática, o tem caracterizado como o pai do jornalismo militante.¹⁷⁶

¹⁷¹ JOHNSON; JOHNSON, op. cit., p. 334.

¹⁷² Sobre a teoria filosófica pragmática ver: JAMES, William. *Pragmatism*. New York: Dover Publications, 1995.

¹⁷³ DU BOIS, op. cit., [1968] 1988, p. 133.

¹⁷⁴ Dentre os periódicos que se podem citar sob influência de Booker T. Washington estavam o *New York Age*, *Chicago Conservator* e *The Colored American* de Washington, D. C.

¹⁷⁵ DU BOIS, op. cit., [1968] 1988 p. 253.

¹⁷⁶ Ver: JONES, Dewey Roscoe. *The Effect of the Negro Press on Race Relationship in the South*. Unpublished M.A. thesis, Columbia University, 1931, pp. 10-12.

A compreensão da metodologia desenvolvida por Du Bois, em sua vida pessoal e profissional, configura-se como elemento de suma importância para a análise de como ele procurou dirigir todos os negócios em que esteve envolvido. O reflexo de suas pesquisas e as situações encontradas por ele enquanto esteve trabalhando no sul dos Estados Unidos, em uma atmosfera extremamente carregada do mais puro e cruel efeito da segregação, conduziu-o a aplicar sua forma de pensamento no próximo periódico no qual estaria envolvido, levantando inúmeras vezes, conflitos acerca de qual seria a verdadeira função que este periódico, a revista *The Crisis*, deveria suprir: os interesses concernentes à instituição a qual estava vinculado ou, predominantemente, ao entendimento que o editor pré-estabelecia.

2.2 - Uma configuração de *The Crisis: A Record of the Darker Races*

Ao começar seus trabalhos na NAACP como Diretor de Publicidade e Pesquisa, alterado alguns anos depois para Diretor de Publicações e Pesquisa, Du Bois pôde ver apenas parte de suas funções asseguradas. Devido à falta de recursos financeiros disponíveis para a concretização de seus objetivos como um todo, o andamento dos empreendimentos em pesquisa científica que este tinha em mente, quando de sua associação, teve de ser canalizado para a fundação de um órgão de publicidade que, segundo seu entendimento, era de suma importância para o sucesso da instituição.

Nas reuniões iniciais para se definir a eficácia e empregabilidade de tal realização, Mary White Ovington em uma conversa informal, como ela própria descreveria alguns anos depois, acerca da configuração da instituição, fez referência ao poema “*The Present Crisis*” do escritor James Russel Lowell. Segundo ela, este poema tinha a capacidade de sintetizar toda a problemática dos dias daquela época como nenhum outro conseguia fazer. Foi então que William English Walling teria se pronunciado que aí se encontrava o nome apropriado para a revista: *The Crisis*.¹⁷⁷

Nesses momentos prévios, Du Bois e boa parte dos membros da NAACP, que acreditavam na força de um órgão de publicidade para a Associação, tiveram que enfrentar a descrença não só de periódicos já existentes, como também de membros e simpatizantes das políticas empregadas por ela. Dentre essas pessoas, encontrava-se o

¹⁷⁷ OVINGTON, Mary White. How the National Association for the Advancement of Colored People Began. In: *The Crisis*, v. 8, n. 4, Aug. 1914, p. 187.

ex-Procurador Geral do estado de Massachusetts e ativista, Albert E. Pillsbury que não via com bons olhos a existência de mais um periódico com aquele viés. Em carta para Du Bois, datada de 26 de julho de 1910, Pillsbury argumenta que “periódicos são tão numerosos e pestilentos nos dias atuais quanto às moscas eram no Egito e a maioria deles encontra o mesmo tipo de recepção”.¹⁷⁸ Contrariando tais opiniões, os esforços prosseguiram e, em novembro de 1910, o primeiro número da revista veio a público. Antes disso, porém, a revista com a qual Du Bois estava relacionado, *The Horizon*, enviou aos seus assinantes um informativo relatando sobre o encerramento das atividades, explicando que as assinaturas que ainda estavam em voga seriam supridas pelas futuras edições de *The Crisis*. Sendo assim, este novo desafio teve como vantagem contar com um incipiente número de assinantes.¹⁷⁹

Além de ter Du Bois como seu editor, outras personalidades de renome foram destacadas como contribuidores. Foram seis os nomes que tiveram a honra de serem incluídos no prospecto da revista: Oswald Garrison Villard, um dos fundadores da Associação e editor do jornal *New York Evening Post*; J. Max Barber, antigo editor da revista mensal *Voice of the Negro*; Charles Edward Russell, jornalista e escritor; Kelly Miller, que dentre seus muitos atributos era ensaísta e sociólogo; W. S. Braithwaite, poeta, escritor e crítico literário e M. D. Maclean, escritora pelo *The New Times*, mas que contribuiu de maneira significativa como editora administrativa para a revista da NAACP.

Uma atenta observação sobre a junta que compunha este corpo de colaboradores pode nos mostrar a expressividade das abordagens que seriam levantadas pela revista. Como pode ser verificado, ele era formado não só por ativistas interessados e dispostos a obter direitos civis equitativos para o afro-americano, mas também por pessoas que compartilhavam de destacadas aptidões artísticas, neste caso em particular, fortemente ligado à produção literária.

Em seu número inaugural, em que foram impressos 1000 exemplares, a revista trouxe expostos os objetivos que justificavam sua razão de existir. Como ficou definido, a publicação tinha como meta “expor os fatos e os argumentos que revelam os perigos do preconceito racial particularmente manifestado em relação às pessoas de cor”.¹⁸⁰ Não

¹⁷⁸ Albert E. Pillsbury to W. E. B. Du Bois, July 26, 1910, Du Bois Papers/U. Mass. In: LEWIS, op. cit., 1993, p. 409.

¹⁷⁹ KELLOGG, op. cit., p. 52.

¹⁸⁰ DU BOIS, W. E. B. *The Crisis*. In: *The Crisis*, v. 1, n. 1, Nov. 1910, p. 10.

obstante este objetivo principal, quatro outros parâmetros procuraram apresentar os ditames da política editorial a ser empregada. O primeiro aspecto a ser ressaltado foi que a publicação seria um noticiário relatando os mais importantes acontecimentos e movimentos no mundo sustentado sobre o grande problema das relações inter-raciais e especialmente aqueles que afetavam o negro norte-americano; segundo, ela exerceria um papel de crítico a respeito da literatura e da opinião recorrente em livros e artigos em que o problema racial fosse apresentado; terceiro, a revista publicaria pequenos artigos e, finalmente, o editorial se prontificaria pelos direitos dos homens, independente de cor ou de raça, para os mais altos ideais da democracia norte-americana e “pela racional, porém solene e persistente tentativa de obter estes direitos e realizar estes ideais”.¹⁸¹

Em sua forma estrutural, a revista estava dividida em seis departamentos que se mantiveram mais ou menos fixos em seus primeiros quatro anos de existência. Esses departamentos, mesmo variando em grau de importância com relação aos temas abordados, permaneceram conectados em sua forma de debater a questão do conflito racial. Tomando por base o primeiro exemplar publicado, expomos aqui, respectivamente, a ordem de sua ocorrência na revista e suas principais características. A seção “*Along the Color Line*” foi dividida em várias subseções que tinham como função apresentar todos os aspectos que circundavam a existência da comunidade negra. Dentre as subseções existentes, podem se destacar, por atingir de maneira direta e mais rápida os afro-americanos, aquelas que estão ligadas às questões de caráter político, educacional, melhorias nas condições sociais e encontros e reuniões das mais diversas instituições. A seção “*Opinion*” tinha como mérito apresentar questionamentos e opiniões que os leitores enviavam não só para a revista *The Crisis*, mas também para um número relativamente grande de outras publicações. “*Editorial*” que também contava com subseções, pode ser definida como um espaço em que o editor procurava apresentar mais abertamente sua forma de pensamento sobre incontáveis e, talvez, mais polêmicas áreas, tais como o problema da segregação e do caráter positivo da agitação. Havia também a seção “*The N.A.A.C.P.*” destinada a salientar os principais aspectos da organização. Nela se encontrava um breve resumo de sua história, o que pretendia alcançar com seus trabalhos presentes e futuros e os dirigentes que compunham seu comitê executivo. Em “*The Burden*” podem ser verificadas as situações degradantes às quais os afro-americanos estavam submetidos. Situações essas que variavam desde as

¹⁸¹ Idem.

subjugações políticas e econômicas até os relatos de violências físicas e todos os tipos de acusações perpetradas contra a população negra. “*What to Read*” apresentava os mais recentes lançamentos de livros e artigos que procuravam retratar diferentes aspectos da vida dos negros não só nos Estados Unidos, mas ao redor do mundo.

Dois outros departamentos foram incluídos nas edições de dezembro de 1910 e maio de 1911. Eles eram, respectivamente, “*Talks About Women*” substituído definitivamente, em outubro de 1911, por “*Women’s Club*” demonstrando o interesse do editor em relação às questões referentes aos direitos das mulheres, independente de sua cor e, “*Men of the Month*” que, a cada publicação, trazia personalidades que contribuíam não só para o avanço das relações raciais, apresentando homens, brancos e negros, bem como nomes de destaque nos negócios e nas ciências. A inclusão de tais departamentos pode ser vista como uma maneira de representar a convergência de interesses que tem a capacidade de unificar parcelas da população que se encontram privadas de certos direitos, como no caso das mulheres, privadas do direito ao sufrágio. Com relação à apresentação das personalidades masculinas, não considerando os aspectos de cor, dá a ideia de que além de demonstrar um possível avanço nas relações raciais, tem como mérito apresentar uma equivalência em termos de conquistas realizadas por ambas as partes. Nessa perspectiva, pode se entender a ocorrência de renomados afro-americanos, das mais destacadas áreas, como mais uma maneira de incutir no segmento negro da população norte-americana, o orgulho racial há muito questionado.

O sucesso do primeiro número da revista foi notável. Mais do que pagar os gastos como a sua produção, foi determinado que para a próxima edição o número de páginas fosse praticamente dobrado, passando de vinte para trinta e seis. Com as vendas em um patamar crescente, seu efeito sobre o editor também se tornou evidente a ponto deste se surpreender com o feito. Segundo Du Bois, o aparecimento da revista se inseriu em um momento psicológico e seu sucesso era fenomenal.¹⁸² Ao final de sua primeira década de existência, a revista tinha atingido uma escala de vendas nunca antes alcançada por nenhuma outra voltada para um público específico, no caso, o negro. Dos primeiros 1000 exemplares impressos, em novembro de 1910, *The Crisis* conseguiu

¹⁸² DU BOIS. op. cit., [1968] 1988, p. 259.

atingir mais de 100.000 exemplares vendidos em fins da segunda década do século XX.¹⁸³

Mesmo que posteriormente as edições de *The Crisis* não tenham alcançado números tão elevados quanto aos apresentados, sua significância se tornou cada vez mais nítida. Com a revista, o negro norte-americano pôde ver mais do que a difícil realidade que o rodeava e passou a ver seus sonhos, angústias, desejos. Em suma, a si próprio. Além disso, a necessidade de um instrumento de propaganda era essencial para a sobrevivência da NAACP, pois, a Associação não gozava de ampla popularidade entre os filantropos brancos e, era amplamente desconhecida das pessoas negras. Porém, por intermédio de *The Crisis*, “100.000 dos mais inteligentes” negros no país conheceram a NAACP e se assemelhavam ao “solo sendo preparado para a semente de uma organização permanente”.¹⁸⁴

2.3 - W. E. B. Du Bois e a revista *The Crisis*: um empreendimento “quase” pessoal

O aparecimento de *The Crisis: A Record of the Darker Races*, em 1910, configurou-se em uma nova fase de representação do negro nas páginas de jornais e revistas. Em uma das primeiras interpretações já elaboradas em que se destaca o surgimento e a contribuição das revistas destinadas ao público negro norte-americano, pode-se verificar que através de *The Crisis*, “aspectos argutos do problema foram atacados, a raça foi defendida em vez de explicada, a agitação era justificada editorialmente e o relato de incidentes foi carregado com uma fria ironia”.¹⁸⁵

¹⁸³ A edição com a maior quantidade de exemplares vendidos é a de junho de 1919 cujas vendas foram de 105.000 cópias. Essa impressionante marca foi alcançada devido a alguns fatores como o retorno dos veteranos que serviram na Primeira Guerra Mundial, na qual grande ênfase foi dada a participação dos afro-americanos no conflito. A média de vendas para o ano de 1919 foi de 94.908 cópias. In: *The Crisis*, v. 19, n. 4, Feb. 1920, p. 198.

¹⁸⁴ “Annual Report of Director of Publicity and Research”, January 5, 1913 [1914], Du Bois Papers. In: KELLOGG, op. cit., p. 152.

¹⁸⁵ JOHNSON, Charles S. The Rise of the Negro Magazine. In: *The Journal of Negro History*, v. 13, n. 1, Jan. 1928, p. 15. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2713910>. Acesso em: 21 de março de 2012.

Figura 1. Capa da primeira edição da *The Crisis*. Provavelmente o desenho foi efetuado pelo próprio Du Bois ou por sua filha Yolande, então com oito anos. *The Crisis*, v. 1, n. 1, Nov. 1910.

Nos anos em que esteve ligado à revista, quase um quarto de século, W. E. B. Du Bois procurou evidenciar os avanços alcançados pelos negros em todos os campos em que fosse possível abordar essa temática, pois, “uma prerrogativa do editor é comentar sobre qualquer coisa que ele considere pertinente para seus leitores e ele assume ser uma autoridade em incontáveis matérias”.¹⁸⁶

No processo de configuração de uma prática consistente e eficaz denotando a capacidade de tornar o diálogo sobre a situação crítica das relações raciais vivenciadas, em inícios do século XX, mais sensível, Du Bois se utilizou de todo o aparato que considerava viável para o alcance deste objetivo. Além de ser um instrumento de registro sobre os eventos que se relacionam ao “mundo” negro, a revista se utilizou de aspectos literários diversos e de uma riqueza visual, sem precedentes, para tratar do grave problema inter-racial.

¹⁸⁶ RUDWICK, Elliott M. W. E. B. Du Bois in the Role of Crisis Editor. In: *The Journal of Negro History*, v. 43, n. 3, Jul. 1958, p. 215. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2715984>. Acesso em: 04 de março de 2012.

Em *The Crisis*, firma-se uma velha tendência de Du Bois já encontrada quando de seu envolvimento em outros periódicos. O caráter, muitas vezes autoritário, com o qual procurou controlar a confecção desses trabalhos, reforça o debate sobre a revista se configurar mais como uma extensão do pensamento do editor do que da organização a que pertencia, a NAACP. Dessa maneira, como ele mesmo expressou em uma de suas autobiografias,

Então, havia uma delicada questão de política; em que extensão eu deveria expressar minhas próprias ideias e reações em *The Crisis* ou o julgamento deliberado da organização. Da primeira para a última eu pensei firmemente, e como eu ainda penso corretamente, fazer a opinião expressa em *The Crisis* uma opinião pessoal; porque como eu argumentei, nenhuma organização pode expressar opiniões definitivas e bem definidas; até o momento, esta organização chega a suas conclusões, que ela afirma em suas resoluções anuais; porém, *The Crisis* afirma abertamente a opinião de seu editor contanto que aquela opinião é de concordância geral com aquela da organização. (Tradução nossa)¹⁸⁷

Essas e outras atitudes desencadearam sucessivos embates entre o editor e as lideranças da NAACP, desde seus momentos iniciais. Uma dessas contendas pode ser expressa entre Du Bois e Oswald Garrison Villard para o qual, Du Bois pretendia fazer da *The Crisis* uma propriedade pessoal. Segundo Lewis, a intenção de Villard em indicar Du Bois como diretor de publicações e pesquisas e, por consequência, editor do órgão oficial de propaganda da NAACP, pode ser entendida como uma forma de estabelecer certo controle sobre práticas, muitas vezes, vistas como radicais de Du Bois, o que posteriormente se evidenciou como “um erro de cálculo monumental”.¹⁸⁸ A própria “natureza” e espírito combativo de Du Bois impossibilitou qualquer sucesso nesse sentido.¹⁸⁹

¹⁸⁷ “Then there was the delicate matter of policy; of how far I should express my own ideas and reactions in *The Crisis* or the studied judgment of the organization. From first to last I thought strongly, and as I still think rightly, to make the opinion expressed in *The Crisis* a personal opinion: because as I argued, no organization can express definite and clear-cut opinions; so far as this organization comes to conclusions it states them in its annual resolutions; but *The Crisis* states openly the opinion of its editor so long as that opinion is in general agreement with that of the organization.” DU BOIS, op. cit., [1968] 1988, p. 261.

¹⁸⁸ LEWIS, op. cit., 1993, p. 409.

¹⁸⁹ Os desentendimentos entre Du Bois e Villard se estendiam desde os primeiros anos da Associação e da fundação de sua revista. Como presidente do conselho deliberativo, entre junho de 1912 e janeiro de 1914, Villard esperava ter sob seu controle todas as demais instâncias do grupo. A insubordinação de Du Bois, bem como de outros membros das demais filiais da NAACP, fizeram com que ele se retirasse do cargo de presidente e ocupasse o posto de tesoureiro e presidente do comitê financeiro. A mudança das funções de Villard não possibilitou um ambiente tranquilo entre os dois membros da Associação. Como tesoureiro, Villard ficou responsável pela supervisão das finanças da organização e da revista. Du Bois, no entanto, apresentou uma resolução para o conselho deliberativo que, dentre outros aspectos, limitava

Por entender Du Bois que a revista deveria se pautar em certa liberdade de expressão em relação à NAACP, procurou de várias maneiras, desvincular a mesma da instituição fazendo com que funcionasse como uma produção independente. No entanto, como uma forma de conter as pretensões demasiado ambiciosas do editor, os principais dirigentes da organização estabeleceram uma resolução que faria com que em cada edição da revista, viessem impressos os objetivos que claramente definiam as razões de ser da publicação e da instituição. Esse fato, porém, não impossibilitou que o relacionamento e a apreciação desenvolvida por Du Bois, minassem seu objetivo maior de fazer de *The Crisis* o mais significativo e expressivo porta-voz do povo afro-americano.

Salienta-se, assim, a preocupação do editor em efetuar um trabalho que deveria ser algo mais que um folheto utilizado para o debate sobre tais relações. Através de suas páginas, a revista sob sua editoração evidenciaria o alto nível cultural e artístico desenvolvido pelos povos de pele negra que era uma de suas grandes preocupações.

Em seus primeiros momentos, tanto a NAACP quanto a revista se utilizaram de diversificados meios para atrair a atenção e o reconhecimento do público. Dentre as formas de publicidade desempenhada por ambas, podem ser salientadas a impressão e distribuição de atas das conferências anuais realizadas, discursos efetuados pelos membros e os boletins anuais da associação. Posteriormente, a revista se empenhou na publicação de calendários, desenhos e cartões de natal em que temas voltados para os negros foram ressaltados. Tais procedimentos se explicam pelo fato de que não somente a publicidade e o reconhecimento da NAACP estavam em voga, mas também como uma das primeiras medidas para se estimular o orgulho dos feitos realizados pelos negros.¹⁹⁰

Durante o considerável espaço de tempo em que Du Bois exerceu suas funções como editor da revista *The Crisis*, muitas foram as etapas e circunstâncias presenciadas e enfrentadas por ele. Não obstante o ataque de outros órgãos da própria imprensa afro-americana, problemas como a distribuição se configuraram como dos mais elementares. Provavelmente, mais importante do que estes “problemas técnicos”, a maneira de como

as funções políticas do tesoureiro. O estabelecimento desta resolução, em julho de 1914, frustrou os planos de Villard de exercer controle sobre as ações de Du Bois. Suas discordâncias com outros membros da NAACP, como Mary White Ovington, eleita presidente do conselho deliberativo em janeiro de 1919 e uma ávida defensora de Du Bois, fez com que ele renunciasse tanto ao cargo de tesoureiro como de membro deliberativo. Cf. Internal Organization and Policy. In: KELLOGG, op. cit., pp. 89-115.

¹⁹⁰ KELLOGG, op. cit., p. 140.

retratar a opressão e a violência sofrida pelos negros nos Estados Unidos de uma forma franca e verdadeira pode ser vista como, de igual maneira, delicada.

Para Arndt, que dividiu a trajetória de Du Bois como editor da revista *The Crisis* em três períodos, como já citado na introdução, os anos de 1910 até 1918, podem ser considerados como um período de exploração e investigação.¹⁹¹ Considerando esta primeira fase, na qual a maior parte deste trabalho se situa, pode-se constatar um procedimento que tem por finalidade apresentar, mesmo que de uma maneira demasiado áspera para seus leitores, as violências às quais as pessoas negras dos Estados Unidos estavam sofrendo em todos os aspectos da vida social. Seguindo os passos que estruturaram a imprensa negra norte-americana, o principal objetivo para se erigir um feito como o que Du Bois estava disposto a conseguir, era apresentar da maneira mais verdadeira possível, os fatos que faziam das relações, entre brancos e negros, perigosas.

Um dos primeiros temas que a NAACP procurou expor, estava direcionado ao combate às práticas de agressões físicas perpetradas contra a população afro-americana. Seguindo o mesmo trajeto, constantes edições de *The Crisis* faziam questão de abordar o tema com o máximo de rigor possível, reportando de forma constante as ocorrências dessas práticas ao redor do país. No entanto, mais do que apresentar a contabilidade dessas trágicas ocorrências, que muitas vezes careciam de confiabilidade sobre o número exato de tais fatos, foram apresentados fotografias, imagens e relatos que faziam com que os leitores fossem mais do que transportados para aqueles cruéis momentos de selvageria.¹⁹²

¹⁹¹ ARNDT, Murray Dennis. *The Crisis Years of W. E. B. Du Bois, 1910-1934*. Dissertation (Language and Literature, modern), Duke University, Ph. D., 1971, p. 52.

¹⁹² Ver: The National Association for the Advancement of Colored People. *Thirty Years of Lynching in the United States: 1889-1918*. Clark, New Jersey: The Lawbook Exchange, Ltd., [1919] 2012.

THE MOB

Figura 2. Linchamento do afro-americano, Jesse Washington, ocorrido na cidade de Waco, no estado do Texas em 15/05/1916. Após ser julgado e sentenciado como culpado de assassinato e um possível estupro, a turba ensandecida realizou a sua própria justiça. Supplement to *The Crisis*. In: *The Crisis*, v. 12, n. 3, Jul. 1916, p. 5 (The Waco Horror)

THE WACO HORROR

7

THE TORTURE (Note the "Frenzied" Mob)

that woman?" He answered, "No." "If it had been a colored boy and a colored woman? No." "We would not have stopped the niggers doing anything they wanted to." "Do you think they would?" "No." "Then, they prove their superior civilization." Then he began to tell me how he knew all about the niggers and we northerners do not. He said that as an old southerner he knew perfectly well how to handle the colored population. He told me how he was raised with them, had a colored mammy, nursed at her breast, etc.

"There is a bunch of people in Waco who are dying to see someone go forward and make a protest, but no one in Waco would do it. Ex-Mayor Mackaye and Colonel Hamilton both said, 'We do not know what to do. We are not organized to do it. It is a case of race and politics.'"

"I put out a lot of wires for a lawyer to take up the case, but no human

being in Waco would take it up. I wrote to a friend in Austin and one in Houston, and the Austin friend telegraphed me that he would send me word as soon as he had found someone. I had a letter from the Houston friend who gave me the names of three lawyers, but am not sure whether they would take up a case of this kind. All

have their doubts of ever getting the case into court.

"I did not dare ask much about lawyers.

"As a result of the lynching a Sunday School Convention which was to have met there, with 15,000 delegates, has been stopped.

"W. A. Brazelton, the foreman of the Jury, was very outspoken against the whole affair and blames the officials for it. He felt that as foreman of the Jury he could not lead in a protest but thought some protest ought to be made.

"Mr. Ainsworth, one of the newspaper men, seemed the

Figura 3. Exposição do cadáver carbonizado de Jesse Washington. Por mais que a exibição do corpo de um ser humano nessas condições possa nos causar espanto e reflexão, os sorrisos nada tímidos de seus algozes podem ser tidos como a mais chocante manifestação do ato. Supplement to *The Crisis*. In: *The Crisis*, v. 12, n. 3, Jul. 1916, p. 7 (The Waco Horror)

Pode-se entender as intenções de Du Bois com exposições tão chocantes, como sendo a sua maneira de fomentar um senso de autoconsciência não só dos indivíduos que perpetravam tais atrocidades, como também, de setores da imprensa que mostravam certa indiferença em relação a tais práticas, muitas vezes estimulando a execução desses atos. Da mesma forma, conectado a estratégia da NAACP de combate ao linchamento, o editor procurou reforçar as táticas da instituição em relação a um programa de maior escala com o intuito de se concretizar uma legislação que tornaria essa manifestação popular ilegal. Apesar das primeiras tentativas em prol desses objetivos terem sido tomadas nos momentos iniciais da instituição, como memoriais para altos funcionários do governo federal, estratégias de investigações sobre os “verdadeiros” motivos dessas ações, conferências, etc., seus resultados só encontraram algum êxito em meados da década de 1930.¹⁹³

Não restrito ao tema do linchamento, a revista *The Crisis*, através do direcionamento aplicado por seu editor, tratou de tornar cada vez mais nítido, aos olhos do público, todos os tipos de práticas discriminatórias e segregacionistas que eram aplicadas aos afro-americanos. Em face dessa perspectiva, temas como as condições dos negros no que se referem a sua situação econômica, moradia, a segregação *de jure* aplicada em determinados estados, e a *de facto* aplicada pelas pessoas comuns, tornaram-se recorrentes em suas publicações.

¹⁹³ Em sua batalha para a promoção de uma legislatura que tornaria a prática do linchamento um crime federal, a NAACP contou com o auxílio do político e ativista Leonidas Carstarphen Dyer, que em 1918 apresentou ao Congresso norte-americano o seu projeto de lei. O então denominado *Dyer Bill* no ano de 1922 conseguiu a aprovação na Câmara dos Deputados, mas foi rechaçado pelo Senado. No ano seguinte o Dyer Bill foi novamente introduzido no Congresso caindo mais uma vez perante o Senado. Para saber mais sobre as táticas da NAACP contra esta prática, ver: ZANGRANDO, Robert L. *The NAACP Crusade Against Lynching, 1909-1950*. Philadelphia: Temple University Press, 1980.

Figura 4. Pode-se observar no cartum acima, um discurso que seria recorrente tanto nas páginas da revista quanto nos escritos e políticas estabelecidas por Du Bois: a necessidade de desvencilhar o rótulo de que a má-conduta de um determinado indivíduo afro-americano é representativo de todo o grupo. HARRIS, Lorenzo. “American Logic”. In: *The Crisis*, v. 6, n. 2, Jun. 1913, p. 80.

A apresentação dessas problemáticas utilizando na maior parte das vezes um teor entendido como radical, foi uma prática adicional a causar comoção nas mais diversificadas parcelas da sociedade.¹⁹⁴ Contudo, Du Bois compreendeu que uma maneira mais propícia e eficaz de se abordar questões que circundavam o universo afro-americano seria o de incentivar e expandir o orgulho racial, apresentando em forma de produções artísticas diversificadas, as conquistas e empreendimentos realizados pelos povos de pele escura não só nos Estados Unidos, mas em qualquer lugar onde possam estar.¹⁹⁵

¹⁹⁴ O radicalismo com o qual Du Bois foi rotulado dividiu opiniões ao longo do tempo. Em discurso em homenagem ao centésimo aniversário de nascimento de Du Bois, em 23 de fevereiro de 1968, o ativista Martin Luther King, Jr., afirmou que “nós não podemos falar de Dr. Du Bois sem reconhecer que ele foi um radical durante toda a sua vida.” No entanto, Arndt propõe que durante o primeiro período do editor na revista *The Crisis*, ele procurou combater as causas e efeitos do racismo de acordo com o sistema político e social estadunidense, ou seja, por meios legais. Cf. Dr. KING, JR., Martin Luther. Honoring Dr. Du Bois. In: FORNER, op. cit. 1991, pp. 12-20.

¹⁹⁵ De acordo com o historiador Gerald Horne, a própria definição do subtítulo da revista, tinha como meta proporcionar espaço aberto para a abordagem sobre discussões dos problemas que assolavam todos os demais povos que não eram constituídos por brancos. Ver: HORNE, Gerald. *W. E. B. Du Bois: A Biography*. Santa Barbara, California; Denver, Colorado; Oxford, England: Greenwood Press, 2010, p. 62.

A maneira como Du Bois via os fenômenos artísticos se expandia para além dos termos da contemplação. Sendo um indivíduo culto e conhecedor de línguas clássicas tais como latim e grego, via a arte, nesse aspecto a que ele apreciava e que poderia ser utilizada para propaganda, como mais uma ferramenta à disposição a ser empregada nas discussões e nas mudanças sociais. Tendo feito parte de seus estudos no continente europeu, foi significativamente influenciado pelos mais prestigiados sistemas de valores culturais e científicos da virada do século, no Ocidente.

O entendimento de Du Bois em relação ao papel positivo a ser desempenhado pelas manifestações artísticas, como forma de propaganda tanto para a efetivação dos direitos dos cidadãos negros norte-americanos quanto para o combate ao estereótipo, nas formas de representação da sociedade em relação ao negro, pode ser verificado quando de seu trabalho para a Exposição Universal de Paris em 1900. Nesse evento, no qual foram apresentadas 500 fotografias, Du Bois compilou 363, que deram configuração a três álbuns que foram expostos em Paris na seção *American Negro Exhibit* (Exibição dos Negros Americanos).¹⁹⁶ Tal compilação resultou de um trabalho maior desenvolvido por ele em colaboração com alunos da Universidade de Atlanta que procuraram, além de retratar os membros da comunidade negra através de fotografias, a maior parte delas se referindo à classe-média local, apresentar dados estatísticos e gráficos que diziam respeito aos aspectos mais significativos que compunham o estilo de vida dos afro-americanos no país e, destacadamente, no estado da Geórgia. De acordo com Shawn Michelle Smith, em sua análise sobre o trabalho desenvolvido por Du Bois que resultou na Exibição dos Negros da Geórgia, no ano de 1899, ele apresentou um trabalho que tinha por objetivo “oferecer um espaço no qual uma contra história poderia ser imaginada e narrada” e, da mesma forma, “como um contra arquivo que enfatiza as formas nas quais identidade e história poderiam ser instauradas ao menos parcialmente através da representação”.¹⁹⁷

¹⁹⁶ Esses álbuns foram denominados: *Types of American Negroes; Georgia, U.S.A.* e *Negro Life in Georgia, U.S.A.*

¹⁹⁷ SMITH, Shawn Michelle. *Photography on the Color Line: W. E. B. Du Bois, Race, and Visual Culture*. Durham; London: Duke University Press, 2004, p. 9.

Figura 5. W. E. B. Du Bois at Paris International Exposition, 1900. 1 fotografia p&b. 20,5 x 22,5 cm. Paris. W. E. B. Du Bois Papers (MS 312). Special Collections and University Archives, University Libraries, University of Massachusetts Amherst.

Compartilhamos com a professora Smith, seu entendimento acerca da estrutura de atuação desempenhada durante longos anos por W. E. B. Du Bois, de estabelecer um tipo de representação que desmistificasse os valores recorrentes acerca do afro-americano no seio da sociedade estadunidense. Nesse projeto, inicialmente desempenhado através do uso de fotografias que tinham como alvo representar o negro norte-americano em um processo de ascensão econômica e social, mesmo em face às piores manifestações de segregação com as quais estes tinham que lidar de forma diária, atesta-se a configuração de uma espécie de trabalho de arquivo desempenhado por Du Bois. Mais do que evidenciar uma estética “nova” acerca dos integrantes da comunidade negra, algo que até mesmo eles tinham se “acostumado” a esquecer devido ao forte

impacto desencadeado pelo racismo reinante e debatido de maneira científica, tinha como objetivo também demonstrar para a sociedade em geral que o negro estava presente, deveria e merecia usufruir de todos os benefícios que o Estado norte-americano tinha a oferecer. Nesta perspectiva, o trabalho de arquivo vai além de uma simples escolha aleatória de imagens, textos ou outras fontes. Os arquivos, segundo Smith, desencadeiam um papel ideológico, pois são elaborados obedecendo a certas intensões políticas e clamores específicos através de um significado cultural.¹⁹⁸ As escolhas de quem os organizam tem um objetivo e, no caso de Du Bois, era o desmantelamento das hierarquias raciais que ditavam o conhecimento legal e científico, por volta da virada do século XX.

Figura 6. BOARD of directors of the Coleman manufacturing co., Concord, N.C., the only Negro cotton mill in the U.S. [1899?] 1 fotografia, p&b. Formato JPEG. Library of Congress. Collections: African Americans Photographs Assembled for 1900 Paris Exposition.

¹⁹⁸ Idem, p. 7.

Figura 7. Cadets at Haines Normal and Industrial Institute, Augusta, Georgia [1899]. 1 fotografia p&b. Formato JPEG. Library of Congress. Collections: African Americans Photographs Assembled for 1900 Paris Exposition.

O advento de *The Crisis*, dez anos após a Exposição Universal de Paris, e seu papel como integrante ativo e gerenciador de conteúdos é de suma importância para compreender o ativismo político e a ligação do editor, não apenas vinculado ao seu trabalho jornalístico, mas também as realizações e projetos pessoais direcionados a discutir a situação do Negro no período. Além do trabalho e familiaridade com fotografias e de seu uso como mais um elemento a expor outras realidades acerca do grupo afro-americano, que recorrentemente apareceram no periódico, pode-se entender que grande parte de seus escritos literários estiveram esmagadoramente relacionados ao seu trabalho em *The Crisis*. Para Carlisle, “o extenso trabalho jornalístico de Du Bois orientou os temas de protesto que apareceriam em sua literatura”.¹⁹⁹

¹⁹⁹ CARLISLE, Anthony Todd. *The Black Press and the Shaping of Protest in African American Literature, 1840-1935*. Dissertation (Doctor of Philosophy). The School of Graduate Studies and Research Department of English. Indiana University of Pennsylvania, 2009, p. 158.

Durante sua longa vida, o primeiro editor da revista *The Crisis* presenciou um mundo em intenso processo de transformação. Nesse processo, muitas foram as ideologias vivenciadas, debatidas e defendidas por ele. Em seus escritos, temáticas acerca do racismo e discriminação, a defesa de uma perspectiva socialista para a sociedade em detrimento da exploração desencadeada pelo sistema capitalista e incontáveis outros temas estiveram presentes nas páginas da revista. Carlisle em análise sobre a imprensa negra e seus colaboradores que se utilizaram da literatura para fomentar um projeto de protesto social, reserva uma discussão instigante sobre Du Bois. Focando-se em dois romances escritos por ele, *The Quest of Silver Fleece*, publicado em 1911, e *Dark Princess*, de 1928, Carlisle apresenta elementos comuns que se encontram em ambos os trabalhos de jornalista e escritor.²⁰⁰ Segundo sua análise, o primeiro livro “toma como exemplo a indústria de algodão sulista e examina as questões da opressão econômica, servidão e o racismo e hostilidade” da região.²⁰¹ A segunda obra, *Dark Princess*, “conta a história de um jovem afro-americano cujos planos de se tornar um médico são destruídos por causa do racismo”.²⁰² No decorrer dessas obras fictícias outros elementos bem plausíveis da realidade enfrentada pelo grupo negro nos Estados Unidos configuram o tecido social do qual ele faz parte.

De forma semelhante, Johnson e Johnson realizaram um trabalho em que procuraram expor as políticas literárias de jornais e revistas destinadas ao público negro.²⁰³ Em meio a uma perspectiva que procura discutir o peso de uma literatura negra engajada e a contribuição desses periódicos, surgidos nos anos iniciais do século XX, debatem a forma de atuação de diversos editores e escritores quanto seu entendimento sobre a configuração de uma nova estética para o grupo como um todo. Em sua análise sobre a produção literária desenvolvida ou selecionada por Du Bois e publicada em *The Crisis*, durante os anos de 1910-1920, os autores afirmam que estas produções apresentavam uma ênfase no orgulho racial e em outras lições particulares.²⁰⁴ No desenvolvimento dessa empreitada, determinados temas deveriam proporcionar uma

²⁰⁰ Ver: DU BOIS, W. E. B. *The Quest of Silver Fleece*. Mineola, NY: Dover Publications, [1911] 2008 e DU BOIS, W. E. B. *Dark Princess: a romance*. Jackson, MS: Banner Books, [1928] 1995.

²⁰¹ CARLISLE, op. cit., p. 174.

²⁰² Idem.

²⁰³ JOHNSON, Abby Arthur; JOHNSON, Ronald Maberry. *Propaganda and Aesthetics: The Literary Politics of Afro-Americans Magazines in the Twentieth Century*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1979.

²⁰⁴ Idem, p. 41.

identificação entre o leitor e o personagem representado em um herói ou heroína afro-americanos.²⁰⁵

Estava evidente que para o editor Du Bois, as habilidades que os afro-americanos possuíam não deveriam apenas ser revestidas para inflar o ego e a autopromoção.²⁰⁶ Seus trabalhos em qualquer campo em que podiam se expressar teriam de ser revestidos para o bem maior que era a redenção do grupo e a necessidade de afirmar seu espaço dentro da estrutura social norte-americana até então, negligenciada, negada e temida. É com esse intuito que ele conclama escritores e diversos colaboradores para juntos empreenderem um trabalho de dignificação da imagem do grupo.²⁰⁷ Da mesma forma que seu trabalho jornalístico não poderia se pautar em apenas divulgar notícias relacionadas às relações raciais adquirindo uma postura imparcial sobre os fatos, as criações artísticas, principalmente desenvolvidas por afro-americanos, não poderiam deixar de discutir tais temas. Segundo Johnson e Johnson, o posicionamento de Du Bois quanto à arte literária era de que “uma literatura na qual não existe para um propósito moral era uma atividade decadente e socialmente perigosa”.²⁰⁸ O mais interessante nesse processo era a não negligência quanto à busca pela verdade em que, os escritores em seu processo de criação não deveriam apenas “limitar seus horizontes para a propaganda” descrevendo exclusivamente imagens

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ Na segunda metade da década de 1920, a publicação de dois livros despertou críticas de Du Bois e outros intelectuais que procuravam configurar uma política para propagandar uma imagem do afro-americano diversa daquela que estava presente no cerne da sociedade. Os livros *Nigger Heaven*, de Carl Van Vechten, publicado em 1926 e, *Home to Harlem*, de Claude McKay, de 1928, apresentavam segundo os advogados dessa reformulação, um retrato negativo do grupo negro. *Nigger Heaven*, produzido por um escritor branco, embora alguns autores tenham atribuído a ele um papel significativo para que a difusão cultural negra do *Harlem* fosse reconhecida pelos cidadãos brancos, foi visto pelos olhos de Du Bois como “uma afronta a hospitalidade do povo negro e a inteligência do branco”. *Home to Harlem*, de um escritor negro, procurou da mesma forma apresentar a vida do bairro nova-iorquino em seus “mais baixos níveis de vida”. Apesar dos dois livros terem encontrado objeções, *Nigger Heaven* teria sido mais mal recebido, dentre outros fatores, devido à exposição para um público branco do estilo de vida dos negros do bairro. Ver: DU BOIS and JOHNSON, James Weldon. Critiques of Carl Van Vechten’s *Nigger Heaven*. In: LEWIS, David Levering. *The Portable Harlem Renaissance Reader*. New York: Viking, 1994, pp. 106-109. Ver também: VECHTEN, Carl Van. *Nigger Heaven*. Urbana: University of Illinois Press, [1926] 2000 e McKAY, Claude. *Home to Harlem*. Boston: Northeastern University Press, [1928] 1987.

²⁰⁷ Grande parte dos escritores que se destacariam no decorrer da década de 1920, no movimento cultural conhecido como *Harlem Renaissance*, mostraram seus talentos, reconhecidos e ainda não conhecidos publicamente, em ensaios contidos nas páginas da revista em sua primeira década de existência. Dentre esses escritores e críticos literários se encontram Charles Chesnutt, Paul Laurence Dunbar e Alain Locke que editaria e publicaria, em 1925, o livro *The New Negro*, uma antologia que de certa forma procurou mostrar para o mundo a revolução cultural desencadeada nas manifestações artísticas afro-americanas e já comentado neste trabalho.

²⁰⁸ JOHNSON; JOHNSON, op. cit., 1979, p. 45.

favoráveis do grupo. A descrição deveria ser honesta de forma que pudesse ser apresentado “o mau junto com o bom”.²⁰⁹

O trabalho jornalístico desenvolvido por Du Bois em todos os periódicos em que esteve envolvido, seja exercendo uma posição de controle ou como contribuinte, publicando ensaios ou textos fictícios era consideravelmente relacionado à temas que podiam ser constados, sem dificuldades, em uma sociedade na qual um dos parâmetros que regiam sua constituição se baseava nas regras formais e não formais impostas pelo racismo e pela segregação. Nessa função, diversificadas práticas de atuação foram empregadas para se atingir, de forma mais rápida possível, o objetivo de proporcionar ao negro norte-americano um maior reconhecimento de sua cidadania e humanidade. Mecanismos como a utilização da fotografia e literatura o auxiliaram a esboçar um processo de reconstrução da figura do negro que muitos imaginavam ser impossível de existir.

Como um elemento extra nessa jornada, a utilização de cartuns, acreditamos, desempenhou de uma forma mais viva a possibilidade de discussão e de apresentação das temáticas mais complexas envolvendo o relacionamento entre brancos e negros no país no início do século XX. A perspectiva de um entendimento mais fácil e o alcance de horizontes quase que infinitos proporcionados por essa arte gráfica têm a possibilidade de engendrar, pela liberdade de execução de seus criadores, visões acerca de situações atuais assim como um “redesenho” do que seria o panorama de uma sociedade em que suas relações fossem pautadas pela igualdade de direitos e oportunidades para todos. Em seu empreendimento jornalístico mais notável, a revista *The Crisis*, a existência desses elementos, como sempre, tinham uma razão de ser. O visual exerceria um papel fundamental para a propagação de ideias e representações sobre os afro-americanos nas páginas da revista de maneira a ser comparada a uma confecção de um “vocabulário visual” com o propósito de apresentar os temas mais controversos e exaltar o orgulho e a estética do grupo negro.²¹⁰ Uma interpretação da

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ O termo é emprestado da historiadora Amy Helene Kirschke, cujo livro *Art in Crisis*, constitui uma análise sobre a utilização da arte visual empregada na revista *The Crisis* durante todo o período de editoração de Du Bois, levando-se em conta a pretensão de estruturar uma memória e identidade para o grupo afro-americano. Este livro nos forneceu algumas bases acerca de análise de imagens e discussão histórica do momento de sua configuração e será recorrente em nosso trabalho. Para saber mais sobre a discussão empreendida pela autora, ver: KIRSCHKE, Amy Helene. *Art in Crisis: W. E. B. Du Bois and the struggle for African American identity and memory*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007.

atuação de tais imagens em uma nova perspectiva revelaria a intensidade da tarefa empreendida por Du Bois para mitigar os estereótipos recorrentes no país que se dirigiam aos afro-americanos.

2.4 - W. E. B. Du Bois e a revista *The Crisis*: últimos anos

Os longos e intensos anos em que Du Bois esteve no comando do órgão de publicidade e propaganda da NAACP, chegaram ao fim em julho de 1934. Como uma espécie de retórica que caracteriza os principais aspectos de sua vida, sua partida da publicação esteve circundada de temáticas cujas discussões se mostraram significativas, ainda que fossem interpretadas como impróprias e em desacordo com os preceitos pregados pela Associação.

Os sucessivos flertes com diversos sistemas ideológicos com o qual esteve envolvido sugerem uma difícil e arriscada tentativa de estabelecer um parâmetro, ou mesmo, uma linha de raciocínio que guiarão sua maneira de debater questões vinculadas às relações raciais e estratégias para combater a discriminação e a segregação a fim de ver esses males desaparecerem da sociedade norte-americana.

Os últimos quatro anos de sua permanência como editor de *The Crisis*, na primeira metade da década de 1930, evidenciaram um Du Bois extremamente descontente com os rumos e os resultados alcançados em anos de militância pessoal e como elemento vinculado a organismos e grupos que lutavam por melhores condições de existência para os afro-americanos. Não por coincidência, esses anos iniciais da quarta década do século XX sofreram a catastrófica consequência do “*crash*” da bolsa de Nova York ocorrida em 29 de outubro do ano anterior que juntamente com o visível descaso em relação ao afro-americano após a Primeira Guerra Mundial, pareceram a Du Bois uma luta sem sentido.

Novamente, como em diversas situações já vivenciadas, as consequências mais fortemente sentidas com a quebra da bolsa recaíram sobre o negro norte-americano. De acordo com estimativas, mais de 65% dos negros em Atlanta, no estado da Geórgia e, 80% em Norfolk, na Virgínia se encontravam desempregados na primeira metade da década.²¹¹ Mesmo que as estratégias governamentais estabelecidas pelo governo de

²¹¹ SEABERG, Stanley. *The Negro in American History*. Vol. 2: Which Way to Equality?. New York: Scholastic Book Services, 1968, p. 66.

Franklin Delano Roosevelt, eleito em 1932, e sintetizadas no que ficou conhecido como *New Deal* (Novo Acordo) tivessem como intuito restabelecer a economia garantindo emprego para os cidadãos do país, grande parte dos trabalhadores de descendência africana foi relegada a segundo plano nessa empreitada, geralmente em locais onde a representatividade política desses cidadãos era minimamente sentida, fazendo com que a assistência à camada branca da população se sobressaísse.²¹²

Em face de tal situação deprimente em que se encontravam os integrantes da comunidade negra nacional, tanto em relação ao aspecto econômico quanto a uma onda crescente de segregacionismo, impulsionada pela calamitosa realidade do país, o editor de *The Crisis* enxergou no sistema econômico vigente, nos Estados Unidos, um dos principais riscos para a sobrevivência dos afro-americanos. Cada vez mais, suas atenções foram se voltando para posicionamentos políticos de esquerda, sustentando perspectivas marxistas e defendendo o Socialismo como a alternativa mais apropriada para o negro naquele período.²¹³

Seus artigos sobre o tema, destacadamente “*Karl Marx and the Negro*”, publicado em *The Crisis*, em março de 1933, e “*Marxism and the Negro Problem*” que apareceu no periódico na edição de maio do mesmo ano, procuraram expor suas percepções do assunto para os integrantes da NAACP e para a sociedade como um todo. Du Bois, em suas discussões estava tentando trazer para a realidade do negro norte-americano a teoria marxista, adaptando-a a arraigada estrutura racista em que ele e seus pares se encontravam. Semelhanças com os ensinamentos de Marx foram apontadas tais como, a grande maioria dos negros norte-americanos pertencerem ao proletariado ou os

²¹² HINE, 2010 apud BRABRI, Méliisa. *W. E. B. Du Bois's writings for The Crisis, 1910-1934, from integration to voluntary segregation?* UFR de Langues Université Standhal – Grenoble 3, 2013, p. 66.

²¹³ Devido à complexidade em se definir o termo Marxismo, por causa das inúmeras interpretações que este acumulou desde a segunda metade do século XIX, adotaremos uma definição simplificada da teoria marxista. Os trabalhos desenvolvidos por Karl Marx e Friedrich Engels, apresentam forte conotação filosófica para se entender a realidade história do período correspondente. Em face de uma sociedade em amplo processo de industrialização, destaque foi dado ao papel das forças produtivas em que as relações sociais estavam submetidas. Dessa forma, questões como a economia, a divisão do trabalho e a organização social se tornaram itens fundamentais para se pensar a dinâmica das sociedades e da história. O materialismo histórico, ou seja, a condições materiais de existência que pareciam determinar os atos e ações dos indivíduos, foi criticado por Marx, pois para ele os seres humanos são sujeitos ativos da história, capazes de modificá-la por meio da luta de classes que acarretaria no fim do sistema de exploração capitalista e no estabelecimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Ver: Marxismo. In: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 267-271; BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Tradução Ana Rabaça. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990 e MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O manifesto do partido comunista. Tradução Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, [1848] 2001. (Coleção L&PM Pocket).

trabalhadores negros e brancos compartilhem de similares queixas em direção aos detentores dos meios de produção. No entanto, os trabalhadores negros não eram iguais seus colegas brancos. Suas exigências eram mais acentuadas. Críticas em relação às proposições desenvolvidas por Marx inevitavelmente compuseram sua adaptação para o contexto dos Estados Unidos. A mais notável dessas críticas se referia a dificuldade de se obter uma relação firme e estável com os integrantes do proletariado branco. A invocação de Marx e Engels, “Trabalhadores do mundo, uni-vos!,” parecia aos olhos do editor uma premissa quase que impossível de se alcançar em um país regido pela divisão baseada em preceitos raciais como aquele. Sua ressalva e descrédito com uma possível união entre essas classes de trabalhadores com a finalidade de ver efetivada a revolução social que colocaria fim ao sistema capitalista e, por conseguinte, a exploração dos trabalhadores pode ser verificada como se segue:

E enquanto o trabalho negro na América sofre por causa das disparidades fundamentais do amplo sistema capitalista, o mais baixo e mais fatal grau desse sofrimento vem não dos capitalistas, mas de seus companheiros trabalhadores brancos. É o trabalho branco que priva o negro de seu direito ao voto, nega-lhe educação, nega-lhe afiliação com os sindicatos, expulsa-o de casas e vizinhanças decentes, e acumula sobre ele os insultos públicos da livre discriminação pela cor. (Tradução nossa)²¹⁴

Tal descrença em face de tamanha disparidade pode ser visualizada como de suma importância para se compreender os futuros posicionamentos e escritos desenvolvidos pelo intelectual e editor Du Bois.²¹⁵ Para ele, os estudos e as perspectivas elaboradas por Marx, para a classe trabalhadora no continente europeu, não poderiam ser intransigentemente traduzidos e apresentados para a sociedade norte-americana, pois estes apresentavam circunstâncias diferenciadas, devido à existência de classes trabalhadoras distintas e lamentou o fato de que Marx “não tinha estudado em primeira

²¹⁴ “And while Negro labor in America suffers because of the fundamental inequities of the whole capitalistic system, the lowest and most fatal degree of its suffering comes not from the capitalists but from fellow White laborers. It is white labor that deprives the Negro of his right to vote, denies him education, denies him affiliation with trade unions, expels him from decent houses and neighborhoods, and heaps upon him the public insults of open color discrimination.” DU BOIS, W. E. B. *Marxism and the Negro Problem*, In: APTHEKER, op. cit., p. 697.

²¹⁵ Pode-se verificar no livro *Black Reconstruction in America*, a influência do marxismo nesse período para Du Bois. Em biografia sobre Du Bois, Lewis até mesmo cita conselhos que Du Bois teria recebido quanto às dificuldades para se empregar determinados termos como “ditadura do proletariado,” que segundo observadores do período “era uma impossibilidade histórica na época de políticas pré-marxistas.” Cf. LEWIS, op. cit., p. 363. Ver também: DU BOIS, W. E. B. *Black Reconstruction in America*, 1860-1880. New York, London, Toronto, Sydney, Tokyo, Singapore: Touchstone, [1935] 1995.

mão seu peculiar problema racial aqui na América”.²¹⁶ Nesse contexto, o racismo vivenciado nos Estados Unidos “tinha de ser entendido como um integral componente da dinâmica de classe, possuindo uma vida própria e equivalente na força de sua atividade de classe”.²¹⁷ A situação econômica e social vivenciada pelos trabalhadores afro-americanos, recebendo os mais baixos salários, sendo “os últimos a serem contratados e os primeiros a serem demitidos” e mantidos excluídos de uniões trabalhistas como a *American Federation of Labor – AFL* (Federação Americana do Trabalho) representou para Du Bois o fato de que os negros estavam “vivendo em uma democracia capitalista fundada sobre a supremacia branca”.²¹⁸

Os visíveis efeitos da depressão econômica que castigavam os países de orientação capitalista e a constante pregação em torno da defesa dos direitos dos trabalhadores afro-americanos, que sofriam mais notoriamente com esses efeitos, impeliu o editor de *The Crisis* a expor opiniões cada vez mais controversas e a atrair para si, da mesma forma, críticas de diversos setores da sociedade. Da mesma maneira, tais posicionamentos acentuaram as desavenças dentro da NAACP e de determinados setores da comunidade negra, incluindo a imprensa.

Durante os seis primeiros meses de 1934, os últimos no comando da revista, o editor procurou advogar um projeto que tinha por meta aliviar a dura situação do afro-americano. No entanto, suas proposições se mostraram tão extremas que contradiziam as determinações defendidas pela NAACP.

É notória a evidência de que, desde o início, o relacionamento entre a Associação e Du Bois não era pautada por uma inquebrantável concordância em termos de opiniões e ideias. Pode-se indagar que esse relacionamento, que nos surpreende por ter se mantido durante quase um quarto de século, tenha se sustentado pelo fato de ambos os envolvidos, neste caso fazendo uma separação entre a atuação da NAACP como um grupo mais ou menos coeso em suas ações – ainda que existissem posicionamentos e formas de ver a situação da presente condição do afro-americano de diversificadas maneiras – e a de Du Bois como um membro à parte, terem a intenção de minar continuamente a discriminação e o segregacionismo nacional a fim de se estabelecer medidas concretas para uma ampla perspectiva de melhora em suas

²¹⁶ DU BOIS, W. E. B. Karl Marx and the Negro. In: APTHEKER, op. cit., p. 689.

²¹⁷ LEWIS, op. cit., 2001, p. 310.

²¹⁸ Idem, p. 307.

condições de vida. No entanto, o fato de Du Bois basear muitos de seus escritos observando critérios de cientificidade, utilizando dados econômicos e se tornando um expoente nas áreas de Sociologia e História no que se refere ao tratamento dispensado ao afro-americano e ter experimentado situações concretas de racismo, não apenas relacionadas a si, teriam contribuído para empreender um discurso baseado em suas vivências.²¹⁹ “A aliança entre Du Bois e a Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor sempre foi uma aliança de conveniência em vez de uma harmônica convicção”.²²⁰ Nessa perspectiva, cada um a sua maneira se utilizou de tonalidades diferentes para expor suas opiniões sobre determinado assunto, sendo raras as vezes que chegaram a um pleno acordo sobre o mesmo. Vale a pena fazer menção também que durante longos anos, a NAACP era esmagadoramente dirigida por membros brancos, o que alimentava a desconfiança de Du Bois sobre a disposição e empenho deste grupo de eliminar o mais rápido possível as práticas de segregação no país.

Por mais que seus pontos de vista se chocassem, em grande parte das temáticas abordadas, pode ser verificado que nessa união as duas partes obtiveram ganhos consideráveis. No caso de Du Bois, este conseguiu angariar, por meio da NAACP, um instrumento para divulgação de suas ideias de forma a poder informar, construir pontos de vista similares ao seu e propagandear a causa dos negros norte-americanos. Para além dessas oportunidades, sua aliança com este organismo permitiu que o editor entrasse em contato, de maneira efetiva, com um público constituído por indivíduos brancos de tendência liberal que sempre apresentou ressalvas a um projeto de debate contra a discriminação com tendências amplamente divergentes daquelas que eram efetuadas naquele período. No entanto, se Du Bois pôde se dar ao luxo de expandir sua área de atuação com os benefícios advindos de sua associação, a contribuição com a qual este apresentou a NAACP foi interpretada como sendo, até mesmo, mais valiosa.²²¹ A NAACP pôde contar durante os anos em que Du Bois esteve vinculado a ela, com uma das mais férteis mentes que o país tinha produzido, com um grande dom para escrita e um zelo incansável para proporcionar mais liberdade para seu povo. Soma-se a

²¹⁹ Dentre essas experiências, podem ser citados os efeitos do distúrbio racial ocorrido em Atlanta, em 1906, quando relatos da exposição de partes do corpo de um afro-americano que estavam sendo exibidas em uma loja, teria impelido Du Bois, dentre outras coisas, a procurar proteção por meio de uma arma de fogo, embora, nunca tenha utilizada a não ser por acidente. Cf. DU BOIS, op. cit., [1968] 1988, p. 286.

²²⁰ ARNDT, op. cit., p. 187.

²²¹ Idem, p. 188.

isso, o fato da revista sob seu comando ser durante vários anos um grande sucesso financeiro e terreno rico para divulgação de ideias.²²²

Embora Du Bois seja lembrado pelos seus trabalhos intelectuais e literários, sua personalidade forte acarretou, desde o início, situações desconcertantes para a NAACP enquanto editor. Uma dessas situações ocorreu na edição de março de 1914, quando o editor rebatendo uma matéria do *Washington Bee* de que grande parte dos recursos arrecadados pela seção local da Associação era revestida para a manutenção do periódico, Du Bois garantiu ao editor do jornal que “nem um único centavo de tal dinheiro se destina a sustentação de *The Crisis*”.²²³ Além dessas queixas, pareceu ao *Washington Bee* que a NAACP negligenciava os outros periódicos relacionados à temática afro-americana reservando ao seu órgão de publicidade como o único representativo do grupo negro. Du Bois rapidamente se prontificou em desmentir tal proposição, afirmando que sempre se manteve atento ao que era publicado em outros órgãos, garantindo a eles publicidade em suas matérias. No entanto, essa discussão se mostrou em uma grande oportunidade para o editor de *The Crisis* questionar outros periódicos afro-americanos. Como assinalado por ele,

The Crisis lamenta, entretanto, que o volume de matéria publicada no *Bee* e em muitos outros jornais, na qual vale a pena reimprimir ou até mesmo ler, não é nem de perto tão extensa como deveria ser. Além do mais, *The Crisis* está convencida que mais cuidadosa atenção para algumas das coisas nas quais este editor denuncia traria mais sucesso para os semanais afro-americanos. (Tradução nossa)²²⁴

Acrescentando mais posicionamentos críticos aos seus comentários, afirmou que a esmagadora parcela da imprensa afro-americana divulga apenas alguns fatos relacionados à vida dos negros e, quando o fazem, adotam uma postura parcial e incompleta, dentre outros questionamentos. Obviamente que tais proposições acarretaram uma série de reclamações por parte de outros instrumentos de imprensa, tais como o *St. Luke's Herald* que as interpretou como monstruosas.²²⁵ A situação foi

²²² Ibidem.

²²³ DU BOIS, W. E. B. Booming *The Crisis*. In: *The Crisis*, v. 7, n. 5, Mar. 1914, p. 239.

²²⁴ “THE CRISIS regrets, however, that the amount of matter published in the *Bee* and in many other papers, which is worth reprinting or even reading, is not nearly as large as it ought to be. Moreover, THE CRISIS is convinced that more careful attention to some of the very things which this editor denounces would bring larger success to the colored weekly papers.” Idem, pp. 239-240.

²²⁵ *St. Luke's Herald* apud Opinion. In: *The Crisis*, v. 8, n. 1, May 1914, p. 18.

relativamente contornada quando a “Associação aprovou uma resolução elogiando a imprensa negra”.²²⁶

Durante longos anos e por diversas vezes, a NAACP procurou limitar a influência quase que ditatorial empreendida pelo editor em “sua revista” estabelecendo uma espécie de comitê específico para analisar e definir o trabalho empreendido por ele, com a finalidade de aprovar ou não os editoriais e reger todas as matérias concernentes à política da revista. No entanto, ao que parece, a junta de diretores da Associação teria se mostrado ambivalente em tais determinações, por vezes procurando limitá-lo e em outras o forçando a empreender mais de sua energia em prol do programa desenvolvido pela NAACP.²²⁷ Como observado, a grande influência de seus escritos e de sua filosofia teria provocado uma indisposição em intensificar antagonismos pessoais que poderiam causar o rompimento da Associação.²²⁸

No período em que Joel E. Spingarn ocupou o posto de *chairman* (presidente) da Associação, de janeiro de 1914 a janeiro de 1919, a existência desse dilema pôde ser evidenciada no encontro anual da NAACP do ano de 1916, quando este reconheceu que os editoriais representavam expressões da personalidade do editor. Porém, teria advertido Du Bois e demais colaboradores que ele deveria interpretar a causa nobremente não deixando que insignificantes irritações, insultos pessoais, dentre outras situações, atrapalhassem sua função.²²⁹ Os resultados dessa política, no decorrer do tempo, revelaram-se em uma sucessão de desavenças desgastantes e difíceis de serem contornadas.

A emergência da crise econômica advinda com quebra da bolsa de Nova York, em 1929, intensificaria essas disparidades de opiniões conduzindo a uma insustentabilidade da relação entre as duas partes. As tendências e influências de conotação marxista e socialista, que vinham em um crescendo, desde o início da década, obtiveram no ano de 1934 uma força avassaladora. No entanto, mais do que pregar a adoção de um sistema econômico alternativo para o país, sua proposição para amenizar as condições de vida do afro-americano parecia conduzir, em sentido contrário, tudo que tinha pregado até o momento, como indivíduo, e contradizia em essência a política racial dirigida pela NAACP. A partir da primeira edição da revista naquele ano, o tema

²²⁶ RUDWICK, op. cit., Jul. 1958, p. 221.

²²⁷ KELLOGG, op. cit., p. 108.

²²⁸ Idem.

²²⁹ Ibidem, p. 111.

da segregação seria recorrente em suas páginas. Contudo, uma nova abordagem em relação ao fenômeno passou a ser discutida.

2.4.1 – W. E. B. Du Bois e a revista *The Crisis*: a autosegregação nas páginas da revista

Uma das premissas que podemos adotar para essa nova abordagem quanto à questão da segregação é que “situações extremas requerem medidas extremas.” Esgotado por advogar soluções concretas que trouxessem ganhos palpáveis para os negros do país, o editor passou a construir uma linha de raciocínio que, em certa medida, adotava a autosegregação, por parte do afro-americano, como um último recurso para escaparem da degradação física e moral que sofriam.

Em tal processo de configuração de argumentos que pudessem fundamentar sua defesa em face de tamanha problemática, Du Bois procurou expor seu ponto de vista quanto aos conceitos de segregação e discriminação. No artigo de título sugestivo, “*Segregation*”, de janeiro de 1934, o editor expôs que era plausível que nos Estados Unidos vigorasse a compreensão de uma inseparável relação existente entre as duas ideias. No entanto, para ele “as duas coisas não necessariamente caminham juntas” alegando que uma oposição à segregação pura e simples não deveria ser matéria para uma objeção a menos que segregação envolva discriminação.²³⁰ Segundo seu entendimento, a segregação, ou a autosegregação estabelecida pelos membros da comunidade afro-americana, poderia ser efetivada e traria consideráveis vantagens para o grupo desde que as mesmas garantias e oportunidades desprendidas para os cidadãos brancos fossem mantidas para os negros. Ou seja, a segregação, uma realidade vivenciada e sentida nas estruturas da sociedade norte-americana deveria fazer parte da agenda para a melhoria das condições de vida dos negros. Da mesma forma, a discriminação entendida como a negação legal de direitos continuaria a ser combatida até que fosse definitivamente eliminada.

Deve-se observar, porém, que Du Bois estava ciente de que a cooperação entre os indivíduos era a melhor forma de convívio, mas em seu tempo “tal contato individual é difícil e quase impossível devido ao mesquinho preconceito, a deliberada e quase

²³⁰ DU BOIS, W. E. B. Segregation. In: AP THEKER, op. cit., p. 727.

criminal propaganda e as reminiscências de um paganismo pré-histórico”.²³¹ Em face deste cenário, restava ao povo negro se organizar e empreender melhorias em suas condições através de sua própria união. São visíveis os efeitos das pregações marxistas e da teoria socialista nessa fase da vida de Du Bois, associando concepções econômicas com uma nova alternativa para a resolução do “problema negro”.

É a consciência de classe do trabalhador que eventualmente emancipará o trabalho através do mundo. É a consciência racial do homem negro cooperando junto em suas próprias instituições e movimentos que eventualmente emancipará a raça negra, e o grande passo adiante, hoje é para o negro norte-americano alcançar sua emancipação econômica através do determinado esforço cooperativo voluntário. (Tradução nossa)²³²

Este posicionamento do editor foi visto com espanto e produziu uma série de pontos de vistas diferenciados pelos seus leitores, críticos e membros da NAACP. Se antes seus editoriais, por mais controversos que parecessem, não causavam um alarme generalizado, “as ideias separatistas advindas da caneta de um dos líderes defensores dos direitos civis desencadeou consequências políticas” poucas vezes presenciadas.²³³ Joel E. Spingarn, novamente no cargo de presidente da Associação, durante os anos de 1930 a 1939, proferiu duras críticas à política de segregação voluntária defendida pelo editor da revista *The Crisis*. No artigo, “*Segregation: A Symposium*”, publicado em *The Crisis*, no mês de março, o ponto básico das queixas de Spingarn estava em desmistificar a distinção entre segregação e discriminação racial, pois para ele e os demais integrantes da organização “onde havia segregação deveria inevitavelmente existir discriminação”.²³⁴ Da mesma maneira, procurou deixar claro que o programa desenvolvido pela NAACP ao longo de seus 25 anos de história, era abolir de uma vez por todas, todas as formas de segregação existentes. Respondendo aos comentários do presidente, Du Bois prosseguiu em sua defesa reafirmando as vantagens dos afro-americanos procurarem formas de, independentemente de conexões com o grupo

²³¹ Idem, p. 728.

²³² “It is the class-conscious working man uniting together who will eventually emancipate labor throughout the world. It is the race-conscious black man cooperating together in his own institutions and movements who will eventually emancipate the colored race, and the great step ahead today is for American Negro to accomplish his economic emancipation through voluntary determined cooperative effort.” Idem.

²³³ LEWIS, 2001, op. cit., p. 335.

²³⁴ SPINGARD, 1934 apud ARNDT, op. cit. 206.

branco, “organizar nossa economia e poder social, não importando quão segregação ela envolva”.²³⁵

A ideia de isolamento voluntário em que os afro-americanos, mesmo submetidos às leis do governo federal, mas reservando para si o cuidado e controle de seus próprios empreendimentos econômicos e sociais, interagindo entre si, ainda que possivelmente trouxesse os benefícios que Du Bois tinha em mente era uma matéria que necessitaria de uma acuidade sem precedentes em sua carreira. Atento a este fato e à repercussão que desencadearia, Arndt interpretou o artigo “*A Free Forum*”, de fevereiro de 1934, como um escudo para futuras repreensões. Segundo sua interpretação, o editor procurou trabalhar nas brechas da NAACP quanto ao tema da segregação, afirmando, por sua vez, que “a Associação, enquanto tem de tempos em tempos debatido os maiores aspectos do assunto, não tem tomado nenhum posicionamento nem adotado nenhuma filosofia geral”.²³⁶ Du Bois lembrou também que em casos específicos a Associação se mostrou favorável à separação, obviamente quando não existia outro recurso a ser empregado.²³⁷

Outra preocupação que circundou o editor foi desvencilhar da sua imagem as possíveis conexões com a ideologia pregada por Booker T. Washington que ele tanto combateu e que de forma inevitável começou a aparecer em diversos periódicos. Visando esclarecer ainda mais suas sugestões para seus leitores, utilizou-se de um questionamento dirigido a ele por uma jovem, para a qual esta “nova filosofia racial” seria uma predisposição do editor em adotar uma postura de compromisso. Du Bois procurou, em um artigo do mês de maio de nome idêntico ao que apareceu em janeiro, responder a esta indagação explicitando que ele ainda era um ávido combatente da segregação, pois “tem combatido a segregação e outros males com razão, com fatos e com agitação”.²³⁸ Citando o exemplo de uma favela afro-americana que seria “reestruturada” pelo governo federal, afirmou que esta era uma forma de segregação praticada pelo governo e que ele era um forte partidário desse desenvolvimento.²³⁹ Estava evidente para o editor que se melhorias fossem garantidas para a população negra, não importava se eles viveriam em suas próprias comunidades, mantendo

²³⁵ DU BOIS, W. E. B. Segregation in the North. In: APTHEKER, op. cit., p. 746.

²³⁶ DU BOIS, W. E. B. A Free Forum. In: APTHEKER, p. 731.

²³⁷ Um desses casos ocorreu na Primeira Guerra Mundial com a instalação do campo para oficiais negros em Des Moines, no estado de Iowa, que contou com o apoio da NAACP.

²³⁸ DU BOIS, W. E. B. Segregation. In: APTHEKER, op. cit., p. 755.

²³⁹ Idem.

relações entre si. Como dito por ele, “eu combato segregação com segregação e, eu não considero isto compromisso. Eu o considero como senso comum”.²⁴⁰

O editor de *The Crisis* não aglutinou em torno de si apenas posicionamentos contrários as suas ideias. Cartas foram enviadas para ele revelando a simpatia quanto a sua defesa acerca de uma voluntária segregação. As propostas descritas por Du Bois em seus editoriais fizeram com que seus leitores articulassem suas próprias visões de forma a indagarem sobre “o ‘bem’ que isto poderia ser para a raça negra se fosse usada de forma correta”.²⁴¹

Por mais que opiniões em favor de seus pronunciamentos revelassem uma sociedade que não apresentava um entendimento de comum acordo sobre tal proposta, o fato de um membro fundador da NAACP advogar um conceito que em sua própria essência era incompatível com a estrutura organizacional que a compunha, foi visto como um ultraje que careceria de medidas mais pontuais para prevenir o editor de publicar textos que comprometessem a imagem da Associação. Em uma reunião no mês de abril, ficou decidido que nenhum oficial remunerado deveria condenar as ações da NAACP publicando notas na revista sem uma prévia análise dos diretores.²⁴²

A incapacidade de Du Bois em acatar tal determinação fez com que, em 11 de junho, tentasse sua resignação da revista. Nenhuma providência foi tomada pela junta de diretores da Associação que tinha esperanças de que uma solução menos dramática fosse encontrada. Porém, em 26 de junho o editor disponibilizou sua carta para outros órgãos de imprensa admitindo que sua conexão com a NAACP se estenderia até o dia 01 de julho. Diante da improbabilidade de contornar a situação, os dirigentes da Associação aceitaram sua renúncia em 09 de julho. Assim, chegava ao fim uma das mais intensas parcerias vivenciadas pela imprensa negra norte-americana.

Algumas proposições podem ser acrescentadas acerca do desligamento de Du Bois da NAACP e da revista *The Crisis*, a qual defendeu, até sua saída, não ser um produto exclusivo da Associação. Du Bois alegou, em sua partida, a censura estabelecida na NAACP contra o que ele chamou de “crítica construtiva”.²⁴³ Questões de cunho financeiro também criaram um clima favorável para o desfecho dessa história.

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ EATON, 1934 apud ARNDT, op. cit., p. 209.

²⁴² Minutes of the NAACP. Board of Directors, April 9. 1934. In: RUDWICK, Elliott M. Du Bois' Last Year as Crisis Editor. In: *The Journal of Negro Education*, v. 27, n. 4, autumn 1958, p. 531. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2293801>. Acesso em: 24 de março de 2012.

²⁴³ Dr. Du Bois Resigns. In: APHEKER, op. cit., p. 771.

A revista que, em 1919, tinha uma média de quase 100.000 cópias mensalmente vendidas, causando problemas para o serviço postal, começou a declinar na década de 1920, chegando ao ano de saída de Du Bois a uma média de 10.500 cópias mensais.²⁴⁴ No entanto, como argumentado por Rudwick, a diferença essencial entre o editor e os dirigentes da NAACP era em termos de política. Para eles, a postura de Du Bois, que se assemelhava a de Booker T. Washington e sua guinada do protesto para um nacionalismo negro, poderia acarretar o fato de que negros e brancos se acostumassem tanto com aquela estrutura segregacionista firmemente estabelecida, que não encontrariam nenhum motivo para o estabelecimento de uma integração social. O protesto ainda era o carro chefe da Associação.²⁴⁵

Além disso, interpretações procuram salientar o fato de que a proposta de uma voluntária segregação, sobretudo econômica, foi assimilada de forma equivocada. Segundo Arndt, o que Du Bois estava propondo não era um consentimento a um estado inferior, mas preferencialmente a criação, dentro da América branca segregacionista, de um estado competitivo que faria a segregação impossível e indesejável.²⁴⁶ Em face da indisposição do homem branco norte-americano de um engajamento com os negros do país, o protesto poderia se estender indefinidamente sendo entendido pelo próprio Du Bois como um programa que é física e psicologicamente impossível.²⁴⁷ Uma provável solução para este impasse, era que junto com o protesto, que deveria continuar, o afro-americano deveria “trabalhar para preparar métodos e instituições nas quais fornecerão aquelas coisas e aquelas oportunidades nas quais nós carecemos devido à segregação”.²⁴⁸ No entanto, a palavra segregação em um país que convive diariamente com o fenômeno que ela comporta, carregava em si uma carga negativa impossível de ser desvinculada.

Após sua saída da NAACP, Du Bois voltou a lecionar Sociologia na Universidade de Atlanta. Contudo, a necessidade de divulgar suas ideias para um público não restrito ao universo acadêmico o impulsionou a novamente adentrar no cenário editorial. Várias foram as colunas semanais e artigos esporádicos que este publicou durante sua vida, em periódicos tais como o *Pittsburgh Courier* (1936-1938),

²⁴⁴ Timeline. The Crisis Magazine/ A Record of the Darker Races. In: <http://www.thecrisismagazine.com/timeline.html>. Acesso em 04 de março de 2015.

²⁴⁵ RUDWICK, op. cit., Jul. 1958, p. 239.

²⁴⁶ ARNDT, op. cit., p. 209.

²⁴⁷ DU BOIS, W. E. B. Counsels of Despair. In: APTHEKER, op. cit., p. 767.

²⁴⁸ Idem.

The Amsterdam News (1939-1944), *Chicago Defender* (1945-1948), *The People's Voice* (1947-1948), dentre outros.²⁴⁹ Du Bois fundou também, em Atlanta, a revista trimestral de temática sociológica *Phylon* (1940-1944). Mesmo que todos esses empreendimentos fossem significativos, reafirmando a postura de Du Bois frente à importância da imprensa escrita, seu maior empreendimento jornalístico, onde adentrou a casa de milhões de afro-americanos, foi a revista *The Crisis*.

²⁴⁹ Ver: FRANKLIN, V. P. W. E. B. Du Bois as Journalist. In: *The Journal of Negro Education*, v. 56, n. 2, spring, 1987, pp. 240-244. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2295179>. Acesso em: 24 de março de 2012.

Capítulo 3

Imagens em *The Crisis*: representações gráficas no combate ao linchamento

3.1 – O estereótipo do Negro norte-americano

A representação conferida ao negro na sociedade estadunidense há muito tempo era uma constante.²⁵⁰ Inicialmente, estas representações ficavam restritas a aspectos cômicos que tinham o papel de conferir ao afro-americano os traços e os trejeitos de uma figura ridícula com vestimentas exageradas e com traços psicológicos beirando a infantilidade.

Estas representações caricaturadas do grupo, ainda que tivessem em mente a promoção da zombaria, tem o poder de provocar consequências psicológicas significativas.²⁵¹ Ao expor determinados elementos que seriam inerentes ao negro no país, seus idealizadores tinham a possibilidade de fomentar a crítica acerca de questões pontuais que estavam presentes na sociedade estadunidense. Dentre estas questões, pode-se destacar a presença e o papel do afro-americano na estruturação do país.

É por volta das três primeiras décadas do século XIX que as figuras de *Zip Coon* e *Jim Crow* começam a ganhar espaço no cenário ficcional norte-americano. Tais figuras são duas das personagens-chaves dos shows de menestréis que permeavam o território estadunidense e que fizeram com que fossem consideradas as primeiras formas de entretenimento nacional e a estabelecerem a maneira como os negros nos Estados Unidos seriam lembrados por longa data.²⁵² A significância desses shows é tão importante, não apenas como mais uma maneira a salientar o debate e a divisão racial que imperava no país no século XIX, mas também por serem representativos de amplos discursos que contribuem para se estabelecer um entendimento mais completo sobre

²⁵⁰ Neste caso, não estamos considerando as representações de escravos apresentados em impressos que já circulavam pelas colônias por volta da segunda metade do século XVII. Ver: LACEY, Barbara E. Visual Images of Blacks in Early American Imprints. In: *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. 53, n. 1, Material Culture in Early America, Jan. 1996, pp. 137-180. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2946827>. Acesso em: 11 de outubro de 2012.

²⁵¹ Como destacado por Fonseca, “por reunir em seu conteúdo arte, inteligência, criatividade e expressão, não deixa de ser cruel, inclemente e também injusta”, este fato se deve, pois “os que são atacados por ela, mesmo os donos do poder, raramente dispõem dessas mesmas armas e desses mesmos talentos para resposta”. In: FONSECA, op. cit., p. 12-13.

²⁵² Ver: TOLL, Robert C. *Blackening Up: The Minstrel Show in Nineteenth Century America*. New York: Oxford University Press, 1974.

outras problemáticas que auxiliaram a configurar o seu cenário político e social. Como exemplo desta proposta, pode-se citar o historiador David R. Roediger que em análise sobre o caráter racial na formação da classe trabalhadora nos Estados Unidos, salienta o papel que tais representações e shows tiveram em projetar as visões dos trabalhadores brancos em relação aos seus pares negros, em um período de intenso processo de industrialização nacional.²⁵³

A utilização da imagem de certos grupos humanos e sua aceitação pelas massas como estratégia de ridicularização representa um meio significativo de se analisar e compreender determinados aspectos da cultura popular. Segundo Russel B. Nye, por não ser considerada nem uma forma de cultura ou arte mais elevada nem um aspecto folclórico, a cultura popular oferece meios de perceber os pensamentos, sentimentos e sonhos que circundam as pessoas em determinada época.²⁵⁴

Figura 8. *Zip Coon*. 1834. 1 score, print. Sheet Music. Formato JPEG. Library of Congress. Music Division. Disponível em: http://www.loc.gov/item/sm1834.3607_80. Acesso em: 09 out. 2013.

²⁵³ ROEDIGER, David R. *The wages of whiteness: race and the making of the American working class*. London; New York: Verso, (1991) 2007.

²⁵⁴ NYE, Russel B. *The Unembarrassed Muse: The Popular Arts in American*. New York: Dial Press, 1970, p.2.

Figura 9. Jim Crow. 1835-1845?. 1 print: etching and ink; 20.5 x 13.8 cm. Formato JPEG. Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D. C. Collections: Popular Graphic Arts. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/2004669584/>. Acesso em: 09 out. 2013.

Vale a pena notar que a imagem do negro como uma figura cômica e muitas vezes, não condizente com os valores que guiavam os padrões norte-americanos, tais como sobriedade e apreço pelo trabalho duro, compartilhava dos mesmos dramas de outros grupos étnicos. Por exemplo, os asiáticos, os índios e até mesmo, grupos constituídos por elementos brancos da população, como o caso dos irlandeses, foram retratados grotescamente de maneiras semelhantes por Thomas Nast, talvez o maior cartunista da história norte-americana.²⁵⁵

De acordo com de J. Stanley Lemons, podem ser encontrados dois momentos em que a figura cômica referente ao afro-americano emerge nos Estados Unidos. Pode-se verificar nesses dois momentos, uma significativa semelhança que contribui para cimentar a falta de consideração para com os negros. Segundo este autor, o primeiro desses momentos ocorre durante os anos 1840 e está inserido em um contexto em que

²⁵⁵ Para saber mais sobre Thomas Nast, ver: HALLORAN, Fiona Deans. *Thomas Nast: the father of modern political cartoons*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2012.

os debates em torno da questão da escravidão estavam se tornando recorrentes no país. O outro momento histórico em que a figura do negro começa novamente a despontar para a atenção da sociedade, situa-se entre os anos de 1880 e 1890, período em que as relações raciais se tornam mais ásperas e a representação cômica do grupo negro passa a ser a mais comum nas práticas de entretenimento do país. Esses momentos de conturbada agitação social são cruciais para estigmatizar a figura do grupo, uma vez que este se encontra no foco de perturbações que assolam e comprometem a própria estabilidade nacional.²⁵⁶

Direcionando nossas atenções para este período mais recente de apresentação e distorção da imagem do afro-americano, inserido em um momento histórico em que diversas das garantias constitucionais lhe foram negadas em forma de lei, Lester Levy afirma que a partir dos anos oitenta do século XIX, o negro que até então era retratado com feições humanas nas capas de folhetos musicais bastante populares em fins do referido século, passa a ser descrito numa perspectiva grotesca através de caricaturas que os assemelham a seres bestiais.²⁵⁷ Nesta perspectiva, a falha do processo de reconstrução pós-guerra civil se evidencia como mais um fator a proporcionar a expansão da forma pejorativa de se retratar o negro norte-americano. Em face da situação caótica e explosiva que se apresentava à sociedade, uma parte dessa tensão foi canalizada para a representação da figura do negro.

²⁵⁶ LEMONS, J. Stanley. Black Stereotypes as Reflected in Popular Culture, 1880-1920. In: *American Quarterly*, v. 29, n. 1, spring 1977, p. 104. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2712263>. Acesso em: 11 de outubro de 2012.

²⁵⁷ LEVI, Lester. *Grace Notes in American History: popular sheet music from 1820 to 1900*. Norma: University of Oklahoma Press, 1967, p. 103.

Figura 10. All coons look alike to me: a darkey misunderstanding. 1896. Brown Digital Repository. Series: African American Sheet Music. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:20730/>. Acesso em: 17 out. 2013.

Pode-se destacar também nesse jogo de representações, o cenário ideológico que definiu de forma preponderante as relações estabelecidas e por estabelecer, entre as diversas sociedades do mundo. Expoente primordial para essa configuração se assenta na extensão e impacto que as ideias do naturalista inglês Charles Darwin apresentou em seu célebre livro *A Origem das Espécies*, publicado em 1859. A aplicação dos princípios da evolução apresentada por Charles Darwin migrou das ciências naturais e pouco a pouco, tornaram-se constantes os debates e produções que destacaram sua compatibilidade no que se refere às sociedades humanas. O chamado Darwinismo Social, termo empregado para associar as conjecturas darwinistas à estrutura social, denotou por parte de seus teóricos uma ampla gama de interpretações, desde variações que apresentaram um caráter radical sobre a luta que se daria numa espécie de arena

ocupada pelos seres humanos até análises mais brandas acerca da trajetória das sociedades em direção à evolução.²⁵⁸

Nos Estados Unidos, a influência dos preceitos do Darwinismo Social e das teorias raciais parecia condizer com o clima de desenvolvimento industrial sem restrições e o espírito imperialista que assolou o país no período após a Guerra Civil. O grande referencial quando se trata de tais interpretações no país é o sociólogo William Graham Sumner para quem, a competição econômica entre os indivíduos associada às leis da seleção natural proporcionariam o contínuo progresso da civilização. Para Sumner, o *laissez-faire* não apenas restrito à economia, mas também em relação a qualquer tipo de auxílio governamental em direção às classes sociais mais baixas se configurava em uma das formas mais eficazes na promoção de tal progresso.²⁵⁹

As noções de superioridade racial obtiveram um amplo alcance no debate intelectual que se configurou em variados espaços acadêmicos no interior do país. Atentos aos diversos avanços que se desenrolavam no continente europeu sobre o assunto, os eruditos norte-americanos procuraram elaborar suas próprias noções sobre configurações de superioridade e inferioridade para os membros que compunham o estrato social estadunidense. A diversidade das produções elaboradas na virada do século XX exemplifica muito bem a mentalidade reinante que moldou, por considerável espaço de tempo, as relações entre brancos e negros.²⁶⁰

No que se refere à criação e reprodução de estereótipos, que de uma maneira geral são pensados e associados a certos aspectos negativos de grupos sociais, seu poder pela simplificação, ou seja, de reunir determinadas características que parecem ser evidentes e compartilhadas por todos os membros que constituem tais grupos, contaram com a ajuda dos meios tecnológicos destinados aos impressos para conseguirem se

²⁵⁸ Ver: HAWKINS, Mike. *Social Darwinism in European and American thought, 1860-1945: nature as a model and nature as threat*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997 e SINGER, Peter. *A Darwinian Left: politics, evolution and cooperation*. New Haven: Yale University Press, [1999] 2000.

²⁵⁹ Ver: BANNISTER, Robert C. (ed.). *On Liberty, Society and Politics: the essential essays of William Graham Sumner*. Indianapolis: Liberty Fund, 1992.

²⁶⁰ Nos Estados Unidos as noções de superioridade racial obtiveram amplo alcance no debate intelectual que se configurou em diversos espaços acadêmicos no interior do país. Dentre as obras que podem ser apresentadas como contribuidoras para cimentar o ódio racial e a descrença na capacidade dos afro-americanos, está a produção de Frederick L. Hoffman, *The Race Traits and Tendencies in American Negro*, de 1896. Através de dados estatísticos diversos, Hoffman argumenta que qualquer prática que visa o auxílio em direção ao negro, seja em relação à educação ou por meios filantrópicos, tem mostrado um notável fracasso e chega à conclusão de que a completa extinção da raça negra é apenas uma questão de tempo. Cf. HOFFMAN, Frederick L. *The Race Traits and Tendencies in the American Negro*. In: *Publications of the American Economic Association*, v. 11, n. 1/3 (Jan. – Mar. – May, 1896), pp. 1-329.

firmar na mentalidade e no seio popular. Como salienta Teun A. van Dijk, tais imagens “são ao mesmo tempo uma interpretação subjetiva e uma reconstrução da realidade”.²⁶¹

No caso específico dos Estados Unidos, Henry B. Wonham procura debater o notável crescimento de caricaturas étnicas, nas últimas décadas do século XIX, em um momento em que as expressões artísticas pregavam por uma representação mais verossímil do ser humano. Essa ambiguidade de acordo com o que é debatido por Wonham, insere-se dentro de um programa mais amplo que tem como uma de suas consequências “delinear os limites da legítima cidadania por uma cultura insegura de seu clamor por autoridade”.²⁶² Dessa maneira, o que estava em jogo com este discurso, mais do que o ato de simplesmente degradar e rebaixar grupos humanos salientando de forma exagerada certas características físicas, por exemplo, dos negros norte-americanos, comportamentais, no caso do imigrante irlandês, ou políticas, neste caso, citando russos e alemães de tendência anarquista, era o próprio estabelecimento do que seria a identidade norte-americana.²⁶³

O processo para a desmitificação e combate à representação deturpada e distorcida do afro-americano, da mesma maneira que a imagem que procurava degradá-lo se encontra presente em discursos que antecedem o eclodir da Guerra Civil Americana, a partir de 1861. Nesse caso, a figura do ex-escravo Frederick Douglass sustentou a tarefa de mostrar para a sociedade estadunidense, em geral, as virtudes e capacidades que também emergiam desse conjunto de pessoas. Douglass deixara o estigma da escravidão para se transformar num dos mais talentosos escritores norte-americanos e, além disso, se tornou o porta-voz do homem negro por ser, em sua época, o mais “apresentável” tanto aos olhos do conjunto de pessoas brancas engajadas no discurso contra a instituição da escravidão, como para os membros da comunidade negra.

Pode-se verificar nesses passos iniciais, o papel que as manifestações artísticas desempenham para reforçar o diálogo contra a pretensa ignorância e falta de apreço das pessoas negras pelas expressões culturais, e o negro nos Estados Unidos soube como discutir as duras realidades que os infringiam. Segundo o historiador e crítico literário

²⁶¹ VAN DIJK, T. A. *Prejudice in discourse: an analysis of ethnic prejudice in cognition and conversation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1984, p. 13.

²⁶² WONHAM, Henry B. *Playing the races: ethnic caricature and American literary realism*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 31.

²⁶³ Idem.

Henry Louis Gates, Jr., a história cultural dos negros no país se inicia como uma história de “autênticos desconstruídos” que a partir do momento em que adquiriram a capacidade de escrever, procuraram se redefinir contra o já existente estereótipo racista.²⁶⁴ Estabelecendo um paralelo sobre o que foi o período de Reconstrução para o negro, argumenta que aquele espaço de tempo é bem mais extenso do que os nove anos que vão de 1867 a 1876.²⁶⁵ Para o autor,

[...] a Reconstrução intelectual negra começou nas narrativas escravas pré-guerra, publicadas principalmente entre 1831 e 1861, e se encerrou (se realmente ela tem se encerrado) com o Renascimento do Novo Negro dos anos 1920. E a alegoria da Reconstrução que eu desejo traçar é a alegoria do Novo Negro no discurso afro-americano entre os anos de 1895 e 1925. (Tradução nossa).²⁶⁶

É interessante observar nessa passagem de Gates, Jr., os parâmetros temporais que ele destaca como sendo balizas para a configuração de uma nova imagem do negro nos Estados Unidos. No primeiro momento, salienta o início desta trajetória na década de trinta do século XIX, que como foi explanado acima, é o período em que ganhava espaço as figuras pejorativas de *Zip Coon* e *Jim Crow*. O contexto seguinte, iniciado por volta de 1895, se configura como um momento extremamente delicado nas relações raciais entre brancos e negros, onde, de uma maneira geral, todas as formas de convívio se pautavam obedecendo aos ditames estabelecidos pelas convenções entre racialmente inferiores e superiores. Convenções estas que fixaram os “lugares” de cada um dentro da sociedade. No entanto, para esse autor, neste segundo período a forma de contestação do negro se mostrou mais impactante do que antes e sua voz soou “mais alta e mais estridente do que ela tinha sido durante a escravidão.”²⁶⁷

²⁶⁴ GATES, Jr., Henry Louis. The Trope of a New Negro and the Reconstruction of the Image of the Black. In: *Representations*, n. 24, Special Issue: America Reconstructed, 1840-1940, autumn, 1988, p. 131. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2928478>. Acesso em: 22 de outubro de 2012.

²⁶⁵ O período da Reconstrução pós-guerra civil é mais comumente estabelecido como o espaço de tempo que vai de 1865 a 1877. No entanto, alguns historiadores como Eric Foner preferem adotar o ano de 1863 justamente para salientar a importância da proclamação da emancipação. Henry Louis Gates, Jr., preferiu estabelecer o ano de 1867, provavelmente, por ser este o ano em que foi conferido ao negro o direito ao sufrágio, uma conquista superada apenas pela emancipação.

²⁶⁶ “...black intellectual Reconstruction commenced in the antebellum slave narratives, published mainly between 1831 and 1861, and ended (if indeed it *has* ended) with the New Negro Renaissance of 1920s. And the *trope* of Reconstruction that I wish to trace is the trope of the New Negro in Afro-American discourse between 1895 and 1925”. In: GATES, Jr., op. cit., p. 131.

²⁶⁷ Idem.

O seu caminhar até a década de vinte do século seguinte, pôde proporcionar um dos movimentos mais marcantes na história das artes ligadas aos afro-americanos, conhecido como Harlem Renaissance. Este movimento foi extremamente importante por reforçar tal roupagem que estava sendo estruturada em relação ao negro norte-americano, por apresentá-lo como possuidor de “novos” valores que haviam sido negligenciados pela maioria dos brancos, bem como por negros acostumados ao velho sistema de segregação vigente. Tal imagem do “novo negro”, versado em artes e contrário a permanência do *status quo* da sociedade estadunidense contou com o auxílio de W. E. B. Du Bois no período em que este foi editor da revista *The Crisis*.

3.2 – As estratégias de combate ao linchamento nos Estados Unidos: a NAACP em luta - *The Crisis* em ação

Como citado anteriormente, um dos primeiros empreendimentos em que a NAACP esteve engajada foi na necessidade de se pronunciar contra a prática de violências físicas sofridas pelos afro-americanos. Sendo ela própria originada de um desses eventos, os efeitos que tal manifestação causou nos membros reunidos em sua configuração foram vistos como a expressão de uma guerra racial, que se expandia por todas as regiões do país.

Chocados com as consequências do distúrbio racial ocorrido em Springfield, estado de Illinois, em 14 de agosto de 1908, as figuras que fariam parte do que viria a ser a Associação, expressaram sua indignação por meio de veículos impressos os quais muitos controlavam. Essas personalidades de destacadas tendências liberais e progressistas compreenderam que a presente situação enfrentada pelo afro-americano precisava ser alterada e que os direitos constitucionais garantidos ao grupo deveriam ser firmemente reafirmados. Como descrito por William English Walling, no artigo “*The Race War in the North*”, publicado no jornal *The Independent*, em 03 de setembro de 1908, “ou o espírito dos abolicionistas, de Lincoln e de Lovejoy têm de ser revividos e nós tratarmos o negro em uma posição de absoluta igualdade política e social, ou Vardaman²⁶⁸ e Tillman²⁶⁹ brevemente terão transferido a guerra racial para o Norte”.²⁷⁰

²⁶⁸ James Kimble Vardaman, embora nascido no estado do Texas, fez sua carreira política no estado do Mississippi onde foi governador (1904-1908) e representou o estado como senador entre os anos de 1913-1919. Defendeu não apenas o preceito da supremacia branca, mas o emprego da violência no tratamento

A prática do linchamento passou a ser sentida como uma manifestação que não mais ficava restrita aos estados do sul ou aos de fronteira e foi compreendida como um fenômeno capaz de desestabilizar o corpo social estadunidense, expandindo ainda mais as disparidades existentes entre brancos e negros. Se referindo a este distúrbio racial, Lewis o compreendeu como um evento que “sinalizou que o problema racial não era mais regional – um drama cru e sangrento encenado atrás de uma cortina de magnólia – mas nacional”.²⁷¹

Em comentário sobre um posicionamento de Vardaman, para o qual as tristes experiências em Springfield fariam com que a população situada fora das demarcações da *Mason-Dixon Line* (Linha Mason-Dixon)²⁷² olhassem com uma maior tolerância os métodos empregados pelo povo do sul, Walling chama atenção para as futuras consequências que tais manifestações trariam. Para ele, “o dia em que esses métodos se tornarem gerais no norte, toda a esperança da democracia política morrerá, as raças e as classes mais fracas serão perseguidas”, da mesma forma que, “a educação pública vivenciará um eclipse e a civilização norte-americana esperará ou por uma rápida

para com o afro-americano. Para saber mais sobre Vardaman, ver: HOLMES, William F. *The White Chief: James Kimble Vardaman*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1970.

²⁶⁹ Benjamin Ryan Tillman foi um dos mais famosos e atuantes defensores do discurso em torno da ideologia da supremacia branca nos Estados Unidos. Este antigo combatente confederado levou a suas ideias racistas não apenas para a política estadual, enquanto foi governador do estado da Carolina do Sul (1890-1894), onde contribuiu para estruturar uma série de empecilhos para privar os negros do estado do direito ao voto, mas também para o cenário nacional quando foi senador durante dos anos de 1895 até a sua morte em 1918. Com seu discurso demagógico, Tillman inflamava os ânimos da população ao direcionar duras palavras tanto à elite aristocrática quanto à ideia de igualdade em relação aos afro-americanos. Mais do que pregar a completa submissão da população negra, este demagogo defendia de forma aberta e despojada a violência da população branca sobre os negros. Ver: KANTROWITZ, Stephen. *Ben Tillman and the reconstruction of white supremacy*. Chapel Hill; London: The University of North Carolina Press, 2000; KENNY, Stephen C. Tillman, Ben (1847-1818). In: BROWN; STENTIFORD, op. cit., pp. 785-786. Ver também: TINDALL, George Brown. *South Carolina Negroes, 1877-1900*. Columbia: University of South Carolina Press, [1952] 2003 e DAILEY, Jane; GILMORE, Glenda Elizabeth; SIMON, Bryant (Eds.). *Jumpin' Jim Crow: southern politics from Civil War to civil rights*. Princeton, NJ; Oxford: Princeton University Press, 2000.

²⁷⁰ WALLING, William English. The Race War in the North. In: *The Independent*, n. 65, Sept. 3, 1908, p. 534.

Disponível

em:

http://www.eiu.edu/past_tracker/AfricanAmerican_Independent65_3Sept1908_RaceWarInTheNorth.pdf.

²⁷¹ Lewis, op. cit., 1993, p. 387.

²⁷² *Mason-Dixon Line* foi uma demarcação estabelecida pela coroa britânica para a resolução de conflitos envolvendo as famílias Calvert e Penn que advogaram para si a posse de terras entre os paralelos 39° e 40° de latitude norte. Para resolver a questão foram contratados os matemáticos britânicos Charles Mason e Jeremiah Dixon para estabelecer os limites entre as duas colônias. Culturalmente falando, a linha serve como demarcação entre os estados que começaram a abolir a escravidão após o processo de independência, como a Pensilvânia fez por volta de 1781, e aqueles que preservaram o sistema. A linha compreende ainda os estados de Virgínia Ocidental e Delaware. Para saber mais sobre esta demarcação, ver: LAYTON, John. *Exploring the Mason-Dixon Line: walking in the footsteps of history*. Franklin, Tenn.: American History Press, 2010 e DANSON, Edwin. *Drawing the line: how Mason and Dixon surveyed the most famous border in America*. New York: John Wiley & Sons, 2001.

degeneração ou por uma mais profunda guerra civil” que por sua vez, eliminará todas as sobras da escravidão e os outros obstáculos para uma livre evolução democrática.²⁷³

Embora outras regiões do país também perpetrassem contra o afro-americano medidas segregacionistas que não ficavam restritas às normas de conduta social, o fato daquele distúrbio ter tido lugar em uma cidade conhecida como um dos redutos do ex-presidente Abraham Lincoln, que viveu ali entre os anos de 1837 e 1861, parece ter contribuído para uma maior atenção quanto à necessidade de se questionar a situação presenciada pelo negro. Esta significação foi revelada por Du Bois ao dizer que a Associação começou com um linchamento, 100 anos após o nascimento de Abraham Lincoln, e na cidade onde ele residiu por longo tempo.²⁷⁴ Mesmo reconhecendo que este fator não seja o determinante para a estruturação do ativismo que seria estabelecido com a criação da NAACP, pode-se acrescentar que juntamente com o contexto do período, a inevitável menção à figura de Lincoln evidenciou o caótico estilo de vida ao qual o negro nos Estados Unidos estava submetido. Assim, os 45 anos que separavam esta data da emancipação podem ser vistos como o espaço de tempo em que uma contestável melhora em suas condições sociais era ofuscada pelas cruéis realidades presenciadas.

Atento a estas circunstâncias, e atuando ativamente para ter mais informações acerca dos eventos ocorridos, dirigindo-se para Springfield com a finalidade de investigar o caso e chegando a conclusão de que a maior parcela da população da cidade realmente desejava que os afro-americanos que não tinham se retirado, após o tumulto, o fizessem o mais rápido possível, Walling constatou que a imprensa e as figuras públicas locais não se importaram com o acontecimento ou culpavam os negros. Em face de tal descaso, o ativista Walling conclamou a população do país a assumir um posicionamento mais concreto para a questão, quando ao finalizar o seu artigo no *The Independent*, indaga sobre quem conseguia perceber a seriedade da situação e do quão extenso e poderoso era o corpo de cidadãos que estaria preparado para ir ao auxílio do grupo negro.²⁷⁵ Uma dessas cidadãs foi Mary White Ovington, que vinha fazendo um trabalho significativo sobre as condições de vida dos afro-americanos e que por esta época morava em um condomínio na cidade de Nova Iorque em que a população negra era predominante.

²⁷³ WALLING, op. cit., p. 534.

²⁷⁴ DU BOIS, op. cit., 1988, p. 254.

²⁷⁵ WALLING, op. cit., p. 534.

Após a fundação da NAACP, no início de 1909, a organização começou a pôr em prática uma tática de investigação e defesa de casos particulares envolvendo ocorrências com afro-americanos. Posteriormente, procurou estabelecer um programa mais amplo de combate que deveria abarcar todo o território nacional. Este programa foi descrito por Kellogg como reunindo, em torno de si, alguns parâmetros essenciais que precisavam ser delineados. Segundo Kellogg,

Na luta contra o linchamento e a violência popular, a Associação tentou ajudar o injustamente acusado. Eles tentaram ver os linchadores punidos e se esforçaram para prevenir o linchamento causando uma mudança na opinião pública. Para alcançar isto, empreenderam pesquisa por informação objetiva, faziam pressão por um suporte do governo nacional e estadual, e tentaram (sem sucesso) mobilizar as lideranças brancas sulistas. Eles batalharam por uma legislação para fazer do linchamento um crime punível por uma lei federal, e ao fazê-lo alcançaram não uma legislação, mas a publicidade que eles desejaram. (Tradução nossa)²⁷⁶

Mesmo tendo estabelecido um coerente programa para enfrentar esta típica manifestação social, os resultados esperados não vieram de forma rápida e elas continuaram a ocorrer por todo o país. Um desses episódios, que foi duramente criticado nos primeiros anos do grupo, teve lugar em Coatesville, no estado da Pensilvânia, em agosto de 1911. Após uma discussão com um policial, Edgar Rice, o afro-americano Zachariah Walker feriu mortalmente o oficial alegando, posteriormente, legítima defesa. Hospitalizado, Walker foi retirado à força do hospital da cidade sendo arrastado pelas ruas por uma multidão e queimado vivo. A força policial do município não esboçou esforços para evitar o ocorrido.²⁷⁷ Instigados pelo evento, a NAACP procurou atuar diretamente na investigação que embora tenha indiciado alguns dos participantes do linchamento, não encontrou provas suficientes para condená-los. Uma espécie de pacto de silêncio esteve envolvido no andamento dos fatos. Não satisfeitos com o fechamento do caso, a NAACP procurou uma forma de reabri-lo contratando uma agência de detetives particulares para reunir evidências que podiam comprovar a culpabilidade dos

²⁷⁶ “In the fight against lynching and mob violence, the Association tried to help the unjustly accused. They tried to see that lynchers were punished and attempted to prevent lynching by bringing about a change in public opinion. To accomplish this they did research for objective information, brought pressure to bear on national and state government, and tried (but failed) to mobilize Southern white leadership. They fought for legislation to make lynching a crime punishable by the federal government, and in so doing achieved not the legislation, but the publicity they desired.” In: KELLOGG, op. cit., p. 210.

²⁷⁷ Ver: DOWNEY, Dennis B.; HYSER, Raymond M. *No crooked death: Coatesville, Pennsylvania, and the lynching of Zachariah Walker*. Urbana: University of Illinois Press, 1991.

envolvidos. Os resultados dessa investigação, promovida por meios particulares, afirmaram que o promotor distrital tinha ligações com os envolvidos e que o estado havia desistido de dar prosseguimento ao caso.²⁷⁸

Com o passar do tempo os métodos utilizados pela organização se tornaram mais efetivos e procuraram ir de encontro às estruturas de poder tanto locais como nacionais. Esta prática já havia sido intentada ainda em 1911 quando após outra ocorrência de linchamento, desta vez em Livermore, estado de Kentucky, a Associação, juntamente com outras organizações, apresentou ao presidente William Howard Taft (1909-1913), uma resolução na qual exortava o chefe do executivo a se pronunciar abertamente diante do Congresso por um comprometimento em reforçar a legislação do país no combate àquele tipo de violência que “deprecia nossa civilização, nosso cristianismo e a honra de nossa nação”.²⁷⁹ A resposta do presidente se revelou decepcionante ao afirmar que esta matéria deveria ser tratada pelos respectivos estados em que tais ocorrências acontecessem.²⁸⁰

Outra tática empreendida pela Associação foi procurar obter explicações e revelar ao público o que os governadores pensavam sobre estas práticas e o que estavam fazendo para impedi-las. A morte de seis afro-americanos em Lake City, Flórida, em 21 de maio de 1911, possibilitou a efetivação daquele intento, por parte da NAACP. Procurando obter algum pronunciamento do governador do estado na época, Albert W. Gilchrist, os dirigentes da NAACP enviaram várias cartas endereçadas a Gilchrist e incentivaram em torno de 75 membros ligados à organização a fazerem o mesmo. Além disso, foram enviados relatos do acontecimento para 40 dos principais jornais do país.²⁸¹ A réplica do governador, em um primeiro momento, pareceu demonstrar certo interesse em procurar punir os participantes das mortes dos seis afro-americanos que haviam sido retirados da cadeia local. No entanto, como reportado em uma nota da revista *The Crisis*, nenhuma medida mais concreta foi tomada pelo governador que não ofereceu qualquer recompensa pela prisão dos principais envolvidos, ação que foi proposta pelo Legislativo local que apresentou um projeto de lei ao Senado no qual oferecia um valor de \$5,000 pela prisão dos membros que participaram do ocorrido.²⁸²

²⁷⁸ KELLOGG, op. cit., p. 213.

²⁷⁹ The NAACP. In: *The Crisis*, v. 2, n. 3, July 1911, p. 109.

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ Ibidem, p. 108.

²⁸² The Burden. Idem; Ibidem, p. 123.

Durante anos, a Associação procurou reforçar seus métodos através da pressão sobre políticos regionais, conexões com outros periódicos, defesa jurídica para os acusados que tinham a sorte de não serem tragados pelo ódio proveniente de uma massa ensandecida e do incentivo direcionado a personalidades de tendências liberais em várias partes do país e principalmente no sul.

O ano de 1916 significou um momento histórico para o destino da Associação, dando origem a Campanha Antilinchamento. Este programa, incentivado pelo advogado de Boston, Philip G. Peabody, que ofereceu uma contribuição no valor de \$1,000 se a Associação conseguisse reunir mais \$ 9,000, até agosto daquele ano, tinha como meta o delineamento de um efetivo compromisso de estruturar medidas para a completa eliminação daquela prática. Um comitê antilinchamento foi organizado para administrar o fundo e estabelecer os procedimentos que deveriam reger suas formas de atuação. Três principais campos de ação foram estabelecidos pelo comitê na luta contra o linchamento: a reunião e compilação dos fatos; a investigação de casos específicos sobre como eles haviam ocorrido e, o que foi visto como mais importante, a organização de líderes comerciais e políticos do sul que se prontificariam em expressar abertamente suas opiniões contrárias aos linchamentos.²⁸³

Atento sobre a possibilidade do montante estabelecido não ser suficiente para se alcançar os objetivos pretendidos, Peabody ofereceu mais \$1,000 se a Associação conseguisse reunir os \$8,000 restantes até o prazo determinado. Proposta que também foi adotada pelo presidente nacional da NAACP, Moorfield Storey. Na impossibilidade de se alcançar o montante até a data estabelecida, o grupo encarregado de angariar o fundo pediu um prazo maior para reunir a quantia. A participação da revista *The Crisis*, para se atingir tal medida, foi importantíssima ao solicitar de seus leitores doações para que não se deixasse escapar as contribuições de Peabody e Storey.²⁸⁴

Na edição de setembro daquele ano, foi publicado um demonstrativo acerca da quantia arrecada e do quanto ainda faltava para ser atingido.²⁸⁵ Pode ser observado nesta edição também, o comprometimento dos leitores da revista que se engajaram e procuram contribuir com diversas quantias. Mais representativo que os auxílios obtidos

²⁸³ KELLOGG, op. cit., p. 217.

²⁸⁴ The Crisis Advertiser (Anti-Lynching Fund). In: *The Crisis*, v. 12, n. 4, Aug. 1916, p. 202.

²⁸⁵ O valor apresentado no demonstrativo da NAACP destaca a quantia arrecada de \$7,260.93 obtida durante o período de 04 de julho a 04 de agosto. Cf. NAACP. In: *The Crisis*, v. 12, n. 5, Sept. 1916, p. 219.

é destacar que os mesmos vieram de diferentes partes do país, reafirmando que o problema do linchamento era uma questão nacional. J. T. Donald respondendo ao chamado da Associação e escrevendo de Atlanta, na Geórgia, afirmou a doação de \$17,00. Significativamente importantes são as questões políticas, sociais e econômicas com a qual procura justificar seu ato. Para Donald, se o propósito a ser obtido pela NAACP fosse alcançado, a organização faria um trabalho significativo para as garantias das conquistas materiais dos afro-americanos que lotam as cidades e que poderiam retornar para suas fazendas sem correr o risco de serem linchados.²⁸⁶ L. G. Jordon, escrevendo da Filadélfia, estado de Pensilvânia, em 25 de julho, garantiu uma doação de \$100,00 e procurou se pronunciar dizendo que se tivesse tempo, empreenderia uma iniciativa para levantar mais dinheiro entre os próprios afro-americanos e, da mesma forma, afirmou que esperava que a iniciativa levada a cabo pela organização pudesse livrar as pessoas do terrível vórtice, no qual o preconceito norte-americano os subjugava sem piedade.²⁸⁷ No número do mês de outubro, a revista *The Crisis* teve o regozijo de publicar que o valor pretendido tinha sido alcançado com uma pequena folga.²⁸⁸

De acordo com Kellogg, três ocorrências significativas serviram como incentivo para fomentar a campanha. O já citado, no segundo capítulo, linchamento de Jesse Washington, em maio de 1916, na cidade de Waco, no Texas, que foi tão expressivo que mereceu um número suplementar da revista *The Crisis* com 08 páginas dedicadas exclusivamente ao caso, trazendo um histórico da cidade, relatos sobre o ocorrido e fotografias.²⁸⁹ A edição suplementar da revista foi distribuída para aproximadamente 42,000 assinantes, 700 jornais da grande imprensa, 50 semanais ligados à imprensa negra norte-americana, para todos os membros do Congresso e para 500 homens de negócios da cidade de Nova Iorque que poderiam contribuir com a campanha. Além

²⁸⁶ Idem, p. 220.

²⁸⁷ Ibidem, p. 220.

²⁸⁸ A soma arrecada pela campanha foi de \$10,177.50. No entanto a NAACP se viu na necessidade de estender o valor para \$15,000 demonstrando sua intenção de atingir este novo valor aumentando o número de assinantes de *The Crisis*. Ver: NAACP. In: *The Crisis*, v. 12, n. 6, Oct. 1916, p. 275; *The Crisis Advertiser*. Idem, p. 303.

²⁸⁹ Supplement to *The Crisis*. In: *The Crisis*, v. 12, n. 3, July 1916, pp. 1-8. Grande contribuidora para verificar em primeira mão os fatos foi a ativista e defensora do direito de voto das mulheres Elisabeth Freeman que atendendo a um pedido do secretário da Associação, Roy Nash (Royal Freeman Nash), se dirigiu para o local e ali ficou por mais de uma semana entrevistando diversas pessoas da comunidade incluindo a família de Jesse Washington. Para saber mais sobre o trabalho empreendido por Elisabeth Freeman para a NAACP bem como aspectos relacionados a sua vida e carreira ver: <http://www.elizabethfreeman.org/naacp.php>.

disso, Oswald Garrison Villard, servindo como coordenador do Fundo Antilinchamento escreveu para trinta editores na intenção de expandir a publicidade sobre o ocorrido.²⁹⁰

O segundo caso aconteceu em Gainesville, Flórida, e parece ter se iniciado com uma discussão entre um homem branco que acusou um afro-americano de ter roubado um porco de sua criação. Quando a autoridade policial local foi à captura do acusado, este ao resistir à prisão feriu o seu acusador e o policial que veio a falecer. Quando relatos do ocorrido se espalharam, a multidão se dirigiu a casa do suposto assassino, Boisy Long, que não se encontrava no local e prenderam sua esposa e mais outra mulher, a Sra. Dennis. Não encontrando Long, os linchadores mataram qualquer afro-americano que cruzaram seu caminho. No total, cinco pessoas foram mortas pelos justiceiros, incluindo as duas mulheres. Quando o relato foi apresentado em *The Crisis*, em outubro, Long estava preso na cidade de Jacksonville.²⁹¹

O terceiro evento que contribuiu para impulsionar a campanha contra o linchamento desenvolvida pela NAACP teve lugar em Abbeville, na Carolina do Sul, no mês de outubro. Esta ocorrência foi discutida pela organização tendo como um dos principais motivos o estilo de vida “incomum” possuído pelo afro-americano Anthony Crawford que era proprietário de uma considerável extensão de terra, onde este cultivava algodão. Em uma discussão relacionada ao preço a ser estabelecido para seu produto, Crawford teria blasfemado contra o provável comprador o que serviu de pretexto para ser enforcado pela multidão que utilizou o momento como uma lição para outros afro-americanos que se atrevessem a evidenciar semelhante postura.²⁹² Investigações foram promovidas pela Associação e seus resultados ganharam as atenções da imprensa nacional, incluindo periódicos sulistas. O governador da Carolina do Sul, na época, Richard Manning, ciente da publicidade adquirida pelo ato, fomentada com a ajuda da NAACP, escreveu para Oswald Garrison Villard relatando que estava determinado a fazer todo o possível para levar os criminosos a julgamento e prevenir possíveis novos casos.²⁹³

O intenso processo de vigilância promovida pela Associação começava lentamente a apresentar resultados ao expor as atrocidades advindas da prática do linchamento. Ao final daquele ano, a conclusão a que os dirigentes chegaram foi que o

²⁹⁰ KELLOGG, op. cit., p. 218.

²⁹¹ M. A. H. Another Lynching. In: *The Crisis*, v. 12, n. 6, Oct. 1916, p. 275-276.

²⁹² Anthony Crawford. In: *The Crisis*, v. 13, n. 2, Dec. 1916, p. 67.

²⁹³ NAACP. The Abbeville Lynching. In: *The Crisis*, v. 13, n. 3, Jan. 1917, p. 120.

trabalho de injetar as ocorrências dessa manifestação na consciência popular como um problema nacional foi a mais impactante façanha do ano.²⁹⁴ Nos anos que se seguiram, a NAACP intensificou e expandiu seu leque de ação adotando como uma de suas medidas a inserção da problemática na campanha presidencial de 1916 e na promoção de uma turnê pelos estados do sul, através da qual seus agentes tinham como objetivo trazer para sua área de influência a maior quantidade possível de parceiros daquela região.

Com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, a partir de 1917, o clima em torno das relações raciais sofre significativamente um agravamento vinculado ao deslocamento promovido pelos afro-americanos que foram ocupar postos de trabalho abertos nos estados do norte a fim de reforçar a economia de guerra.²⁹⁵ No entanto, os procedimentos utilizados pela Associação procuraram não desviar o foco em prol de se extirpar este mal da sociedade norte-americana. Ao chamar a atenção do público para sua causa, a NAACP procurou reforçar a sua argumentação de apresentar o problema como um drama nacional, capaz de jogar por terra o que os estadunidenses compreendiam como um país sustentado por leis sólidas e baseado no justo tratamento de seus cidadãos perante elas.

Um incipiente êxito veio, em 26 de julho de 1918, quando o presidente Wilson se pronunciou abertamente sobre casos de linchamento que estavam ocorrendo pelo país. Contudo, o pronunciamento foi visto pela Associação e muito criticado pelo editor de *The Crisis* como uma atitude convenientemente arranjada, pois foi efetuada após o linchamento de um alemão na cidade de Collinsville, Illinois, em abril daquele ano. Para membros da Associação, o pronunciamento de Wilson estava mais relacionado com o contexto de guerra do que com uma demonstração de simpatia pela população afro-americana. Mesmo concordando em grande medida com este fato, a organização

²⁹⁴ KELLOGG, p. 220.

²⁹⁵ Um dos mais destacados efeitos do agravamento dos atritos entre brancos e negros no período foi o distúrbio racial ocorrido em East St. Louis, estado de Illinois, que explodiu em 02 de julho. Atraídos pelas oportunidades de trabalho abertas em cidades do norte, uma grande leva de afro-americanos se dirigiram para centros industriais como aquele. Ressentidos com a chegada cada vez maior daquela camada populacional, os habitantes brancos da cidade se sentiram ameaçados com a perda dos privilégios entendidos como destinados unicamente a eles. Fatores como a contratação de mão-de-obra afro-americana para inviabilizar greves patrocinadas por trabalhadores brancos estão entre os principais motivos para a origem do tumulto. Estimativas apontam para um total de 39 negros mortos e 09 brancos, porém alguns veículos de imprensa reportaram em torno de centenas de vidas perdidas e mais milhares de afro-americanos que deixaram a cidade. Para saber mais sobre como o ocorrido foi reportado na revista *The Crisis*, ver: NAACP. The Massacre of East St. Louis. In: *The Crisis*, v. 14, n. 5, Sept. 1917, pp. 219-238. Ver também: BARNES, Harper. *Never been a time: the 1917 riot that sparked the civil rights movement*. New York: Walker and Company, 2008 e BENNETT, Shannon Smith. East St. Louis Riot of 1917, pp. 257-258. In: BROWN, Nikki L. M.; STENFIFORD, Barry M. op. cit.

pôde perceber que o tema constantemente evitado foi inserido na pauta da estrutura do governo federal e apreciou tal fato.²⁹⁶

Ainda que o discurso contra o linchamento não tenha sido direcionado tendo em vista a situação presenciada pelo negro norte-americano, cujas ações continuaram a ocorrer, o mesmo contribuiu para reforçar as formas de atuação empregadas pela Associação e conseguiu trazer para o seu escopo personalidades e instituições simpáticas às suas pregações.

Da mesma forma que o ano de 1916, o de 1919 pode ser considerado um divisor de águas para todos os envolvidos da NAACP. Contudo, diferente daquele ano, em que a militância em torno da problemática de questionamento da justiça promulgada pelas manifestações populares adquiria forma e começava a expor os horrores de tais atos, obtendo significativos avanços, este ano evidenciou a profundidade das perturbações que envolviam as relações raciais. Grande parte desse contra-ataque, proporcionado pelas forças segregacionistas, estava vinculada às consequências trazidas pelo encerramento da participação norte-americana na Primeira Guerra Mundial que procurou de diversas maneiras, impossibilitar as conquistas que poderiam ser almejadas pelos afro-americanos.²⁹⁷

Em sua luta para estruturar procedimentos efetivos contra os atos de violência para com o afro-americano, em particular, mas reconhecendo a necessidade de uma discussão geral, a Associação procurou empreender um encontro nacional no intuito de expandir o tema e conseguir a contribuição de figuras públicas que poderiam barganhar por uma mais promissora resolução. A necessidade de organizar tal ato estava vinculada ao crescente número de ocorrências experimentadas no ano de 1918, em comparação com os dois anos anteriores que foram vistos como promissores. Como fazia em seu número de fevereiro, a revista *The Crisis* apresentava aos seus leitores os números de

²⁹⁶ Em observação a uma parte do discurso pronunciado pelo presidente, em julho de 1918, sobre as práticas de linchamento que assolavam o país, é possível perceber o vínculo que este procura estabelecer entre estas e sua política de guerra ao afirmar que as mesmas não são representativas de países que procuram defender os preceitos democráticos e o respeito às leis. Neste sentido, aqueles envolvidos em ações violentas não podem ser vistos como “filhos” da Democracia representada pelos Estados Unidos. Nenhuma menção é feita acerca de linchamentos de afro-americanos. Para ver excertos do discurso: *The Looking Glass. Mob Action*. In: *The Crisis*, v. 16, n. 5, Sept. 1918, pp. 227-228.

²⁹⁷ Discutiremos a existência desta tensão e os fatos que a compunham, tais como o “*Red Scare*” e o “*Red Summer*”, de forma segmentada. Para isso, apresentaremos o fenômeno conhecido como “*Red Scare*” no capítulo seguinte por concluir que ele está mais relacionado ao contexto de pós-guerra mundial, assunto que estrutura o quarto capítulo e o “*Red Summer*”, embora tenha suas raízes com os fatos da guerra, pode ser relacionado ao combate às violências físicas sofridas pelos afro-americanos.

ocorrências de linchamentos do ano anterior. De acordo com a contabilidade retratada na revista, foram reconhecidos 64 casos de linchamentos de afro-americanos e 04 pessoas brancas nos Estados Unidos, em 1918.²⁹⁸ Em comparação com o ano de 1917, em que, segundo a NAACP, 224 pessoas foram assassinadas devido a esta prática, sendo que 44 eram negras, o crescimento no número de vítimas de descendência africana se mostrou preocupante.²⁹⁹

Procurando chamar atenção para este fato e buscando meios de barrar tal crescimento, a NAACP apresentou na mesma edição de *The Crisis*, uma compilação dos feitos e conquistas alcançadas em seu empreendimento para extinguir estas práticas pelo país. Neste “breve sumário”, descrições sobre certas características de alguns linchamentos, como a forma de execução adotada; a existência de casos que foram encobertos ou ignorados pela imprensa de determinados estados, como nos condados de Brooks e Lowndes, na Geórgia; telegramas enviados para governadores solicitando providências, seja para colocar em prática investigações ou para proporcionar proteção aos cidadãos mais vulneráveis, foram apresentados.³⁰⁰ É notório observar, também, os efeitos políticos trazidos por esta militância ao se averiguar que governadores de estados, reconhecidamente racistas e segregacionistas, se dispuseram a tomar uma ação mais ativa para se evitar que a “justiça popular” se antecedesse aos meios legais. Um exemplo disso ocorreu na Carolina do Norte, quando o governador, Thomas W. Bickett solicitou que autoridades federais dessem assistência aos oficiais da cidade de Winston-Salem a fim de se prevenir que a multidão retirasse um afro-americano que estava detido na cadeia local.³⁰¹ Além disso, foi divulgado um pequeno programa de trabalho a ser executado durante o ano de 1919, que procurava estender as práticas de publicidade

²⁹⁸ Antecipamos aqui o demonstrativo apresentado em fevereiro de 1921, a fim de demonstrar a ascensão dos casos envolvendo afro-americanos. No demonstrativo apresentado, pode se ter uma medida do trabalho realizado pela NAACP no combate ao linchamento. Na edição de fevereiro de 1921, verifica-se um total de 3,112 afro-americanos linchados no período de 1885-1920. Utilizando os dados divulgados pela Associação para os anos compreendidos entre o início da Primeira Guerra Mundial e 1920, temos um total de 449 pessoas negras linchadas distribuídas da seguinte forma: 1914 (69); 1915 (80); 1916 (55); 1917 (44); 1918 (64); 1919 (77); 1920 (60). Estes números sofriam alterações dependendo da instituição que se prontificava em contabilizar tais ocorridos. No entanto, podemos observar que durante os dois primeiros anos da campanha promovida pela Associação o índice de ocorrências é bem menor que os demais anos, retornando a patamares preocupantes com o fim e imediato pós-guerra mundial. Cf. *The Lynching Industry*. In: *The Crisis*, v. 21, n. 4, Feb. 1921, pp. 160-162.

²⁹⁹ Lynching Record for the Year 1918. In: *The Crisis*, v. 17, n. 4, Feb. 1919, pp. 180-181.

³⁰⁰ NAACP. Brief Summary of Anti-Lynching Work. In: *The Crisis*, v. 17, n. 4, Feb. 1919, pp. 182-184.

³⁰¹ Idem, p. 183.

com o intuito de se alcançar fontes de opiniões mais influentes, bem como, a utilização da imprensa e da circulação de dados envolvendo linchamentos.³⁰²

Uma conferência antilinchamento foi anunciada para ocorrer entre os dias 05 e 06 de maio, na cidade de Nova Iorque. Assim como no contexto que envolveu a configuração da NAACP, em 1909, um “chamado” foi elaborado e divulgado no número referente àquele mês de *The Crisis* e conseguiu reunir um total de 120 assinantes.³⁰³ Salientando os riscos que esta prática poderia trazer para o futuro do país, como a proliferação de um espírito de anarquia e crueldade entre os indivíduos mais jovens que assistiam a tais atos sem a perspectiva de verem seus executores punidos e condenados.³⁰⁴ Os objetivos esboçados para esta convocação, de simpatizantes da causa sustentada pela NAACP, tinham como pontos básicos “levar adiante ações combinadas contra o linchamento e a anarquia onde quer que fosse encontrada e considerar quais medidas deveriam ser adotadas para reduzi-los”.³⁰⁵ Pode ser verificado no texto que compõe este apelo, o intuito de se alcançar tal propósito, clamando e procurando reforçar as garantias que seriam asseguradas pela lei, como o direito a um julgamento justo estabelecido por uma corte, que estava sendo indiscutivelmente desrespeitado, comprovando assim as reminiscências das políticas progressistas de resolução de questões pelos meios legais, ainda que as situações se mostrassem nada favoráveis.

Entre os diversos pronunciamentos apresentados – cujas abordagens discutiam a questão com um viés mais voltado à estrutura jurídica, como o fez o ex-juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos e político, Charles Evans Hughes, ou com uma perspectiva mais social como o da ativista para o sufrágio feminino, Anna Howard Shaw, para quem o crime que era realizado não era contra o negro, mas contra aqueles que o praticavam – três resoluções foram estabelecidas: (1) a tentativa para se assegurar uma lei federal contra o linchamento deveria ser mantida; (2) a NAACP deveria empreender formas para “organizar em cada estado um comitê com o propósito de aguçar e gerar opinião pública” além de estabelecer medidas para assegurar uma legislação contra a prática; (3) o Comitê Antilinchamento da Associação deveria estimular adicionalmente

³⁰² Ibidem, p. 184.

³⁰³ NAACP. National Conference on Lynching. In: *The Crisis*, v. 18, n. 1, May 1919, pp. 23-24.

³⁰⁴ Idem, p. 23.

³⁰⁵ Ibidem.

um programa sistemático de contribuições para melhor propagandear a causa e despertar a consciência nacional.³⁰⁶

No entanto, como era de se supor, casos de linchamentos envolvendo, em sua maioria, negros continuaram a ocorrer. Embora a descrição dos eventos não estivesse presente no número do mês de junho, dedicado à participação da pessoa negra na guerra e utilizado para cobrir as realizações do encontro do mês de maio, ela foi apresentada na edição do mês subsequente em que se pode averiguar, por exemplo, que no mês de promoção do evento, sete ocorrências foram registradas pela NAACP.³⁰⁷ Mais impactante do que a constatação de um crescente revés no problema envolvendo práticas de linchamento tendo como principais vítimas afro-americanos, é verificar a maneira como alguns casos eram propagandeados na imprensa. A reprodução de uma matéria reimpressa em *The Crisis*, em agosto, mostra o quão comum eram estas ocorrências nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX. Como exemplo, a manchete do jornal *Jackson Daily News*, em 26 de junho, ao estampar o horário em que um afro-americano acusado de atacar uma jovem mulher branca seria linchado pela multidão de Ellisville, Mississippi: às 05:00 da tarde.³⁰⁸

Muitos foram os desafios e entraves enfrentados pela NAACP e seus parceiros para minimizarem os feitos decorrentes dos atos envolvendo afro-americanos sumariamente violentados nos Estados Unidos, nos primeiros anos de seu trajeto. O grande projeto de fazer do linchamento uma contravenção conhecida nacionalmente não se materializou em uma realidade palpável em seus primeiros anos de atividade. No entanto, a questão foi amplamente divulgada e denunciada com um rigor poucas vezes visto. A questão em torno da violência tendo como o princípio motivador, o cunho racial se tornou um problema nacional. Como apresentado por Linda S. Moore, a campanha antilinchamento trouxe grande visibilidade para a NAACP. Este empreendimento forneceu meios para organizar a luta por igualdade racial em um nível nacional, pois foi um esforço que alcançou comunidades locais, legislaturas estatais e o

³⁰⁶ The Anti-Lynching Conference. In: *The Crisis*, v. 18, n. 2, June 1919, p. 92.

³⁰⁷ Tais ocorrências tiveram lugar na Geórgia (02 casos), Mississippi (03 casos), Texas (01 caso) e Arkansas (01 caso). Ver: The Horizon. Crime. In: *The Crisis*, v. 18, n. 3, July 1919, p. 155. Pode-se verificar a existência de mais três ocorrências em maio reportadas por *The Crisis* e que foram divulgadas no número do mês de agosto. Ver: The Horizon. Crime. In: *The Crisis*, v. 18, n. 4, August 1919, p. 207.

³⁰⁸ Reprints Showing Preparations for the Lynching of John Hartfield. In: *The Crisis*, v. 18, n. 4, August 1919, p. 208.

Congresso do país, envolvendo também batalhas jurídicas, especialmente no sul.³⁰⁹ A redução do número de ocorrências no país, a partir da década de 1930, tem significativa relação com o esforço praticado pela Associação que de forma incansável batalhou para ver este mal suprimido do solo norte-americano. Como descrito em *The Crisis*, em março de 1920, organizações como *The Federal Council of Christ in America*, a *General Assembly of the Presbyterian Church*, a *Southern Sociological Congress*, dentre outras, procuraram elaborar resoluções que condenavam o ato, bem como leis que procurassem coibi-la.³¹⁰

3.3 – O “*Red Summer*”: representações de uma “guerra racial”

Conforme citado brevemente acima, grande parte dos empecilhos encontrados pela NAACP em seu programa para extirpar o fenômeno do linchamento que vitimavam indiscriminadamente o afro-americano, pode ser atribuído ao que ficou conhecido como “*Red Summer*”. Segundo Williams, o *Red Summer* (Verão Vermelho), de 1919, foi um fenômeno regionalmente contextualizado.³¹¹ Na região sul do país, além de suas reconhecidas características históricas quando o assunto se trata de relações raciais, onde a figura de um afro-americano pendurado pelo pescoço por uma corda em uma árvore era praticamente mais um aspecto da paisagem local, a iminência do retorno dos voluntários negros que serviram na guerra trouxe junto o acirramento das formas de convivência entre os dois grupos sociais. A ameaça da ruptura dos padrões de relacionamento vigentes nesta parte do país, personificada no ex-combatente de raízes africanas e “a má influência” que este representaria para aqueles que nunca pensaram em desafiar tais costumes regionais, encontrou na violência racial uma terrível maneira de evitar possíveis pretensões por um tratamento mais igualitário.³¹²

³⁰⁹ MOORE, Linda S. *The emergence of the NAACP: an analysis of the interorganizational linkage using social movement theory*. Dissertation. (Doctor of Philosophy with a major in Sociology). Graduate School of the Texas Woman's University. College of Arts and Sciences. Denton, Texas, 1994, p. 133.

³¹⁰ NAACP. In: *The Crisis*, v. 19, n.5, March 1920, p. 243.

³¹¹ WILLIAMS, Chad Louis. *Torchbearers of Democracy: The First World War and the Figure of the African-American Soldier*. Dissertation (Doctor of Philosophy). Faculty of Princeton University, 2004, p. 289.

³¹² A questão da possível quebra da “etiqueta racial” intrincada nas formas de convivência nos estados do sul do país é objeto de grande interesse na análise de Williams. Este fenômeno que se manifestava por regras não declaradas é objeto de discussão que antecede a Guerra Civil Americana e que ganharam uma renovada atenção no período da Primeira Guerra Mundial. Para saber mais sobre ambos os contextos que discutem tal tema, ver respectivamente: LITWACK, Leon F. *Trouble in Mind: Black southerners in the age of Jim Crow*. New York: Vintage Books, 1999 e HARRIS, William J. *Etiquette, Lynching, and*

Ainda que o destino de qualquer pessoa possa ser ameaçado pelo momento de fúria proporcionado pelo linchamento, a própria existência simbólica de afro-americanos que auxiliaram o país em um conflito armado, trouxe à superfície antigas percepções que se intensificaram e encontraram nos recém dispensados soldados um alvo em potencial. As circunstâncias históricas que sempre justificaram a “legitimidade” dos cidadãos brancos em agredirem fisicamente membros pertencentes à população negra local, torna-se mais complexa com o cenário evidenciado na potencialmente mais efervescente interação social pós-guerra. Em sua interpretação, Chad Louis Williams destacou três tipos de questões que adquiriram um novo contorno com a presença dos veteranos negros na região.

A primeira abrange o terreno das relações de trabalho. Uma vez que os empregadores acreditavam que poderiam, como antes, exercer uma pressão inquestionável sobre a força de trabalho representada pelo afro-americano como um todo, o retorno dos veteranos negros, com novas ideias acerca de seu valor para o país, significou um grave problema para os donos de terra regionais. Vários incidentes relatando conflitos entre patrões e empregados, estes últimos muitas vezes antigos combatentes, revelam a predisposição em não mais aceitar as condições econômicas impostas a eles.³¹³ Essas manifestações de rebeldia, mesmo que desencadeadas por simples discordâncias em aceitar ou não um trabalho, se transformaram em verdadeiros rituais de violência.

A costumeira ideia de resguardar a integridade da mulher branca norte-americana é apontada como mais um elemento que ressurgiu fortalecido no ano do regresso dos veteranos para o país. A intenção de se evitar um relacionamento mais íntimo entre mulheres brancas e homens negros contou com histórias disseminadas, inclusive, no seio das Forças Armadas, como no caso do *Secret Information Concerning Black Americans*.³¹⁴ O temor da violência sexual supostamente praticada pelo afro-

Racial Boundaries in Southern History: A Mississippi Example. In: *The American Historical Review*, Vol. 100, No. 2, (Apr., 1995), pp. 387- 410. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2169004>. Acesso em: 28 de janeiro de 2015.

³¹³ Ver: TALNEY, Stewart E.; BECK, E. M. *A festival of violence: an analysis of southern lynchings, 1882-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1995.

³¹⁴ Em maio de 1919, a revista *The Crisis* fez circular uma nota que apresentava algumas “recomendações” dos oficiais do exército norte-americano para o exército francês. Nela, pode se atestar que os norte-americanos alertavam os oficiais franceses sobre os “prejuízos” de um relacionamento mais íntimo para com o afro-americano. Dentre os conselhos que podem ser atestados está o de “não elogiar tão enfaticamente as tropas negras norte-americanas particularmente na presença de norte-americanos (brancos),” além de salientar que os “norte-americanos brancos se tornam enfurecidos com qualquer

americano para com a mulher branca e, até mesmo, a relação consensual, foram duramente reprimidos tendo como principal transgressor e vítima o homem negro.³¹⁵ Nesse processo, a própria imagem do soldado afro-americano, mais do que a do homem negro comum, converteu-se em uma visível ameaça às concepções sociais, há muito estabelecidas na região, por serem vistos como trazendo memórias de interações afetivas com as mulheres francesas.

O terceiro aspecto levantado por Williams quanto a uma ressignificação da presença do veterano afro-americano no sul se encontra na própria percepção de vê-lo como uma potencial ameaça física para o homem branco sulista. Diferente do negro norte-americano derivado do período imediatamente posterior a Reconstrução, este, recentemente chegado dos campos de batalha europeus e com, embora escasso, treinamento militar, representou para os cidadãos brancos uma ameaça real de resistência à segregação reinante na região. Sendo entendido como um símbolo para os demais negros, as maneiras utilizadas para reprimir sua imagem se mostraram cada vez mais impactantes. Uma lição que deveria ser sentida por todos os indivíduos negros que viviam nos estados do sul.

Além dos limites do sul, os ânimos decorrentes do retorno dos veteranos se mostraram de igual maneira, tensos. As mudanças desencadeadas pelo processo demográfico que deslocou milhares de afro-americanos das regiões agrárias sulistas para as áreas urbanizadas no norte do país cobraria seu preço com o fim da guerra. Novamente, desavenças em torno de questões econômicas, principalmente, serviram de combustível para a crescente instabilidade que se fez presente em todas as demais áreas, necessitando apenas de um simples estopim para debelar uma série de confrontos de cunho racial.

Dois dos mais significativos distúrbios raciais que atingiram os Estados Unidos, no ano de 1919, tiveram lugar nas cidades de Washington, D.C. e em Chicago. O distúrbio racial ocorrido em Washington, D. C., que se estendeu do dia 19 até 22 de julho, teria sido fomentado por rumores de uma onda de crimes perpetrada por afro-

expressão de intimidade entre uma mulher branca e um homem negro.” Cf. Documents of the War. In: *The Crisis*, v. 18, n. 1, May, 1919, p. 17.

³¹⁵ Interpretações acerca da “promiscuidade” derivada do afro-americano para com a mulher branca sulista procuraram apresentar o temor encarado pelos homens brancos da região como oriundo dos efeitos pós-guerra civil. Para saber mais sobre o assunto, ver: CASH, W. J. *The mind of the South*. New York: Alfred A. Knopf, 1947 e, HOCH, Paul. *White Hero, Black Beast: racism, sexism and the mask of masculinity*. London: Pluto Press, 1979.

americanos. Inflamados por estes relatos, grupos de norte-americanos brancos saíram às ruas numa busca indiscriminada por afro-americanos. Sem poder contar com o auxílio das autoridades locais, os moradores negros dos distritos empreenderam, por si mesmos, maneiras de rechaçar os agressores, revelando certas mudanças de comportamento quanto à forma de ação em face de tais momentos como esse. “Enquanto algumas pessoas ficaram em casa para proteger seus pertences dos saqueadores, o semanal negro *Washington Eagle*, noticiava com um toque de satisfação que outros tomavam as ruas ‘armados até os dentes’”.³¹⁶ Os resultados dessa manifestação de violência foram sete pessoas mortas e centenas de feridos.³¹⁷

Os embates raciais que tomaram as ruas de Chicago, como em diversas de suas congêneres pelo país, demonstraram a saturação decorrente das relações mal resolvidas entre os diversos grupos que apresentavam interesses variados que giravam em torno de, dentre outras, oportunidades de trabalho e moradias. Tais interesses eram resultados decorrentes do intenso processo migratório originado no período anterior ao eclodir da Primeira Guerra Mundial e intensificado com a entrada do país no conflito.³¹⁸

O apedrejamento e a morte de um jovem afro-americano, Eugene Williams, que se encontrava nadando em uma praia, costumeiramente reservada à parcela branca da população da cidade, serviram como propulsor para desenrolar o conflito iniciado em 27 de julho. Os protestos desencadeados pelos negros norte-americanos incitaram os cidadãos brancos a promoverem atos de repressão. No entanto, os afro-americanos, contando com o auxílio de vários antigos combatentes, empreenderam uma notável resistência pelas ruas que circundavam as áreas urbanas compostas em sua maioria pela população negra. Da mesma maneira como ocorreu com os distúrbios em Washington, D. C., pouco tempo antes, membros da comunidade negra se prontificaram arduamente para proteger suas vidas e suas propriedades com manifestações de resistência que se assemelhavam aos presenciados por eles nos campos de batalha europeus.³¹⁹ Após cinco

³¹⁶ LENTZ-SMITH, op. cit., p. 195.

³¹⁷ Ver: KRUGLER, David F. A Mob in Uniform: Soldiers and Civilians in Washington's Red Summer, 1919. In: *Washington History*, v. 21, 2009, pp. 48-77. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25704908>. Acesso em: 29 de janeiro de 2015.

³¹⁸ Para saber mais sobre o distúrbio racial ocorrido em Chicago no verão de 1919, ver: TUTTLE, Jr., William M. *Race riot: Chicago in the Red Summer of 1919*. Urbana; Chicago, [1970] 1996.

³¹⁹ Para conferir os relatos de um veterano afro-americano que serviu na Primeira Guerra Mundial e que esteve envolvido na efervescência dos acontecimentos em Chicago, ver: HAYWOOD, Harry. *Black Bolshevik: autobiography of an Afro-American Communist*. Chicago: Liberator Press, 1978.

dias de conflitos e prejuízos em vidas humanas e materiais, a Guarda Nacional foi acionada para colocar fim ao tumulto.

Chama atenção o posicionamento estabelecido pelos afro-americanos frente aos eventos que caracterizam os distúrbios raciais de 1919 que, embora pontual, mostra-se significativo. Se antes as reações de negros representavam casos isolados e raros de acontecer, a organização empreendida por eles para se defenderem demonstra a existência de uma consciência ainda não fortemente exteriorizada pelo grupo. Tal fator pode ser atribuído ao contexto de pós-guerra mundial, mas também ao intenso processo desenvolvido pela NAACP e *The Crisis* que deram sustentáculo para que os cidadãos da porção negra do país se sentissem, mesmo que minimamente, amparados e procurassem meios de fazer sua presença mais viva na sociedade.

Os reflexos do descontentamento da população negra fizeram parte do discurso de *The Crisis* e foram expressos de maneira mais ríspida do que havia estado em seus escritos. Por meio desta troca de influências, podem-se perceber os impactos que a NAACP, através de sua revista, exerceu sobre os afro-americanos e que, da mesma forma, recebeu de seu público alvo ao reportar as mensagens que eram propagadas por ele. Nas sucessivas edições da revista, o que se pode verificar é a explanação de ideias que, por vezes, parecem fugir dos preceitos democráticos que guiaram sua forma de discutir as questões.

Na edição do mês de agosto, o texto “*Fight*”, de autoria do bispo John L. Hurst demonstra a existência de um tom mais firme no discurso que deveria guiar o negro estadunidense na luta pela conquista de seus direitos. Para Hurst, dentre outras coisas, existia nos Estados Unidos dois tipos de governos distintos: um que era governado pelos brancos e para os brancos e outro que era destinado ao negro sendo, contudo, governado pelos brancos e para eles.³²⁰ Segundo o bispo, o afro-americano deve se preparar para fazer sacrifícios no intuito de sustentar suas queixas nos tribunais. No entanto, explicita que, se necessário for, precisam estar prontos para oferecerem suas vidas pela liberdade e pelas coisas que vale a pena viver.³²¹ O tom de sua pregação se torna mais desafiador quando este faz referência aos ex-combatentes negros, que estavam retornando da Europa, ao dizer que precisavam livrar o país da opressão que recaí sobre seu grupo. Antecipando os questionamentos sobre suas declarações se identificarem mais como

³²⁰ DU BOIS, W. E. B. Fight. In: *The Crisis*, v. 18, n. 4, August 1919, p. 179.

³²¹ Idem, p. 180.

uma insensatez, Hurst afirma que se assim for todo o grupo deve estar louco “pois esta é a língua que eles falam hoje e a única coisa que eles ouvirão”.³²²

Esta “nova” postura do negro norte-americano em reagir à violência física direcionada contra a sua pessoa não foi apenas sentida e discutida por indivíduos que, de uma forma ou de outra, estavam relacionados à NAACP. A imprensa nacional compreendeu que, o ano de 1919, apresentou um indivíduo negro que o país, como um todo, não conhecia. Reportando uma matéria do *Chicago Tribune*, a nota “*Changes in Psychology*”, chama atenção ao “novo tipo de homem negro” com o qual os Estados Unidos precisavam lidar.³²³ De acordo com a nota, “este tipo está desenvolvendo uma forte consciência social na qual aflora questionamentos e ressentimentos”.³²⁴ Alguns elementos são apontados como perceptíveis na configuração deste indivíduo, tais como a prosperidade que estava sendo conquistada pelo seu trabalho duro e a irritabilidade causada por piadas que grande parte da população ainda achava cômicas.³²⁵ Referindo-se a questões políticas, o texto pontua que o negro que possuía garantias políticas sempre buscou amparo e apreciava o fato, até se decepcionar. Porém, seus representantes, a partir de então, precisavam tratá-lo com equanimidade, pois não eram mais vistos como superiores por isso.³²⁶ A nota termina fazendo menção sobre a influência proporcionada pelo retorno dos soldados negros que, por meio do que foi entendido como o efeito duplo da disciplina – domesticar e produzir homens – puderam ter uma noção mais aguda de suas condições. Como demonstrado no texto, a nova aspiração do novo negro era alcançar “algo mais duradouro e que valha a pena”.³²⁷

A NAACP, como era de se esperar, procurou encontrar evidências que pudessem explicar as brutalidades e as características ocorridas nestes tumultos. Em Washington, D. C., por exemplo, o secretário em exercício, James Weldon Johnson relatou a tensão existente no ar, quando chegou à cidade, na noite do último dia do conflito.³²⁸ Em sua atividade, juntamente com outros membros da Associação, Johnson se reuniu com cidadãos negros que possuíam alguma influência local para debater o caso e o que seria feito nos próximos dias. Johnson se encontrou também com autoridades para discutir

³²² Ibidem.

³²³ The Looking Glass. Changes in Psychology. In: *The Crisis*, v. 18, n. 4, Aug. 1919, p. 196.

³²⁴ Idem.

³²⁵ Ibidem.

³²⁶ Idem, ibidem.

³²⁷ Idem, ibidem.

³²⁸ NAACP. The Riots: An N. A. A. C. P. Investigation. In: *The Crisis*, v. 18, n. 5, Sept. 1919, p. 241.

um plano de proteção para os afro-americanos e o estabelecimento de um corpo de Oficiais Especiais, composto por negros, com o objetivo de garantir lei e ordem foi proposto, encontrando, porém, uma forte objeção.³²⁹ Ao se encontrar com o Comitê Executivo da filial da NAACP na cidade, o secretário constatou que desde os momentos iniciais do tumulto, membros do grupo tinham debatido com as autoridades locais maneiras de prevenir ataques contra a população negra indefesa. Foi formado também um corpo jurídico com a finalidade de garantir assistência legal aos detidos por estarem portando armas para sua proteção.³³⁰ Ao retornar para Nova Iorque, Johnson reportou que se sentia preocupado, mas não abatido com o que ocorrera. Tal sensação se explicava pelo fato da determinação da população negra em reagir às agressões para defender suas vidas e seus lares. Esta determinação impactou o secretário que assim se pronunciou: “Tão deploráveis quanto são os distúrbios em Washington e Chicago, sinto que eles marcam um ponto de virada na psicologia da nação inteira em face do problema negro”.³³¹

A percepção de que a militância promovida pela NAACP, durante estes primeiros anos, tinha produzido no negro norte-americano uma confiança e um entendimento de sua condição como ser humano e cidadão, a quem deveria ser garantido seus direitos, contribuiu consideravelmente para a configuração desta postura reacionária que se firmaria nas décadas posteriores. A expressão de suas ideias em *The Crisis* possibilitou a expansão e uma melhor compreensão das atividades desenvolvidas pelo órgão, o que teria consequências dramáticas se tais determinações ficassem restritas aos seus escritórios.

Embora uma das prerrogativas da organização fosse estabelecer a mudança nas relações raciais e sociais por meios legais, posicionamentos mais críticos fizeram parte de seu plantel e estiveram da mesma forma, presente em sua revista. Uma nota do editor de *The Crisis*, no mesmo número em que James Weldon Johnson expôs sua experiência em Washington, D. C., exemplifica esta dualidade. Como foi expresso pelo seu editor ao se referir aos casos de violência contra o grupo negro, era legítimo que o afro-americano empregasse todos os esforços em sua autodefesa utilizando, se fosse preciso, “tijolos, porretes ou armas”.³³² Contudo, o senso de justiça de Du Bois não o permitia

³²⁹ Idem, p. 242.

³³⁰ Ibidem, p. 243.

³³¹ Idem, ibidem, p. 243.

³³² DU BOIS, W. E. B. Let Us Reason Together. In: *The Crisis*, v. 18, n. 5, Sept. 1919, p. 231.

extrapolar a sensatez e fomentar discursos de ódio, argumentando que não se deve conduzir a justificável autodefesa contra todos os indivíduos brancos. Conforme sua concepção: “Devemos nos defender, defender nossos lares, nossas esposas e crianças contra o fora da lei sem limite ou hesitação; mas, devemos cuidadosa e escrupulosamente evitar de nossa parte a mais rancorosa e injustificável agressão contra qualquer um”.³³³ Du Bois com este tipo de argumentação e “conselho” procurava demonstrar que embora fosse difícil estabelecer uma linha entre o direito de se defender e os limites da lei, ela existia e deveria ser respeitada pelos negros, evitando com isso, que este direito fosse entendido como vingança.

A tensão racial examinada, em 1919, tornou-se motivo de preocupação das mais intensas, já presença na história do país e da NAACP. Um verdadeiro clima de uma possível guerra racial estava presente nos noticiários da imprensa nacional que se esforçava para despertar a atenção do público para o fato. Dentre os motivos encontrados para explicar os eventos em Washington, D. C., estavam, por exemplo, os relatos de igualdade racial vivenciadas na Europa que, segundo o *Baltimore Evening Sun*, os veteranos utilizaram para inflamar o grupo negro norte-americano, ou como apontado pelo *New York Times*, a ideologia bolchevique que tinha atraído principalmente aqueles que viviam na região sul do país.³³⁴ Contudo, outros periódicos estabeleceram argumentos, mais plausíveis, acerca das ameaças enfrentadas pela sociedade estadunidense e apresentaram o que viam como os verdadeiros promotores desses atos. O *New York Evening Post* afirmou que os responsáveis pela perturbação nas ruas de Chicago eram os brancos. Segundo o jornal, os negros sulistas que iam para as cidades como Chicago não tinham motivo para desencadear ações como as que a cidade presenciou, pois tinham conquistado muita coisa e nutriam a perspectiva de conquistar mais.³³⁵ De acordo com o que foi apresentado em *The Crisis*, mesmo veículos de imprensa que não eram reconhecidamente em favor da causa do negro se prontificaram em debater a preocupante questão da violência racial. De acordo com o que foi reportado pela revista da NAACP, um desses veículos foi o jornal, de ideologia “excêntrica”, *Jim Jam Jems*, publicado em Dakota do Norte. Após criticar as ocorrências de atos quase que inimagináveis de violência cometidos contra o afro-

³³³ Idem.

³³⁴ The Looking Glass. Race War. In: *The Crisis*, v. 18, n. 5, Sept. 1919, p. 247.

³³⁵ Idem, 248.

americano, a exploração econômica que recai sobre ele, dentre outras duras realidades proporcionadas pelo corpo social norte-americano, o jornal propõe a seguinte questão:

Se os negros americanos são bons suficientes, bravos suficientes, corajosos suficientes, patrióticos suficientes, para combater – assim como eles fizeram como demônios – em toda guerra americana, eles não são bons suficientes para serem protegidos em casa? (Tradução nossa).³³⁶

Ao terminar sua argumentação questionando se o afro-americano que lutou pela liberdade no exterior deveria enfrentar uma nova guerra com uma “ressuscitada” *Ku Klux Klan*, a resposta do periódico foi categórica: “Nós dizemos NÃO!”³³⁷

Vale a pena atentar para uma questão contundentemente debatida naqueles tempos de intenso conflito racial. O fenômeno que se insere em torno do “novo” negro, ainda que entendido como um fato nacional apresentava ligações mais estreitas com os estados do norte. Grande contribuinte para impulsionar esta mudança na forma de se enxergar o negro e de ele próprio se enxergar estava relacionado com o processo de migração que, mesmo com o agravamento das relações raciais vivenciadas no final da década de 1910, não parou de cessar, sendo entendida como um dos principais responsáveis pelas perturbações da época. No entanto, enquanto alguns comentavam sobre os problemas trazidos pelo deslocamento de afro-americanos para as cidades do norte do país, a NAACP e *The Crisis* discutiam o fato de maneira mais compreensível, por vezes, fomentando o ato.

Em texto escrito pelo futuro presidente da Associação, Walter F. White, pode se ver os argumentos utilizados para justificar a migração e a desmistificação de que o afro-americano era mais entendido como um peso do que um elemento de grande valor para o mercado de trabalho da região. Referindo-se aos últimos quatro anos do período, quando num primeiro momento, em face do pequeno número de negros que deixavam o sul, periódicos locais resplandeceram certo alívio com o que estava acontecendo e que posteriormente procuraram adotar medidas para impedir o fluxo, White deixou claro que eles falharam em perceber que este movimento “era o resultado natural da lei econômica de oferta e demanda” que afetava o norte e que juntamente com a opressão

³³⁶ “If American Negroes are good enough, brave enough, courageous enough, patriotic enough, to fight – as they have fought like dusky demons – in every American war, aren’t they good enough to be protected at home?” Ibidem.

³³⁷ Ibidem.

existente no sul, influenciou o negro a deixar a área.³³⁸ Argumentando sobre a imprensa dos estados do sul ter utilizado os tumultos de Chicago, Washington, D. C., e outras localidades, para convencer o afro-americano a não sair da região e aqueles que tinham partido, a retornarem, Walter F. White expõe dados que afirmam que aqueles distúrbios não tinham provocado os resultados que os sulistas almejavam. De acordo com ele, uma pesquisa realizada pela filial da *National League on Urban Conditions Among Negroes*, em Chicago, evidenciou os motivos da saída da população branca da cidade após o conflito racial.³³⁹ Segundo o que foi apresentado em *The Crisis*, 261 cidadãos afro-americanos chegaram e 219 saíram da cidade na semana do acontecimento, sendo que, destes últimos, 14 saíram pelo fato, mas nenhum se dirigiu para o sul e sim para outras partes do norte. Conforme a pesquisa, os que foram para a parte sul do país tinham como objetivo férias, visitas e negócios.³⁴⁰

A NAACP também empreendeu pesquisas para saber das condições de vida da população negra, principalmente, em cidades industriais como Chicago, Pittsburgh, Detroit, Cleveland, dentre outras. Como revelado por White, acerca da pesquisa levantada pela Associação, a indústria de Chicago tinha absorvido 40.000 homens e 12.000 mulheres de descendência africana no período da migração e apesar da seriedade dos distúrbios raciais, o fluxo para a cidade e os empregos estavam assegurados para quem tinha disposição para trabalhar.³⁴¹ Como explanado por ele, empregadores que nunca tiveram contato com a força de trabalho do negro acreditavam que a antiga crença da ineficiência do negro era um mito.³⁴² Em Pittsburgh, por exemplo, 12.000 afro-americanos tinham sido contratados nos últimos dois anos e meio.³⁴³ Ao terminar seu artigo, Walter F. White vê perspectivas mais promissoras para o migrante negro norte-americano e o incentiva a fazer aquele caminho até que o sul conceda os privilégios que ele reivindicava.³⁴⁴

³³⁸ WHITE, Walter F. The Success of Negro Migration. In: *The Crisis*, v. 19, n. 3, Jan. 1920, p. 112.

³³⁹ A *National League on Urban Conditions Among Negroes* foi renomeada em 1920 para *National Urban League (NUL)*. Para saber mais sobre a história da organização, ver: ARMFELD, Felix L. *Eugene Kinckle Jones: the National Urban League and Black social work, 1910-1940*. Urbana: University of Illinois Press, 2012.

³⁴⁰ WHITE, op. cit., 1920, p. 112.

³⁴¹ Idem, p. 113.

³⁴² Ibidem.

³⁴³ Idem, ibidem.

³⁴⁴ Idem, ibidem, p. 115.

3.4 – As estratégias de combate ao linchamento nos Estados Unidos: suas representações em *The Crisis* através de cartuns

Pode-se ver a preocupação em se abordar o tema do linchamento, na revista *The Crisis*, desde os seus primeiros números e, embora seus objetivos fossem tratar de temas vinculados às violências contra os negros, ela fez valer suas prerrogativas de se pronunciar sobre as garantias dos direitos de todos os seres humanos, independente da cor. Em seu primeiro número, por exemplo, foi discutido em tom irônico o linchamento de dois italianos, naturalizados americanos, no estado da Flórida. Como foi apresentado por Du Bois no editorial, “o direito inalienável de todo cidadão americano de ser linchado sem uma enfadonha investigação ou penalidades é um direito no qual as famílias dos mortos sem dúvida nenhuma apreciavam profundamente”.³⁴⁵

Na edição seguinte da revista, como que fomentando opiniões sobre a cruel visão acerca das violências físicas sobre os afro-americanos e aproveitando o fato de dois europeus terem sucumbido a este destino nos Estados Unidos, a revista da NAACP publicou na seção *Opinion*, o que seria a percepção europeia sobre o tratamento dispensado aos cidadãos negros no país.³⁴⁶ Extraído da revista satírica francesa *L'Assiette au Beurre*, o cartum “*Illustrating the life of Mr. Roosevelt*” apresenta a intensa atmosfera racial do período. Nele se podem atestar as recorrentes formas de representação do afro-americano abstraídas pelos europeus e recorrentes em seu imaginário, tais como suas vestimentas em frangalhos, lábios apresentados de maneira exagerada e olhos salientes. Segundo Kirschke, a intensão do artista nesta obra era mostrar que o público, que assiste a execução, não enxergava o afro-americano como

³⁴⁵ DU BOIS, W. E. B. In: *The Crisis*, v.1, n.1, Nov. 1910, p. 11.

³⁴⁶ As práticas de linchamentos que ocorriam nos Estados Unidos, na virada do século XX, tornaram-se familiares para os europeus que obtinham conhecimento dos fatos por meio de fotografias, poemas e cartuns. Uma das mais conhecidas formas sobre como estas imagens chegavam às mentes dos europeus foi através de cartões postais. Um desses momentos registrados para posteridade encontrou lugar em um postal impresso na Alemanha retratando um linchamento que ocorreu na cidade de Andalusia, Alabama, e que foi reimpresso em *The Crisis*, em janeiro de 1912. O cartão era uma cruel resposta para o reverendo, da *Unitarian Church*, John H. Holmes, que era crítico daqueles atos. O conteúdo do cartão postal que, além de apresentar o cadáver de um afro-americano rodeado pelos linchadores, vinha escrito, em tom de deboche, que o último caso de linchamento ainda não tinha sido colocado em um cartão, mas que assim que o fizessem, um exemplar para o reverendo seria enviado. Outra maneira de retratar casos de linchamentos de afro-americanos foi através da música. Segundo Stevie Lynne Garza, representações do estilo de vida que os negros norte-americanos encontravam no país, como a desilusão frente à vida, teriam influenciado o músico austríaco Alexander Zemlinsky na composição da ópera *Sinfonische Gesänge*, em 1929. De acordo com Garza, elementos do jazz estariam presentes na obra. Ver: GARZA, Stevie Lynne. *Representations of African-American life in Alexander Zemlinsky's Sinfonische Gesänge*, OP. 20. Thesis (Master of Arts). University of Iowa, 2010.

um ser humano e sim como um palhaço, permitindo que os atos de linchamento, vistos quase que como um esporte, continuassem.³⁴⁷

"I was born October 27, 1858, in the midst of indescribable enthusiasm. A great banquet was given. Each guest brought a present of ale, whisky, mutton chops, ginger ale, or corned beef. The poor people having nothing of this sort to offer decided to burn a Negro alive under our windows."

Figura 11. A tortura e enforcamento de afro-americanos se assemelhava a um evento quase que cotidiano ao redor do país. "Illustrating the life of Mr. Roosevelt". In: *The Crisis*, v. 1, n. 2, Dec. 1910, p. 15.

Interessante observar também o texto que acompanha o cartum da revista francesa. Ele se torna mais um elemento indicativo acerca do cenário social estadunidense ao mostrar que os principais executores de tais ações são elementos provenientes das classes sociais menos abastadas, o que pode evidenciar a compreensão dos idealizadores da obra, sobre as relações envolvendo membros da mesma classe social nos Estados Unidos que indiferentes a esta similaridade e influenciados pela demagogia de líderes regionais, perpetuavam contra o afro-americano suas indignações.³⁴⁸

³⁴⁷ KIRSCHKE, op. cit., p. 56.

³⁴⁸ A atuação desses políticos, mais conhecidos como demagogos, nunca foi uma novidade na história norte-americana, tendo surgido como uma realidade histórica já no final do século XVIII. Utilizando táticas que tendem a exaltar as emoções das massas para uma determinada situação de descontentamento

Embora, aparentemente, não apresente ligação direta com o cartum reimpresso em *The Crisis*, em dezembro de 1910, a existência de uma nota sobre a política adotada por Booker T. Washington, que apareceu em um periódico europeu, *The London Nation*, mostra sugestivamente a intencionalidade dos organizadores da revista da NAACP em questionar as práticas sustentadas por ele. A nota intitulada “*Foreign Comment*”, situada imediatamente acima deste cartum, descreve o choque de opiniões existentes entre a ideologia pregada por Washington, “de deixar as questões políticas de lado e adquirir eficiência”, e o repúdio a esta prática efetuada por um expressivo grupo de intelectuais norte-americanos. De acordo com o que foi discutido pelo *London Nation*, os opositores de Booker T. Washington salientavam que a negação dos direitos vinha acompanhada pelo desrespeito a outros tipos de garantias como a justiça criminal e civil. Além disso, o periódico se mostra ciente das relações raciais vivenciadas nos Estados Unidos ao apontar a existência de um sentimento racial que se tornava mais intenso, podendo ser sentido em todos os setores do país e que parecia tragar seu espírito democrático.³⁴⁹ A existência desta percepção e, do que o periódico classifica como um “poderoso apelo à Europa”, reforça a ideia da gravidade em torno de tais relações, a atenção adquirida fora do país e o entendimento de que se torna inevitável negligenciar a busca pela completa garantia de direitos e a devida proteção das leis.

Como foi descrito acima, ainda que não se possa afirmar que a imagem tenha como objetivo primeiro se contrapor às opiniões relacionadas à Booker T. Washington que circulavam pelo continente europeu, resta-nos conjecturar entendendo que este cartum, que se apresenta desvinculado da nota, mas muito próximo a ela, tem por

ou desordem do meio social, muitas vezes suas ações se direcionavam para pregações de caráter que extrapolavam o mero âmbito político. O sucesso apresentado pelos demagogos de uma maneira geral, foi descrita por alguns estudiosos como uma propensão das massas em se mostrarem alienadas quanto ao seu papel na sociedade, salientando nesse processo, cinco principais características: a impotência, o disparate, a ausência de normas, o isolamento e a auto alienação. Não obstante estes fatores, estudos apontaram para uma maior susceptibilidade de uma pessoa alienada em se engajar ao discurso demagógico quando, apropriadamente, liderada. De uma forma geral, o apelo básico que norteia o discurso do demagogo é o apelo à estabilidade. As massas, cansadas da perturbação social, mostram-se aptas a ceder sua liberdade em prol de uma segurança. Entretanto, o clamor por uma seguridade social se apresenta combinada com atitudes revolucionárias de políticas irracionais. Para saber mais, ver: LUTHIN, Reinhard H. Some Demagogues in American History. In: *The American Historical Review*, Vol. 57, No. 1 (Oct., 1951), pp. 22-46. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1849476>. Acesso em: 25 de abril de 2013; SEEMAN, Melvin. On The Meaning of Alienation. In: *American Social Review*, Vol. 24, No. 6 (Dec., 1959), pp. 783-791. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2088565>. Acesso em: 12 de maio de 2013; HOFSTADTER, op. cit., 1965; NEUMANN, Sigmund. The Rule of the Demagogue. In: *American Sociological Review*, Vol. 3, No. 4 (Aug., 1938), pp. 487-498. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2083896>. Acesso em: 25 de abril de 2013, e MORRIS, Edward A. *The Demagogue's Disease*: San Francisco: World Wide Products, 1979.

³⁴⁹ Opinion. Foreign Comment. In: *The Crisis*, v. 1, n. 2, Dec. 1910, p. 15.

objetivo apresentar uma vertente diversa do que era pregado por ele e sustentado pela maioria dos negros do país. Esta justaposição de texto e imagem é significativa, pois é capaz de proporcionar questionamentos mais críticos e pontuais sobre a maneira como o afro-americano é tratado dentro de sua sociedade.

Análise sobre a mescla entre texto e imagens a fim de proporcionar ao leitor uma maior compreensão sobre diferentes temáticas discutidas, foi alvo de interpretação da historiadora Anne Elizabeth Carroll.³⁵⁰ Apesar de seu trabalho tratar das produções ilustradas que contribuíram para alavancar o movimento que se configura nos anos 1920, portanto, o Harlem Renaissance, a autora apresenta em seu livro, como capítulo inicial, a importância da revista sob a liderança editorial de W. E. B. Du Bois, desde o momento de seu lançamento. Sua intenção com esse procedimento é destacar a conexão entre os trabalhos realizados durante a década de 1920 com os esforços efetuados pelos afro-americanos em décadas, ou até mesmo séculos, que antecedem ao movimento, com o intuito de se redefinirem, utilizando para isso o emprego de textos que, de forma recorrente, vinham também acrescidos de elementos visuais para melhor comunicar suas ideias.³⁵¹

O trabalho de mesclar discussões que tem como intuito abordar temáticas ligadas às formas de protesto contra a situação enfrentada pelos afro-americanos, bem como evidenciar as conquistas alcançadas por estes, ainda que todas as evidências apontassem para o lado contrário, pode ser considerado um dos aspectos mais valiosos de *The Crisis*. Em seu discurso para evidenciar tal característica, Carroll expõe o trabalho de justaposição de imagens em trabalhos de outros artistas, como pintores e cineastas, que teriam se inspirado nesse tipo de configuração visual justamente em periódicos. Através de técnicas como a colagem e a montagem, esses artistas poderiam dar uma nova significação aos seus trabalhos de forma a transmitir uma mensagem, sem utilizar elementos verbais. Essas técnicas geralmente são vistas como criadoras de tensão por apresentar elementos que não estão relacionados entre si, fazendo com que os leitores ou os visualizadores tenham que se empenhar em um esforço para poderem abstrair seu discurso, proporcionando um engajamento mais íntimo com a obra.³⁵² Citando Alexandra K. Wettlaufer, Carroll reforça sua ideia ao demonstrar que a leitura se

³⁵⁰ CARROLL, Anne Elizabeth. *Word, image, and the New Negro: representation and identity in the Harlem Renaissance*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, [2005] 2007.

³⁵¹ Idem, p. 5.

³⁵² Ibidem, p. 27.

apresenta muito mais forte, pois ela se torna experimentada ao invés de ser meramente entendida.³⁵³

Além do objetivo de estabelecer um relacionamento mais próximo com essas produções, outros pontos ainda podem ser levantados. Teorias acerca do desconforto trazido por esse tipo de expressão são consideradas importantes para motivar os leitores a tomarem uma ação contra tal estado de coisas e mudarem sua forma de pensar a existência dos negros norte-americanos. Assim, este tipo de ordenamento abrupto pode contribuir para minar concepções já pré-estabelecidas e “chocar o espectador ou o leitor para uma percepção de uma nova realidade – social, política e psicológica, tão bem quanto estética”.³⁵⁴

Outra contribuição trazida por estas justaposições de imagens e textos, por vezes desconexos, está relacionada à maneira como descreviam as experiências dos afro-americanos. Ao procurar apresentar os poucos, porém significativos, avanços alcançados pelos negros nos Estados Unidos juntamente com os horrores que eles enfrentavam, como a violência quase que cotidiana dos linchamentos, *The Crisis* evidenciava estas violências na alvorada de um novo século que se iniciava. Nessa perspectiva, mais do que transmitir o tratamento aplicado a um grupo específico, demonstra, ou no mínimo sugere, a existência de um caos social que permeia a sociedade e que precisa de solução. Todo este trabalho dá liberdade para que seus criadores estipulem significados sem se pronunciarem abertamente sobre determinado tema.³⁵⁵

A forma de retratar certos casos de linchamentos pelo país mereceu atenção mais pontual de Du Bois. Tal destaque estava ligado à própria natureza das ocorrências que se diferenciavam das manifestações mais costumeiras como, por exemplo, as relacionadas a boatos de tentativas de violência sexual contra a mulher branca. Grande parte das atrocidades que foram reportadas pela revista, pode-se dizer, de uma forma ou de outra, tinha conexão com problemáticas que iam além da mera questão do ódio racial direcionado aos negros norte-americanos. Questões políticas, econômicas e legais estiveram sob a curiosidade do editor e assim que situações “não típicas” circundavam o assassinato de um afro-americano por uma multidão, ela era exposta e debatida pelo

³⁵³ WETTLAUFRER, 1995 apud CARROLL, op. cit., p. 27.

³⁵⁴ RAABERG, 1998 apud CARROLL, op. cit., p. 28.

³⁵⁵ CARROLL, op. cit., p. 28.

mesmo. A brutalidade ocorrida em Coatesville, Pensilvânia, anteriormente citada, foi um destes casos.

A publicidade dada a este caso pela revista da Associação tendeu a demonstrar que a execução em Coatesville foi mais um processo para se preservar as tradições anglo-saxãs de civilização.³⁵⁶ Em editorial publicado um mês após o ocorrido, Du Bois já alertava os leitores de *The Crisis* que no final das investigações nada seria alcançado além dos procedimentos corriqueiros de apreensão de algumas pessoas que seriam julgadas e liberadas pelo júri.³⁵⁷ No entanto, deu um sopro de esperança aos leitores ao dizer que o afro-americano não suportaria isso para sempre.³⁵⁸ Em outro artigo desta mesma edição que também procurou debater o ocorrido, foi apresentada uma aparente manobra a fim de livrar os executores do ato, deixando que indivíduos abaixo de dezoito anos fossem usados como bodes expiatórios e detidos em seu lugar, pois de acordo com o investigador contratado pela Associação e pelo jornal *New York Evening Post*, os verdadeiros idealizadores do evento eram homens adultos e dentre eles proeminentes cidadãos locais.³⁵⁹ Além dessas proposições, o questionamento de que se os líderes da multidão eram mesmos garotos, ao corpo policial local deveria ser imputada maior culpa sobre o ocorrido devido à ineficácia em detê-los permitindo que um cidadão fosse retirado de um local público e encontrasse a morte sem um devido julgamento.³⁶⁰ Em atenção a este fato, representado pela ineficácia dos poderes públicos em evitar ocorrências como a ocorrida em Coatesville, o cartum que acompanha a nota se mostra extremamente conectado com o caso.

Reimpresso do jornal *New York Herald*, “*The Finger of Scorn*” se apresenta como uma dura crítica ao sistema político e a incapacidade norte-americana de garantir segurança aos seus cidadãos. Nele, pode se ver a personificação do que seria a democracia, representada pelos Estados Unidos, ou como a obra expõe a “civilização americana” sendo confrontada e, aparentemente, questionada sobre os padrões que tão orgulhosamente procura pregar. A surpresa ao ser apontada como umas das principais responsáveis por acontecimentos como aquele, seja por representar a concepção de um

³⁵⁶ DU BOIS, W. E. B. Triumph. In: *The Crisis*, v. 2, n. 5, Sept. 1911, p. 195. Sucessivas edições de *The Crisis* continuaram a publicar informações sobre o caso. Podem-se ver menções ao ocorrido nos números de outubro de 1911, janeiro de 1912 e em uma mais extensa análise sobre as investigações proporcionadas pela NAACP na edição do mês de Fevereiro de 1913, dentre outros.

³⁵⁷ Idem.

³⁵⁸ Ibidem.

³⁵⁹ Along the Color Line. Crime. In: *The Crisis*, v.2, n. 5, Sept. 1911, p. 185-186.

³⁶⁰ Idem, p. 186.

país voltado unicamente para os cidadãos brancos ou pela omissão, é sinônimo do que foi muitas vezes discutido por Du Bois como uma das manifestações mais vergonhosas do país. Para Kirschke, “ela representa a culpabilidade de todos os norte-americanos na contradição dos ideais americanos como o terrorismo racial representado”.³⁶¹

Figura 12. A sociedade norte-americana e os preceitos que ela representa são confrontados por cidadãos que deveriam ser assegurados, da mesma forma, por tais preceitos. “The Finger of Scorn”. In: *The Crisis*, v. 2, n. 5. Sept. 1911, p. 185.

Em uma nota da edição do mês de agosto, Du Bois havia comentado sobre o espírito de tumulto que abrangia o país.³⁶² Segundo ele, apesar de repetidas vezes ouvir acerca do desaparecimento daquela manifestação, parecia que ela florescia mais vigorosa. A causa foi por ele entendida como o desrespeito às leis e o entendimento de uma crescente desvalorização da vida humana. Apesar do direito ao sufrágio garantido pela Constituição do país especificar que nenhum cidadão poderia ser dele privado tendo como argumento a prerrogativa da “raça ou cor”, não era isso que acontecia em determinadas partes do país.³⁶³ Du Bois também fez questão de mencionar a dificuldade em punir indivíduos ricos que participavam de linchamentos e a quase impossibilidade

³⁶¹ KIRSCHKE, op. cit., p. 63.

³⁶² DU BOIS, W. E. B. Lynching. In: *The Crisis*, v. 2, n. 4, Aug. 1911, pp. 158-159.

³⁶³ Idem, p. 158.

do afro-americano em escapar de um, mesmo sendo considerado apenas suspeito. O editor, ao finalizar a nota, clama os cidadãos que amam o país a despertarem e agirem.³⁶⁴

Ao se observar que a edição do mês de agosto já estava pronta quando o ocorrido em Coatesville aconteceu, pois não há menção nem à cidade nem à vítima daquela tragédia, pode-se aferir que os eventos no país eram tão corriqueiros que os comentários e análises gerais, sobre aquelas práticas de violência, podiam ser aplicados a quase todos os casos. Desrespeito perante a lei e desconsideração pela vida, principalmente a do negro estadunidense, eram os motivos apresentados.

Ao comentar sobre a tentativa da NAACP em conseguir apoio presidencial contra o que denominou “reino da ilegalidade”, o editor procurou, a sua maneira, ironizar a situação.³⁶⁵ Para ele, aquela prerrogativa de respeitar os direitos dos estados segue determinados interesses. Citando um exemplo, que teria acontecido um ano antes, em que uma mulher negra ao chegar ao país teria sido hostilizada até que se soubesse que ela era esposa de um britânico e recebesse a “devida consideração”, Du Bois argumenta que a matéria teria sido de interesse federal se um cidadão britânico “fosse retirado de uma cadeia e usado como caça por cavalheiros”.³⁶⁶ Porém, entendeu que como o afro-americano não podia recorrer à bandeira britânica, que tivesse a ciência de que a norte-americana não contava com poder suficiente para protegê-lo.³⁶⁷

Pronunciamentos de Du Bois estiveram presentes nas páginas de *The Crisis* em que diversos aspectos relacionados à prática foram alvos de suas críticas. Em “*Crime and Lynching*”, Du Bois criticou aqueles que pensavam que a redução de crimes provocaria um estancamento na onda de linchamentos, pois segundo a sua visão, tais atos eram as causas, não os resultados, de um crime quando eram muitas vezes perpetradas contra indivíduos inocentes. Du Bois, em sua explanação, cita sucessivos casos de desrespeito para com o afro-americano e como isso contribui para a formação de criminosos. Para ele, a primeira coisa a ser feita para se evitar a criminalidade era

³⁶⁴ Ibidem, p. 159.

³⁶⁵ DU BOIS, W. E. B. The Flag. In: *The Crisis*, v. 2, n. 3, July 1911, p. 112. Verifica-se uma menção ao tratamento dispensado pelas instâncias federais, em não intervirem nas jurisdições estatais, na nota “*Lynching Again*”, da edição de maio de 1912. Nela, Du Bois questiona uma resposta ao apelo da NAACP produzido pelo Departamento de Justiça que especifica que as autoridades federais só podem agir para garantir aos cidadãos o exercício de seus direitos, o que pareceu ser contraditório à Du Bois ao se referir que o cidadão não pode “ser privado da vida, liberdade ou propriedade sem um devido processo legal”. Cf. DU BOIS, W. E. B. Lynching Again. In: *The Crisis*, v. 4, n. 1, May 1912, p. 27.

³⁶⁶ DU BOIS. The Flag, op. cit., p. 112.

³⁶⁷ Idem.

acabar com os atos de violência direcionados aos negros e, posteriormente, considerá-los seres humanos.³⁶⁸

A nota “*Lynching*”, que apareceu no número do mês de março de 1914, trouxe uma queixa do editor acerca da aparente incompatibilidade de números de casos divulgados pela NAACP em comparação com outras instituições que realizavam trabalho semelhante.³⁶⁹ Para ele, parecia existir uma tentativa, “deliberada ou intencional”, de abafar a verdade no que diz respeito à extensão dos casos no país. O editor e a Associação já tinham notado esta discrepância, no ano de 1912, quando contabilizaram um total de 63 ocorrências, enquanto outros órgãos apresentaram um número bem abaixo do demonstrado pela NAACP, girando em torno de 34 mortes.³⁷⁰ Como aquela foi a primeira tentativa da Associação em levantar um registro sobre os fatos, não fizeram comentários. No entanto, a irritabilidade do editor foi exteriorizada ao apresentar os registros de 79 pessoas mortas por meio de linchamentos enquanto veículos públicos, como o *Chicago Tribune*, visto, até então, como uma referência neste tipo de estatística, apresentou o número de 44 mortes e os dados expostos por Booker T. Washington giravam em torno de 51 vítimas para o ano de 1913. Ainda que afirmando que a intenção da revista não era de aumentar o registro nem de festejar com a propagação “desta mais miserável mancha sobre nossa civilização”, as dificuldades em se obter dados dos registros não eram motivos para crer que o índice de casos tenha diminuído e sim se elevado.³⁷¹ Verifica-se a abominação que esta manifestação tem sobre Du Bois quando este, ao finalizar a nota, afirma que estaria muito feliz se suas conclusões fossem refutadas.

Reverberando a covardia acontecida com Jesse Washington, no Texas, “*Lynching*”, agora no número de julho de 1916, Du Bois revelou ao público a sua intenção de não incluir imagens do que chamou de “talvez o mais horrível linchamento que ocorreu nos Estados Unidos”.³⁷² Ainda que não tenha especificado o motivo para isso, preferindo organizar uma edição suplementar relatando aquele fato, como foi anteriormente citado, acreditamos que ele não o tenha feito, pois os números dos meses

³⁶⁸ DU BOIS, W. E. B. Crime and Lynching. In: *The Crisis*, v. 3, n. 3, Jan. 1912, pp. 113-114.

³⁶⁹ DU BOIS, W. E. B. Lynching. In: *The Crisis*, v. 7, n. 5, March 1914, p. 239.

³⁷⁰ A contabilidade e a descrição dos casos divulgados pela NAACP, para o ano de 1913, podem ser conferidas na edição do mês de fevereiro de 1914. Cf. The Burden. In: *The Crisis*, v. 7, n. 4, Feb. 1914, pp. 199-200.

³⁷¹ DU BOIS. Lynching, op. cit., v.7, n. 5, p. 239.

³⁷² DU BOIS, W. E. B. Lynching. In: *The Crisis*, v. 12, n. 3, July 1916, p. 135.

de julho eram dedicados às conquistas educacionais alcançadas pelos negros e o relato daquela história seria visto como ambíguo e desanimador para os jovens que precisariam enfrentar um mundo em que coisas como aquela aconteciam.

Enquanto os linchamentos continuavam a acontecer com uma violência até mais aterradora do que antes, os posicionamentos do editor frente a eles começavam a se alterar.³⁷³ O tumulto ocorrido em Gainesville, Flórida, teria provocado em Du Bois significativa perplexidade e conseguimos verificar, um pouco mais, os efeitos que as sucessivas ocorrências daqueles atos estavam causando em sua personalidade. Embora estivesse irritado com mais um caso em que os negros eram as vítimas, direcionou suas críticas à própria comunidade afro-americana da região que não demonstrou nenhuma resistência para impedir que aqueles atos ocorressem.³⁷⁴ Extremamente decepcionado, chegou a afirmar que nenhum povo que se comporta com aquela covardia demonstrada poderia esperar ter a simpatia ou a ajuda de pessoas civilizadas.³⁷⁵ Constatou-se nas explicações do editor de *The Crisis*, uma postura mais agressiva ao procurar influenciar nas medidas que deveriam ser adotadas pelos negros. Ao refletir sobre a possibilidade dos afro-americanos terem capturado o fugitivo, o também negro Boisy Long, vociferou contra eles afirmando que aqueles que o fizeram deveriam ser presos também.³⁷⁶ Em sua concepção, o linchamento do negro no sul só teria possibilidade de parar quando os linchadores fossem “confrontados por efetivas armas nas mãos de pessoas determinadas a vender caro suas almas”.³⁷⁷

A tortura e morte de Jim McIlherson, em Estill Springs, Tennessee, em 12 de fevereiro de 1918, elevaram mais uma vez os ânimos e a militância dos membros da Associação. Procurando obter um pronunciamento do presidente Woodrow Wilson, que tinha sido reeleito no pleito de 1916, o secretário da NAACP, John R. Shillady escreveu

³⁷³ Incipiente percepção sobre esta questão foi pontuada por Marvin Gordon Kimbrough ao se referir ao uma nota, que não por coincidência se intitula “*Lynching*”, presente na seção Editorial do número do mês de janeiro de 1917. Na nota, Du Bois relata a ocorrência de duas histórias relacionadas ao assassinato de afro-americanos. O que chama a atenção de Kimbrough, e infelizmente ela não se aprofunda sobre a questão, é que apesar do editor indicar para o público a existência dessas histórias que “merecem uma menção editorial”, ele não se pronuncia sobre elas e apenas as descreve. Sendo o editorial o espaço em que Du Bois pode livremente expor suas ideias, e assim o faz com regularidade, a sua “voz muda” acerca deste fato pode ser indicativo de uma aparente desilusão com o estado atual das questões envolvendo as relações raciais no país. Ver: KIMBROUGH, op. cit., p. 199. Ver também: DU BOIS, W. E. B. Lynching. In: *The Crisis*, v. 13, n. 3, Jan. 1917, pp. 112-113.

³⁷⁴ DU BOIS, W. E. B. Cowardice. In: *The Crisis*, v. 12, n. 6, Oct. 1916, pp. 270-271.

³⁷⁵ Idem, p. 271.

³⁷⁶ Ibidem.

³⁷⁷ Idem, ibidem.

ao mesmo solicitando um pronunciamento público sobre o ocorrido, tendo em mente o provável fator desestimulante que teria sobre a população afro-americana, empenhada no esforço de guerra. Inicialmente, Wilson ignorou a solicitação do órgão alegando que aquele ato não tinha conexão alguma com a política de guerra adotada pelo governo federal.³⁷⁸ Neste meio tempo, o cartum “*The Funny Page*”, de autoria de Lorenzo Harris, apareceu na edição de março de *The Crisis*.

Figura 13. Os males confrontados pelos negros nos Estados Unidos se apresentavam tão expressivos que pareciam inviabilizar as conquistas destinadas a eles. HARRIS, Lorenzo. “*The Funny Page*”. In: *The Crisis*, v. 15, n. 5, March 1918, p. 241.

O desenho caracteriza muito bem a intenção do autor em expressar as questões discutidas e defendidas por Du Bois e pela NAACP.³⁷⁹ Nele se podem ver as figuras de

³⁷⁸ NAACP. Estill Springs Burning. In: *The Crisis*, v. 15, n. 6, April 1918, p. 281.

³⁷⁹ Fazemos este tipo de apontamento, salientando uma espécie de separação entre os envolvidos, por acreditar que em sua maneira de abordar os temas, o editor de *The Crisis* procurava apresentá-los de uma maneira menos formal e mais debochada do que o que seria mostrado pela Associação. Ainda que tais questões devessem ser tratadas com toda a seriedade e complexidade possível, o aval dado pelo editor para a exposição dessas obras é indício da conectividade entre Du Bois e os artistas que realizavam tais produções, o que, talvez, não fosse possível se outro membro da NAACP tivesse em suas mãos um controle mais firme sobre a revista. Lamentamos, no entanto, não ter encontrado indícios de que a direção

três seres bestiais que rotulam e personificam problemáticas enfrentadas, principalmente, pelos afro-americanos. Nitidamente, conseguimos ter conhecimento de duas de suas descrições: “*Lynch Law*” e “*Discrimination*”, respectivamente “Lei do Linchamento” e “Discriminação”. O terceiro membro desse terrível “triunvirato” que ameaçava a estrutura social do país, embora não se possa afirmar de maneira concreta, mas nos baseando pelo que seriam as letras iniciais da palavra, parece ser “*Prejudice*”, ou seja, “Preconceito”.

Segundo análise realizada por Kirshcke, a maneira como estes seres foram apresentados, incluindo em seus aspectos as vestimentas comparáveis às de homens das cavernas, as faces com traços grosseiros e cabeças raspadas, são representativos de insensibilidade e de um estágio de não desenvolvimento humano.³⁸⁰ Esta percepção pode ser bem delineada quando observamos que estes seres grotescos se divertem ao lerem o conjunto de normas que especificam a estruturação do Estado norte-americano em que se encontram os direitos e deveres de seus cidadãos: a Constituição dos Estados Unidos. Notório também é observar qual o motivo de sua zombaria: as emendas constitucionais décima quarta e décima quinta que tiveram significativo peso para a definição da cidadania do afro-americano. O fato de examinarem justamente esta parte do documento é representativo do que para eles se expressa na insignificância de tais parâmetros e a intenção de continuarem a empreender o seu desrespeito. Embora a autora tenha comentado sobre alguns aspectos do desenho, outros posicionamentos podem ser acrescentados.

Ao se atentar aos elementos que compõe o cartum, observamos o destaque dado à temática do linchamento por apresentar determinados aspectos que procuram evidenciar a maior importância da questão. Dentre as três figuras monstruosas que representam alguns dos dramas enfrentados pelos negros do país, aquele que se rotula como sustentando aquela prática ilegal possui a maior estrutura corporal. Em uma época em que os esforços da NAACP e de pessoas simpatizantes com suas causas se voltavam para o combate e negação do ato, as dimensões dadas a ele, pelo seu criador, demonstram a conexão existente entre a obra e a política empreendida pela Associação para extinguir aquela manifestação. É este ser também que incorpora outros aspectos

sobre as temáticas dos cartuns eram determinados pelo editor ou se os cartunistas apresentavam suas concepções sobre determinado assunto que eram aceitos ou rejeitados por ele.

³⁸⁰ KIRSCHKE, op. cit., p.79.

que proporciona o seu destaque dos demais. Ele traz consigo um dos utensílios mais identificáveis dos eventos em torno do ritual de violência, no qual se desdobra o linchamento: a corda em seu ombro que mesmo sem apresentar o nó correção que se encaixaria no pescoço de alguma vítima, estava sempre pronta a ser usada. Pode-se averiguar da mesma forma, suas mãos sujas de sangue que ao segurar a Constituição do país, mancha suas páginas com o sangue de seus cidadãos que deveriam ser assegurados em seus direitos. A mancha de sangue proporcionado por algumas de suas impressões digitais parece apontar para certos direitos que deveriam ser garantidos, como o fato de nenhum estado se utilizar da lei para “abreviar os privilégios ou as imunidades dos cidadãos dos Estados Unidos”.³⁸¹

As desavenças entre a Associação e Du Bois não eram segredo para ninguém e já foram pinceladas, aqui, algumas situações desconfortáveis vivenciadas por ele e outros membros do órgão. No entanto, seria injusto apontar que tais discordâncias foram motivos para um desvio de interesses em solucionar os problemas de faziam parte da vida dos afro-americanos. Suas formas de analisarem certas questões e tomarem decisões sobre elas despertaram atritos difíceis de serem contornados. Muito de suas visões estavam angariadas no fato da NAACP, durante considerável espaço de tempo, ser controlada majoritariamente por indivíduos brancos que, segundo Du Bois, não conseguiam sentir plenamente as duras realidades em que o negro nos EUA estava exposto diariamente e que, por este motivo, não poderia esperar muito mais tempo para ver sua condição alterada.

Discórdias à parte, ambos se empenharam para garantir maior segurança no estilo de vida do afro-americano e esta relação, em seus anos iniciais, tinha na erradicação do linchamento o objetivo mais concreto. Os passos tomados pela NAACP para alcançar tal propósito desencadearam elogios e sentimentos de esperança em Du Bois. A Conferência Antilinchamento proposta pela Associação representou para a comunidade negra e para ele, especificamente, um passo adiante na possibilidade de modificação das relações raciais. As aspirações despertadas no editor da revista *The Crisis* foram das mais significativas demonstradas por ele. Para Du Bois, a série de encontros que se estabeleceram durante os dias da conferência representaram um momento histórico, o qual “foi um passo em direção à civilização comparável somente

³⁸¹ “The Funny Page.” In: *The Crisis*, v. 15, n. 5, March 1918, p. 241.

com as convenções abolicionistas”.³⁸² Para ele, os encontros proporcionados pela NAACP significaram “o início do fim” das violências físicas contras os afro-americanos.³⁸³

As implicações dos distúrbios raciais que caracterizaram o Red Summer, além de serem questionadas pela NAACP, foram longamente expostas e discutidas nas páginas da revista. Pronunciamentos do editor de *The Crisis* procuraram reforçar a ideia das melhores condições encontradas pelos afro-americanos proporcionadas pela migração, o direito dos negros norte-americanos de usufruírem das benesses disponibilizadas para e pela sociedade e procurarem melhores condições de vida. Du Bois, mesmo reconhecendo que a região norte do país não era um paraíso, via o sul na melhor das hipóteses como um sistema de castas e na pior, como um inferno.³⁸⁴ Os argumentos que ele utiliza para melhor se explicar e estabelecer as diferenças que fazem os estados do norte serem reconhecidamente melhores que os do sul estão, por exemplo, nos casos diários de conflitos que acontecem dentro dos limites sulistas e a inflexibilidade dos brancos de procurarem subjugar e governar os negros, enquanto que no norte, de acordo com a concepção de Du Bois, apesar dos distúrbios raciais serem mais ferozes, eles são controlados mais rapidamente e não existe uma pretensão de incumbir ao negro toda a culpa dos acontecimentos, chegando a afirmar que nas cidades em que os distúrbios aconteceram estavam mais seguras do que antes.³⁸⁵ O editor de *The Crisis* reconhece também a existência de pessoas empenhadas em contribuir para redefinir o contexto das relações raciais no sul, porém devido à complexidade das questões suas vozes se tornam impotentes. Portanto, Du Bois clama os afro-americanos a irem para o norte do país, mas que façam isso após uma calma investigação e que saibam onde irão ficar. Ele não descarta os problemas que os migrantes encontrariam naquela região, contudo, procurou alertá-los de que a principal fonte desses problemas estava enraizada no sul e que os enfrentariam através da inabalável autodefesa e por meio dos votos.³⁸⁶

Pode-se verificar neste discurso de Du Bois a existência de elementos que se referem tanto ao deslocamento de indivíduos afro-americanos oriundos do sul do país

³⁸² DU BOIS, W. E. B. Lynching. In: *The Crisis*, v. 18, n. 2, June 1919, p. 59.

³⁸³ Idem.

³⁸⁴ DU BOIS, W. E. B. Brothers, Come North. In: *The Crisis*, v. 19, n. 3, Jan. 1920, p. 105.

³⁸⁵ Idem.

³⁸⁶ Ibidem, pp. 105-106.

em direção ao norte, quanto à ideia, que ganhava cada vez mais força, expressa no direito à autodefesa. Embora tais manifestações possam ser tomadas de forma separada, cremos que elas devam ser entendidas como partes de um todo, pois o próprio ato de migrar constitui prerrogativa de proporcionar uma resposta contra uma situação que desagradava aqueles que as praticam. Esta forma de entender a situação não era uma novidade para Du Bois que já a advogada há algum tempo. Em uma nota de *The Crisis*, em outubro de 1916, o tema da migração foi discutido pelo editor como “o único protesto efetivo que os negros *em massa* podem fazer contra o linchamento e a privação de direitos políticos é deixando a perversa região onde estas coisas acontecem”.³⁸⁷

Ainda que defendendo a migração para o norte do país, questionamentos acerca das atitudes violentas, perpetradas contra o afro-americano, que procurava se estabelecer na região foram motivos de críticas da revista que perduraram até bem depois dos distúrbios do ano anterior. Além destas críticas, debates e exposições sobre a falta de consideração para com o cidadão negro e um posicionamento mais significativo dos brancos que viviam fora do sul em encontrar uma solução para a divisão racial que imperava no país, foi fruto de análises presentes em *The Crisis*.

Idéias sobre esta situação foram expressas por Sarah N. Cleghorn, em março de 1920.³⁸⁸ Segundo a escritora, os nortistas acostumados a sua própria escala de subjugação do negro, por vezes a considerando comum e sem preconceitos, ao se dirigem para o sul encontravam algumas de suas práticas de discriminação, porém com camadas adicionais que eles não tinham percebido completamente, assim como a extensão de suas implicações.³⁸⁹ Este tipo de situação se explica pelo fato de que, aquele que não pertence à região se torna mais realista sobre as características do local, no entanto aqueles mais críticos conseguem perceber a gravidade da situação que se faz presente em todo o país.³⁹⁰ Cleighorn confronta o público, questionando-o sobre o país

³⁸⁷ DU BOIS, W. E. B. Migration. In: *The Crisis*, v. 12, n. 6, Oct. 1916, p. 270. O fenômeno também foi alvo de análise de outros autores da época. A. Philip Randolph e Chandler Owen, editores do jornal *The Messenger*, relacionaram a prática da migração como a principal resposta contra o linchamento e o aliciamento de trabalhadores rurais presentes no sul. Segundo os autores, a migração, seja como imigração ou emigração, era um método legítimo e justo de melhorar as oportunidades de alguém. Cf. RANDOLPH, Asa Philip; OWEN, Chandler. *The Truth about Lynching*. New York: Cosmo-Advocate Pub. Co., [1917?]. Disponível em: <https://ia902307.us.archive.org/28/items/truthaboutlynchi00rand/truthaboutlynchi00rand.pdf>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2015.

³⁸⁸ CLEIGHORN, Sara N. “Northerners don’t Understand the Negro”. In: *The Crisis*, v. 19, n. 5, March 1920, pp. 263-266.

³⁸⁹ Idem, p. 263.

³⁹⁰ Ibidem.

vivenciar naquele período um sistema de castas. Como ela afirma, “os nortistas, pode se admitir, não entendem o negro, - e nem os sulistas. O homem branco, seria melhor para nós compreendermos, logo, não entende o negro”, pois sempre procurou uma explicação através de seus próprios olhos e não do afro-americano.³⁹¹

O cartum que acompanha o texto reflete significativamente as reflexões em torno dos motivos que fazem com que o afro-americano deixasse a região sul do país em direção ao norte. Nele se pode ver uma típica representação de seus motivos ao empreenderem uma versão mais atual das “*underground railroads*” do século XIX. É possível constatar, da mesma forma, personagens bem conhecidos daquele espaço social como o dono de terras branco e o negro pendurado pelo pescoço, em uma árvore, por uma corda.

³⁹¹ Idem, ibidem, p. 265.

THE REASON

264

Figura 14. Embora muitos não compreendessem o que impelia grande parte dos afro-americanos a deixarem a região sul do país, o cartum apresenta um bom indicativo para tal atitude. SMITH, Albert A. "The Reason". In: *The Crisis*, v. 19, n. 5, March 1920, p. 264.

O trabalho efetuado pelo artista afro-americano, Albert A. Smith, revela-nos o contexto que prevalecia em termos de relações raciais nos estados do sul.³⁹² As características apresentadas pelo afro-americano, que está em primeiro plano, são indicativas de determinadas alterações que parecem adquirir contornos em seu ser. Ele foi retratado como um “preocupado, bem-vestido homem negro de meia-idade” segurando uma maleta com o rótulo que destaca sua origem sulista.³⁹³ De seu paletó surge uma inscrição que expõe o destino a ser tomado por ele: “*To the North*”.³⁹⁴

Interessante observar nestes elementos a conexão entre origem e destino que estariam na base da constituição do “novo” negro. A indicação existente em sua maleta, acreditamos, pelo fato da composição do cenário, como um todo, ser visivelmente relacionado com um fenômeno mais ligado ao sul e por acompanhar o texto, poderia ter sido suprimido deixando, ou não, apenas a informação de destino. Pode-se indagar que a persistência em evidenciar tais rótulos, esteja relacionada com a perspectiva de destacar o drama presenciado pelo negro ao deixar praticamente todos os seus pertences para trás e seguir para o norte – e neste caso, qualquer localidade do norte pode ser entendida como melhor do que as violações presenciadas em seu lugar de origem. No entanto, é válido também interpretar tal descrição salientando o lado positivo da mensagem a ser transmitida. Nesta perspectiva, os poucos pertences que o afro-americano carrega consigo, encerrados em um espaço restrito se contrasta com a inscrição que denota destino, “*To the North*”, apresentado como transbordando leveza ao ser carregado pelo vento. Ela também é indicativa da mobilidade social procurada pelo negro descartando o rótulo de apatia com que foi caracterizado durante longo tempo. Para ele, o ditado de que o “ar da cidade é o ar da liberdade” era um clássico elemento de sua própria “idade das trevas” vivenciada no sul.

³⁹² Albert A. Smith (1896-1940) foi um prolífico artista negro norte-americano que expressou seus trabalhos por meio de pinturas, desenhos e música, notadamente o jazz. Tendo estudado em renomadas escolas de arte, como a *National Academy of Design* fundada em Nova Iorque, em 1825, onde se tornou o primeiro afro-americano a estudar na instituição, Smith produziu grande parte de suas obras no continente europeu, especificamente na França, onde morou no distrito de *Montmartre*, na cidade de Paris, conhecido por sua vida boêmia e reduto de artistas e intelectuais. O fato de ter encontrado um estilo de vida mais livre fora dos Estados Unidos influenciou a sua produção artística, o que pode ser constatado no desenho realizado para a revista *The Crisis*, expressivo de quem procurou ir à procura da felicidade fora dos limites territoriais impostos pelas circunstâncias. Para saber mais sobre a vida de Albert A. Smith, ver: MARTER, Joan (Ed.). *The Grove encyclopedia of American art*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011, v. 4; KIRSCHKE, op. cit., pp. 33-34. Ver também: http://www.papillongallery.com/sold/albert_alexander_smith.html.

³⁹³ KIRSCHKE, op. cit., p. 84.

³⁹⁴ “Para o Norte”.

Característico da mesma forma é a aparente irredutibilidade comportamental que é insinuada ao retratar o homem branco sulista. Sua aparência envelhecida é indicativa da própria estrutura opressora e enraizada nos resquícios da escravidão, bem como da degradação no tratamento para com o afro-americano, a partir da última década do século XIX. Embora comentado por Kirschke, mas sem se aprofundar em seu possível significado, suas mãos brancas se contrastam com seu traje escuro.³⁹⁵ Entendemos que tal contraste juntamente com a gesticulação empregada teria a conotação de demonstrar a naturalidade da situação presenciada e a ausência de culpa no que pode ser entendido como a aplicação de um “corretivo apropriado” para o outro indivíduo negro que acaba de ser assassinato. O seu olhar para o afro-americano que empreende fuga parece “solicitar” que ele fique, pois o que teria acontecido com o outro – grotescamente pendurado por uma corda – não necessariamente aconteceria com ele, desde que se submetesse aos padrões sociais vigentes.

³⁹⁵ KIRSCHKE, op. cit., p. 84.

Capítulo 4

Imagens em *The Crisis*: por uma nova representação do negro norte-americano

4.1 – Os Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial: “salvaguardando” a Democracia

A sucessão de eventos que ocasionaram a entrada dos Estados Unidos da América na Primeira Guerra Mundial foi interpretada como uma necessidade inerente do país em se engajar em uma luta, que tinha como principal objetivo salvar o mundo da “tirania” da coalisão representada pela Tríplice Aliança.³⁹⁶

Ainda que num primeiro momento, o discurso pregado pelo então presidente Woodrow Wilson fosse de neutralidade, por sinal, o mais aceito pela maioria da população do país e, embora, o apelo por uma política de militarização começasse a ser pregada, a atmosfera social do período revela a preferência dos norte-americanos em favor dos países constituintes da Entente. Como apontam Nevins e Commager:

[...] A opinião pública norte-americana desde o início violentamente abraçara uma causa. A grande maioria do povo esperava que a Grã-Bretanha, a França e a Bélgica vencessem. Centenas de laços de cultura, tradição, instituições comuns e pontos de vista compartilhados existiam em relação aos britânicos; a lembrança da ajuda francesa na Revolução e a admiração pela galante resistência de franceses e belgas eram também muito fortes. Um número comparativamente menor de pessoas, principalmente germano-americanos, respondia ao apelo do sangue e os irlandeses-americanos que haviam herdado ódio à Grã-Bretanha simpatizavam com as Potências Centrais. [...]³⁹⁷

Além dessa gama de fatores, a própria constituição do sistema político representado pelos povos germânicos beligerantes, com tendências destacadamente autocráticas, contradizia a estrutura de governo representado e pregado pelos norte-americanos, sendo visto dessa forma como uma eminente ameaça ao país caso saíssem

³⁹⁶ Acordo militar estabelecido entre o Império Alemão, o Império Áustro-Húngaro e a Itália, em 1882, visando se fortalecer frente às pretensões imperialistas inglesas e francesas. Estas por sua vez, após chegarem a um consenso sobre suas áreas de influência principalmente no norte da África, firmaram o que ficou conhecido como Tríplice Entente junto com o Império Russo. A Entente pode ser entendida como uma série de acordos bilaterais que desde o final do século XIX viam sendo estabelecidos entre estas nações.

³⁹⁷ NEVINS; COMMAGER, op. cit., p. 432-433.

vitoriosos na Europa.³⁹⁸ Questões econômicas também contribuíram para essa guinada em relação às democracias ocidentais. Pregando o seu direito de navegação como um país neutro, os comboios norte-americanos abasteciam os mercados britânicos e franceses através do Atlântico ocasionando lucros fenomenais para sua economia. Nesse mesmo sentido, as agressões proporcionadas pelos submarinos alemães, com o intuito de intensificar o bloqueio marítimo de suprimentos para seus inimigos, foram vistas como o estabelecimento de uma ardente transgressão ao direito de comércio. Durante o decorrer da guerra, embarcações, mesmo não sendo de bandeira norte-americana, mas transportando cidadãos daquele país, foram constantemente afundadas.³⁹⁹ Ainda que reconhecendo a agressividade de sua prática na condução da campanha marítima, o governo alemão garantiu aos norte-americanos uma maior precaução em relação ao ataque a navios comerciais. No entanto, esse tipo de incidente continuou acontecendo, o que acarretou numa degradação nas relações entre os dois países.⁴⁰⁰

Na impossibilidade de conduzir uma guerra com limites estabelecidos, levando-se em conta que mais da metade dos produtos alimentícios e dos insumos utilizados pelos britânicos eram importados e o impedimento desses em chegar ao seu destino traria a capitulação inglesa e, por consequência, francesa, o governo alemão, em janeiro de 1917, anunciou o retorno da condução de uma guerra submarina sem restrições.⁴⁰¹ Além disso, a divulgação do “telegrama Zimmermann,” pelo presidente Wilson foi visto como um dos maiores ultrajes, ao qual o país jamais havia sido exposto. Além disso, ele se revelou como uma trama em que os Estados Unidos teriam papel significativo.⁴⁰²

³⁹⁸ Idem, p. 433.

³⁹⁹ Exemplo disso é o navio britânico *Lusitânia*, afundado em 07 de maio de 1915 em que dos aproximadamente 1200 mortos, 128 eram norte-americanos.

⁴⁰⁰ Dentre esses incidentes podem ser citados os ataques aos navios *Arabic*, de origem britânica, em 19 de agosto de 1915 e do francês *Sussex*, em 24 de março de 1916. Ambos possuíam norte-americanos a bordo.

⁴⁰¹ TUCKER, Spencer C. *The Great War, 1914-1918*. London: UCL Press; Taylor & Francis e-Library, [1998] 2001, p. 132.

⁴⁰² O caso do “Telegrama Zimmermann” se constituiu em uma interceptação realizada pelos britânicos, em janeiro de 1917. Nele, o Secretário do Estado Alemão para Assuntos Estrangeiros, Arthur Zimmermann, comunica ao Ministro do Império Alemão no México, Heinrich von Eckhardt, a decisão de seu governo de retomar a prática de uma guerra submarina irrestrita. Além disso, Zimmermann informa von Eckhardt da intenção de trazer o México e o Japão para o seu lado no conflito com o propósito de se evitar uma participação norte-americana na Europa, impedir o fluxo de armamento dos Estados Unidos para os países da Entente e forçar a Rússia em uma luta em duas frentes. Como recompensa, em caso de vitória alemã, o México iria readquirir os territórios perdidos em 1848 para os norte-americanos. O conteúdo do telegrama foi enviado para o governo estadunidense que o tornou público em fevereiro, fazendo com que se intensificassem os pedidos por uma intervenção mais direta no conflito. Idem, p. 133. Ver também: TUCHMAN, Barbara W. *The Zimmermann Telegram: America enters the war, 1917-1918*. New York: Random House Trade Paperbacks, [1958] 2014.

Diante dessa conturbada conjuntura, a postura até então de neutralidade, conduzida por Wilson, deu lugar a uma vigorosa aclamação pela entrada do país em uma guerra que pouco tempo antes era uma questão estritamente europeia. Em seu discurso perante o Congresso, em 02 de abril de 1917, o então presidente solicitou uma declaração de guerra à Alemanha, negligenciando ou deixando transparecer suas visíveis contradições quanto à condução de sua política progressista.⁴⁰³ Em seu pronunciamento, como não poderia deixar de constar, a retórica progressista na condução de um bem maior pode ser visto como o tom de destaque,

[...] pelos direitos das nações grandes e pequenas e o privilégio dos homens em qualquer lugar para escolher seu estilo de vida e obediência. O mundo deve estar seguro para a democracia. Sua paz deve ser plantada sobre as provadas fundações da liberdade política. Não temos nenhuma finalidade egoística a servir. Não desejamos nenhuma conquista, nenhum jugo. Não buscamos nenhuma indenização, nenhum material de compensação pelos sacrifícios que devemos livremente fazer. Somos, porém, um dos campeões dos direitos da humanidade. Nós devemos estar satisfeitos quando aqueles direitos têm estado tão seguros quanto crentes e a liberdade das nações pode fazê-los. (Tradução nossa)⁴⁰⁴

Em 06 de abril o governo estadunidense anunciou a existência de um estado de guerra entre Estados Unidos e a Alemanha.⁴⁰⁵ Foi estabelecido de imediato um programa que tinha como meta, “ajustar” a opinião pública do país na promoção de um esforço de guerra inédito para sua época.

⁴⁰³ Segundo o historiador Ronald Schaffer, “Woodrow Wilson era um homem de declaradas contradições.” Descrevendo algumas dessas posturas ambíguas do ex-presidente, Schaffer cita, dentre outras, a relação conflituosa com os trustes norte-americanos declarando serem os seus diretores “ladrões legalmente organizados para pilhagem”. No entanto, nunca desafiou seriamente os arranjos da economia do país. Além disso, procurando expandir o capitalismo dos Estados Unidos pelo mundo, tendo em vista um tipo de liberdade política para a condução do comércio do país, esteve envolvido em mais intervenções militares que qualquer outro presidente até então. Cf. SCHAFFER, Ronald. *America in the Great War: the rise of the war welfare state*. New York; Oxford: Oxford University Press, [1991] 1994.

⁴⁰⁴ “[...] for the rights of nations great and small and the privilege of men everywhere to choose their way of life and of obedience. The world must be made safe for democracy. Its peace must be planted upon the tested foundations of political liberty. We have no selfish ends to serve. We desire no conquest, no dominion. We seek no indemnities for ourselves, no material compensation for the sacrifices we shall freely make. We are but one of the champions of the rights of mankind. We shall be satisfied when those rights have been made as secure as the faith and the freedom of nations can make them.” Discurso de Woodrow Wilson em favor de uma declaração de guerra à Alemanha. In: The Woodrow Wilson Presidential Library. Disponível em: <http://wwl2.dataformat.com/Document.aspx?doc=29623>. Acesso em: 29 de novembro de 2014.

⁴⁰⁵ TUCKER, op. cit., p. 134.

4.2 – O afro-americano na Primeira Guerra Mundial: representando uma nação “norte-americana e negra”

Para os integrantes da comunidade negra, a entrada do país no conflito acarretou, de início, uma série de questionamentos quanto à estratégia de sua participação no esforço de guerra. Em um período de notável deterioração das relações raciais no cerne da sociedade estadunidense, as perspectivas em relação aos efeitos do conflito para esta camada populacional variaram consideravelmente. Dentre as mais vibrantes vozes que ecoaram previsões negativas, não apenas quanto ao papel do afro-americano, mas do país em si, foram A. Philip Randolph e Chandler Owen, editores do jornal de cunho socialista *The Messenger*. Segundo os editores, patriotismo não tinha nenhum apelo para eles, mas justiça sim.⁴⁰⁶ Por sustentarem essa postura intransigente quanto à condução da guerra pelo governo norte-americano, Randolph e Owen foram presos, em 1918, pela acusação de violarem o *Espionage Act* (Ato de Espionagem), que tinha como intuito eliminar qualquer forma de radicalismo e manifestações de subversão capazes de comprometer o planejamento estruturado pelo governo federal para dar prosseguimento a sua forma de ação na guerra.⁴⁰⁷

De uma maneira geral, os líderes da comunidade negra nos Estados Unidos apoiaram a participação do afro-americano no conflito, ainda que mantendo uma posição contrária ao desenrolar do mesmo como um todo. O fato de promulgarem uma participação efetiva dos membros do grupo tem como uma de suas facetas a pretensão de se evitar uma situação ainda mais problemática e prejudicial para os afro-americanos. A possível falta de engajamento ou a escolha em se posicionar contra a estratégia estabelecida pelo país poderia acarretar condições políticas e sociais ainda mais desesperadoras para eles. Como foi exposto pelo periódico *New York Age*, por James Weldon Johnson, intelectual e até então Secretário de Campo da NAACP, “o negro norte-americano não pode se permitir ser taxado como um elemento desleal à nação,” refletindo, sobre os resultados dramáticos caso recaísse sobre a parcela negra da

⁴⁰⁶ *The Messenger*, I (November 1917), 21.

⁴⁰⁷ Ver: KORNWEIBEL, Jr., Theodore. *No Crystal Stair: black life and the Messenger, 1917-1928*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1975.

população os sentimentos que eram direcionados aos simpatizantes dos países constituintes da Aliança.⁴⁰⁸

A forma de pensamento representada nas reflexões de Johnson é significativamente coerente em um período em que o clamor por uma postura nacionalista se avulta. Soma-se a isso o sempre conflitante cenário racial do país em que, mesmo a perspectiva de ver o afro-americano pegando em armas para defendê-lo, trouxe preocupação para uma grande proporção de cidadãos brancos. No entanto, não se deve apropriar do discurso de James Weldon Johnson apenas como uma maneira de se evitar uma situação dramática para o afro-americano. A iminência da entrada dos Estados Unidos na Grande Guerra, de fato foi entendida pelo negro como uma oportunidade para mais uma vez mostrar o seu valor tantas vezes questionado. Da mesma forma, o seu engajamento no conflito seria essencial para a aquisição de direitos e oportunidades mais justas. Como assinalou Fairclough,

Quando os Estados Unidos entraram na guerra em 06 de abril de 1917, os negros apoiaram o esforço de guerra com o fervor patriótico que a administração Wilson demandou de todos os americanos. Contudo, o pensamento em atacar a discriminação racial – a negação máxima da democracia – nunca esteve longe de suas mentes. Eles acreditaram que a “Guerra por Democracia” deveria ser uma luta contra a tirania racial no país, não meramente um esforço contra a autocracia germânica no exterior. A guerra aguçou seus ressentimentos acerca da discriminação racial e elevou sua disposição para falar contra ela. (Tradução nossa)⁴⁰⁹

A busca incessante pela conquista de direitos motivou de forma primordial o sacrifício afro-americano em apoiar um governo que muito pouco havia feito por eles durante aqueles cinco anos de administração. Mais do que uma “guerra do homem branco,” termo pregado por alguns proeminentes membros do estrato social negro, o afro-americano a entendeu como mais um meio para satisfazer sua busca por justiça racial e prevenir a ascensão das ideias em torno da supremacia branca. Nesse processo,

⁴⁰⁸ New York Age, April 5, 1917. In: ELLIS, Mark. *Race, war, and surveillance: African Americans and the United States government during World War I*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2001, p. 15.

⁴⁰⁹ “When the United States entered the war on April 6, 1917, blacks supported the war effort with the patriotic fervor that the Wilson administration demanded of all Americans. But the thought of attacking racial discrimination – the very negation of democracy – was never far from their minds. They believed that the “War for Democracy” should be a fight against racial tyranny at home, not merely a struggle against German autocracy abroad. The war heightened their resentment of racial discrimination and increased their readiness to speak out against it.” In: FAIRCLOUGH, op. cit., p. 91.

um elemento dentro da comunidade negra deveria ter um papel singular para a efetivação dessas conquistas: o soldado afro-americano.

A figura do soldado afro-americano se configurou como um dos baluartes no qual os membros da comunidade depositaram seu apoio e suas esperanças. Através dele, seus integrantes poderiam se transportar para um mundo em que as barreiras raciais que separavam os dois grupos seriam abolidas e ambos, brancos e negros, demonstrariam o quão forte e igualitário era a defesa da cidadania estadunidense. O trabalho da historiadora Adriane Lentz-Smith, *Freedom Struggles*, captura muito bem as perspectivas depositadas sobre os soldados negros e a experiência afro-americana, como um todo, nos anos decorrentes da Primeira Guerra Mundial. De acordo com Lentz-Smith, “para famílias e grupos de igreja, editores de jornais e organizações como a Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP), os soldados se tornaram emblemas e agentes nesse esforço”.⁴¹⁰

Papel de destaque foi dado ao soldado afro-americano em diversos outros trabalhos.⁴¹¹ Porém, um relativamente recente trabalho acadêmico merece uma menção. A pesquisa realizada pelo historiador Chad Louis Williams, *Torchbearers of Democracy*, é voltada para a significação do papel do soldado negro neste período de guerra.⁴¹²

Entendendo o soldado afro-americano como um símbolo racial, sua presença no exército do país, durante e após o período de beligerância, representou um estágio de considerável dinamismo social responsável por, entre outros resultados, reflexões quanto ao conceito de nacionalismo, significados pessoais e políticos atribuídos ao serviço militar e ao radicalismo político pós-guerra. Empregando os estudos do historiador Gary Gerstle acerca dos termos ligados ao nacionalismo cívico e ao nacionalismo racial, Williams argumenta que os “soldados e oficiais negros representaram duplamente a potencial expansão do nacionalismo cívico e o enfraquecimento do nacionalismo racial”.⁴¹³

⁴¹⁰ LENTZ-SMITH, Adriane. *Freedom struggles: African Americans and World War I*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2009, p. 4.

⁴¹¹ Ver: BARBEAU, Arthur E.; HENRI, Florette. *The unknown soldiers: African-American troops in World War I*. New York: Da Capo Press, 1996 e NELSON, Peter N. *A more unbending battle: the Harlem Hellfighters' struggle for freedom in WWI and equality at home*. New York: Basic Civitas Books, 2009.

⁴¹² WILLIAMS, op. cit., 2004.

⁴¹³ Idem, p. 33.

De maneira simplificada, o conceito de nacionalismo cívico está relacionado a um conjunto de ideias políticas que constituem a crença norte-americana que se assenta na fundamental igualdade de todos os seres humanos, nos direitos inalienáveis do indivíduo à vida, liberdade e procura da felicidade e, no governo democrático que deriva sua legitimidade no consenso do povo. Esses preceitos representam um tipo de universalismo democrático que pode ter raízes em todos os lugares. Porém, por estarem resguardados nos documentos que simbolizam a fundação do país, Declaração de Independência e Constituição, há um consenso que os empregam para destacar algo que seria distinto do povo norte-americano e de sua política. Quanto ao nacionalismo racial, este pode ser entendido como uma herança ideológica que concebe os Estados Unidos em termos étnico-raciais, ou seja, a capacidade de um povo de se manter unido por laços sanguíneos, cor de pele ou por uma herdada aptidão para o autogoverno. Tal ideia, ao contrário de sua congênere, esteve inserida na Constituição do país, que endossou a escravização de africanos nos estados do sul e limitou a naturalização de “brancos livres,” até meados da década de 1950, evidenciando para Gerstle, o desejo do país em ser compreendido como constituído por brancos. Este tipo de arranjo teria impossibilitado que minorias raciais e especificamente o afro-americano gozassem de todas as oportunidades econômicas e políticas que são acessíveis aos brancos.⁴¹⁴

A discussão apresentada por Chad Louis Williams procura enfatizar a concepção do nacionalismo cívico para a vida do afro-americano. Para isso, ele argumenta que a justificação efetuada pelo discurso de Wilson teria dado condições para que o grupo pudesse repensar sua vida na sociedade estadunidense e o engajamento no conflito. Isto teria se concretizado devido à retórica contida em seu pronunciamento.

Ao identificar a participação norte-americana na guerra como um dever em prol da existência de um estado seguro para a democracia e garantia dos direitos do ser humano, o presidente, de acordo com Williams, teria ignorado o conflitante *status* de “cidadão de segunda-classe” do afro-americano bem como a eficácia do nacionalismo racial em moldar a vida do negro. Os membros da comunidade negra estadunidense, por meio de um discurso visto como suscetível a reinterpretação se apropriaram ideologicamente de seu conteúdo e a viram como uma oportunidade para que o país pudesse demonstrar seu comprometimento de igualdade para com os seus cidadãos.⁴¹⁵

⁴¹⁴ GERSTLE, op. cit., pp. 3-4.

⁴¹⁵ WILLIAMS, op. cit., pp. 39-40.

Dessa forma, eles se viram como fazendo parte de um grande processo cívico, do qual não podiam deixar de participar e que para eles, podia superar os embates envolvendo questões raciais.

Como não poderia deixar de ser, a maior parte da imprensa negra deu o seu apoio ao esforço de guerra promovido pelo país e as responsabilidades decorrentes de uma participação efetiva de seus pares.⁴¹⁶ Embora, boa parte desta postura possa ser interpretada como sendo exercida pela pressão de certos órgãos do governo federal, tais como o *Committee on Public Information - CPI* (Comitê sobre Informação Pública), criados para regular a opinião pública naqueles tempos difíceis. De qualquer forma, os afro-americanos responderam ao apelo patriótico e se dirigiram as fileiras de recrutamento em massa.⁴¹⁷

A perspectiva em adquirir alguma espécie de barganha, no pós-guerra, pelo seu suporte a essa nova empreitada militar do país, começou a ser minada antes mesmo da efetiva participação do afro-americano nos campos de batalha europeus. O que pôde ser verificado é a intensão de manter a estrutura racista e segregacionista das leis Jim Crow, não apenas, no Exército, mas em todas as instâncias das Forças Armadas dos Estados Unidos.

Representante dos mais ávidos das formas de pensamento racista que caracterizaram a região sul dos Estados Unidos, o senador pelo estado do Mississippi, James K. Vardaman refletiu a sua preocupação, e de seus eleitores e contribuintes, quanto ao posicionamento do governo em permitir que o afro-americano pegasse em armas. Para ele, este seria o primeiro passo para que o negro se visse não apenas como ser humano, mas também como cidadão e reivindicasse os seus direitos.

Nas Forças Armadas, o afro-americano continuou sentindo o peso da segregação e do descaso. A marinha relegou à maioria de seu contingente negro a executarem trabalhos não relacionados ao combate, geralmente empregando-o como despenseiros. O Corpo de Fuzileiros Navais também exerceu uma notável exclusão de negros e o recrutamento de oficiais daquela parcela da população foi consideravelmente reduzido, dentre outras situações constatadas.⁴¹⁸

⁴¹⁶ Idem, p. 43.

⁴¹⁷ Segundo estimativas mais de dois milhões de afro-americanos se registraram como voluntários, dos quais aproximadamente 400.000 foram convocados para servir no conflito. Cf. FAIRCLOUGH, op. cit., p. 92.

⁴¹⁸ SCHAFFER, op. cit., p. 80.

Em vista desse fato, questionamentos e embates surgiram entre os mais notáveis representantes da comunidade negra e a administração federal. Um dos mais significativos exemplos desse tipo de atrito foi a dispensa do coronel Charles Young. Sendo o oficial negro de mais alta patente no país, Young era visto pelos seus pares como um dos mais dignos representantes da raça. Terceiro afro-americano graduado pela Academia Militar de West Point, serviu como instrutor militar, comandante do 10º Regimento de Cavalaria, além de ter atuado no México combatendo as guerrilhas desencadeadas por Francisco “Pancho” Villa, durante a Revolução Mexicana, quando este empreendia vários ataques à população norte-americana que vivia nos estados de fronteira.⁴¹⁹ Após a realização de uma série de exames de rotinas, foi constatado que Young estava incapacitado para exercer suas funções na guerra, pois apresentava, além de pressão alta, nefrite.⁴²⁰ A possibilidade de vê-lo fora das fileiras do Exército, naquele momento, causou comoção e acusações dos afro-americanos que viram este fato como um plano para impossibilitar que um negro comandasse toda uma divisão de combate. Como assinalado por Ellis, os protestos dos negros norte-americanos sobre os laudos médicos se revelaram sem fundamento, mas suas suspeitas de que existia toda uma estrutura para minar a contínua ascensão de Young ou de qualquer outro oficial negro a um comando superior no seio do exército eram plausíveis.⁴²¹

Com a redução brusca no alistamento de oficiais e o afastamento de Charles Young, porta-vozes do grupo negro exigiram o estabelecimento de um campo de treinamento para a formação de oficiais, já que o treinamento em unidades integradas se apresentava bastante comprometido. Foi estabelecido então, no estado de Iowa, o campo de *Fort Des Moines*, onde 629 oficiais afro-americanos receberam comissões militares entre os meses de junho e outubro de 1917.⁴²²

⁴¹⁹ Para conhecer mais sobre a vida do coronel Charles Young, ver: KILROY, David P. *For race and country: the life and career of Colonel Charles Young*. Westport, Connecticut; London: Praeger, 2003 e SHELLUM, Brian G. *Black cadet in a white bastion: Charles Young at West Point*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.

⁴²⁰ Doença relacionada a um processo inflamatório dos rins.

⁴²¹ Ao que tudo indica, a constatação acerca da saúde de Young, “caiu como uma luva” para a administração Wilson, imbuída em manter a tradicional estrutura segregacionista da corporação, assim como evitar qualquer tipo de transtorno com a camada de oficiais e soldados brancos que não se imaginavam sendo comandados por um homem negro. Cf. ELLIS, op. cit., p. 51.

⁴²² Cf. CHASE, Hal S. *Struggle for Equality: Fort Des Moines Training Camp for Colored Officers, 1917*. In: *Phylon* (1960-), v. 39, n. 4, 4th Qtr. 1978, pp. 297-310. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/274896>. Acesso em: 15 de janeiro de 2015.

Na Europa, os soldados da 92^a e 93^a Divisões fizeram o que estava ao seu alcance para representar o seu país e os milhões de afro-americanos que depositaram sua confiança neles.⁴²³ Estes soldados não apenas enfrentaram o racismo durante seus treinamentos nos Estados Unidos, incluindo em *Fort Des Moines*, mas também presenciaram este tipo de situação no continente europeu. A descrença quanto a sua capacidade na luta era constantemente fomentada pelos oficiais brancos. O que se pode constatar é que as instituições do governo norte-americano, naquele período de guerra, procuraram de todas as maneiras possíveis, exportar a estrutura segregacionista das leis Jim Crow para além de suas fronteiras.⁴²⁴ Mesmo carregando esse fardo e em meio ao descaso do governo com provimentos e treinamento adequado, o empenho do afro-americano foi reconhecido na França, onde vários de seus oficiais foram condecorados com a *Croix de Guerre*. Este tipo de relacionamento não foi bem visto pelo exército norte-americano que fez circular uma nota, *Secret Information Concerning Black Americans*, citada no capítulo anterior.

A forma de tratamento desprendida pelo governo estadunidense em relação ao afro-americano se manteve uma constante. Descaso referente ao seu papel no conflito, acusações de covardia não só dos soldados, mas também dos oficiais negros, além de atrocidades como a violência sexual, que se perpetuam no imaginário social até os dias de hoje e que se são, infelizmente, comuns em conflitos, foram atribuídos com um maior índice a este grupo social. A perspectiva de ser inserido no “projeto nacional americano” como um cidadão com todos os seus direitos garantidos começou a se esvanecer enquanto a guerra caminhava para o seu desfecho.

O retorno para os Estados Unidos, apesar de se constatarem manifestações de saudação para os veteranos, mascarou o clima acalorado que estava por vir.⁴²⁵ Tais manifestações cívicas com um destacado papel dos soldados afro-americanos pelas ruas

⁴²³ A 92^a e 93^a Divisões eram Regimentos de Infantaria. A Primeira era constituída pelas 365^a, 366^a, 367^a e 368^a regimentos e a segunda era formada pelas 369^a, 370^a, 371^a e 372^a. Esta última divisão era basicamente formada por regimentos da Guarda Nacional de diferentes partes do país. Ver: MEAD, Gary. *The Doughboys: America and the First World War*. New York: Overlook Press, 2000 e NALTY, Bernard C. *Strength for the fight: a history of Black Americans in the military*. New York: Free Press, 1986.

⁴²⁴ Cf. LENTZ-SMITH, op. cit., p. 4; FAIRCLOUGH, op. cit., p. 96.

⁴²⁵ Duas das principais cidades do país, Chicago e Nova Iorque, celebraram com grande entusiasmo o retorno de seus regimentos de soldados negros, formados basicamente por membros da Guarda Nacional, que serviram na guerra. Em fevereiro de 1919, a chegada do 370^a regimento reuniu em uma arena da cidade uma estimativa de 60.000 pessoas. Em Nova Iorque, o 369^a foi ovacionado por uma multidão de 250.000 pessoas em suas ruas, incluindo líderes políticos diversos. A multidão estava em regozijo por receber os seus heróis que alternaram as marchas militares pelo balanço do jazz pouco antes de entrar no bairro do *Harlem*. Cf. WILLIAMS, op. cit., pp. 207-209.

do país, demonstraram que este poderia se concretizar em um período propício para se debater questões raciais de uma forma mais franca. No entanto, muitos não estavam interessados em levar essas discussões adiante e se preocuparam com o objetivo de não permitir grandes avanços para os afro-americanos como um todo. Grande colaboradora para se alcançar tais metas, foi a sempre atuante administração Wilson que se utilizou cada vez mais da estrutura criada nos tempos de guerra com o intuito de manter um controle acirrado sobre a opinião pública, mas que no pós-guerra continuou a exercer uma aguçada fiscalização sobre diversos elementos da sociedade e, de forma preponderante, sobre os afro-americanos.⁴²⁶

Outra sucessão de eventos também mostraria para os negros norte-americanos que a estrutura social do país não tinha se alterado da maneira como queriam. Nesse contexto de imediato pós-guerra, as ameaças representadas pela “*Red Scare*”, literalmente compreendida como “Temor Vermelho” e o “*Red Summer*”, o “Verão Vermelho”, discutido no capítulo anterior, recaíram duramente sobre os negros norte-americanos, barrando de maneira esmagadora qualquer forma de avanço mais concreto nas relações raciais e sociais do país. Tais preceitos não apenas se assemelham quanto ao nome, mas sim por trazerem à tona o momento de conturbada agitação que tomou conta da sociedade estadunidense, cuja suspeita e vigilância recaiu sobre as formas de ação daquela parcela da população em seu cotidiano.

A participação do soldado afro-americano no conflito desencadeado no continente europeu, além de representar uma das poucas vezes em que ele, por um breve espaço de tempo, pôde se desvencilhar do arraigado sistema segregacionista que reinava no país, colocou-o em contato com novas ideologias e formas de ver o mundo. Esse intercâmbio cultural contribuiu para que em seu consciente, uma nova forma de politização se estruturasse e fosse posta em prática em solo americano com o intuito de se alterar os aspectos sociais e políticos que os esmagavam.

O “*Red Scare*” está relacionado à campanha promovida pelo governo federal para minar possíveis ganhos em questões trabalhistas e as aspirações das minorias raciais. Neste contexto, os efeitos da Revolução Russa, em outubro de 1917, trouxeram para os Estados Unidos o temor das perturbações desencadeadas pelas reivindicações da

⁴²⁶ Para um conhecimento mais pontual sobre os mecanismos estabelecidos pelo governo federal para manter uma fiscalização sobre elementos considerados subversivos durante e no imediato pós-Primeira Guerra Mundial, ver: KORNWEIBEL, Jr., Theodore. “*Investigate everything*”: federal efforts to compel Black loyalty during World War I. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2001.

classe trabalhadora que, desde então, apresentava um crescimento quanto à prática de se organizar em sindicatos com a finalidade de barganhar mais direitos frente aos empregadores.⁴²⁷ Organizações como a *Industrial Workers of the World* – IWW (Trabalhadores Industriais do Mundo) e a AFL obtiveram por esta época um crescimento em número de associados extremamente expressivo. Fato este que preocupou não apenas os proprietários dos meios de produção, mas também o seu suporte, a administração Wilson.

Podem-se encontrar as raízes desse fenômeno que assolou os Estados Unidos, entre os anos de 1919-1921, ainda no decorrer da Primeira Guerra Mundial, quando uma série de leis, incluindo o *Espionage Act*, previamente citado, foi implementada, da mesma forma que agências do governo como o *State Department* (Departamento de Estado) e o *Justice Department's Bureau of Investigations* (Agência de Investigações do Departamento de Justiça), estabelecida em 1909 e renomeada em 1935 para *FBI*,⁴²⁸ tiveram ampla liberdade para conduzir investigações acerca das possíveis ameaças internas ao país. Suas atribuições iniciais se voltaram para a investigação de atos de subversão e espionagem conduzidas por agentes simpatizantes da Alemanha, confirmando assim o que foi pontuado no início deste capítulo, uma maior aproximação com ingleses e franceses. No entanto, suas atenções se voltaram para suspeitas de que esses agentes estavam aliciando afro-americanos com ideias sobre igualdade de direitos e os benefícios que seriam destinados a eles caso os alemães vencessem o conflito. Todo esse aparato erigido pelo Estado norte-americano, por volta de sua entrada na guerra, em 1917, encontrou então dois novos objetivos: “conter a alegada deslealdade negra e interromper a expansão de uma vibrante militância afro-americana na qual ameaçou subverter o *status quo* racial branco”.⁴²⁹

O afro-americano foi visto, assim, como um elemento facilmente manipulável carecendo, bem mais do que outras “raças” e nacionalidades, de um posicionamento mais rígido do governo que vigiava de perto as ações pretendidas por esse grupo. Suas reivindicações por melhorias foram concebidas como uma espécie de perturbação social que poderiam desestabilizar a sociedade como um todo, num momento em que se

⁴²⁷ Ver: McCARTIN, Joseph A. *Labor's great war: the struggle for industrial democracy and the origins of modern American labor relations, 1912-1921*. Chapel Hill; London: The University of North Carolina Press, 1997.

⁴²⁸ *Federal Bureau of Investigation* (Agência de Investigação Federal).

⁴²⁹ KORNWEIBEL, Jr., op. cit. p. 11.

buscava uma união para se enfrentar as dificuldades trazidas pela guerra. Contudo, a histeria produzida pelo conflito se estendeu pelo pós-guerra ganhando contornos de um enfrentamento épico com o bolchevismo que parecia marchar em direção ao oeste através da Europa e pronto para invadir os Estados Unidos.⁴³⁰

Enquanto a guerra caminhava para o seu desfecho, as atenções dos mecanismos repressores e conservadores se direcionavam para membros e instituições que abertamente, ou não, apresentavam simpatias com o socialismo. Dentre estas organizações, a IWW se configurou em mais um objeto de escárnio não apenas por aglomerar em torno de si uma crescente parcela de trabalhadores sindicalizados constituídos por brancos e negros, mas por se opor abertamente contra a guerra. Indivíduos sofreram com acusações e condenações por subversão apenas por estarem associados a ela.⁴³¹ Após uma série de perseguições sua influência foi abalada, mas conseguiu sobreviver ao tempo.⁴³²

A militância afro-americana contou significativamente com as experiências que os antigos combatentes trouxeram da guerra revelando, desta maneira, outra visão de mundo. Em sua rede de práticas figuraram manifestações de cunho político, por meio da migração, convicções religiosas e através da imprensa. Estava claro que um novo tipo de consciência racial – uma que não compactuava com a continuação de um verdadeiro sistema de castas no país – tinha emergido nas primeiras décadas do século XX.⁴³³ O objetivo máximo a ser conquistado era a concretização de preceitos democráticos há muito pregados. Mais do que esperar alcançar tal meta por complacência de quem detinha o poder “eles começaram a desenvolver estratégias para se apossarem deles.”⁴³⁴

Obviamente que as conquistas pretendidas pelos afro-americanos não viriam assim tão fácil. A atmosfera racial do período não permitia que os escassos feixes de luz que trariam as mudanças vivenciadas décadas depois, ainda que de maneira frouxa, trespassassem-na. No imediato pós-Primeira Guerra Mundial, a existência de forças titânicas inseridas no âmago da sociedade norte-americana, e de uma maneira mais

⁴³⁰ Idem, p. 9.

⁴³¹ Ibidem, p. 174.

⁴³² Para saber mais sobre a IWW, ver: DUBOFSKY, Melvin. *We shall be all: a history of the Industrial Workers of the World*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, [1969] 2000.

⁴³³ Ver: FOLEY, Barbara. *Spectres of 1919: class and nation in the making of the new Negro*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 2003.

⁴³⁴ LENTZ-SMITH, op. cit., p. 11.

ampla em escala mundial, fizeram do discurso pela liberdade dos povos, apenas um objeto de retórica. Como assinalou Kornweibel, Jr., pode ser constatado que,

[...] os guardiões das políticas e do estilo de vida capitalista não viram nada positivo a ser ganho com a mudança ou a reforma racial. Pelo contrário, qualquer alteração nos padrões raciais romperia ou ameaçaria seus privilégios e bem estar. O novo grupo de negros enfrentou um adversário melhor organizado, mais poderoso e muito mais impiedoso do que eles poderiam jamais ser. Os meses do pós-guerra foi a era mais militante da história afro-americana até o período dos direitos civis moderno, porém o estabelecimento da política de inteligência nascida na Primeira Guerra Mundial foi capaz de obstruir aquela militância fazendo da manutenção da supremacia branca parte da agenda de segurança nacional, legitimando, por conseguinte, a supressão do ativismo racial. (Tradução nossa)⁴³⁵

Os efeitos desses tempos turbulentos não ficaram restritos às manifestações de repressão desencadeadas por parte do governo federal e de seus órgãos administrativos. A violência racial que apesar de existir tinha diminuído nos aproximadamente dezoito meses em que os norte-americanos declaradamente participaram do conflito, explodiu no ano em que os veteranos voltaram para casa. Sofrendo as consequências de medidas legais como o *Alien Act* (Ato do Estrangeiro),⁴³⁶ qualquer forma de ato político que não fosse bem recebido pelo governo era rotulado como subversão, relacionando seus defensores com ideias contrárias às vigentes no país. Ideias “alienígenas” que nunca foram compartilhadas em um país que nasceu tendo por base a estrutura capitalista. A parcela considerada como autênticos cidadãos norte-americanos, imbuídos de tal sentimento ultrapatriótico se engajou, por motivos evidentes – a preservação da estrutura racial – nesse dever de se evitar perturbações sociais. Soma-se a isso, a preocupação, já recorrente, com uma nova massa de trabalhadores que chegaria para

⁴³⁵ “[...] the guardians of politics and the capitalist way of life saw nothing positive to be gained from racial change or reform. On the contrary, any alteration in traditional racial patterns would disrupt or threaten their privilege and well-being. New Crowd Negroes faced an adversary far better organized, more powerful, and more ruthless than they could ever be. The postwar months were the most militant era of African-American history until the modern civil rights period, but the political intelligence establishment born in World War I was able to block that militancy by making the maintenance of white supremacy part of the nation’s security agenda, thus legitimizing the suppression of racial activism.” In: KORNWEIBEL, Jr., op. cit. p. 276.

⁴³⁶ O *Alien Act* (Ato do Estrangeiro), aprovado em 16 de outubro de 1918, revelou-se como uma preocupação do governo norte-americano em transitar da, até então, repressão quanto à intriga alemã dentro do país para um novo inimigo caracterizado na subversão bolchevique. Por meio dela, o imigrante poderia ser deportado sob a acusação de afiliação política “radical”. Apenas o fato de estar associado, praticamente, determinava a sua culpabilidade. Cf.: KORNWEIBEL, Jr., op. cit. p. 19. Ver também: SCHEIBER, Harry N. *The Wilson administration and civil liberties, 1917-1920*. New Orleans, Louisiana: Quid Pro Books, [1960] 2013.

competir no mercado de trabalho interno, em um momento de crescente inflação. Esse contexto contribuiu para que certa tensão fosse sentida antes mesmo que as chamadas tomassem conta das ruas de diversas cidades norte-americanas. Para Fairclough, “a combinação do ‘*Red Summer*’ e do ‘*Red Scare*’ criou uma reação branca de ferocidade peculiar”.⁴³⁷

A violência racial sempre esteve presente na história dos afro-americanos. Esta forma familiar de manifestação social que novamente mostrou sua face pouco tempo depois da assinatura do armistício, que não foi suficiente para evitar os embates tendo como pano de fundo proposições e escalas de superioridade entre os seres humanos, chegou a ser comparada como sendo, em muitos aspectos, sinônimo do retorno dos soldados negros para suas comunidades.⁴³⁸ Contudo, esta nova onda de violência em sua essência se mostrou diferente de outras já presenciadas no país e que só encontraram um grau de comparação com a que seguiu os anos próximos ao fim da Guerra Civil.⁴³⁹ Diferentes de outros distúrbios em que o afro-americano sucumbia inexoravelmente frente à turba de cidadãos brancos, os eventos deste pós-guerra revelaram um afro-americano mais propício a enfrentar violentamente os agressores. No entanto, tal posicionamento acarretou formas de agressões mais intensas do que qualquer outra já presenciada envolvendo os dois grupos.

O que se pode notar com o que foi explanado acima é a recorrente manifestação do afro-americano para ser aceito de forma mais ampla no seio da sociedade estadunidense. Seu engajamento no esforço de guerra empreendido pelo governo do país, em um conflito inicialmente visto como restrito a questões do continente europeu se transformou em uma espécie de dever moral que pretendia estender os preceitos de liberdade e democracia a todos os povos que, de alguma forma, eram subjugados por formas de governo não democráticos. Rapidamente puderam notar que essa prontidão em atender as solicitações do país, não trariam as recompensas da maneira como gostariam que fossem dispensadas a eles. Ao retornarem, enfrentaram formas de vigilância, por parte do Estado e através de manifestações sociais costumeiras, que pretendiam refletir o mesmo *status* social anterior à guerra. Ainda que tais pretensões

⁴³⁷ FAIRCLOUGH, op. cit., p. 103. Ver também: McWHIRTER, Cameron. *Red summer: the summer of 1919 and the awakening of Black America*. New York: Henry Holt & Co., 2011.

⁴³⁸ WILLIAMS, op. cit., 2004, p. 288.

⁴³⁹ Ver: FONER, op. cit., 1988, e LITWACK, Leon F. *Been in the storm so long: the aftermath of slavery*. New York: Vintage Books, 1979.

tenham encontrado algum êxito, um afro-americano renovado voltou do continente europeu. Com novas ideias políticas, um reconhecimento próprio de ter sido útil ao país, e a escassa, porém significativa, interação com a população branca na França, bem como com outros povos de origem africana que haviam sido requisitados por suas metrópoles, contribuíram para a configuração de um olhar diferente para o futuro.

Ainda que a sociedade de seu país de origem não estivesse preparada para conceder-lhes maiores direitos, as raízes que buscavam alterar a mística de inferioridade inerente ao grupo e revelar as habilidades e aptidões que ele possuía, mostraram-se mais caudalosas e foram auxiliadas por momentos como esse. Neste processo, empreendimentos como o da revista *The Crisis*, na época em que W. E. B. Du Bois a editou contribuíram consideravelmente para pouco a pouco minar tais tipos de concepções errôneas sobre os afro-americanos, expandindo para os demais cidadãos as potencialidades de suas ações.

4.3 – O afro-americano na Primeira Guerra Mundial: sua representação em *The Crisis* – “exaltação e controvérsia”

A entrada dos Estados Unidos no conflito mundial foi entendida por Du Bois, da mesma forma que para a maioria dos intelectuais e ativistas, brancos e negros do país, como uma das mais promissoras oportunidades para o reconhecimento dos direitos civis dos afro-americanos.⁴⁴⁰

Ainda que não concordasse com o evento em si, Du Bois viu no papel militar desempenhado pelos afro-americanos um elemento de suma importância para seu esforço de apresentar o que o grupo tinha de mais valioso e útil para a sociedade estadunidense. Bem mais do que simpatizar com afro-americanos ocupando postos militares, a amizade que esse nutria com o Coronel Charles Young, desde os tempos em que os dois lecionavam na Universidade de Wilberforce, no estado de Ohio, em meados da década de 1890, teria proporcionado um significativo efeito sobre Du Bois a ponto

⁴⁴⁰ Pode-se compreender que a receptividade da maioria do afro-americano comum, quando da entrada do país na guerra, esteve fundamentalmente expressa em certa oposição, não tão explícita, e indiferença. No entanto, esse sentimento não está apenas relacionado a este grupo de pessoas sendo uma perspectiva compartilhada em relação aos demais cidadãos do país. Ver: KORNWEIBEL, Jr., Theodore. Apathy and Dissent: Black America's Negative Responses to World War I. In: *South Atlantic Quarterly*, v. 80, n. 3, Summer 1981, pp. 322-338.

de Lewis salientar que “Young foi a primeira genuína amizade masculina da vida de Du Bois, uma de um punhado na qual exista uma afinidade genuína”.⁴⁴¹

Antes mesmo do eclodir da Primeira Guerra Mundial ser uma dolorosa realidade, a contribuição de *The Crisis* na exposição de destacadas figuras em trajes militares passou a ser recorrente nas páginas da revista sendo o primeiro a ser retratado o próprio Charles Young, até então capitão, cuja fotografia estampou a capa da edição de fevereiro de 1912. Nela, Young aparece altivo em seu uniforme demonstrando nitidamente os símbolos que caracterizam o poderio militar e institucional do país: a águia careca segurando as tradicionais flechas e os ramos de oliva; nota-se também a insígnia de capitão posicionada acima do bolso esquerdo do uniforme e as espadas cruzadas. Na mesma edição, na seção destinada a homenagear figuras que contribuíam para o engrandecimento do grupo, uma pequena descrição sobre a carreira e a vida pessoal de Young, juntamente com as do Bispo Alexander Walters e do músico Melville Charlton, pode ser apreciada.⁴⁴² Sucessivas referências à imagem de líder de Charles Young para com o segmento negro do país estiveram presentes na revista por longos anos.⁴⁴³ A constatação da incapacidade de Young de servir na guerra mundial produziu amargos efeitos sobre Du Bois. No entanto, o oficial se posicionou a favor do estabelecimento do campo de treinamento para a formação de oficiais negros, ainda que este carregasse o estigma da segregação.⁴⁴⁴

Ao refletir sobre as causas que levaram os países mais poderosos do planeta a um embate considerado monumental, Du Bois procurou estabelecer o interesse das grandes potências em se apoderarem dos bens e o lucro que poderia ser retirado do continente africano. Em artigo para a revista *Atlantic Monthly*, de maio de 1915, o editor de *The Crisis* expõe a sua visão sobre as causas do conflito que transitavam da exploração capitalista às concepções raciais. Para Du Bois, ainda que muitos, ao escreverem uma história mundial, não incluíssem em seus relatos a África ou assumissem que ela não tem relação alguma com a guerra que estava sendo travada, era no “Continente Negro” que estavam escondidas as raízes não simplesmente daquela

⁴⁴¹ LEWIS, op. cit., 1993, p. 176.

⁴⁴² Men of the Month. In: *The Crisis*, v.3, n.4, Feb. 1912, pp. 146-147.

⁴⁴³ DU BOIS, W. E. B. Young. In: *The Crisis*, v. 11, n. 5, Mar. 1916, pp. 240-242. Ver também: DU BOIS, W. E. B. Colonel Young. In: *The Crisis*, v. 14, n. 6, Oct. 1917, p. 286.

⁴⁴⁴ Looking Glass. Loyalty. In: *The Crisis*, v. 14, n. 1, May 1917, pp.22-23.

guerra, mas das guerras futuras.⁴⁴⁵ Após o período do comércio de escravos africanos ter contribuído para um novo significado da palavra “cor,” transformando-a no mais forte sinônimo de inferioridade, África se tornou um outro nome para bestialidade e barbárie.⁴⁴⁶ As mudanças econômicas presenciadas no continente europeu mais uma vez fez com que os países industrializados colocassem seus olhos sobre o continente. Com a redução da possibilidade de expandir os lucros econômicos, a exploração no exterior se revelou em uma saída que podia reduzir as animosidades não apenas de grandes monopólios comerciais, mas também da classe trabalhadora que passou a exigir a sua parte no montante.⁴⁴⁷ A concentração das potências europeias na África e o desacordo quanto à divisão dos espólios do comércio imperial, elevou os ciúmes e as desconfianças fazendo com que entrassem em conflito para expandir suas partes.⁴⁴⁸

Atento aos acontecimentos de sua era e aos eventos do conflito, Du Bois, como a maioria dos norte-americanos, demonstrou desde o início certa simpatia pelos países constituintes da Entente. Grande contribuinte para este fato está na convocação das tropas coloniais desses países para aderirem ao combate. As impressões acerca desse fato também foram temas de discussões na revista, como o que pode ser constatado na seção *Opinion*, da edição de novembro de 1914, em que empregando relatos de outras publicações, procura construir uma argumentação plausível para a questão da cooperação entre povos “divergentes” lutando lado a lado contra um inimigo comum. A afirmação dos alemães de se oporem a convocação de tropas não constituídas por homens brancos produziu questionamentos quanto à impraticabilidade de se estabelecer uma “linha de cor” separando os indivíduos naqueles tempos de guerra, sendo natural que impérios como o britânico e o francês trouxessem combatentes de seus protetorados para o conflito, frustrando as intenções dos alemães de combaterem unicamente com aqueles que tinham cor de pele “aprovada” por eles.⁴⁴⁹

No entanto, estas proposições não significam que o editor estivesse de comum acordo com o processo “civilizatório” empreendido pelos países que combatiam a Aliança. A maneira crítica na abordagem de tais questões esteve, por esta época,

⁴⁴⁵ DU BOIS, W. E. Burghardt. The African Roots of War. In: *Atlantic Monthly*, May 1915, p. 707. Disponível em: <http://scua.library.umass.edu/digital/dubois/WarRoots.pdf>. Acessado em: 01 de março de 2015.

⁴⁴⁶ Idem, p. 708.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 709.

⁴⁴⁸ Idem, Ibidem, p. 711.

⁴⁴⁹ Opinion. The World War. In: *The Crisis*, v. 9, n. 1, Nov. 1914, p. 15.

atrelada às percepções de contestação à segregação racial e à discriminação suportada pelos povos não brancos. Neste processo, embora a Inglaterra, aos olhos de Du Bois, empreendesse um tratamento que era o mais equitativo para com as pessoas de pele escura, ou a França, em especial, fosse considerada a mais simpática de todas as nações europeias e a Bélgica, mesmo estando do lado da Entente e, como pode ser sentido nas palavras do editor, com certa dose de satisfação, fosse “merecedora de toda aflição que ela está sofrendo após suas atrocidades indescritíveis no Congo,” nenhuma delas poderia ser considerada inocente.⁴⁵⁰ Nem mesmo os Estados Unidos, ainda como país neutro, foram poupados de críticas e grande esforço foi empreendido para demonstrar que o problema que envolve as relações raciais no país tem ligações com o conflito europeu e que os linchamentos que continuavam a ocorrer, sem uma medida mais efetiva do governo federal, não ficavam atrás das atrocidades que ocorriam na Europa.⁴⁵¹ Contudo, ainda que estes países fossem responsáveis pelo tratamento dispensados aos povos não europeus, haveria a possibilidade de um tratamento melhor do que o apresentado até aquele momento, o que não se daria com a vitória alemã.

Embora tenha passado bons momentos na Alemanha, entre os anos de 1892 e 1894, e tendo ficado deslumbrado com a “ausência” de preconceito racial a ponto de declarar que lá as pessoas “não paravam sempre para fitá-lo como uma curiosidade ou algo sub-humano,”⁴⁵² as sucessivas declarações de intelectuais alemães, no que se refere a superioridade racial e a maneira com a qual o país lidava com suas possessões, revelaram-se como a mais ameaçadora de todas as nações tidas civilizadas. Fazendo referência ao seu tempo em Berlin, Du Bois argumentou que suas declarações não tinham a intenção de demonstrar uma tendência anti-germânica, tendo razões, até mesmo, para amar o povo alemão. No entanto, o militarismo exacerbado propagado pelos prussianos se assemelhava às práticas desenvolvidas pelos norte-americanos sulistas quanto a sua crença na superioridade em relação aos demais. Sendo assim, uma possível vitória alemã significaria a subordinação dos povos não brancos.⁴⁵³ O editor, desta forma, conclama seus leitores a se posicionarem favoráveis aos países democráticos em oposição à autocracia representada pela Alemanha. Mesmo a um ano da entrada de seu país no conflito, os pontos de vista críticos em relação aos países

⁴⁵⁰ DU BOIS, W. E. B. World War and The Color Line. In: *The Crisis*, v. 9, n. 1, Nov. 1914, p. 29.

⁴⁵¹ Idem, p. 28; *The World War*, op. cit., p. 16.

⁴⁵² DU BOIS, op. cit., 1988, p. 157.

⁴⁵³ DU BOIS. World War and The Color Line, op. cit., p. 29.

aliados e da Alemanha, em particular, não cessaram. Fato que continuou com a participação declarada dos Estados Unidos no conflito.⁴⁵⁴

Entendemos a forma de se pronunciar sobre a participação norte-americana na guerra mundial, adotada por Du Bois e expressa em *The Crisis*, como uma postura “crítico-patriótica.” Imbuída em sua estratégia para minimizar opiniões contrárias ou negativas em relação ao país ou aos seus aliados, a administração Wilson, mesmo ciente de que os maiores veículos da imprensa negra deram seu apoio à entrada no conflito, empreendeu uma estrita vigilância em torno de suas publicações e organizações, inclusive para com a NAACP e a *The Crisis*. Tal postura se tornou mais complexa com a reiterada exigência do estabelecimento de um campo de treinamento militar para oficiais. Uma das mais notáveis pregações quanto à abertura dessa possibilidade para o afro-americano foi expressa em abril de 1917, quando na iminência da guerra para os norte-americanos, o editor declarou que “nós devemos escolher então entre o insulto de um campo separado e a irreparável injúria de reforçar o presente costume de não colocar homens negros em posições de autoridade”.⁴⁵⁵ Juntamente com Joel E. Spingarn, presidente da junta de diretores da Associação, comissionado como major do Exército e principal responsável por barganhar o estabelecimento do campo, compartilhava a ideia de que o alistamento compulsório, inevitavelmente, colocaria o afro-americano sob o comando de oficiais brancos e sem o devido treinamento militar, sendo preferível esta forma de ganho do que ganho algum.

Como característica dos tempos de Era Progressista, desavenças entre as lideranças de diversas organizações e grupos sociais viram a proposta como uma deliberada desistência de combate à segregação. Críticas e embates vieram de diferentes segmentos tais como da imprensa afro-americana e de entidades que trabalhavam para a melhoria das condições de vida dos afro-americanos. Mesmo dentro da NAACP, questionamentos sobre o papel de uma associação que propunha o fim da discriminação racial flertar com tal discurso provocou atritos capazes de romper de vez a entidade.⁴⁵⁶

⁴⁵⁴ DU BOIS, W. E. B. Germany. In: *The Crisis*, v. 11, n. 4, Feb. 1916, pp. 186-187.

⁴⁵⁵ DU BOIS, W. E. B. The Perpetual Dilemma. In: *The Crisis*, v. 13, n. 6, Apr. 1917, p. 270.

⁴⁵⁶ Dentre os periódicos que se opuseram deliberadamente contrários à ideia de um campo de treinamento segregado encontram-se o *Cleveland Gazette*, o *Baltimore Afro-American*, *New York Age* e o *Chicago Defender*. *Washington Bee*, e o *Norfolk Journal and Guide* se demonstraram simpáticos, embora críticos, ao empreendimento. Dentro da NAACP, os membros George Crawford e Archibald Grimké, inicialmente apresentaram fortes reservas em relação à causa, mas posteriormente se empenharam para sua concretização. Cf. KELLOG, op. cit., p. 253; WILLIAMS, op. cit., 2004, pp. 57-58.

Diferente do que estava sendo pregado, aos olhos daqueles que apoiavam o campo restrito a oficiais negros faria com que as Forças Armadas repensassem sua estrutura e abrissem seus postos para a inclusão de todos os cidadãos americanos independente da cor. A confirmação de que o campo seria instalado foi visto como uma conquista e uma afirmação de que era possível pressionar o governo para a efetivação de direitos. Após um editorial extremamente crítico em relação ao governo e àqueles que discordavam da ideia, o editor de *The Crisis* pôde expressar avidamente sua satisfação em um “nós vencemos! O campo está garantido”.⁴⁵⁷

4.3.1 – O afro-americano na Primeira Guerra Mundial: sua representação através de cartuns

O primeiro cartum referente à participação do afro-americano na Primeira Guerra Mundial foi apresentada justamente na edição de junho de 1917. Nela, podemos ter uma ideia significativa da força desempenhada pela representação quando o objetivo é discutir e intensificar determinados temas para uma ampla gama de leitores.

⁴⁵⁷ DU BOIS, W. E. B. Officers. In: *The Crisis*, v. 14, n. 2, Jun. 1917, p. 61.

IN SPITE OF SUBMARINES!

Figura 15. O afro-americano sofre com a segregação, mesmo em um momento em que o país deveria se unir contra uma ameaça que atingiria a todos. HARRIS, Lorenzo. "In Spite of Submarines". In: *The Crisis*, v.14, n.2, Jun. 1917, p. 74.

As ilustrações que estamparam as páginas da *The Crisis* neste período de guerra, e em outros contextos, não trazem contundentes informações acerca da intenção das mesmas. Sendo assim, no processo de interpretação de suas mensagens, a familiaridade com o contexto histórico e sócio cultural se tornam imprescindíveis para o desenvolvimento da análise. Esta perspectiva possibilita também uma gama considerável de proposições.

Numa rápida descrição da imagem, podemos visualizar um imenso navio de combate nomeado “*USS Negro Patriotism and Loyalty*”. Ao seu lado, encontra-se uma estrutura que se assemelha a uma embarcação menor, a qual entendemos que seja um rebocador e conectado a ele, três mergulhadores que carregam os rótulos de “Segregação”, “A Lei do Linchamento” e “Preconceito”.⁴⁵⁸ A imagem que nos apresenta o ilustrador Lorenzo Harris, leva-nos a pensá-la como constituinte de duas mensagens distintas que podemos chamar de “mensagem negativa” e “mensagem positiva.” A primeira, brevemente discutida por Kirschke, procura associar as “três” duras realidades presenciadas pelos afro-americanos com a terrível guerra submarina empreendida pelos alemães nos mares do mundo. Os mergulhadores, que seriam as representações daqueles atos empreendidos pelo cidadão norte-americano branco comum, por determinados governos estaduais e pela administração federal, em certo sentido, procuram avariar a estrutura da embarcação, literalmente minando a sua efetividade no momento de ação.

Tecendo alguns comentários à análise da historiadora, argumentamos que o navio de combate não está necessariamente navegando, fato que pode ser reforçado ao observarmos que a corrente que segura a âncora estar esticada, o que mantém o navio ancorado, ou em outra proposição, levantando âncora para zarpar. A perspectiva de a pequena estrutura estar localizada ao lado do navio e acima do nível da água, sem o menor receio de se fazer esconder, guarda determinados elementos que se somam ao processo de estipular hipóteses acerca da mesma.

Reconhecendo os duros desafios enfrentados pelos afro-americanos para ocuparem postos diversos daqueles vistos como “adequados” a eles, declaradamente de não combatentes exercendo trabalhos não relacionados à função militar e ciente das sucessivas tentativas de setores das Forças Armadas norte-americanas de barrar demais ganhos para os cidadãos negros, que procuravam de alguma maneira auxiliar seu país no conflito, poderíamos adicionar a esta perspectiva a possibilidade desta pequena embarcação ser de origem estadunidense, não sendo vista desta forma como uma

⁴⁵⁸ Kirschke estipula que o desenho que se encontra ao lado do navio de combate seja um submarino. Apesar de concordarmos com ela no que se refere à intenção do artista de comparar as representações dos dramas vivenciados pelo afro-americano com a mais temida arma naqueles tempos de guerra, os *U-boats* alemães, acreditamos que a pequena figura seja uma embarcação norte-americana. O próprio nome do cartum, que teria uma tradução similar a “Apesar dos Submarinos”, pode ser indicativo de que Harris tinha em mente questionar o fato do negro, além de ter que enfrentar a ameaça dos submarinos alemães, precisar lidar com as próprias ameaças internas. Cf. KIRSCHKE, op. cit., p. 200.

iminente ameaça à integridade do “*USS Negro Patriotism and Loyalty*”. No entanto, em uma suposição que pode ser vista como dura demais, porém que não escapa à realidade presenciada pelas relações raciais do período, o ódio racial representado por estes elementos se transfigura em algo bem maior do que o objetivo de ganhar o conflito, vide que o navio, cuja designação *USS – United States Ship* (Navio dos Estados Unidos) destinada às embarcações que fazem parte da marinha norte-americana estar sendo danificado por membros de seu país.

A fim de intensificar tal proposta, podemos observar em determinados pontos de vista expressos nas páginas de *The Crisis*, a seriedade da questão. Com os rumores de que os alemães estavam persuadindo os cidadãos afro-americanos, “mais propícios” a se iludirem com as propostas de ampla cidadania e direitos, Du Bois no editorial “*Loyalty*”, da edição do mês anterior, maio de 1917, questionou o fato remetendo a origem dos boatos aos sulistas brancos racistas. Em uma exaltação a lealdade do grupo ao país, o editor expôs que “o Negro é de longe mais leal a este país do que o americano branco sulista”.⁴⁵⁹ Após fazer uma explanação sobre as situações desconfortantes vivenciadas pelos descendentes de escravos e a crença do grupo nos princípios democráticos do país, o breve editorial se encerra com a afirmação de que “por trás da máscara alemã se encontra o sorridente esqueleto do condutor da escravidão sulista”.⁴⁶⁰ Ou seja, por baixo da superfície se esconde uma das verdadeiras ameaças à integridade política e social do país.

Da mesma maneira, Joel Spingarn, no início de 1917, estava empreendendo uma defesa pública direcionada aos críticos afro-americanos contrários ao campo só para oficiais negros. Segundo Spingarn, a intenção dos oficiais do Exército era que o campo falhasse, pois a última coisa que eles queriam era ajudar os afro-americanos a se tornarem oficiais comissionados.⁴⁶¹ Os sucessivos eventos concernentes à participação norte-americana no conflito e sua relação com os negros comprovaram o quão intenso foi esta experiência.

Como contraponto, uma perspectiva positiva pode ser refletida acerca deste cartum. A dimensão conferida ao navio de combate, ocupando a maior parte da

⁴⁵⁹ DU BOIS, W. E. B. *Loyalty*. In: *The Crisis*, v. 14, n.1, May 1917, p. 8.

⁴⁶⁰ *Idem*.

⁴⁶¹ Ver: WILLIAMS, Charles H. *Sidelights on Negro Soldiers*. Boston: B. J. Brimmer Company, 1923, p. 37. Os mesmos argumentos podem ser verificados no editorial *The Perpetual Dilemma* escrito por Du Bois na edição de abril de 1917 de *The Crisis*, já mencionado neste capítulo.

configuração geral da obra é representativa do sentimento compartilhado pela maioria dos afro-americanos ou das intenções que o artista e, neste caso, também o editor queriam que fossem compartilhadas pelos leitores da revista. Tal relação pode ser observada e estipulada tendo como fundamentação os discursos e práticas empreendidos pelos indivíduos mais interessados na participação do negro no conflito, bem como de outros membros da NAACP e de diversas instituições. Outra questão que pode ser levantada se refere ao forte armamento que faz parte da obra. Cremos que esta intenção significa bem mais do que apenas desenhar os canhões que se apresentam em todas as embarcações com esta finalidade. Apreende-se que ela procura exemplificar que o negro norte-americano deve se utilizar de todos os recursos, ou armas, ao seu dispor para se fazer presente e mostrar a sua capacidade no auxílio ao seu país naquele momento. Até mesmo a disposição das armas, apontando em diferentes direções, pode ser mencionada e relacionada ao contexto, pois como pregavam Du Bois e Spingarn, a participação do afro-americano na guerra era uma necessidade para o povo em si e a existência de um campo de formação de oficiais, ainda que este não permitisse a convivência equitativa com a parcela branca da população, era uma medida temporária para a livre e completa integração social.⁴⁶²

Verifica-se nesta imagem a simbiose existente entre a defesa da garantia da participação afro-americana na Primeira Guerra Mundial, não restrita a meros serviços de oficiais brancos ou com o mínimo de representatividade, no que se trata aos oficiais de cor negra. Observam-se também os sucessivos entraves enfrentados pelos seus patrocinadores tendo que lidar constantemente com a ideia de descrença na capacidade do negro norte-americano de combater eficazmente em um conflito envolvendo as maiores potências globais, na empreitada de “defender a democracia” para todos os povos oprimidos. Mais do que isso, ações práticas da alta cúpula militar e de grupos políticos defensores de ideologias racistas que buscavam extirpar a representatividade de soldados negros, de forma a passar a imagem de que o patriotismo e a lealdade negra eram inexistentes. Como bem podemos avaliar, tais elementos tinham proporções tão grandes quanto à representada na ilustração.

Com a confirmação do Campo de Treinamento para Oficiais Negros de Forte Des Moines garantido, os sentimentos e a publicidade que o circundaram não se revelaram com uma satisfação unânime. Periódicos como o *Chicago Defender*

⁴⁶² Cf. DU BOIS. *The Perpetual Dilemma*, op. cit. e _____. *Officers*, op. cit.

continuaram a questionar a efetividade da empreitada, embora apoiasse contundentemente a participação e o envolvimento do negro norte-americano.⁴⁶³ O *New York Age*, outro órgão de imprensa que discordava do estabelecimento do campo, por sua vez, em outubro de 1917, reconheceu a eficácia e a necessidade de sua implantação afirmando que o número expressivo de mais de 600 oficiais comissionados não poderia ter sido alcançado de outra forma.⁴⁶⁴

Regozizando o clima de euforia proporcionado pelos eventos do mês anterior, a edição de julho de *The Crisis* estampou em sua capa uma visão do que seria enfrentado e a conduta que deveria ser praticada pelo afro-americano na Primeira Guerra Mundial.

Figura 16. Perspectiva da conduta a ser exercida pelos soldados afro-americanos em combate. HARRIS, Lorenzo. Cover. In: *The Crisis*, v. 14, n.3, Jul. 1917.

⁴⁶³ The Irony of Fate. Chicago *Defender*, June 2, 1917. In: WILSON, Adam Patrick. "Deeds, not Words": African American Officers of World War I in the Battle for Racial Equality. Dissertation (Doctorate of Philosophy) Department of History. The University of Mississippi, 2012, p. 60.

⁴⁶⁴ JOHNSON, James Weldon. Colored Officers in the Army (October 18, 1917). In: WILSON, Sandra Kathryn (ed.). *The selected writings of James Weldon Johnson: The New York Age editorials (1914-1923)*. Vol. 1. New York: Oxford University Press, 1995, p. 30.

O cartum, também composto pelo ilustrador Lorenzo Harris, apresenta de forma emblemática os objetivos arduamente pregados durante metade daquele ano. A perspectiva de ver o afro-americano atuando no combate, contribuindo desta maneira para a estruturação de uma figura heroica era extremamente significativa para reduzir os questionamentos sobre se o grupo negro deveria tomar partido no conflito e para a alteração da representatividade histórica destinada à comunidade.

Além das informações mais nitidamente identificadas – a bandeira norte-americana firmemente fincada e tremulando no campo de batalha, acima das cabeças dos soldados que lutam para defender o sistema político que ela representa; a postura ereta e quase que inabalável dos soldados que combatem em meio ao frenesi proporcionado pelo evento – percebem-se, até mesmo, elementos que poderiam ter passado despercebidos pelos leitores não tão familiarizados com as peculiaridades do momento e não auxiliados pelo fator tempo, como o fazemos agora.

Podem-se notar, além dos elementos acima citados, dois personagens simbólicos e característicos da guerra mundial: a trincheira e a metralhadora. Mais do que recursos utilizados na guerra ou a estratégia adotada para manter os postos e o território conquistados, eles são representativos da modernidade tecnológica alcançada pelo ser humano. O fenômeno da trincheira é tão significativo que o conflito de 1914-1918 é comumente reconhecido como “Guerra de Trincheiras” devido ter sido uma prática utilizada durante a maior parte do conflito. A metralhadora, juntamente com outros armamentos colocados em ação na guerra, contribuiu para elevar a mortandade, o estabelecimento de uma fase estacionária além de caracterizar a forma como os conflitos armados seriam praticados por quase todo século XX.⁴⁶⁵

O significado de tal ilustração demonstra o alinhamento e o papel que o homem negro deveria adquirir no mundo moderno. Sua figura, em meio a tais “produtos do mundo civilizado”, seria da mesma forma um questionamento às percepções que pregavam o imutável estado de atraso dos grupos humanos não brancos.

Constantemente vítimas da descrença em relação as suas capacidades e habilidades físicas e intelectuais, a configuração desta obra parece induzir seus leitores e potenciais oponentes no reconhecimento da destreza e confiabilidade do soldado negro

⁴⁶⁵ Ao que parece, a metralhadora representada na ilustração é uma *Browning .30 M1917*. Este armamento foi utilizado pelas Forças Armadas norte-americanas até a participação do país na Guerra do Vietnã, 1965-1975.

lutando pelos Estados Unidos. Esta ilustração, uma das mais representativas neste contexto de Primeira Guerra Mundial, se opõe categoricamente a um dos mais notáveis empecilhos para a perspectiva de igualdade entre brancos e negros. Os testes antropométricos e, até mesmo, o emprego de testes de níveis de inteligência, mais conhecidos como de QI,⁴⁶⁶ podem ser vistos como medidas no intuito de se evitar que elementos considerados indesejáveis alcançassem os mesmos direitos que a parcela dominante da população. Esta estrutura encontrou terreno fértil no Exército do país que se utilizou desses métodos a fim de avaliar “os mais capazes” para exercerem determinados postos, incluindo as de oficiais.⁴⁶⁷

As interpretações no que concerne a essas práticas são amplas e tendem a colocar em xeque a efetividade de tais testes. De acordo com o sociólogo Rutledge M. Dennis, esses testes alcançaram dois objetivos: o primeiro foi confirmar a supremacia branca e o segundo, foi reforçar a ideia de que os negros deveriam ser excluídos do cerne cultural da sociedade norte-americana.⁴⁶⁸ Argumentando sobre o modo vago das concepções raciais para a delimitação de escalas de superioridade e inferioridade entre os grupos populacionais no país, Lee D. Baker afirma que, as pessoas se utilizam de categorias raciais do senso comum para identificar estranhos ou para ajudar a formar suas próprias identidades. No entanto, “alguns têm entendido que categorias de raça nos Estados Unidos têm pouco a ver com história natural e muito a ver com história política e social”.⁴⁶⁹

Embora hoje nossa tendência seja questionar e refutar a eficiência desses procedimentos, nos anos em que se desenrolava a guerra, estas ideias eram aceitas e se tornaram parâmetros para tal configuração social. Comentando sobre essas práticas dois anos após o conflito, Du Bois assinala alguns métodos utilizados por cientistas para tentarem comprovar a não humanidade do negro. Peso do cérebro, estrutura óssea e a psicologia foram artifícios utilizados para se tentar alcançar o objetivo, todos questionáveis, até mesmo na época do editor de *The Crisis*. Com certa dose de ironia,

⁴⁶⁶ Quociente de Inteligência.

⁴⁶⁷ GOSSETT, Thomas F. *Race: the history of an idea in America*. Dallas: Southern Methodist University Press, 1963, pp. 366-367.

⁴⁶⁸ DENNIS, Rutledge M. Social Darwinism, Scientific Racism, and the Metaphysics of Race. In: *The Journal of Negro Education*, v. 64, n. 3, Myths and Realities: African Americans and the Measurement of Human Abilities, Summer 1995, pp. 243-252. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2967206>. Acesso em: 22 de abril de 2013.

⁴⁶⁹ BAKER, Lee D. *From Savage to Negro: anthropology and the construction of race, 1896-1959*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1998, p. 1.

argumentou que todos os métodos já citados tinham sido ajustados com os novos procedimentos utilizados pelos oficiais militares que, sem considerar as disparidades existentes entre estados declaradamente racistas, que negligenciavam a educação para os afro-americanos, e aqueles menos racistas, empreenderam um processo de recrutamento desigual.⁴⁷⁰

A fisionomia apresentada nas figuras dos soldados tende a indicar homens que buscam um objetivo e que não se desviarão do caminho por nada até alcançá-lo. Novamente aqui, pode-se fazer alusão à propaganda levada adiante para a necessidade de oficiais negros conduzindo seus homens na batalha. Mesmo que não possamos averiguar com clareza a presença de algum oficial de alta patente no cartum, pode ser levantada a hipótese de que o soldado que se apresenta na posição mais em destaque na figura, procurando o inimigo com um binóculo e com boa parte do corpo exposto, seja um oficial. Até mesmo a exposição do corpo desse soldado de forma a ficar desprotegido pode ser um elemento a denotar coragem face à dura realidade da batalha, bem como um incentivo para seus soldados continuarem combatendo com afinco.

As subsequentes edições de *The Crisis* deram destaque para os eventos dos distúrbios raciais ocorridos no mês de julho em *East St. Louis*, Estado de Illinois, e em Houston, no Texas, em 23 de agosto, e demais ocorrências de racismo, linchamentos e discriminação enfrentados pelos afro-americanos. Pode-se verificar que por aproximadamente um ano, cartuns com temáticas sociais voltados para a exaltação do afro-americano e mais especificamente do soldado negro se mostraram escassos em suas páginas. Isto não quer dizer que eles não tenham aparecido, mas que nas poucas vezes em que o fizeram, nota-se uma perspectiva melancólica em relação a eles. A duas únicas vezes em se pode fazer referência a ilustrações que dizem respeito ao soldado afro-americano, vieram acompanhadas de poemas que expressavam lamentação pela condição existente do negro, ainda sem o reconhecimento da sociedade por sua predisposição em lutar por seu país. A primeira, de Carleton Thorpe, acompanhou o poema de Roscoe C. Jamison, “*Negro Soldiers*”, que apareceu na edição do mês de setembro de 1917 e a outra, na edição de fevereiro de 1918, realizada por Hilda Wilkinson veio juntamente com a obra literária, “*These*”, de Lucian B. Watkins, uma

⁴⁷⁰ DU BOIS, W. E. B. Race Intelligence. In: *The Crisis*, v. 20, n. 3, July 1920, pp. 118-119.

clara homenagem a treze soldados afro-americanos executados, em dezembro de 1917, por seu envolvimento no motim em *Camp Logan*, Houston.⁴⁷¹

NEGRO SOLDIERS

By ROSCOE C. JAMISON

THESE truly are the Brave,
These men who cast aside
Old memories, to walk the blood-stained
pave
Of Sacrifice, joining the solemn tide
That moves away, to suffer and to die
For Freedom—when their own is yet denied!
O Pride! O Prejudice! When they pass by,
Hail them, the Brave, for you now crucified!

These truly are the Free,
These souls that grandly rise
Above base dreams of vengeance for their
wrongs,
Who march to war with visions in their
eyes
Of Peace through Brotherhood, lifting glad
songs
Aforetime, while they front the firing-line.
Stand and behold! They take the field
today,
Shedding their blood like Him now held
divine,
That those who mock might find a better
way!

Carleton Thorpe.

Figura 17. Poema em homenagem aos soldados negros dos Estados Unidos, que estavam se dirigindo ao campo de batalha ainda que vivenciassem no país o preconceito. JAMISON, Roscoe. C.; THORPE, Carleton. “Negro Soldiers”. In: *The Crisis*, v. 14, n. 5, Sept. 1917, p. 249.

⁴⁷¹ The Looking Glass. Negro Soldiers. In: *The Crisis*, v. 14, n. 5, Sept. 1917, p. 249 e These. In: *The Crisis*, v. 15, n. 4, Feb. 1918, p. 185.

Figura 18. Poema em homenagem a execução de soldados afro-americanos por se rebelarem contra o tratamento dispensado ao negro no país. A obra procura representar a coragem do grupo em se dirigir para o seu destino sem temor. WATKINS, Lucian B.; WILKINSON, Hilda. "These". In: *The Crisis*, v. 15, n. 4, Feb. 1918, p. 185.

Embora o fato da ausência de ilustrações, numa perspectiva de evidenciar o esforço que o afro-americano estava realizando em prol dos interesses do país como um todo e voltados para o grupo negro especificamente, artigos dos mais diversos matizes

permearam as páginas da revista neste período. A fim de exemplificar algumas temáticas abordadas que variaram entre posicionamentos críticos quanto ao governo e a parcela da população que tendia a manter uma postura segregacionista, de um lado, e um voto de apoio aos membros daquele estrato social, dentro ou fora do país, por outro, apresentamos aqui a diversidade de tais discussões.

Na seção *The Looking Glass*, de agosto de 1917, foram transcritas de outros periódicos, cartas de leitores e editoriais referentes à ambiguidade em se lutar uma guerra para se preservar a democracia fora sendo que em solo norte-americano imperava a injustiça para com o negro. Estes escritos, compilados no texto “*Wanted – A Democracy*”, apresentam de forma consistente, ressalvas quanto à situação ocupada pelos negros e as expectativas que caberiam a eles com o fim da guerra. Um desses leitores, N. C. A. Rayhouser, escrevendo para o *Ohio State Journal*, se questionava sobre a existência de uma democracia mundial sem uma justiça mundial. Para ele, “teorias não são nada se não forem traduzidas em ações.” Além disso, indaga sobre se na democracia mundial proporcionada pela guerra o cidadão negro participará de suas bênçãos.⁴⁷² Benjamim Albin Arnold, escrevendo para o *New York Evening Post*, dirigiu-se para a forma de pensamento e conduta do presidente Woodrow Wilson argumentando para o resto do mundo que os Estados Unidos simbolizavam a humanidade, mas nunca se pronunciou em favor das pessoas maltratadas de seu próprio país.⁴⁷³

Em um dos mais notórios editoriais de *The Crisis*, Du Bois fez um apelo ao país. O conteúdo contido em “*Awake America*” reflete a necessidade de reconhecimento e pertencimento do negro ao país e as medidas que deveriam ser tomadas para a confirmação deste, como um digno defensor dos preceitos democráticos. Além desses tópicos, exalta a participação do homem negro que em seis guerras envolvendo o país tem lutado para garantir sua liberdade e honra.⁴⁷⁴ Na mesma edição, o texto “*Encouragement*” denota o significativo momento vivenciado pelos afro-americanos, procurando mostrar para seus integrantes que aqueles tempos de confusão e incerteza eram apenas um processo de limpeza para mudanças revolucionárias produzidas pela guerra. A fim de melhor estruturar seus argumentos, utiliza-se de um editorial do

⁴⁷² The Looking Glass. Wanted – A Democracy. In: *The Crisis*, v. 14, n. 4, Aug. 1917, p. 179.

⁴⁷³ Idem, p. 180.

⁴⁷⁴ DU BOIS, W. E. B. Awake America. In: *The Crisis*, v. 14, n. 5, Sept. 1917, pp. 216-217.

Philadelphia Public Ledger, no qual descreve que apesar das possibilidades abertas para os negros estarem sendo colocadas em risco com eventos como o de East St. Louis seria uma desgraça nacional se o preconceito, naqueles tempos cruciais, sufocasse a ambição do grupo que apenas começou a ter consciência de suas possibilidades e de seu futuro.⁴⁷⁵

Percebe-se nas publicações de *The Crisis*, no período após o distúrbio racial de East St. Louis e a execução dos soldados amotinados em Houston, uma latente indignação, por parte da população negra e demais ativistas, que perdurou por um considerável espaço de tempo. No entanto, o que parece ser inalterável é a pregação em torno do soldado negro como o mais apto representante do grupo.

Tal sentimento de luto parece ter começado a se dissipar na edição de junho de 1918, que foi inteiramente dedicada ao soldado negro não apenas dos Estados Unidos, mas também para aqueles que combatiam para o exército britânico e especialmente francês. No texto “*The Black Soldier*” que apareceu no editorial, já no início da publicação daquele mês, Du Bois pediu para que os soldados tenham coragem e determinação, pois para ele, os combatentes não estavam lutando apenas pela Europa, mas para todo o mundo, do qual eles também faziam parte. De acordo com o editor, a guerra que estava sendo travada significava um fim e um começo. Assim que a guerra terminasse, se ergueria, “cedo ou tarde, uma China independente; uma Índia e Egito autônomos com instituições representativas; uma África para os africanos, e não meramente voltada para a exploração comercial.” De igual maneira, com o fim da guerra um negro norte-americano se ergueria “com o direito ao voto, o direito ao trabalho e o direito a viver sem insulto”.⁴⁷⁶

Após este expressivo espaço de tempo, a edição de novembro de 1918 estampou em sua capa a reprodução de uma pintura de autoria de William Edward Scott, feita exclusivamente para a revista *The Crisis*.⁴⁷⁷ A pintura, denominada “*At Bay*” descreve

⁴⁷⁵ The Looking Glass. Encouragement. In: *The Crisis*, v. 14, n. 5, Sept. 1917, pp. 246-247.

⁴⁷⁶ DU BOIS, W. E. B. The Black Soldier. In: *The Crisis*, v. 16, n. 2, Jun. 1918, p. 60.

⁴⁷⁷ William Edouard Scott (1884-1964) foi um artista de inúmeras habilidades, dentre elas arquitetura, escultura e pintura. Graduado pela *Emerich Manual Training High School*, em Indianapolis, estado de Indiana, no ano de 1903, trabalhou na instituição, depois de ter passado um breve tempo em Chicago, tornando-se o primeiro afro-americano a lecionar em uma escola secundária pública na cidade. Em 1904 decide retornar para Chicago onde estudou na *School of the Art Institute of Chicago*, tendo aulas de escultura e ilustração, publicando em revistas especializadas nas áreas de artes gráficas como a *The Inland Printer*, *Outing*, *Redbook*, dentre outras. O talento de Scott fez com que ele competisse e recebesse diversos prêmios voltados à ilustração e pintura, tais como o *Frederick Magnus Brand Memorial Composition Prize*, em 1909. Como ilustrador, a reputação de Scott alcança outro patamar com seus

emblematicamente a entrega incondicional do soldado afro-americano para com a realização dos deveres, as esperanças depositadas em sua imagem e a perspectiva de um futuro diferente para ele e os demais membros daquela minoria populacional.

Figura 19. Mesmo ferido, o soldado afro-americano se esforça para manter um dos símbolos máximos de seu país erguido para se seja visualizado por todos aqueles que combatem por eles. SCOTT, William E. “At Bay”. In: *The Crisis*, v. 17, n. 1, Nov. 1918.

trabalhos publicados em *The Crisis*, a partir de 1918. Para saber mais sobre William Edouard Scott, ver: <http://www.illinoisart.org/#!william-edouard-scott/clmco>.

Segundo Kirschke, elementos como o sofrimento estampado no rosto do soldado se esforçando para manter a bandeira norte-americana erguida e disposto ao sacrifício de sua vida se necessário; o ferimento em sua mão esquerda que, mesmo assim, segura sua arma e a divisão da obra proporcionada pela cerca de arame farpado que, desta forma, enfatiza-o, foram destacados. É justamente este último tópico assinalado pela historiadora que mais nos chama a atenção. Rapidamente esboçando sua interpretação sobre a mesma, ela salienta o fato do arame representar o clima e as realidades da guerra no continente europeu.⁴⁷⁸

Embora concordemos com a historiadora neste ponto, comentários e contribuições podem ser acrescentados em relação às intenções que o artista emprega quando da elaboração da obra. Tal proposição não se revela em um intuito de desmerecer a significativa contribuição da autora e estamos cientes que seu propósito não era analisar detalhadamente cada imagem que compõem o livro e sim apresentar como este tipo de arte visual esteve presente na revista da NAACP como mais um meio de combate a discriminação e racismo, da mesma maneira que estabelecendo parâmetros para a configuração de uma memória e identidade coletiva.

Grande parte de nossos comentários acerca dessa imagem está relacionada ao caráter mítico que ela pode conter. Embora a deflagração daquele conflito mundial fosse uma realidade nada fantasiosa, compreendemos que a representação do soldado afro-americano nela contida, transcende o mero fato de indivíduos de carne e osso em combate. Uma vez que a intenção de seu criador juntamente com o aval do editor de *The Crisis* era o estímulo ao alistamento e total apoio dos cidadãos norte-americanos, o simbolismo que ela comporta, também pode ser entendido como projeções para o futuro. Para isso contaremos com o auxílio do estudioso de mitologia comparada, Joseph Campbell, mais especificamente no livro *O Poder do Mito*.⁴⁷⁹

Segundo Campbell, o mito está além da mera concepção de uma narrativa imaginária transmitida de geração a geração e tida como uma verdade para determinado povo. Mais do que um meio para se chegar a um sentido da vida, os mitos são pistas que ensinam as potencialidades espirituais da vida humana. Em entrevista concedida ao

⁴⁷⁸ KIRSCHKE, op. cit., p. 204.

⁴⁷⁹ CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

jornalista Bill Moyers, no ano de 1988, Campbell assim se pronunciou quanto ao fato de estarmos vivos,

Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos.⁴⁸⁰

Ainda que a tecnologia alcançada pelo ser humano o tenha afastado de uma maior compreensão sobre sua existência, determinados mitos ainda prevalecem nas sociedades atuais e compartilham de um mesmo tema universal sofrendo, no entanto, de pequenas alterações em virtude de quem os conta. Em sua essência, eles são os mesmos.⁴⁸¹ Dentre estes mitos que precisam ser ritualizados para serem mais bem assimilados pelos membros da sociedade, estão o casamento, as atribuições de um juiz ou de presidente.

Questionado por Moyers sobre quais outros rituais mitológicos estão presentes na sociedade, Campbell salienta o papel desempenhado pelo militarismo. Ao fazer isso, o sujeito “desiste de sua vida pessoal e aceita uma forma socialmente determinada de vida, a serviço da sociedade” de que é membro.⁴⁸² Tal descrição se encaixa perfeitamente, óbvio que não de maneira exclusiva, com o que estava sendo desempenhado pelo soldado afro-americano naquele momento.

Diferente do papel do soldado norte-americano branco que também combatia bravamente pelo país, o afro-americano tinha um papel adicional que o caracterizava como o sujeito duplo refletido em sua figura de negro, indiscutivelmente, aceita perante a sociedade da qual fazia parte e de norte-americano duramente questionada e negada pela maioria. O empreendimento realizado pelos contribuintes de *The Crisis* parece, da mesma forma, propor o estabelecimento de uma representação até então não abordada em relação ao negro e o momento de guerra se tornou propício para se alcançar tal feito, utilizando para isso as reiteradas pregações de devoção desempenhadas pelos afro-americanos.

Na seção *Opinion*, desta mesma edição, o texto “*Patriotism*”, escrito por Du Bois expressa a confiança do afro-americano pelas potencialidades inerentes do país em

⁴⁸⁰ Idem, p. 15.

⁴⁸¹ Ibidem, p. 24.

⁴⁸² Idem, ibidem, p. 25.

realizar os sonhos de seus cidadãos e inspirar o mundo.⁴⁸³ Argumentando acerca da crença que torna aquele país tão atrativo, a possibilidade de realização das aspirações de justiça, afirma que todos que ali trabalham, amam ardentemente não o país como ele tem se apresentado, mas o que ele poderia ser.⁴⁸⁴ Para o editor, um novo patriotismo estava sendo construído não apenas ali, mas no mundo todo. Um patriotismo no qual sonhos que não foram ainda alcançados compeliavam os seres humanos a combaterem por eles. Este era um dos elementos que impulsionava o afro-americano a combater.

A exposição imagética contida nas páginas de *The Crisis* pode ser compreendida como uma contribuição valiosa para expressar, em imagens, discursos acerca do momento vivenciado pelo afro-americano representado na figura do soldado.

Embora distanciado por aproximadamente setenta anos da confecção dessa pintura, as argumentações de Campbell sobre a força das figuras mitológicas sobre a sociedade são expressivas e aqui consideramos válido seu discurso quando diz que, ao se tornar “modelo para a vida dos outros, a pessoa se move para uma esfera tal que se torna passível de ser mitologizada”.⁴⁸⁵ A figura do soldado afro-americano exercia esta função para a comunidade negra, ou pelo menos esta seria a proposta da revista.

Quanto à configuração existente nesta obra, outro elemento pode ser relacionado com a descrição do que Campbell compreende como a necessidade de um mito para a sociedade moderna. Segundo ele, “precisamos de mitos que identifiquem o indivíduo, não com o seu grupo regional, mas com o planeta” e cita como exemplo o próprio Estados Unidos, cujas colônias no processo de independência agiram no interesse comum, sem desconsiderar os interesses particulares de cada uma.⁴⁸⁶

Em uma interessante discussão sobre os elementos contidos no Grande Selo dos Estados Unidos, no qual empregaremos apenas o reverso do mesmo, o pesquisador procura mostrar que determinadas concepções que permitiram a formação do país estão deliberadamente expressas em sua configuração.⁴⁸⁷ Tais elementos se encontram nos números de linhas da pirâmide desenhada, totalizando treze, representativos das treze colônias britânicas que ali estavam, mas que também, de acordo com Campbell,

⁴⁸³ DU BOIS, W. E. B. Patriotism. In: *The Crisis*, v. 17, n. 1, Nov. 1918, p. 10.

⁴⁸⁴ Idem.

⁴⁸⁵ CAMPBELL, op. cit. p. 29.

⁴⁸⁶ Idem, p. 38.

⁴⁸⁷ Para saber mais sobre a configuração e história do Grande Selo dos Estados Unidos, ver: U.S. Department of State, Bureau of Public Affairs. The Great Seal of the United States. Washington, DC, 2003. Disponível em: <http://www.state.gov/documents/organization/27807.pdf>.

significaria transformação e renascimento. A inscrição em algarismos romanos na base da pirâmide, assinalando o ano da independência, 1776, cuja soma dos algarismos é 21, representaria a razão, na qual o país está alicerçado e que é uma atribuição de todos os seres humanos. Este se configuraria no princípio fundamental da democracia.⁴⁸⁸ Além disso, têm-se as inscrições em latim “*Annuit Coeptis*,” cuja transcrição seria “Ele sorriu às nossas realizações” e “*Novus Ordo Seclorum*” ou “Nova Ordem do Mundo”.⁴⁸⁹ No entanto, outro elemento pode ser associado à imagem do soldado afro-americano presente na obra de Scott, na capa da revista *The Crisis*, em novembro de 1918.

Figura 20. Reverso do Grande Selo dos Estados Unidos.

De acordo com as explanações de Campbell, acerca da figura acima, o que se pode ver, é a descrição de um deserto que se encontra atrás da pirâmide. Ele seria representativo dos tumultos existentes na Europa, onde imperavam guerras e mais guerras. À frente da pirâmide e, no caso, a partir do estabelecimento do novo país é possível ver plantas crescendo o que seria o florescimento de uma nova vida.⁴⁹⁰

Em comparação com o quadro de W. E. Scott, podemos ver claras similaridades não restritas ao campo visual, mas em termos de ideologia também. As cercas de arame farpado separam o soldado afro-americano das perturbações da batalha sendo travada atrás dele. Sua localização em um terreno que poderia se dizer, relativamente, mais

⁴⁸⁸ CAMPBELL, op. cit., p. 39.

⁴⁸⁹ Idem, p. 40.

⁴⁹⁰ Ibidem.

calmo e segurando a bandeira norte-americana naquele espaço, pode ser interpretado como uma perspectiva de tempos menos tribulados para ele e para os seus “irmãos” que compartilham do mesmo fardo em solo norte-americano.⁴⁹¹ A arma que se encontra em sua mão, da mesma maneira, pode ser vista como uma perspectiva de que as conquistas não viriam assim tão fáceis.

A projeção de um novo papel a ser ocupado pelo afro-americano está em conexão com as expectativas pregadas por amplos seguimentos da população e pôde ser notada através de determinadas atitudes presenciadas e narradas em periódicos. Relatos deste tipo apareceram no texto “*New Negroes*”, na seção *The Looking Glass*, nesta edição de novembro de 1918. Nele são apresentados incidentes em que afro-americanos desafiam leis como o estabelecimento de assentos reservados a brancos, ou a revelação de uma postura rude em se expressar contra tratamentos que consideravam inadequados. O texto termina com uma transcrição de Charles E. Hughes, futuro Secretário de Estado no período de 1921 a 1925, retirada do *Journal of the American Bar Association*, no qual descreve que o país precisou de uma guerra para se livrar, em certo sentido, das impurezas da distinção de classe, da intolerância e separação raciais, do provincialismo urbano e da divisão egoística, dando ao seu povo um novo país, com uma melhor apreciação da dependência mútua, da necessidade de cooperação e do valor do caráter, sem levar em conta raça, cor, sexo ou fortuna.⁴⁹²

Sentimentos similares podem ser assinalados através de correspondências que chegavam à revista da NAACP. Na seção *Opinion*, estruturado por Du Bois, nesta edição, esteve presente uma suposta carta proveniente de uma mulher branca sulista, na qual parece apresentar uma mudança de posicionamento deste grupo que, muitas vezes, esteve relacionado com causas de violência perpetradas contra o negro na região. De acordo com o conteúdo da carta,

Diversas mulheres influentes do Sul, de meu conhecimento, têm decidido escrever para o presidente acerca das coisas que nós esperamos ver conquistadas para o negro em nosso governo nacional no futuro próximo. Isto, nós sentimos, pode contribuir de alguma

⁴⁹¹ Pode ser observado no carimbo do exemplar adquirido pela biblioteca da Universidade de Indiana que estes tempos estavam bem próximos, pois de acordo com a datação, 06 de novembro de 1918, restavam cinco dias para a assinatura do armistício que encerrou o conflito.

⁴⁹² *The Looking Glass. New Negroes*. In: *The Crisis*, v. 17, n. 1, Nov. 1918, pp. 26-27.

forma na criação, através da influência do Sr. Wilson, do estado de relacionamento que nós esperamos ver. [...] (Tradução nossa)⁴⁹³

Dentre os tópicos que foram solicitados para serem delineados como as principais questões que careciam de uma maior atenção, figuram-se a privação dos direitos eleitorais dos negros, o sistema de transporte regido pelas leis Jim Crow, os padrões diferenciados em termos de salários e julgamento justo nas cortes da região.⁴⁹⁴ Em comentário sobre este posicionamento, Du Bois visualizava o dia glorioso para o país quando as mulheres sulistas reconheceriam sua responsabilidade para com o negro.⁴⁹⁵

O fim da Primeira Guerra Mundial, como era de se esperar, trouxe com ela os tão propagados sentimentos de esperança de completo reconhecimento social. No entanto, o que se verifica nas páginas de *The Crisis* é uma postura que procurou discutir e mesclar a hombridade em se lutar aquela guerra com a aparente inércia dos governos dos Estados Unidos e dos demais vitoriosos em estabelecerem medidas efetivas para a melhoria das condições de vida dos povos subjugados do mundo. Este duplo programa de discussão esteve presente nas edições da revista, nos seis meses que se estendem do fim da guerra mundial até o advento da última imagem a ser analisada por nós neste trabalho.

Dentre a ampla gama de temáticas abordadas, salientamos neste processo, discursos que basicamente se resumem a três perspectivas: o glorioso empreendimento realizado pelos soldados afro-americanos nos campos de batalha europeus; as apreensões provenientes da camada branca da população, em face do retorno dos negros norte-americanos para o país e as pregações de que os homens negros que estavam voltando não eram mais os mesmos que aqueles que tinham deixados suas famílias para representarem o país no exterior.

Antes de abordar estes temas, gostaríamos de mostrar quão vivas e delicadas eram as múltiplas problemáticas contidas na revista da NAACP, neste imediato pós-guerra. A edição de dezembro de 1918 de *The Crisis* trouxe na seção *Opinion*, configurada pelo seu editor, além de cartas de oficiais militares como J. E. Spingarn, até então major e servindo na França, em que este parabeniza o soldado negro pela coragem

⁴⁹³ "Several influential women of the South of my acquaintance have decided to write the President concerning the things we hope to see won for the Negro in our national government in the near future. This, we feel, may do something in creating through Mr. Wilson's influence the state of affairs we hope to see. [...]" DU BOIS, W. E. B. Letters. In: Idem, p. 9.

⁴⁹⁴ Idem.

⁴⁹⁵ Ibidem.

e o patriotismo na guerra, o texto “*Peace*”, no qual Du Bois expõe a benevolência em se apreciar um mundo que há pouco tempo era um “vasto lamento.” O autor conclama seus leitores a contemplarem o sol, o sangue derramado da auto laceração dos povos e as coisas inimagináveis e inesquecíveis sonhadas.⁴⁹⁶ Pode-se notar com este texto, o primeiro que se apresenta neste número da revista, certa dose de ironia quanto à predisposição do ser humano em se digladiar em prol de seus interesses. Esta manifestação se torna mais aparente quando ao finalizar o texto, Du Bois indaga seus leitores acerca da disponibilidade em se alcançar tal propósito. Sendo assim, convida o público a saldar o tempo natalino trazido por aquele mês, fazendo menção a célebre passagem bíblica que deseja paz e boa vontade entre os homens.⁴⁹⁷

Observando a trajetória pessoal e profissional de Du Bois, compreendemos o texto não apenas como irônico, mas também como uma forma para se chamar a atenção para futuros posicionamentos que a nova configuração do mundo e dos Estados Unidos, em particular, deveriam ter para uma convivência mais igualitária entre as pessoas. O mundo deveria aprender com as consequências daqueles anos de carnificina e, a “boa vontade entre os homens” com a qual ele termina o texto, não está apenas fazendo referência ao “espírito de Natal”, mas a expectativa de transformações concretas para a sociedade humana, que estava nas mãos das grandes potências ocidentais.

Os sentimentos em relação às mudanças que seriam adquiridas após os trágicos anos de guerra, foram debatidos nas páginas da revista como uma espécie de militância que deliberadamente procurava ver realizada a melhoria social do afro-americano, mas que se mantém precavida e atenta às realidades e aos entraves que se apresentavam diante dela.

No editorial de janeiro de 1919, o texto “*Old Desires*” expressa muito bem esta postura afirmando que no ano novo, como “em nenhuma outra época do ano a realização de esperanças não realizadas adquirem maior peso”.⁴⁹⁸ Verifica-se, no decorrer do texto, uma postura que se revela um tanto quanto agressiva em face do clima que começa a se acirrar com declarações e atitudes mais abertas de elementos provenientes da região sul do país, mas não apenas daquela área, como vimos anteriormente, em desconsiderar a participação do afro-americano na guerra e os

⁴⁹⁶ DU BOIS, W. E. B. *Peace*. In: *The Crisis*, v. 17, n. 2, Dec. 1918, p. 59.

⁴⁹⁷ Idem.

⁴⁹⁸ Editorial. *Old Desires*. In: *The Crisis*, v. 17, n. 3, Jan. 1919, p. 111.

privilégios que estes intentavam conseguir. Contudo, uma nova atitude parece fazer parte dos planos a serem expressos pela revista em relação às questões sociais. “Igualdade política, oportunidade econômica, direitos civis, justiça perante a lei, todos estes, nossos ‘antigos desejos’, estão tão distantes quanto antes, a menos que tomemos uma postura desesperada e inflexível”.⁴⁹⁹

Para aquele ano de reconstrução, e a partir dele, os homens negros do país deveriam colocar de lado suas brigas e o separatismo até que atingissem irremediavelmente seus objetivos. Para isso, contavam com um despertar de consciência social que, acreditavam, não permitiria que um modelo de vida que condena aqueles que trabalhavam arduamente, que os supre com a menor parcela das coisas boas da vida e não fornece nenhuma chance de viver no mais amplo sentido, possa se dizer correto ou completo.⁵⁰⁰

Ainda que estivesse em voga uma retórica com o objetivo de se propagar a forma de ação a ser adota para o pós-guerra, o que se atesta da mesma forma é a posição política conturbada que circundava o país com os impasses sobre o papel social a ser ocupado pelos afro-americanos naquele tempo. De maneira histórica, a região sul do país encabeçava as discussões acerca do tratamento a ser dispensado ao negro. Atentos a este fato, órgãos de imprensa de todo o país apresentavam ao público os debates em torno da questão e *The Crisis* contribuía para propagá-los. Como noticiado pelo *Pittsburgh Dispatch*, e transcrito em *The Crisis*, existia algo além do preconceito racial em torno da questão dos direitos de sufrágio para os negros que estavam voltando da Europa e este algo mais se refletia na possibilidade de sufrágio também para as mulheres negras.⁵⁰¹ Em comentário sobre estas questões de direitos políticos que apareceram no *Pittsburgh Dispatch* e também no *The New York Evening Sun* e no *New York Evening Globe*, os contribuintes da revista terminam a nota com a reiteração de que uma nova era de igualdade social e política despontava por todo o mundo, sendo representativa de um tempo diferente.⁵⁰²

Embora os sentimentos amplamente divulgados de que as relações sociais vivenciavam tendências renovadas, uma velha conhecida da NAACP e dos afro-americanos se reestruturava. Relatos de que a *Ku Klux Klan* voltara a atuar no sul

⁴⁹⁹ Idem.

⁵⁰⁰ Ibidem.

⁵⁰¹ The Looking Glass. Reactionary Politics. In: *The Crisis*, v. 17, n. 2, Dec. 1918, p. 77.

⁵⁰² Idem, p. 78.

despertou a atenção da Associação. Na seção da NAACP, na revista *The Crisis*, do mês de março de 1919, o texto “*The Ku Klux Are Riding Again!*”, expressou preocupação com o fato, mas de uma maneira que chega a ser surpreendente, especificou determinadas características para o futuro fracasso, daquela organização racista, em intimidar o afro-americano.

Indagando sobre o porquê deste novo empreendimento pretendido pelos supremacistas brancos, a NAACP foi categórica em dizer que o negro empreendia, a passos largos, sua posição de igualdade em relação ao branco e isso se dava de duas formas: pelo trabalho, devido à falta de mão de obra na região o que dava uma chance de barganhar por melhores salários, e pela guerra.⁵⁰³ Segundo a Associação, a *Klan* sentia que não estava fazendo o seu papel de “manter o negro em seu lugar.” No entanto, para a NAACP, a perspectiva de que os racistas teriam sucesso era vista como pequena, devido a alguns fatores como instituições governamentais que estavam se preocupando em estabelecer boas relações entre os trabalhadores da região, parte da imprensa sulista que se posicionava contra os métodos de terror de tempos passados e o fato de que eles teriam um “novo negro” para aterrorizar. Diferente do povo emancipado com a guerra civil, a maior parte dele analfabeto e sem organização, este tinha treinamento de campo, tinha servido como sentinelas nas florestas da França e era constituído de uma juventude que não se intimidaria por uma tola superstição ou medo.⁵⁰⁴

A exposição dos feitos realizados pelos soldados afro-americanos na Europa esteve na pauta das edições da revista *The Crisis* de uma maneira especial e permaneceu ancorada na estratégia promovida pela NAACP de pressionar as instâncias do governo federal a adotarem procedimentos mais contundentes para a melhora de suas condições de existência.

Pode ser verificado que, as palavras de força e os elogios que eram apresentados em *The Crisis*, vinham acompanhados de planejamentos que deveriam ser adotados por todos os interessados em ver a situação do negro modificada. “*Honorable Mention*”, nota que apareceu na revista, em dezembro de 1918, enfatiza os sentimentos que eram destinados aos soldados afro-americanos na França, destacando seu cavalheirismo, bom

⁵⁰³ NAACP. *The Ku Klux Are Riding Again!*. In: *The Crisis*, v. 17, n. 5, Mar. 1919, p. 230.

⁵⁰⁴ Idem, p. 231.

humor, sua determinação nunca hesitante e, acima de tudo, sua incalculável lealdade.⁵⁰⁵ Na mesma edição, o texto “*The Common Burden*” procurou demonstrar que o problema que acarretava atritos entre aqueles dois seguimentos da população norte-americana, tem como raiz a ignorância e a falta de simpatia entre eles, sendo que a camada branca da população precisa se atentar mais para este fato.⁵⁰⁶ A fim de reforçar seus argumentos sobre a questão, cita um texto que apareceu no *American City*, de autoria de J. L. Kesler, para o qual o “problema negro” não é apenas dele, mas do branco também. A solução para este entrave se encontra em mútuos entendimentos e readaptações, acarretando numa mais generosa simpatia e respeito. Embora separados como raças ou classes, todos deveriam se reconhecer como seres humanos e cidadãos. Este reconhecimento de direitos é fundamental.⁵⁰⁷

Outros membros da NAACP tiveram ampla liberdade para se expressar quanto à expectativa de soluções práticas para extirpar a situação degradante em que se encontrava o negro norte-americano em todos os níveis imagináveis. Uma das mais ativas figuras do órgão era Mary White Ovington que conhecia, como poucos, a estrutura social em que vivia o grupo negro. Escrevendo na edição de fevereiro de 1919, que ficou conhecida como *Reconstruction Number*, Ovington debateu acerca do momento oportuno para se pleitear por uma sociedade mais democrática e observou que, de todos os povos que estavam empreendendo suas lutas por direitos, dentre eles judeus, irlandeses e iugoslavos, o negro nos Estados Unidos tinha que percorrer o caminho mais conturbado.⁵⁰⁸

Comentando sobre um discurso feito para a seção da NAACP em Washington, D. C., em que foram apresentados quatorze pontos desejados pelos afro-americanos, em analogia com os Quatorze Pontos de Paz de Wilson, Ovington expressou sua opinião de que a agitação contra as injustiças são necessárias para despertar as mentes sobre as iniquidades existentes. Contudo, um programa bem estruturado para a correção destas mazelas se demonstra como de primeira necessidade. Para isto, ela viu nos quatorze pontos apresentados como constituintes de dois grupos distintos: um que podia ser aplicado apenas aos afro-americanos e outro que englobaria a classe trabalhista do país. Aquele que se destinaria a ambos os seguimentos se constituiria da remoção do sistema

⁵⁰⁵ The Looking Glass. Honorable Mention. In: *The Crisis*, v. 17, n. 2, Dec. 1918, p. 79.

⁵⁰⁶ The Looking Glass. The Common Burden. In: *The Crisis*, v. 17, n. 2, Dec. 1918, p. 78.

⁵⁰⁷ Idem, p. 79.

⁵⁰⁸ OVINGTON, Mary White. Reconstruction and the Negro. In: *The Crisis*, v. 17, n. 4, 1919, p. 169.

de peonagem, a seguridade de melhores salários, melhores escolas, melhores moradias, condições sanitárias adequadas e reformas no sistema penal.⁵⁰⁹ O segundo, destinado aos indivíduos negros se estruturaria na não segregação quanto ao direito de voto, no sistema de transportes, em departamentos do governo, no treinamento e na perspectiva de ascensão na carreira militar, no direito a um julgamento adequado, no reconhecimento de seus direitos nas cortes e na igualdade de oportunidades no mercado de trabalho.⁵¹⁰

W. E. B. Du Bois e a Associação pretendiam realizar uma autêntica, científica e definitiva história do soldado negro na Primeira Guerra Mundial. O projeto que já havia sido anunciado em dezembro de 1918, na nota “*War History*”, convocava o público a cooperar ativamente enviando cartas, documentos, recortes e diversos outros tipos de materiais para se fazer um registro, o mais completo possível, do evento.⁵¹¹ Enquanto o trabalho, que recebeu o nome de “*The Black Man and the Wounded World*”, estava em fase de planejamento, o editor de *The Crisis* apresentou na edição de março de 1919, o que foi definido por ele como um esboço para um trabalho mais amplo. “*The Black Man in the Revolution of 1914-1918*” é uma homenagem aos soldados de descendência africana que lutaram por suas metrópoles e pelos seus países.⁵¹²

Segundo Du Bois, a participação do homem negro foi decisiva e essencial para se chegar a uma definição da guerra. Mais do que isso, o editor foi categórico ao afirmar que o soldado negro salvou a civilização nos anos de 1914 a 1918, destacando o trabalho realizado pelos soldados senegaleses em defender os territórios franceses do avanço das tropas alemãs.⁵¹³ No que se refere aos Estados Unidos, Du Bois compreendeu que a maior contribuição do país foi sua preparação antes de se engajar no conflito. No entanto, no momento mais crítico da participação norte-americana, segundo ele, no outono de 1918, quando a já exaurida França deveria receber reforços ou teria que capitular, a 93ª Divisão foi enviada para entrar em ação. O resultado foi a condecoração de diversos soldados com a *Croix de Guerre* no mês de novembro.⁵¹⁴

⁵⁰⁹ Idem, p. 170.

⁵¹⁰ Ibidem, p. 172.

⁵¹¹ DU BOIS, W. E. B. War History. In: *The Crisis*, v. 17, n. 2, Dec. 1918, pp. 61-62.

⁵¹² DuBois, W. E. Burghardt. The Black Man in the Revolution of 1914-1918. In: *The Crisis*, v. 17, n. 5, Mar. 1919, p. 218.

⁵¹³ Idem.

⁵¹⁴ Ibidem, p. 219.

O texto não apenas foi pautado por expressões de gratidão e reconhecimento. Ele foi usado também para fazer referência ao tratamento desonroso sofrido por oficiais e soldados, provenientes de militares brancos e de instalações, como hospitais e clubes que aderiram à segregação. Mais uma vez o discurso sobre a boa convivência com os oficiais e civis franceses que faziam todo o possível para mostra sua consideração foi reiterado.⁵¹⁵ “*The Black Man in the Revolution of 1914-1918*” se encerra com a acusação de que o exército do país pretendia desprestigiar o oficial negro e eliminá-lo da instituição, apesar de seus feitos. No entanto, o editor prevê que os afro-americanos estão retornando mais amargos e exaltados e que eles não se submeteriam ao regime de castas do país, além de nutrirem um sentimento muito forte pela França.⁵¹⁶

Pode ser notada na confecção deste texto, do mês de março, a confirmação de um dos temas que mais esteve nas preocupações de Du Bois, bem como da NAACP, que transcende seus interesses devotados às problemáticas envolvendo os afro-americanos. A preocupação com o que seria feito com as populações sob o jugo europeu na Ásia e, mais especificamente no continente africano em uma nova configuração política e geográfica decorrente da derrota dos países centrais, acarretou debates e a estruturação de sugestões nas quais ambos se prontificaram em conduzir. Como expressado por Barton, um dos elementos para o apoio de Du Bois à participação norte-americana no conflito, esteve inserido em sua significância global devido à prática imperialista alcançar imensas regiões daqueles continentes.⁵¹⁷

Atentos aos diálogos que se iniciavam acerca das perspectivas futuras para os povos não brancos do mundo, a NAACP e Du Bois aturaram ativamente para a alteração do *status* social desses povos. Estando na Europa para a Conferência de Paz, Du Bois foi encarregado de uma tarefa tripla: como representante da revista *The Crisis* para a cobertura do evento; na coleta em primeira mão de material para a pesquisa sobre a história do negro na guerra e como representante da Associação, no intuito de pressionar os condutores da conferência para a concretização dos interesses dos povos subjugados. O editor da revista da NAACP deveria empreender também o que ficou

⁵¹⁵ Ibidem, p. 222.

⁵¹⁶ Idem, ibidem, p. 223.

⁵¹⁷ BARTON, Evan P. *The Messenger and The Crisis during World War I and The Red Scare, 1917-1921*. Thesis (Master of Arts). Faculty of the Scripps College of Communication of Ohio University, 2011, p. 42.

conhecido como o *Pan-African Congress* (Congresso Pan-Africano), que deveria discutir os direitos dos povos africanos.⁵¹⁸

As propostas estabelecidas pela NAACP para o que deveria ser adotado na reconfiguração do continente africano estiveram presentes em diversos textos, desde o fim da guerra. “*The Future of Africa*”, que apareceu na seção destinada ao órgão na revista, apresentou bem mais do que a situação atual da África e estabeleceu, em tópicos, a sua visão para o retrato futuro do continente. Dentre estes tópicos, a perspectiva de que o destino daquela região deveria levar em conta os desejos de seus habitantes, era uma pauta de essencial importância a fazer parte de sua reorganização.⁵¹⁹ Em outro texto, na edição do mês de fevereiro, a questão sobre o interesse do que seria do continente perante a situação política mundial foi novamente retomada. Em encontro realizado no *Carnegie Hall*, na cidade de Nova Iorque, no dia 06 de janeiro, membros da NAACP e outros convidados expressaram suas opiniões sobre o envolvimento da Associação e do governo norte-americano na questão africana. Essas opiniões foram expostas ao público por meio do texto, “*Africa and the World Democracy*”, o qual se inicia com a afirmação de que a “África deve definitivamente retornar para os africanos”.⁵²⁰

A variedade de pronunciamentos declarados no encontro refletiam os ânimos que pesavam sobre os recentes acontecimentos. Dentre relatos de missionários que estiveram atuando na África e que revelaram as atrocidades perpetradas pelos europeus no continente e de intelectuais que apresentaram suas pesquisas sobre a situação econômica da área, as explanações de James Weldon Johnson vigoraram como as mais exaltadas. Para Johnson, três razões estavam na base dos interesses da NAACP em tomar a frente na questão: a primeira era que nenhuma outra nação estava suscetível a trazer a problemática para discussão; a segunda era que aquela era realmente uma questão internacional devido a guerra ter raízes naquela parte do planeta e a terceira se encontrava no fato da NAACP se interessar por questões envolvendo o negro, em qualquer lugar.⁵²¹ Além dos interesses apresentados, no que se refere ao continente africano, Johnson se voltou para a situação do negro nos Estados Unidos, num discurso com tons mais agressivos e destacou o amargo ódio racial que imperava e a existência

⁵¹⁸ Editorial. The Peace Conference. In: *The Crisis*, v. 17, n. 3, Jan. 1919, p. 111-112.

⁵¹⁹ NAACP. The Future of Africa. In: *The Crisis*, v. 17, n. 3, Jan. 1919, p. 120.

⁵²⁰ Africa and The World Democracy: A Report. In: *The Crisis*, v. 17, n. 4, Feb. 1919, p. 173.

⁵²¹ Idem, p. 176.

da apatia e a indiferença que pairava sobre o país em discutir o tema.⁵²² De acordo com ele, a guerra tinha terminado e nenhum milagre tinha acontecido, de maneira que o negro empreenderia uma luta não pelo direito de lutar na França, mas para lutar mais efetivamente em território norte-americano.⁵²³

O sentimento de desdém começou a se acirrar e parecer mais evidente com o passar do tempo. Tal sentimento foi capitado e evidenciado nos escritos e pronunciamentos realizados pelo editor de *The Crisis*, nos meses que seguiram o seu retorno da Europa, em abril. Restabelecido no controle editorial da revista, a edição de maio daquele ano exteriorizou grande parte de sua indignação acerca das determinações expressadas na Conferência de Paz de Paris e pelo governo federal norte-americano, especificamente, em se fazer sanar certas queixas, como o estabelecimento de uma lei federal para a criminalização da prática do linchamento. A edição, deste mês de maio de 1919, pode ser vista como emblemática, pois apesar de ser reconhecida como *First War History Number*, dedicada à história da Primeira Guerra Mundial, alcançando o expressivo número de 100.000 cópias, mais parece se pautar em críticas em relação à oportunidade que estava sendo perdida em se estruturar uma sociedade global mais justa.

As problemáticas levantadas por esta edição parecem resumir grande parte das questões debatidas, até aquele momento, e a ilustração que esteve presente na capa do mês, da mesma forma, representa a situação.

⁵²² Ibidem.

⁵²³ Idem, ibidem.

The CRISIS

ONE DOLLAR A YEAR

MAY 1919

TEN CENTS A COPY

Figura 21. A necessidade de registrar os feitos realizados pelos soldados afro-americanos estava em pauta durante e após a Grande Guerra. HARRIS, Lorenzo. “The American Negro’s Record in the Great World War”. In: *The Crisis*, v. 18, n. 1, May 1919.

A obra elaborada por Lorenzo Harris procura fazer uma clara homenagem à bravura e determinação apresentada pelos soldados afro-americanos no conflito. Contudo, podemos observar, nesta produção, elementos subjetivos que caracterizam e expõem determinados anseios, que estariam permeando os pensamentos de todos

aqueles insatisfeitos com o desequilíbrio entre o que o afro-americano tinha oferecido em contrapartida com o que tinha recebido pelo seu apoio na guerra.

O processo para se desvelar estes anseios, a nosso ver, só pode ser efetuado quando levamos em conta as opiniões correntes em diversos textos que deram forma a edição. A variedade de abordagens discutidas na revista naquele mês se torna elemento chave quando relacionada com o cartum que estampa sua página frontal.

Numa rápida descrição da obra, pode-se notar a figura de um soldado afro-americano com sua face cerrada em processo de produção de um monumento com a finalidade de se registrar os elementos que guiaram sua participação na guerra mundial. O monumento cuja inscrição “*The American Negro’s Record in the Great War*”, traz de maneira reiterada os valores, mais do que as palavras, “*Loyalty*”, “*Valor*”, “*Achievement*”. Como podemos ver, todos estes recursos se encontram sob a égide da bandeira e da águia, símbolos do país denotando com isso os preceitos de sua representatividade.⁵²⁴

Em observação às hipóteses interpretativas que podem ser levantadas no que se referem à configuração da imagem, nossas atenções recaem sobre a necessidade de se fazer registrar, o mais rápido possível, aqueles elementos que estiveram com eles nos campos de batalha. Esta hipótese se mostra coerente ao se observar os mecanismos utilizados pelo soldado negro para deixar inscrito para a posteridade que ele esteve presente naquele momento decisivo da história mundial. Para isso, ele se utiliza improvisadamente de uma faca e de outra lâmina, que poderíamos, até mesmo, suspeitar que seja da baioneta de um “irmão de armas” que teria ficado pelo caminho, na luta para a promoção de um mundo mais democrático.

Juntamente com esta pressa que se faz necessária, como se a fisionomia desta representação do soldado negro norte-americano estivesse prevendo a intenção de diversos seguimentos da sociedade de seu país de limá-lo da história do conflito, o atributo que mais está em destaque, tanto no monumento que está sendo entalhado por ele, quanto na figura em si, é a lealdade mais uma vez destacada pelo artista. Acreditamos que esta intenção não é apenas casual. O fato das palavras *Valor* e *Achievement* estarem levemente contornadas pode representar a perspectiva de que o governo dos Estados Unidos e a sociedade em sua larga escala ainda não se

⁵²⁴ The American Negro’s Record in the Great War: Loyalty, Valor, Achievement. In: *The Crisis*, v. 18, n. 1, May, 1919, Cover.

prontificaram em reconhecer e conceder direitos completos de cidadania para os afro-americanos. Nesta perspectiva, a lealdade se apresenta como princípio elementar inerente à população negra em relação ao país, o que não significa que os outros princípios não sejam importantes e merecedores de serem profundamente gravados em sua estrutura social. Por mais que eles não sejam reconhecidos pela sociedade estadunidense, ela pode contar indiscutivelmente com a lealdade de seus compatriotas negros.

Ao se analisar o conteúdo textual presente neste número da *The Crisis*, como notas explicativas, questionamentos para autoridades governamentais e produções de caráter poético, pode-se postular a existência de uma forte relação entre este conteúdo e os signos, nem sempre tão nítidos ou não assimilados pelos leitores, da obra. Destacamos aqui uma nota explicativa e um artigo escritos por Du Bois a fim de se proceder e especificar a coerência quanto ao que se pretendia na elaboração do número de maio de 1919.

A nota “*History*” procurou reafirmar para os leitores a necessidade da produção de uma história sobre a participação do soldado negro e, destacadamente, afro-americano na guerra.⁵²⁵ Além disso, era necessário especificar o andamento do projeto, assinalando as desavenças por motivos de incompatibilidade de interesses sobre quem assumiria o controle da produção, o que tinha provocado uma alteração na evolução do mesmo. De acordo com a nota, a maioria dos negros norte-americanos não tinha captado a responsabilidade de restaurar na história o estado das tropas negras. Segundo o editor, havia um rumor, entre pessoas influentes, de que os trabalhadores negros fizeram um bom trabalho, mas o oficial negro era um fracasso. Este tipo de discurso deveria ser remediado por meio de uma visão histórica e de uma precisão científica.⁵²⁶ Contudo, um artigo produzido por Du Bois parece completar magnificamente o conteúdo da nota exposta, conectando-as com o contexto expresso na ilustração.

O artigo “*Returning Soldiers*”, um dos mais conhecidos elaborados pelo editor, transmite para o público suas aspirações e frustrações acerca do futuro dos cidadãos negros nos Estados Unidos.⁵²⁷ Após uma explanação acerca do pró-atendimento de milhares de homens negros e da revista *The Crisis* no momento da convocação, Du Bois

⁵²⁵ DU BOIS, W. E. B. History. In: *The Crisis*, v. 18, n. 1, May 1919, p. 11.

⁵²⁶ Idem.

⁵²⁷ DU BOIS, W. E. B. Returning Soldiers. In: *The Crisis*, v. 18, n. 1, May 1919, p. 13-14.

se incluindo entre aqueles que retornavam para um país visto por ele como, ainda sendo, uma terra vergonhosa, expõem ao público que a guerra não acabou para eles.

Este é o país para o qual nós Soldados da Democracia retornamos. Esta é a pátria pela qual lutamos! Mas ela é a *nossa* pátria. Foi correto lutarmos. As falhas de *nosso* país são *nossas* falhas. Sob circunstâncias similares, nós lutaríamos novamente. Mas, por Deus do Céu, somos covardes e estúpidos se agora, que aquela guerra acabou não mobilizássemos cada capacidade de nosso cérebro e força física para combater uma mais inflexível, longa e rígida batalha contra as forças do inferno em nossa própria terra.

Nós *retornamos*.

Nós *retornamos da luta*.

Nós *retornamos lutando*. (Tradução nossa)⁵²⁸

Pode-se identificar a profunda conexão existente entre estes dois escritos com a proposta apresentada na obra acima. Nela, vemos o soldado afro-americano ainda em seu uniforme e a baioneta encostada na estrutura em que este inscreve os ideais que espera, sejam reconhecidos por todos. O momento, cujo tempo não pode ser perdido, de deixar devidamente registrado nos anais da história os seus feitos é um processo que está por se escrever e ele se torna um processo contínuo que encontraria em solo norte-americano novas batalhas a serem empreendidas.

A entrega da NAACP, de seus patrocinadores e contribuintes atuando dentro e fora do órgão, e da revista *The Crisis*, por intermédio das paixões e temperamento de seu editor, W. E. B. Du Bois, é representativo do espírito patriótico que foi exigido por aquele momento. Juntamente com o dever entendido de se preservar os ideais democráticos ameaçados pelo belicismo germânico, estava o sentimento de que aqueles mesmos preceitos fossem elementos concretos e sinônimos de suas recompensas futuras. Contudo, a estrutura social estadunidense, em que as concepções de divisão entre grupos sociais estão rigidamente associadas a preceitos raciais, impossibilitou ganhos mais efetivos nesta direção.

O comprometimento de Du Bois, ao contrário do que alguns estudos procuraram mostrar, é entendido por nós como verdadeiro. Como ele expressou em uma de suas

⁵²⁸ “This is the country to which we Soldiers of Democracy return. This is the fatherland for which we fought! But it is *our* fatherland. It was right for us to fight. The faults of *our* country are *our* faults. Under similar circumstances, we would fight again. But by the God of Heaven, we are cowards and jackasses if now that that war is over, we do not marshal every ounce of our brain and brawn to fight a sterner, longer, more unbending battle against the forces of hell in our own land. We *return*. We *return from fighting*. We *return fighting*.” Idem, p. 14.

biografias, enquanto a guerra progredia, ele sentiu, por um momento, que poderia ser sem nenhuma restrição, um norte-americano patriótico.⁵²⁹ Talvez, o que possa ser pontuado é que a amplitude de metodologias e atitudes que por ele foi empregada tende a nos causar confusão acerca de suas pretensões em garantir para os afro-americanos algum tipo de conquista social. E ele mesmo se mostra ambíguo em relação ao seu papel durante a guerra. Como foi especificado por ele,

Eu não sei se eu estava correto, mas certamente minhas intensões estavam. Eu não acreditava na guerra, mas pensei que em uma luta com os Estados Unidos contra o militarismo e por democracia nós estaríamos lutando pela emancipação da raça negra. Com o Armistício veio à desilusão. (Tradução nossa)⁵³⁰

O que se sucedeu após o conflito armado, não foi uma derrota completa para os afro-americanos em si. As experiências adquiridas no conflito e suas reverberações em terras americanas revelaram um grupo com uma capacidade mais notável de agir frente às desavenças criadas pelos seus párias estadunidenses. Soma-se a isso, o crescimento de um interesse por tudo que seja proveniente de seu grupo cultural o que encontrará, em meados da década 1920, uma expansão até então não vivenciada. Fator preponderante para isso se encontra nas produções apresentadas nas páginas de *The Crisis* que, pioneiramente, representou o indivíduo negro numa perspectiva que contradizia as percepções existentes e que, como cremos, foi indiscutivelmente conduzido por Du Bois.

⁵²⁹ DU BOIS, op. cit., 1988, p. 274.

⁵³⁰ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho editorial promovido por W. E. B. Du Bois nos primeiros dez anos da revista *The Crisis* (1910-1920), contribuiu significativamente para fomentar o debate em torno das questões que circundavam as relações raciais nos Estados Unidos durante as primeiras décadas do século XX. Condizente com a estratégia adotada pela NAACP, na busca por garantir e reafirmar os direitos civis inerentes aos afro-americanos se utilizou de todas as ferramentas a sua disposição para tentar obter o resultado pretendido. Dentre os inúmeros mecanismos utilizados pelo editor da revista e por seus colaboradores, as ilustrações contendo temáticas sociais podem ser vistas como das mais úteis empregadas.

A discussão das problemáticas enfrentadas pelos afro-americanos no período foi apresentada de maneira mais maleável do que a pretensa exatidão contida na fotografia ou a erudição promovida pela palavra escrita. O caráter imaginativo contido no processo de elaboração de tais desenhos procurou representar a realidade vivenciada pelo negro norte-americano em uma atmosfera social dominada pelas teorias e ações práticas dos defensores da supremacia branca. Mais do que reiterar o discurso presente nas relações raciais de sua época, Du Bois através do órgão de publicidade e propaganda da NAACP, demonstrou para os leitores da revista a existência de um projeto que evidenciava a perspectiva de uma reconfiguração do universo social do qual o negro, inserido no espaço mais amplo da sociedade norte-americana, seria completamente aceito sem perder as vicissitudes contidas no ser duplamente entendido como americano e negro.

Por intermédio do uso de ilustrações e da força de seus traços que podem conter, muitas vezes, elementos sutis para um entendimento imediato, Du Bois procurou utilizar a subjetividade inserida em suas linhas para problematizar as duras realidades vivenciadas pelos afro-americanos. Grande contribuinte para a estruturação de tal prática se encontra presente nos próprios desafios e aprendizados que adquiriu, por toda a sua vida, e que procurou expor na condução da revista, a qual dirigiu por vinte e quatro anos. O desafio permanente de se ver como possuidor de duas consciências conflitantes entre si e os entraves engendrados pelo racismo e segregacionismo em um país tido como o baluarte da democracia mundial, fizeram com que seu estilo de discutir estes temas fosse visto como uma prática que, inevitavelmente, entrava em choque com

tudo que era norte-americano. Este estilo foi canalizado e ganhou proporções caudalosas no empreendimento desenvolvido por ele em *The Crisis*.

Em suas experiências anteriores com o jornalismo impresso, o ativista Du Bois pôde, de forma incipiente, retratar como as questões raciais mereciam ser discutidas. Empregando em larga medida a erudição adquirida em estudos sociológicos, viu nos problemas que envolviam a existência do grupo negro nos Estados Unidos, como uma das mais trágicas consequências do processo que se seguiu ao abandono das políticas promovidas pela reconstrução pós-guerra civil. Após vivenciar um período, que foi entendido por Du Bois, como de mais ampla democracia já experimentado pelo país, a condição social e humana do afro-americano sofre um revés que colocou em xeque o seu próprio reconhecimento como ser humano. Conectado às teorias que advogavam a condição de inferioridade do negro, a apresentação pela imprensa convencional de uma imagem diversa do que realmente era atribuída ao negro, contribuiu para a assimilação do estigma que o mantinha afastado dos preceitos pertinentes à sociedade estadunidense. Atento a este fato, Du Bois procurou combater não só esta, mas diversos outros estereótipos que marcaram consideravelmente aquela parcela da população.

Sua ligação com a NAACP se configurou na maneira mais vigorosa de se questionar aquelas representações. Ao contrário do trabalho realizado em outros periódicos, a possibilidade adquirida ao editar *The Crisis* foi um divisor de águas na vida de Du Bois e na exposição dos relacionamentos envolvendo parcelas da população que se viam indescritivelmente separadas uma da outra.

Em um período em que imagens de afro-americanos não eram contempladas na imprensa estadunidense, a não ser como motivo de deboche, a revista *The Crisis* buscou se contrapor ao que era recorrente fazendo do negro norte-americano um elemento mais do que presente no meio social. Sua existência assim como os aspectos que o circundava, passou a ser sentida pelo branco e vivenciada pelo negro.

As primeiras atividades do conjunto que compunha a NAACP estavam voltadas para a crítica e combate ao linchamento. Esta prática social que durante certo tempo era uma característica dos estados do meio-oeste, passou a ser uma típica manifestação relacionada à região sul, a partir da última década do século XIX. Tendo como pano de fundo a execução da justiça pelas mãos da própria população, o que se escondia por detrás destes atos, era a pretensão de reafirmar os conceitos que contribuíram para estruturar as diretrizes da supremacia branca e considerar o afro-americano como um

cidadão de segunda classe na escala social do país. Os números que demonstram a proporção dessas práticas confirmam como o fator racial foi importante para a ocorrência de tal fenômeno.

A exposição das imagens, que retratavam como o afro-americano padecia desse cruel destino, tinha a intensão de conscientizar o público, em geral, para as questões que iam além da violência física direcionada às pessoas negras. Inseridas em seus traços, permeavam valores que ajudavam a sustentar o estilo de vida nacional e que estavam sendo minados pela quase que inacreditável execução com que tais atos eram realizados. Preceitos políticos, religiosos, econômicos e sociais eram confrontados constantemente pela revista *The Crisis* como parte de seu programa para fazer as diversas esferas da sociedade norte-americana se questionar sobre o nível de “civilização” que pregavam. Este tipo de ativismo foi durante anos dos mais significativos adotados pela NAACP e contribuiu para fortalecer a campanha promovida pela Associação contra o linchamento em escala nacional.

No entanto, a partir da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, em 1917, suas atenções se voltaram para a própria figura do afro-americano em uma perspectiva diferente do que era mostrada nas ilustrações destinadas a debater a violência sofrida pelo grupo negro. Engajada na estratégia da NAACP de fomentar a participação do soldado afro-americano no conflito, a revista *The Crisis* retratou os membros da camada negra, de uma maneira que pareceu suprimir os contrastes enfrentados em sua própria sociedade e por enfrentar nos campos de batalha da Europa. O soldado afro-americano não apenas estaria lutando pelo seu país, mas para o seu grupo social. Ele se tornou a representação máxima do indivíduo negro norte-americano e sua apresentação nas páginas de *The Crisis*, pode ser entendida como o mecanismo mais efetivo para se tentar extirpar as antigas imagens estereotipadas que alimentaram o consciente coletivo de ambas as parcelas da população.

Considerando a revista *The Crisis* como um produto utilizado para promulgar ideologias de um grupo determinado, a NAACP, sua razão de ser esta envolta em uma parcialidade que é nitidamente sentida e indiscutível. Contudo, mesmo que as partes que a estruturavam compartilhassem de uma mentalidade que pretendia a melhora efetiva nas condições de vida do afro-americano, atritos entre seus membros existiram e estiveram mais visivelmente presentes entre os dirigentes da Associação e o editor da revista, W. E. B. Du Bois.

O domínio exercido pelo editor no veículo impresso da organização direcionou a maneira como os assuntos eram apresentados no mesmo. Ainda que conectados e trabalhando em prol do afro-americano, as ideias que prevaleceram na retratação do negro nos Estados Unidos foram sentidas como sendo uma extensão de suas próprias ideias e perspectivas que esperava para o futuro do negro. Como exemplo, a representação do soldado afro-americano lutando pelo seu país, compreende uma das mais destacadas concepções que este estruturou durante sua vida. O conceito da dupla consciência é inegável nas ilustrações que demonstraram os negros norte-americanos naquele contexto histórico.

As reminiscências das ações e atividades de Du Bois em *The Crisis* são contribuições para o longo processo de aquisição dos direitos civis exigidos, durante anos, pelos negros nos Estados Unidos. Mesmo que, naquele relativamente curto espaço de tempo de dez anos, tenha produzido resultados aquém dos pretendidos pela Associação, em geral, e pelo editor, em particular, suas práticas surtiram efeitos no intuito de destacar a cultura e o papel do afro-americano na construção do país, sem deixar de levar em conta as duas características que compõem aquela parcela da população: o caráter norte-americano e negro.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, William G. Progressivism: An Historiographical Essay. In: *The History Teacher*, v. 6, n. 3, May 1973, pp. 427-452. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/492218>. Acesso em: 06 de dezembro de 2012.
- APTHEKER, Herbert (Comp. & Ed.). *Writing in Periodicals Edited by W. E. B. Du Bois: Selections from The Crisis*. Vol. 2 (1926-1934). Millwood, New York: Kraus-Thomson Organization Limited, 1983.
- ARMFELD, Felix L. *Eugene Kinckle Jones: the National Urban League and Black social work, 1910-1940*. Urbana: University of Illinois Press, 2012.
- ARNDT, Murray Dennis. *The Crisis Years of W. E. B. Du Bois, 1910-1934*. Dissertation (Language and Literature, modern), Duke University, Ph. D., 1971.
- ARNESSEN, Eric. *Waterfront workers of New Orleans: race, class and politics, 1863-1923*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.
- ASHTON, Susanna. Du Bois's "Horizon": Documenting Movements of the Color Line. In: *MELUS*, v. 26, n. 4, African American Literature, winter, 2001, pp. 3-23. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3185539>. Acesso em: 24 de março de 2012.
- BAILYN, Bernard. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Tradução Cleide Rapucci. Bauru, SP: EDUSC, 2003. (Coleção História).
- BAKER, Lee D. *From Savage to Negro: anthropology and the construction of race, 1896-1959*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1998.
- BANNISTER, Robert C. (ed.). *On Liberty, Society and Politics: the essential essays of William Graham Sumner*. Indianapolis: Liberty Fund, 1992.
- BARBEAU, Arthur E.; HENRI, Florette. *The unknown soldiers: African-American troops in World War I*. New York: Da Capo Press, 1996.
- BARNES, Harper. *Never been a time: the 1917 riot that sparked the civil rights movement*. New York: Walker and Company, 2008.
- BARTON, Evan P. *The Messenger and The Crisis during World War I and The Red Scare, 1917-1921*. Thesis (Master of Arts). Faculty of the Scripps College of Communication of Ohio University, 2011.
- BEARD, Charles A.; BEARD, Mary R. *The Rise of American Civilization*. New York: Macmillan, [1927] 1972.
- BLIGHT, David W. *Passages to Freedom: The Underground Railroad in History and Memory*. Washington D.C.: Smithsonian Books, 2006.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Tradução Ana Rabaça. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990.

BRABI, Méliissa. *W. E. B. Du Bois's writings for The Crisis, 1910-1934, from integration to voluntary segregation?* UFR de Langues Université Standhal – Grenoble 3, 2013.

BREXEL, Bernadette. *The Populist Party: a voice for the farmers in an industrial society*. New York: Rosen Publishing Group, 2004.

BRODERICK, Francis L. *W. E. B. Du Bois: Negro leader in a time of crisis*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1959.

BROWN, Nikki L. M.; STENTIFORD, Barry M. (Ed.). *The Jim Crow Encyclopedia*. V. 1: A-J. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2008.

BRUCE Jr., Dickson D. W. E. B. Du Bois and the Idea of Double Consciousness. In: *American Literature*, v. 64, n. 2, Jun. 1992, pp. 299-309. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2927837>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2014.

BRUNDAGE, W. Fitzhugh. *Lynching in the New South: Georgia and Virginia, 1880-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1993.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: EDUSC, 2004.

BURMA, John H. An Analysis of the Present Negro Press. In: *Social Forces*, v. 26, n. 2, dec. 1947.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, MARIA Lígia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo"*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

CARLISLE, Anthony Todd. *The Black Press and the Shaping of Protest in African American Literature, 1840-1935*. Dissertation (Doctor of Philosophy). The School of Graduate Studies and Research Department of English. Indiana University of Pennsylvania, 2009.

CARROLL, Anne Elizabeth. *Word, image, and the New Negro: representation and identity in the Harlem Renaissance*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007.

CASH, W. J. *The mind of the South*. New York: Alfred A. Knopf, 1947.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. Defesa e Ilustração da Noção de Representação. Tradução André Dionei Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. In: *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 13, n. 23, Jan/Jun, 2011, pp. 15-29. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2014.

CHASE, Hal S. Struggle for Equality: Fort Des Moines Training Camp for Colored Officers, 1917. In: *Phylon* (1960-), v. 39, n. 4, 4th Qtr. 1978, pp. 297-310. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/274896>. Acesso em: 15 de janeiro de 2015.

CLARK, Kenneth B. The Civil Rights Movement: Momentum and Organization. In: *Daedalus*, v. 95, n. 1, The Negro American – 2, winter 1966, pp. 239-267. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20026973>. Acesso em: 28 de julho de 2013.

COMMAGER, Henry Steele. *The American Mind: An Interpretation of American Thought and Character Since 1880's*. New Heaven: Yale University Press, [1950] 1953.

CROLY, Herbert. *The Promise of American Life*. New York: Cosimo Classics, [1909] 2005.

CROUTHAMEL, James L. The Springfield Race Riot of 1908. In: *Journal of Negro History*, v. 45, n. 3, Jul. 1960, pp. 164-181. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2716259>. Acesso em: 19 de setembro de 2013.

DAILEY, Jane; GILMORE, Glenda Elizabeth; SIMON, Bryant (Eds.). *Jumpin' Jim Crow: southern politics from Civil War to civil rights*. Princeton, NJ; Oxford: Princeton University Press, 2000.

DANSON, Edwin. *Drawing the line: how Mason and Dixon surveyed the most famous border in America*. New York: John Wiley & Sons, 2001.

DAVIS, Allen F. *Spearheads for Reform: The Social Settlements and the Progressive Movement, 1890-1914*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, [1967] 1984.

DENNIS, Rutledge M. Social Darwinism, Scientific Racism, and the Metaphysics of Race. In: *The Journal of Negro Education*, v. 64, n. 3, Myths and Realities: African Americans and the Measurement of Human Abilities, Summer 1995, pp. 243-252. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2967206>. Acesso em: 22 de abril de 2013.

DINER, Steven J. *A Very Different Age: Americans of the Progressive Era*. New York: Hill and Wang, 1998.

DOWNEY, Dennis B.; HYSER, Raymond M. *No crooked death: Coatesville, Pennsylvania, and the lynching of Zachariah Walker*. Urbana: University of Illinois Press, 1991.

DUBOFSKY, Melvin. *We shall be all: a history of the Industrial Workers of the World*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, [1969] 2000.

DU BOIS, W. E. B. *The Quest of Silver Fleece*. Mineola, NY: Dover Publications, [1911] 2008.

_____. The African Roots of War. In: *Atlantic Monthly*, May 1915, p. 707. Disponível em: <http://scua.library.umass.edu/digital/dubois/WarRoots.pdf>. Acessado em: 01 de março de 2015.

_____. *Darkwater: voices from within the veil*. New York. Harcourt, Brace and Company, 1921.

_____. *Dark Princess: a romance*. Jackson, MS: Banner Books, [1928] 1995.

_____. *Black Reconstruction in America, 1860-1880*. New York, London, Toronto, Sydney, Tokyo, Singapore: Touchstone, [1935] 1995.

_____. *The Autobiography of W. E. B. Du Bois: A Soliloquy on Viewing My Life from the Last Decade of Its First Century*. New York: International Publishers, [1968] 1988.

_____. *As almas da gente negra*. Tradução Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999.

ELLIS, Mark. *Race, war, and surveillance: African Americans and the United States government during World War I*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2001.

FAIRCLOUGH, Adam. *Better day coming: Blacks and equality, 1890-2000*. New York: Penguin Books, [2001] 2002.

FAULKNER, Harold U. *The Quest for Social Justice, 1898-1914*. Chicago: Quadrangle Books, [1931] 1971.

FILENE, Peter G. Na Obituary for "The Progressive Movement". In: *American Quarterly*, v. 22, n. 1, spring 1970), pp. 20-34. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2711670>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

FOLEY, Barbara. *Spectres of 1919: class and nation in the making of the new Negro*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 2003.

FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper & Row, 1988.

FORNER, Philip S. (Ed.). *W. E. B. Du Bois Speaks: Speeches and Addresses, 1890-1919*. New York; London; Montréal; Sydney: Pathfinder, 1991.

_____. *Organized labor and the black worker, 1619-1981*. New York: International Publishers, 1981.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo: Alameda, 2013.

FRANKLIN, V. P. W. E. B. Du Bois as Journalist. In: *The Journal of Negro Education*, v. 56, n. 2, spring, 1987, pp. 240-244. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2295179>. Acesso em: 24 de março de 2012.

FRAZIER, E. Franklin. *Black Bourgeoisie*. New York: Free Press Paperbacks, [1957] 1997.

GARZA, Stevie Lynne: *Representations of African-American life in Alexander Zemlinsky's Sinfonische Gesänge*, OP. 20. Thesis (Master of Arts). University of Iowa, 2010.

GATES, Jr., Henry Louis. The Trope of a New Negro and the Reconstruction of the Image of the Black. In: *Representations*, n. 24, Special Issue: America Reconstructed, 1840-1940, autumn, 1988, pp. 129-155. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2928478>. Acesso em: 22 de outubro de 2012.

GERSTLE, Gary. *American Crucible: Race and Nation in Twentieth Century*, Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2001.

GOLD, Lewis L. *America in the Progressive Era, 1890-1914*. Harlow: Longman, 2001.

GORDON, Eugene. The Negro Press. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 140, The American Negro, Nov. 1928, pp. 248-256. Disponível em: <http://www.jsto.org/stable/1016853>. Acesso em: 25 de março de 2012.

GORDON, Lewis R. Du Bois's Humanistic Philosophy of Human Sciences. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 568, The Study of African American Problems: W. E. B. Du Bois's Agenda, Then and Now. Mar., 2000, pp. 265-280. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1049485>. Acesso em: 13 de novembro de 2011.

GOSSETT, Thomas F. *Race: the history of an idea in America*. Dallas: Southern Methodist University Press, 1963.

GREGORY, James N. *The southern diaspora: how the great migrations of Black and White Southerners transformed America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2005.

GROSSMAN, James R. *Land of hope: Chicago, Black southerners, and the Great Migration*. Chicago and London: The University of Chicago Press, [1989] 1991.

HALLORAN, Fiona Deans. *Thomas Nast: the father of modern political cartoons*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2012.

HARRIS, William J. Etiquette, Lynching, and Racial Boundaries in Southern History: A Mississippi Example. In: *The American Historical Review*, Vol. 100, No. 2, (Apr., 1995), pp. 387- 410. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2169004>. Acesso em: 28 de janeiro de 2015.

HARTZ, Louis. *The Liberal Tradition in America: An Interpretation of American Political Thought Since the Revolution*. San Diego, New York, London: Harcourt Brace & Company, [1955] 1991.

HAWKINS, Mike. *Social Darwinism in European and American thought, 1860-1945: nature as a model and nature as threat*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HAYS, Samuel P. *The Response to Industrialism, 1885-1914*. 2. ed. Chicago; London: University of Chicago Press, [1957] 1995.

HAYWOOD, Harry. *Black Bolshevik: autobiography of an Afro-American Communist*. Chicago: Liberator Press, 1978.

HICKS, John D. *The Populist Revolt: A History of the Farmer's Alliance and the People's Party*. Westport, Conn.: Greenwood Press, [1931] 1981.

HOCH, Paul. *White Hero, Black Beast: racism, sexism and the mask of masculinity*. London: Pluto Press, 1979.

HOFFMAN, Frederick L. The Race Traits and Tendencies in the American Negro. In: *Publications of the American Economic Association*, v. 11, n. 1/3 (Jan. – Mar. – May, 1896).

HOFSTADTER, Richard. *The American Political Tradition and the Men Who Made It*. New York: Vintage Books, [1948] 1989.

_____. *The Age of Reform: From Bryan to F. D. R.* New York: Alfred A. Knop, [1955] 1965.

HOLMES, William F. *The White Chief: James Kimble Vardaman*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1970.

HORNE, Gerald. *W. E. B. Du Bois: A Biography*. Santa Barbara, California; Denver, Colorado; Oxford, England: Greenwood Press, 2010.

HUGGINS, Nathan Irvin. *Harlem Renaissance*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007.

JAMES, William. *Pragmatism*. New York: Dover Publications, 1995.

JOHNSON, Arthur; JOHNSON, Ronald M. Away From Accommodation: Radical Editors and Protest Journalism, 1900-1910. In: *The Journal of Negro History*, v. 62, n. 4, Oct. 1977, pp. 325-338. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2717109>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2015.

_____. Propaganda and Aesthetics: The Literary Politics of Afro-Americans Magazines in the Twentieth Century. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1979.

JOHNSON, Charles S. The Rise of the Negro Magazine. In: *The Journal of Negro History*, v. 13, n. 1, Jan. 1928, pp. 7-21. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2713910>. Acesso em: 21 de março de 2012.

JOHNSON, Isabel Simeral. Cartoons. In: *The Public Opinion Quarterly*, v. 1, n. 3, Jul., 1937, pp. 21-44. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2744665>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2014.

JONAS, Gilbert. *Freedom's Sword: the NAACP and the struggle against racism in America, 1909-1969*. New York: Routledge, 2005.

JONES, Angela. *African American civil rights: early activism and the Niagara movement*. Santa Barbara: Praeger, 2011.

_____. The Niagara Movement, 1905-1910. A Revisionist Approach to the Social History of the Civil Rights Movement. In: *Journal of Historical Sociology*, v. 23, n.3, Sept. 2010, pp. 453-500. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-6443.2010.01380.x/epdf>. Acesso em: 25 de março de 2012.

JONES, Dewey Roscoe. *The Effect of the Negro Press on Race Relationship in the South*. Unpublished M.A. thesis, Columbia University, 1931.

KANTROWITZ, Stephen. *Ben Tillman and the reconstruction of white supremacy*. Chapel Hill; London: The University of North Carolina Press, 2000.

KELLOGG, Charles Flint. *NAACP: A History of the National Association for the Advancement of Colored People*. Vol. 1 (1909-1920). Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, [1967] 1973.

KEMNITZ, Thomas Milton. The Cartoon as a Historical Source. In: *The Journal of Interdisciplinary History*, v. 4, n. 1, The Historian and the Arts, summer, 1973, pp. 81-93. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/202359>. Acesso em: 16 de março de 2013.

KILROY, David P. *For race and country: the life and career of Colonel Charles Young*. Westport, Connecticut; London: Praeger, 2003.

KIMBROUGH, Marvin Gordon. *W. E. B. DUBOIS as Editor of The Crisis*. Dissertation (Doctor of Philosophy), The University of Texas at Austin, Ph. D., 1974.

KIRSCHKE, Amy Helene. *Art in Crisis: W. E. B. Du Bois and the struggle for African American identity and memory*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2007.

KLARMAN, Michael J. *Brown v. Board of Education and the civil rights movement*: abridged edition of "From Jim Crow to civil rights: the Supreme Court and the struggle for racial equality". New York, NY: Oxford University Press, 2007.

KOLKO, Gabriel. *The Triumph of Conservatism: A Reinterpretation of American History, 1900-1916*. New York: Free Press, [1963] 1977.

_____. *Railroads and Regulation, 1877-1916*. Westport, Conn.: Greenwood Press, [1965] 1976.

KORNWEIBEL, Jr., Theodore. *No Crystal Stair: black life and the Messenger, 1917-1928*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1975.

_____. Apathy and Dissent: Black America's Negative Responses to World War I. In: *South Atlantic Quarterly*, v. 80, n. 3, Summer 1981, pp. 322-338.

_____. *"Investigate everything": federal efforts to compel Black loyalty during World War I*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 2001.

KRUGLER, David F. A Mob in Uniform: Soldiers and Civilians in Washington's Red Summer, 1919. In: *Washington History*, v. 21, 2009, pp. 48-77. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25704908>. Acesso em: 29 de janeiro de 2015.

LACEY, Barbara E. Visual Images of Blacks in Early American Imprints. In: *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. 53, n. 1, Material Culture in Early America, Jan. 1996, pp. 137-180. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2946827>. Acesso em: 11 de outubro de 2012.

LAYTON, John. *Exploring the Mason-Dixon Line: walking in the footsteps of history*. Franklin, Tenn.: American History Press, 2010.

LEARS, Jackson. *Rebirth of a Nation: The making of modern America, 1877-1920*. HarperCollins e-books, 2009.

LEMONS, J. Stanley. Black Stereotypes as Reflected in Popular Culture, 1880-1920. In: *American Quarterly*, v. 29, n. 1, spring 1977, pp. 102-116. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2712263>. Acesso em: 11 de outubro de 2012.

LENTZ-SMITH, Adriane. *Freedom struggles: African Americans and World War I*. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press, 2009.

LEUCHTENBURG, William E. *O Século Inacabado: A América desde 1900*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1973] 1976.

LEVI, Lester. *Grace Notes in American History*: popular sheet music from 1820 to 1900. Norma: University of Oklahoma Press, 1967.

LEWIS, David Levering. W. E. B. Du Bois: biography of a race, 1868-1919. New York, Owl Books, 1993.

_____. *The Portable Harlem Renaissance Reader*. New York: Viking, 1994.

_____. *W. E. B. Du Bois: The fight for equality and the American century, 1919-1963*. New York: Owl Books, 2001.

LINK, Arthur S. The Negro as a Factor in the Campaign of 1912. In: *The Journal of Negro History*, v. 32, n. 1, Jan. 1947, pp. 81-99. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2715292>. Acesso em: 21 de novembro de 2012.

_____. *Woodrow Wilson and the Progressive Era, 1910-1917*. New York: Harper & Row Publishers, [1954] 1963.

LITWACK, Leon F. *Been in the storm so long: the aftermath of slavery*. New York: Vintage Books, 1979.

_____. *Trouble in Mind: Black southerners in the age of Jim Crow*. New York: Vintage Books, 1999.

LOCKE, Alain. *The New Negro*. New York: Touchstone, [1925] 1997.

LOGAN, Rayford. *The Negro in American Life and Thought: The Nadir*. New York: Dial Press, 1954.

_____. *The Betrayal of the Negro: From Rutherford B. Hayes to Woodrow Wilson*. New York: Da Capo Press, [1965] 1997.

LUTHIN, Reinhard H. Some Demagogues in American History. In: *The American Historical Review*, Vol. 57, No. 1 (Oct., 1951), pp. 22-46. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1849476>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

MAIER, Pauline. *From Resistance to Revolution: Colonial Radicals and the Development of American Opposition to Britain, 1765-1776*. New York: Knopf, 1972.

MARTIN, Albo. *Enterprise Denied: Origins of the Decline of American Railroads, 1897-1917*. New York: Columbia University Press, [1971] 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O manifesto do partido comunista. Tradução Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, [1848] 2001. (Coleção L&PM Pocket).

MARTER, Joan (Ed.). *The Grove encyclopedia of American art*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011, v. 4.

McCARTIN, Joseph A. *Labor's great war: the struggle for industrial democracy and the origins of modern American labor relations, 1912-1921*. Chapel Hill; London: The University of North Carolina Press, 1997.

McGERR, Michael. *A Fierce Discontent: the rise and fall of the Progressive movement in America, 1870-1920*. New York: Oxford University Press, 2005.

McKAY, Claude. *Home to Harlem*. Boston: Northeastern University Press, [1928] 1987.

McWHIRTER, Cameron. *Red summer: the summer of 1919 and the awakening of Black America*. New York: Henry Holt & Co., 2011.

MEAD, Gary. *The Doughboys: America and the First World War*. New York: Overlook Press, 2000.

MEIER, August; RUDWICK, Elliot. The Rise of Segregation in the Federal Bureaucracy, 1900-1930. In: *Phylon* (1960-), v. 28, n. 2, 2nd Qtr. 1967, pp. 178-184. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/273560>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

MEIER, August; BRACEY Jr., John H. The NAACP as a Reform Movement, 1909-1965: "To Reach the Conscience of America". In: *The Journal of Southern History*, v. 59, n. 1, Feb. 1993, pp. 03-33. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2210346>. Acesso em: 04 de março de 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, pp. 11-36. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>. Acesso em: 16 de março de 2013.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: A segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MOORE, Linda S. *The emergence of the NAACP: an analysis of the interorganizational linkage using social movement theory*. Dissertation. (Doctor of Philosophy with a major in Sociology). Graduate School of the Texas Woman's University. College of Arts and Sciences. Denton, Texas, 1994.

MORRIS, Edward A. *The Demagogue's Disease*: San Francisco: World Wide Products, 1979.

MOWRY, George E. *The California Progressives*. Chicago: Quadrangle Books, [1951] 1963.

_____. *The Era of Theodore Roosevelt and the Birth of Modern America, 1900-1912*. New York: Harper & Row, [1958] 1962.

MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1944.

NALTY, Bernard C. *Strength for the fight: a history of Black Americans in the military*. New York: Free Press, 1986.

NELSON, Peter N. *A more unbending battle: the Harlem Hellfighters' struggle for freedom in WWI and equality at home*. New York: Basic Civitas Books, 2009.

NELSON, Richard Alan. *A Chronology and Glossary of Propaganda in the United States*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1996.

NEUMANN, Sigmund. The Rule of the Demagogue. In: *American Sociological Review*, Vol. 3, No. 4 (Aug., 1938), pp. 487-498. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2083896>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve História dos Estados Unidos*. Tradução de Luiz Roberto de Godoi Vidal. São Paulo: Editora Alfa-Omega LTDA., [1981] 1986.

NYE, Russel B. *The Unembarrassed Muse: The Popular Arts in American*. New York: Dial Press, 1970.

OSOFSKY, Gilbert. *Harlem: The Making of a Ghetto: Negro New York, 1890-1930*. New York: Harper & Row, [1966] 1968.

PARTINGTON, Paul G. The Moon Illustrated Weekly – The Precursor of the Crisis. In: *The Journal of Negro History*, v. 48, n. 3, Jul. 1963, pp. 206-216. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2716341>. Acesso em: 24 de março de 2012.

PERMAN, Michael. *Struggle for Mastery: Disfranchisement in the South, 1888-1908*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001.

PETRY, Michele Bete. *Caricaturas, charges e cartuns: um estudo sobre as expressões gráficas de humor como fontes para a pesquisa em História*. Monografia (Graduação em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008.

PRATTIS, P. L. Race Relations and the Negro Press. In: *Phylon (1940-1956)*, v. 14, n. 14, 4th Qtr. 1953, pp. 373-383. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/272074>. Acesso em: 25 de março de 2012.

PRIDE, Armistead S.; WILSON II, Clint C. *A History of the Black Press*. Washington, D. C.: Howard University Press, 1997.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

RANDOLPH, Asa Philip; OWEN, Chandler. *The Truth about Lynching*. New York: Cosmo-Advocate Pub. Co., [1917?]. Disponível em: <https://ia902307.us.archive.org/28/items/truthaboutlynchi00rand/truthaboutlynchi00rand.pdf>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2015.

RODGERS, Daniel T. In Search of Progressivism. In: *Reviews of American History*, v. 10, n. 4, The Promise of American History: Progress and Prospects, Dec. 1982, pp. 113-132. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2701822>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2013.

ROEDIGER, David R. *The wages of whiteness: race and the making of the American working class*. London; New York: Verso, (1991) 2007.

RHODES, Jane. *Mary Ann Shadd Cary: The Black press and protest in the nineteenth century*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

RUDWICK, Elliott M. W. E. B. Du Bois in the Role of Crisis Editor. In: *The Journal of Negro History*, v. 43, n. 3, Jul. 1958, pp. 214-240. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2715984>. Acesso em: 04 de março de 2012.

_____. Du Bois' Last Year as Crisis Editor. In: *The Journal of Negro Education*, v. 27, n. 4, autumn 1958.

SCHAFFER, Ronald. *America in the Great War: the rise of the war welfare state*. New York; Oxford: Oxford University Press, [1991] 1994.

SCHEIBER, Harry N. *The Wilson administration and civil liberties, 1917-1920*. New Orleans, Louisiana: Quid Pro Books, [1960] 2013.

SCHEINER, Seth M. President Theodore Roosevelt and the Negro, 1901-1908. In: *The Journal of Negro History*, v. 47, n. 3, Jul. 1962, pp. 169-182. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2716500>. Acesso em: 05 de dezembro de 2012.

SHELLUM, Brian G. *Black cadet in a white bastion: Charles Young at West Point*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SCHWARTZ, Michael. *Radical Protest and Social Structure: The Southern Farmers' Alliance and Cotton Tenancy, 1880-1890*. Chicago & London: The University of Chicago Press, [1976] 1988.

SEABERG, Stanley. *The Negro in American History*. Vol. 2: Which Way to Equality?. New York: Scholastic Book Services, 1968.

SEEMAN, Melvin. On The Meaning of Alienation. In: *American Social Review*, Vol. 24, No. 6 (Dec., 1959), pp. 783-791. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2088565>. Acesso em: 12 de maio de 2013.

SENECHAL de la ROCHE, Roberta. *In Lincoln's shadow: the 1908 race riot in Springfield, Illinois*. Carbondale, Southern Illinois University, [1990] 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2008.

SINGER, Peter. *A Darwinian Left: politics, evolution and cooperation*. New Haven: Yale University Press, [1999] 2000.

SMITH, Shawn Michelle. *Photography on the Color Line: W. E. B. Du Bois, Race, and Visual Culture*. Durham; London: Duke University Press, 2004.

SMOCK, Raymond W. *Booker T. Washington: black leadership in the age of Jim Crow*. Chicago: Ivan R. Dee, 2009. (The Library of African-American Biography).

SOUTHERN, David W. *The progressive era and race: reaction and reform, 1900-1917*. Wheeling, Ill.: Harlan Davidson, Inc., 2005.

STAMPP, Kenneth M. *The Peculiar Institution: Slavery in the Ante-Bellum South*. New York: Vintage Books Edition, [1956] 1989.

STEPHENS, Judith L. Racial Violence and Representations: Performance Strategies in Lynching Dramas of the 1920s. In: *African American Review*, v. 33, n. 4, winter 1999, pp. 665-671. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2901345>. Acesso em: 19 de maio de 2012.

SUGRUE, Thomas. *Sweet Land of Liberty: The Forgotten Struggle for Civil Rights in the North*. New York: Random House Trade Paperbacks, 2008.

SYRETT, Harold C. (org.). *Documentos Históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980.

TALNEY, Stewart E.; BECK, E. M. *A festival of violence: an analysis of southern lynchings, 1882-1930*. Urbana: University of Illinois Press, 1995.

The National Association for the Advancement of Colored People. *Thirty Years of Lynching in the United States: 1889-1918*. Clark, New Jersey: The Lawbook Exchange, Ltd., [1919] 2012.

THELEN, David. Social Tensions and the Origins of Progressivism. In: *Journal of American History*, v. 56, n. 2, Sept. 1969, pp. 323-341.

_____. *The New Citizenship: Origins of Progressivism in Wisconsin*. Columbia: University of Missouri Press, 1972.

- TINDALL, George Brown. *South Carolina Negroes, 1877-1900*. Columbia: University of South Carolina Press, [1952] 2003.
- TOLL, Robert C. *Blacking Up: The Minstrel Show in Nineteenth Century America*. New York: Oxford University Press, 1974.
- TUCHMAN, Barbara W. *The Zimmermann Telegram: America enters the war, 1917-1918*. New York: Random House Trade Paperbacks, [1958] 2014.
- TUCKER, Spencer C. *The Great War, 1914-1918*. London: UCL Press; Taylor & Francis e-Library, [1998] 2001.
- TUTTLE, Jr., William M. *Race riot: Chicago in the Red Summer of 1919*. Urbana; Chicago, [1970] 1996.
- U.S. Department of State, Bureau of Public Affairs. *The Great Seal of the United States*. Washington, DC, 2003. Disponível em: <http://www.state.gov/documents/organization/27807.pdf>. Acesso em: 19/04/2015.
- VAN DIJK, T. A. *Prejudice in discourse: an analysis of ethnic prejudice in cognition and conversation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1984.
- VECHTEN, Carl Van. *Nigger Heaven*. Urbana: University of Illinois Press, [1926] 2000.
- VERNEY, Kevern; SARTAIN, Lee (Eds.). *Long is the way and hard: one hundred years of the NAACP*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 2009.
- VOGEL, Todd. *The black press: new literary and historical essays*. New Brunswick, New Jersey; London: Rutgers University Press, 2001.
- WASHBURN, Patrick S. *The African American newspaper: voice of freedom*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2006.
- WASHINGTON, Booker T. *Up From Slavery: An Autobiography*. New York: New American Library, 2000.
- WEISS, Nancy J. The Negro and the New Freedom: Fighting Wilsonian Segregation. In: *Political Science Quarterly*, v. 84, n. 1, Mar. 1969), pp. 61-79. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2147047>. Acesso em: 05 de dezembro de 2012.
- WEYL, Nathaniel. *The Negro in American Civilization*. Washington, D. C.: Public Affairs Press, 1960.
- WIEBE, Robert H. *The Search for Order, 1877-1920*. New York: Hill and Wang, [1967] 2001.

WILKERSON, Doxey A. The Negro Press. In: *The Journal of Negro Education*, v. 16, n. 4, autumn 1947, pp. 511-521. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2966410>. Acesso em: 25 de março de 2012.

WILLIAMS, Chad Louis. *Torchbearers of Democracy: The First World War and the Figure of the African-American Soldier*. Dissertation (Doctor of Philosophy). Faculty of Princeton University, 2004.

WILLIAMS, Charles H. *Sidelights on Negro Soldiers*. Boston: B. J. Brimmer Company, 1923.

WILSON, Adam Patrick. “*Deeds, not Words*”: African American Officers of World War I in the Battle for Racial Equality. Dissertation (Doctorate of Philosophy) Department of History. The University of Mississippi, 2012.

WILSON, Sandra Kathryn (ed.). *The selected writings of James Weldon Johnson: The New York Age editorials (1914-1923)*. Vol. 1. New York: Oxford University Press, 1995.

WOLSELEY, Roland E. *The Black Press: USA*. Ames, Iowa: Iowa State University Press, [1977] 1990.

WONHAM, Henry B. *Playing the races: ethnic caricature and American literary realism*. New York: Oxford University Press, 2004.

WOOD, Gordon S. *The Creation of the American Republic, 1776-1787*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1969.

WOODWARD, C. Vann. *Origins of the New South, 1877-1913*. Baton Rouge: Louisiana State University Press; The Littlefield Fund for Southern History of the University of Texas, [1951] 1974.

WOODWARD, C. Vann. *The Strange Career of Jim Crow*. Oxford; New York: Oxford University Press, [1955] 2002.

_____. *A Comparative Approach to American History*. New York: Basic Books, 1968.

ZANGRANDO, Robert L. *The NAACP Crusade Against Lynching, 1909-1950*. Philadelphia: Temple University Press, 1980.

ZUCZEK, Richard (Ed.). *Encyclopedia of the Reconstruction Era: Volume 1: A-L and Primary Documents*. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2006.

_____. *Encyclopedia of the Reconstruction Era: Volume 2: M-Z and Primary Documents*. Westport, Connecticut; London: Greenwood Press, 2006.

Fontes: *The Crisis: A Record of the Darker Races*

Edições da revista obtidas através do projeto *The Modernist Journals Project*, desenvolvidos pelas instituições norte-americanas *Brown University* e *The University of Tulsa*.

Edições

The Crisis, v. 1, n. 1, Nov. 1910.

_____, v. 1, n. 2, Dec. 1910.

_____, v. 2, n. 3, July 1911.

_____, v. 2, n. 4, Aug. 1911.

_____, v. 2, n. 5, Sept. 1911.

_____, v. 3, n. 3, Jan. 1912.

_____, v. 4, n. 1, May 1912.

_____, v. 7, n. 4, Feb. 1914.

_____, v. 7, n. 5, Mar. 1914.

_____, v. 8, n. 1, May 1914.

_____, v. 8, n. 4, Aug. 1914.

_____, v. 12, n. 3, July 1916.

Supplement to *The Crisis*. In: *The Crisis*, v. 12, n. 3, Jul. 1916, p. 5 (The Waco Horror).

_____, v. 12, n. 4, Aug. 1916.

_____, v. 12, n. 5, Sept. 1916.

_____, v. 12, n. 6, Oct. 1916.

_____, v. 13, n. 2, Dec. 1916.

_____, v. 13, n. 3, Jan. 1917.

_____, v. 14, n. 5, Sept. 1917.

_____, v. 15, n. 5, March 1918.

_____, v. 15, n. 6, April 1918.
_____, v. 16, n. 5, Sept. 1918.
_____, v. 17, n. 4, Feb. 1919.
_____, v. 18, n. 1, May 1919.
_____, v. 18, n. 2, June 1919.
_____, v. 18, n. 3, July 1919.
_____, v. 18, n. 4, Aug. 1919.
_____, v. 18, n. 5, Sept. 1919.
_____, v. 19, n. 3, Jan. 1920.
_____, v. 19, n. 4, Feb. 1920.
_____, v. 19, n. 5, Mar. 1920.
_____, v. 21, n. 4, Feb. 1921.

Cartuns:

Capa do primeiro número da revista. *The Crisis*, v. 1, n. 1, Nov. 1910.

“American Logic”. In: *The Crisis*, v. 6, n. 2, Jun. 1913, p. 80.

“Illustrating the life of Mr. Roosevelt”. In: *The Crisis*, v. 1, n. 2, Dec. 1910, p. 15.

“The Finger of Scorn”. In: *The Crisis*, v. 2, n. 5, Sept. 1911, p. 185.

“The Funny Page”. In: *The Crisis*, v. 15, n. 5, March 1918, p. 241.

“The Reason”. In: *The Crisis*, v. 19, n. 5, March 1920, p. 264.

“In Spite of Submarines”. In: *The Crisis*, v.14, n.2, Jun. 1917, p. 74.

Capa da edição daquele mês. In: *The Crisis*, v. 14, n.3, Jul. 1917.

“Negro Soldiers”. In: *The Crisis*, v. 14, n. 5, Sept. 1917, p. 249.

“These”. In: *The Crisis*, v. 15, n. 4, Feb. 1918, p. 185.

“At Bay”. In: *The Crisis*, v. 17, n. 1, Nov. 1918.

“The American Negro’s Record in the Great World War”. In: *The Crisis*, v. 18, n. 1, May 1919.

Fotografias e outras ilustrações

W. E. B. Du Bois para a Exposição Universal de Paris (1900), obtido da: Special Collections and University Archives, University Libraries, University of Massachusetts Amherst. Disponível em: <http://credo.library.umass.edu/view/full/mums312-i0396>.

BOARD of directors of the Coleman manufacturing co., Concord, N.C., the only Negro cotton mill in the U.S. [1899?] 1 fotografia, p&b. Formato JPEG. Library of Congress. Collections: African Americans Photographs Assembled for 1900 Paris Exposition. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/2001705780/>. Acesso em: 16 mar. 2015.

Cadets at Haines Normal and Industrial Institute, Augusta, Georgia [1899]. 1 fotografia p&b. Formato JPEG. Library of Congress. Collections: African Americans Photographs Assembled for 1900 Paris Exposition. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/2003652514/>. Acesso em 16 mar. 2015.

Zip Coon. 1834. 1 score, print. Sheet Music. Formato JPEG Library of Congress. Music Division. Disponível em: http://www.loc.gov/item/sm1834.3607_80. Acesso em: 09 out. 2013.

Jim Crow. 1835-1845?. 1 print: etching and ink; 20.5 x 13.8 cm. Formato JPEG. Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D. C. Collections: Popular Graphic Arts. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/2004669584/>. Acesso em: 09 out. 2013.

All coons look alike to me: a darkey misunderstanding. 1896. Brown Digital Repository. Series: African American Sheet Music. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:20730/>. Acesso em: 17 out. 2013.

Declarações e discursos

Booker T. Washington Delivers the 1895 Atlanta Compromise Speech. Disponível em: <http://historymatters.gmu.edu/d/39>. Acesso em: 10 de maio de 2013.

Constitution of the State of Louisiana, 1898, Article 197. Disponível em: <http://archive.org/details/constitutionsta02louigoog>. Consultado em 04 de maio de 2013.

Discurso de Woodrow Wilson solicitando uma declaração de guerra contra a Alemanha. Disponível em: Disponível em: <http://ww12.dataformat.com/Document.aspx?doc=29623>. Acesso em: 29 de novembro de 2014.

WALLING, William English. The Race War in the North. In: *The Independent*, n. 65, Sept. 3, 1908, p. 534. Disponível em: http://www.eiu.edu/past_tracker/AfricanAmerican_Independent65_3Sept1908_RaceWarInTheNorth.pdf. Acesso em: 21/05/2015.